



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS  
E ARTES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM  
EDUCAÇÃO  
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: EDUCAÇÃO**

**REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO  
SOBRE A PRÁTICA DO FUTEBOL POR MULHERES: intersecções  
entre gênero, corpo e sexualidade**

**KARINA DE TOLEDO ARAÚJO**

MARINGÁ  
2015



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS  
E ARTES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM  
EDUCAÇÃO  
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: EDUCAÇÃO**

**REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO  
SOBRE A PRÁTICA DO FUTEBOL POR MULHERES: intersecções  
entre gênero, corpo e sexualidade**

Tese apresentada por KARINA DE TOLEDO ARAÚJO ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá, como um dos requisitos para a obtenção do título de Doutora em Educação.  
Área de Concentração: EDUCAÇÃO.

Orientadora:  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>: GEIVA CAROLINA CALSA

MARINGÁ  
2015

KARINA DE TOLEDO ARAÚJO

**REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO  
SOBRE A PRÁTICA DO FUTEBOL POR MULHERES: intersecções  
entre gênero, corpo e sexualidade**

**BANCA EXAMINADORA**

Profa. Dra. Geiva Carolina Calsa (Orientadora) - UEM

Profa. Dra. Maria Cristina Cavaleiro – UENP

Profa. Dra. Maria de Fátima Salum Moreira - UNESP

Prof. Dr. Eduardo Augusto Tomanik – UEM

Prof. Dr. Giuliano Gomes de Assis Pimentel – UEM

Data da Aprovação 30/03/2015

A você.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos e todas que, de maneira direta ou indireta, me apoiaram e ajudaram para que eu pudesse concluir mais uma etapa de minha trajetória acadêmica e de minha vida. Enumerar a quantidade de pessoas e nomeá-las é impossível em um espaço delimitado e pontual como este. São muitas as pessoas, muitas as situações, inúmeras vivências e experiências que me influenciaram e continuam a influenciar em minha vida, em meus caminhos já percorridos e naqueles que ainda virão, assim como nas escolhas feitas e naquelas que ainda será preciso que eu faça; não menos importante – talvez, em alguns casos, até mais, como considera Leonard Mlodinow em seu “andar do bêbado<sup>1</sup>”, – preciso considerar os acasos que me levaram aos sucessos, aos fracassos, aos sucessos novamente, enfim... as conquistas, as decepções, as superações, as perdas e mais conquistas, entre estas a conclusão deste trabalho que ora apresento.

Agradeço à minha família – cada vez maior.

À minha companheira de caminhada, Carol, com quem divido momentos felizes e outros melhores.

À minha filha Júlia – maravilhosa –, que é a luz mais brilhante de minha vida.

À minha mãe, um ser humano incrível, uma professora exemplar, daquelas que todos deveriam ter o prazer e o direito de ter de alguma maneira em sua formação; junto dela agradeço ao meu pai. Os dois juntos me proporcionaram as condições objetivas tão restritas à maioria e extremamente necessárias para a dedicação ao estudo. Agradeço por terem acreditado em meu potencial e ‘segurado as pontas’ sempre.

Agradeço à vida por toda a generosidade que tem comigo.

Outros agradecimentos devo àqueles e àquelas que, sem o que me proporcionaram, certamente não estaria escrevendo esta mensagem. Em especial à minha

---

<sup>1</sup> MLODINOW, Leonard. **O Andar do Bêbado**: como o acaso determina nossas vidas. ZAHAR, 2009.

orientadora, profa. Dra. Geiva Carolina Calsa, aos meus amigos e colegas do GEPAC da UEM pela convivência, a troca de experiências e momentos surpreendentes de aprendizagem.

Muito obrigada aos professores e professoras: Dra. Lúcia Pintor Santiso Villas Boas – UMESP e FCC, Dra. Maria de Fátima Salum Moreira – FCT- UNESP, Dr. Eduardo Augusto Tomanik – UEM, Dr. Giuliano Gomes de Assis Pimentel – UEM, Dra. Maria Cristina Cavaleiro – UENP e Dr. Carlos Alberto de Oliveira Magalhães Júnior – UEM, que prontamente aceitaram participar de minhas bancas de avaliação e as considerações e contribuições valiosas que me ofereceram.

Agradeço ao Programa de Pós-Graduação em Educação – PPE – da UEM e todos àqueles que o tornam admirável.

Meus agradecimentos ao Colégio Estadual Vicente Rijo, da cidade de Londrina, por ter ‘aberto as portas’ para mim e pelo pronto atendimento quanto à solicitação para o desenvolvimento desta pesquisa. Agradeço em especial aos professores de Educação Física, pela disponibilidade do espaço e tempo para as entrevistas com suas turmas de estudantes e, como não poderia deixar de ser, agradeço imensamente aos estudantes que fizeram parte desta pesquisa, pela confiança que depositaram em mim e pela disponibilidade e cooperação que demonstraram durante todo o processo de coleta de dados.

Para terminar, quero agradecer a um professor em especial. Não foi meu professor, mas o ‘acaso’ o colocou em minha trajetória acadêmica e atualmente tenho o prazer e o privilégio de dividir com ele o mesmo espaço e ideias de trabalho; agradeço ao prof. Dr. Antonio Geraldo Magalhães Gomes Pires, um dos ‘caras’ mais éticos que já conheci, comprometido com a luta pela garantia da preservação do espaço público e uma educação de qualidade em conformidade com os princípios da dignidade humana e o reconhecimento e valorização de sua diversidade e memória cultural.

*Escrevo para provocar as pessoas no sentido de elas perceberem quem são elas mesmas, e para isso é preciso reconhecer o Outro. O Outro é o fio aterrador do eu. O Outro é o fascínio, a perversão, o delírio, a loucura, o desejo, é o enigma, é o melhor que há. É uma invenção.*

(MÁRCIA TIBURI, 2014).

ARAÚJO, Karina de Toledo. **REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO SOBRE A PRÁTICA DO FUTEBOL POR MULHERES: intersecções entre gênero, corpo e sexualidade.** 218 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá. Orientadora: Geiva Carolina Calsa. Maringá, 2015.

## RESUMO

O tema de estudo de nossa pesquisa são as representações sociais de estudantes de ensino médio sobre a prática do futebol por mulheres, e nosso objetivo, analisar os processos formativos dessas representações com relação às perspectivas de gênero, corpo e sexualidade daqueles estudantes. Os processos de constituição das representações sociais que orientam as atitudes dos indivíduos ou das coletividades ocorrem em espaços relacionais envolvidos pelo Eu, pelo Outro e pelo Objeto ou fenômeno de conhecimento influenciados pelos sistemas de significação individual e social sobre esse(s) objeto(s) ou fenômeno(s). Para atingirmos tal objetivo foi necessário apreendermos os conteúdos relacionados ao tema principal em suas dimensões históricas, sociológicas, políticas e educacionais. Com esse intuito, as etapas percorridas ao longo do estudo foram: discutir o conceito de gênero enquanto um marcador social performático atravessado pelas representações de corpo e sexualidade; compreender a articulação entre a prática do futebol com as relações de gênero e as significações sociais dessa prática na sociedade contemporânea, e identificar e analisar as possíveis influências das representações sociais dos estudantes de ensino médio em suas atitudes e relações sociais. Refletimos a problematização a partir das seguintes questões: quais os conteúdos representacionais de estudantes de ensino médio e as significações dadas por eles sobre a prática do futebol por mulheres? Como ocorrem os processos de construção de tais representações sociais? Como elas se imbricam aos estereótipos de gênero, corpo e sexualidade compartilhados em nossa sociedade? Como a escola lida com os temas relacionados às diferenças e a diversidade social? A partir de então, elegemos o problema principal que orientou a pesquisa e que pode ser sintetizado na seguinte pergunta: de que maneira as representações sociais de determinados grupos de estudantes de ensino médio sobre a prática do futebol por mulheres se constituem, se expressam e se articulam com a realidade vivida e experienciada por eles? O referencial de nossa pesquisa está fundamentado pela Teoria das Representações Sociais, e a metodologia de sistematização e análise dos dados, orientada pelo método da Análise de Conteúdo. Elegemos, então, gênero como categoria performática social e de análise política. A partir das análises de entrevistas semiestruturadas e projetivas, pudemos constatar que o núcleo figurativo dos estudantes de ensino médio sobre mulheres que praticam futebol configura-se, predominantemente, por representações socialmente compartilhadas e ‘arquivadas’ na memória social ancoradas em referenciais de estereotipização e marginalização em nossa sociedade. Isso confere ideias preconceituosas que culminam em atitudes discriminatórias. É fato que constatamos, também, um avanço no que diz respeito à transformação de pensamentos e comportamentos de uma parcela considerável de estudantes no que diz respeito à superação de ideias preconceituosas e à procura de um distanciamento da naturalização arbitrária das práticas sociais destinadas aos

gêneros masculino e feminino. Há indícios de uma conscientização da geração de jovens nesta segunda década do século XXI, sobre a diversidade social, do respeito às diferenças e da luta pela equidade de direitos. Entretanto, o preconceito – herança social – ainda é latente preponderantemente por conta dos estereótipos que essas mulheres adquirem ao praticar uma modalidade esportiva que é historicamente de hegemonia masculina, ou seja, a mulher que pratica futebol ainda sofre discriminação por conta desses estereótipos que a caracterizam enquanto ‘diferente’ das demais mulheres. Em síntese, concluímos que os estereótipos relacionados à prática do futebol estão intimamente ligados às marcações de gênero, corpo e sexualidade. Essa relação dá margem às atitudes discriminatórias. Cabe à escola, enquanto instituição social, educacional, política e cultural, uma reestruturação de seu aparato curricular, pedagógico e da formação dos educadores; gestar, com vistas a essas necessidades, a elaboração de conhecimentos, de reflexões, discussões e transformações referentes às questões de gênero, corpo e sexualidade nos processos formativos dos estudantes, para que possamos assegurar a superação das desigualdades e dos processos de violência social sofridos por aqueles e aquelas considerados ‘diferentes’ da maioria em suas práticas e relações sociais.

**Palavras-chave:** Representações Sociais; Educação; Gênero; Corpo; Sexualidade; Futebol.

ARAÚJO, Karina Toledo. **SOCIAL REPRESENTATIONS OF HIGH SCHOOL STUDENTS ON WOMEN IN SOCCER PRACTICE**: intersections between gender, body and sexuality. 218 f. Thesis (Doctor of Education) - University of Maringá. Supervisor: Geiva Carolina Calsa. Maringá, 2015.

## ABSTRACT

The subject of study of our research are the social representations of high school students about the practice of soccer for women and our goal, analyze the formation process of these representations with respect to the perspectives of gender, body and sexuality of those students. Constitution processes of social representations that guide the attitudes of individuals and communities occur in relational spaces involved by the I, by the Other and by the object or phenomenon of knowledge influenced by individual and social significance of this system(s) object(s) or phenomenon(s). To achieve the goal announced previously it was necessary to apprehend the content related to the main theme in its historical, sociological, political and educational dimensions. To this end the steps taken during the study were: to discuss the concept of gender as a performing social bookmark crossed by the body representations and sexuality; understand the relationship between soccer practice with gender relations and social meanings of this practice in contemporary society and to identify and analyze the possible influences of the social representations of high school students in their attitudes and social relations. We reflect the questioning from the following questions: what representational content of high school students and the meanings given by them on the practice of soccer for women? How occur the processes of construction of such social representations? How they overlap to gender stereotypes, body and sexuality shared in our society? How the school deals with issues related to differences and social diversity? Since then, we elected the main problem oriented research and that can be summarized in the following question: how the social representations of certain groups of high school students about the practice of soccer for women are, and express themselves articulate with the reality experienced for them? The framework of our research is based on the Theory of Social Representations and systematic methodology and data analysis guided by the method of content analysis. We elected then gender as performative social category and political analysis. From the analysis of semi-structured and projective interviews, we found that the figurative core of high school students about women who play soccer is configured predominantly by socially shared representations and 'archived' in the social memory anchored in stereotyping benchmarks and marginalization in our society. This gives preconceived ideas which culminate in discriminatory attitudes. It is true that we find also a breakthrough with regard to the transformation of thoughts and behavior of a considerable portion of students with regard to overcoming preconceived ideas and looking for a departure from the arbitrary naturalization of social practices aimed at the male gender and female. There is evidence of an awareness of the young generation in this second decade of this century, of social diversity, respect for differences and the struggle for equal rights. However, prejudice – social heritage – is still latent mainly due to the stereotypes that these women get to practice a sport that is historically male hegemony, that is, the woman who practices soccer still suffers discrimination

because of these stereotypes that characterizes as 'different' from the other women. In summary, we conclude that football practice related stereotypes are closely linked to gender markings, body and sexuality. This ratio of margin to discriminatory attitudes. It is up to the school as a social institution, educational, political and cultural, a restructuring of its curriculum apparatus, teaching and training of teachers, in order to gestate these needs in the development of knowledge, reflections, discussions and transformations relating to gender issues , body and sexuality in the formation process of the students so that we can ensure the overcoming inequalities and processes of social violence suffered by those and those considered 'different' from most in their practices and social relations.

**Key words:** Social Representations; Education; Gender; Body; Sexuality; Soccer.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 – O processo representacional	52
Quadro 2 – O processo representacional aplicado neste estudo	53
Quadro 3 – As fases e as etapas da análise de conteúdo	56
Quadro 4 – Fases das análises de conteúdos	56
Quadro 5 – Ordem de frequência das URs manifestas pelos grupos de estudantes – GI, GII, GIII e GIV	64
Quadro 6 – Análise sobre as ausências e presenças de URs nos grupos GI, GII, GIII e GIV – entrevistas semiestruturadas	77
Quadro 7 – Ordem de ocorrência das URs manifestas pelos estudantes nas entrevistas projetivas – quadros I, II, III e IV	80
Quadro 8 – Dimensões e categorias de análise dos conteúdos – entrevistas semiestruturadas	84
Quadro 9 – Dimensões e categorias de análise dos conteúdos – entrevistas projetivas: quadros I, II, III e IV	86
Quadro 10 – Resultados dos conteúdos representacionais sobre a dimensão: a mulher e o futebol – entrevista projetiva: quadro I, II, III e IV	103

## SUMÁRIO

1	<b>INTRODUÇÃO</b>	15
2	<b>GÊNERO, CORPO E SEXUALIDADE: a prática do futebol por mulheres na sociedade brasileira</b>	25
2.1	O CORPO DA MULHER: nem santas, nem putas...	38
3	<b>TRILHAS METODOLÓGICAS: o processo representacional e sua aplicação e as etapas da análise do conteúdo</b>	51
3.1	DE QUEM SÃO E DE ONDE VÊM ESSAS VOZES?	58
3.2	ISSO É 'COISA' DE MENINA... OS MENINOS SÃO FORTES, POR ISSO NÃO CHORAM... OU SENTE COMO MENINA! E FALE COMO HOMEM!	64
4	<b>FUTEBOL É 'COISA' DE MULHER?</b>	81
4.1	ORGANIZAÇÃO DO SISTEMA DE CATEGORIZAÇÃO DA ANÁLISE DE CONTEÚDO	81
4.1.1	<b>Sobre a Dimensão I – gênero, preconceito e discriminação sobre prática de futebol por mulheres</b>	86
4.1.2	<b>Sobre a Dimensão II – a prática de futebol, gênero, corpo e sexualidade</b>	100
4.1.3	<b>Sobre a Dimensão III – sentidos e significados da prática de futebol</b>	111
4.1.4	<b>Sobre a Dimensão IV – valores sociais, incentivos e motivações para a prática de futebol</b>	115
4.1.5	<b>Sobre a Dimensão V – gênero, práticas corporais e sexualidade</b>	117
5	<b>A PRÁTICA DO FUTEBOL POR MULHERES: intersecções entre gênero, corpo e sexualidade</b>	119
5.1	UNIVERSOS DE OPINIÕES DE ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO SOBRE A PRÁTICA DO FUTEBOL POR MULHERES: incorporação das representações à linguagem e à memória coletiva	120
5.1.1	<b>Circulação das informações sobre a prática do futebol por mulheres no Brasil</b>	121
5.1.2	<b>Campo de Representação: o modelo social de futebol, mulheres e mulheres que praticam futebol</b>	127

5.1.3	<b>As atitudes: tomada de posição frente ao objeto categorizado na ancoragem</b>	128
6	<b>CONSIDERAÇÕES GERAIS</b>	135
	<b>REFERÊNCIAS</b>	141
	<b>APÊNDICES</b>	146
	<b>ANEXOS</b>	216

## 1. INTRODUÇÃO

*O meu passado é a referência que me projeta e que eu devo ultrapassar. Portanto, ao meu passado eu devo meu saber e minha ignorância, as minhas necessidades e minhas relações, a minha cultura e o meu corpo... (SIMONE DE BEAUVOIR por FERNANDA MONTENEGRO<sup>2</sup>)*

A definição de um objeto de pesquisa não está desvinculada da história daquele que se propõe a ele estudar, a ele compreender e, de certa forma, compreender-se um pouco mais nesse processo investigativo. Toda e qualquer posição e ação, está diretamente vinculada às experiências vivenciadas no cotidiano de cada um ou de um grupo e nas relações estabelecidas em vários âmbitos da vida social. Por isso, um tema de pesquisa, quando eleito, está vinculado ao cotidiano daquele que pesquisa e às suas representações, suas vivências, suas experiências, suas memórias e seu imaginário.

A memória e o imaginário são fundamentais na constituição das representações sociais. A memória retrata a nós e retrata para nós o mundo em que vivemos, mas ela é, antes de tudo, um devir a ser. Entretanto, esse retrato é parcial, pois somente cabe um olhar, seja o individual ou o olhar de um determinado grupo.

A realidade envolve o imaginário. Portanto, o olhar sobre a realidade deve ser desconfiado e fixado. Não é a realidade que é prefixada, estereotipada, mas sim o olhar sobre ela; o olhar daquele que recorre a sua própria memória para tentar descrever e compreender o lugar, o tempo e as situações da sociedade em que vive e, a partir de então, agir, atuar, representar. Por isso, cada indivíduo é um ator social. A memória e nosso imaginário são essenciais para que possamos nos fazer conhecidos e familiares para nós mesmos e, em uma tentativa mais ousada, conhecidos para o outro.

Minha história e, portanto minhas memórias, meu cotidiano, minhas experiências e vivências, enfim, minhas relações têm influências significativas na

---

<sup>2</sup> Texto de Simone de Beauvoir - palavras declamadas por Fernanda Montenegro na peça de teatro: Viver sem Tempos Novos. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4gcBeOqNdpU> arquivo da GLOBONEWS (YouTube). Acesso em: 09/01/2013).

determinação de meu objeto de pesquisa, dos questionamentos que faço, das respostas procuradas e das análises realizadas. Tenho graduação em Educação Física, Pedagogia e mestrado em Educação. Minhas experiências profissionais sempre estiveram relacionadas à docência. Tive a oportunidade de atuar profissionalmente em todos os níveis e em algumas das modalidades de ensino que compõem a atual legislação educacional brasileira: na educação básica, com as aulas de Educação Física, e, no ensino superior, em diferentes cursos de formação inicial e especialização em matérias relacionadas à área da Educação e da Educação Física.

As atividades físicas, recreativas, esportivas e artísticas sempre estiveram presentes em minha vida. Foram tais experiências as responsáveis pela escolha de minha formação em Educação Física. Atualmente, percebo que o interesse pelos estudos de gênero relacionados às práticas esportivas também foi consequência daquelas experiências somadas a toda a minha história, aos grupos a que pertenci e pertencço, às minhas relações sociais e trajetórias pessoais e profissionais.

Desde criança, na década de 1980, muitas atividades já eram – e muitas ainda são – consideradas de ‘meninos’, enquanto outras, atividades de ‘meninas’. Esse binarismo acompanhou meu cotidiano e acabou por me conduzir à busca de esclarecimentos e reflexões sobre as motivações e as consequências dessa prática. Entre tantas atividades, a prática do futebol foi a que sempre me causou maior incômodo pela ‘proibição de sua prática’ por mulheres no Brasil até meados dos anos 80. O futebol simplesmente ‘não existia’ para as mulheres. Nem nos conteúdos escolares da Educação Física, tampouco nas competições escolares que envolviam o futebol. Mesmo assim, lá estava eu, escapando dos olhares, infringindo as regras e indo de encontro às proibições, mesmo ciente das consequências dessa ‘desobediência’ àquilo que era socialmente estabelecido para os meninos e as meninas.

As práticas esportivas oportunizam reflexão sobre a constituição das identidades de gênero marcadas centralmente pelas representações de corpo e sexualidade, pois sua história sempre esteve vinculada a determinismos biológicos, estabelecendo práticas corporais peculiares a homens ou a mulheres, a partir de suas características físicas, afetivas e cognitivas, como também baseadas em expectativas de comportamento. Isso acaba por reafirmar os papéis de gênero. Como nos esclarece Silva (2008), esses papéis representam os comportamentos

aprendidos numa determinada sociedade, que fazem com que os seus membros percebam certas atividades como pertencentes a homens ou a mulheres, de forma excludente e valorizando-os de forma diferente.

Vivenciar o dia a dia da escola – sua realidade, conflitos, necessidades, perspectivas, indagações, etc. – foi essencial para que eu voltasse o olhar para a educação para a diversidade, para os temas relacionados a gênero, sexualidades, raça, etnia, geração, ou seja, para as questões referentes às minorias sociais, entre as quais para as mulheres que praticam futebol e que sofreram – e ainda sofrem? – diferentes formas de discriminação e violências.

Comecei, então, a elaborar algumas questões que considero as problematizações iniciais da pesquisa que ora apresento: O que a sociedade brasileira, nessa segunda década do século XXI, pensa sobre as mulheres que praticam futebol? Quais são e como são produzidas as representações sociais sobre a prática do futebol por mulheres? As discriminações e violências de gênero sofridas ao longo da história do futebol brasileiro de que maneira refletem-se nas representações sociais sobre as mulheres que praticam futebol? Como tais representações se imbricam aos estereótipos de gênero, corpo e sexualidade compartilhados em nossa sociedade na atualidade? Isso implica sabermos quais são os estereótipos de gênero, corpo e sexualidade presentes na sociedade brasileira atual.

As maneiras de lermos o mundo, as maneiras como o pensamos e vivemos as experiências das distinções e desigualdades de gênero transformam-se ao longo do tempo. Ou seja, as representações sociais sobre diferenças e desigualdades de gênero transformam-se ao longo do tempo. Para compreendermos o processo de produção dessas representações é necessária a consideração da realidade específica em que ocorre essa produção. Há de ser fundamental, então, que as transformações das maneiras de pensarmos e agirmos sejam analisadas em conjunturas sociais específicas e localizadas, pois “todo saber depende de um contexto e está enraizado em um modo de vida. Todo conhecimento nasce de um contexto social e psicológico” (JOVCHELOVITCH, 2008, p. 92). As relações socioculturais são fundamentadas no processo de constituição de saberes e são expressas nas formas representacionais no contexto em que se configuram.

A representação social, portanto, não é uma cópia nem um reflexo, uma imagem fotográfica da realidade: é uma tradução, uma versão desta. Ela está em transformação como o objeto que tenta elaborar. É dinâmica, móvel. Ao mesmo tempo, diante da enorme massa de traduções que executamos continuamente, constituímos uma sociedade de “sábios amadores” (MOSCOVICI, 1961), na qual o importante é falar do que todo o mundo fala, indica que o sujeito do conhecimento é um sujeito ativo e criativo, e não uma *tabula rasa* que recebe passivamente o que o mundo lhe oferece, como se a divisória entre ele e a realidade fosse um corte bem traçado (ARRUDA, 2002, p. 134).

A Teoria das Representações Sociais (TRS), de Serge Moscovici (2004; 2012), é o referencial teórico que fundamenta as discussões e análises apresentadas neste trabalho. A metodologia de sistematização e análise das respostas dos estudantes foi orientada pelo método da Análise de Conteúdo, proposto por Lawrence Bardin (2004). O encaminhamento aqui adotado para o estudo das representações sociais é o da abordagem processual – apresentada por Serge Moscovici e Denise Jodelet, entre outros –, que tem como foco a gênese das representações sociais a partir da análise de seus processos de formação, levando em conta a historicidade e o contexto de produção.

Compactuamos com Jodelet (1993, p. 4) quando evidencia que cabe à investigação científica das Representações Sociais “[...] a tarefa de descrevê-la [as representações sociais], analisá-la, explicar suas dimensões, formas, processos e funcionamento”. Trindade e Souza (2009), ao citarem Hollanda (2001), afirmam que a Teoria das Representações Sociais tem contribuído para entendermos como os indivíduos e grupos sociais orientam suas condutas e constroem suas identidades na medida em que pode fornecer um quadro mais detalhado das interações sociais em diferentes espaços sociais e de seus efeitos psicossociais. A orientação de condutas e a construção das identidades podem ser compreendidas por meio da análise das representações sociais. Estas fornecem um quadro detalhado das interações sociais estabelecidas entre as pessoas e os efeitos psicossociais das representações sobre elas.

A identidade de cada pessoa ou de um grupo é constituída ao longo do tempo de forma processual a partir de relações com o mundo em que vive e, principalmente, da maneira como tais relações são estabelecidas, ou seja, por meio das vivências e experiências individuais e sociais em uma reciprocidade de que

pouco temos consciência em relação àquelas que foram positivas ou negativas e, até mesmo, àquelas que pouco ou muito nos influenciaram. Contudo, é indubitável a influência de nossas relações com o mundo para o processo da constituição identitária, ou seja, o que somos e o que ainda seremos e, ainda, o que gostaríamos de ser.

As contradições e paradoxos que permeiam a existência do ser humano expressam uma teia de complexidade. Não somos individuais. Somos e refletimos a complexidade dos vários 'eus' que nos constituem. A memória nos possibilita recorrer à identificação e compreensão desses vários 'eus' em nós. Por isso ela – a memória – pode ser considerada dádiva ou castigo.

Quantas coisas poderiam – ou deveriam – ser esquecidas? Quantas coisas precisam – ou deveriam – ser lembradas? A própria memória é exemplo de uma das contradições e paradoxos da vida humana. Somente o humano a possui. É ela que nos diferencia dos demais seres não humanos e faz-nos pensar e agir a partir daquilo que fomos e das maneiras como já agimos, daquilo que gostaríamos de ter sido e da forma como gostaríamos de ter agido, mas fizemos de maneira diferente, por isso não fomos, ainda, aquilo que pretendíamos ser e fazer.

Além da memória, o cotidiano está orientado por nosso imaginário; como diz Jodelet<sup>3</sup> (1993), as realidades mentais se tornam evidentes no cotidiano e são elas que orientam nossas ações. Essas realidades são saberes construídos ao longo de nossa existência e originadas a partir de experiências materiais e temporais.

Os saberes compartilhados são representações sociais e são elas que orientam nossas ações e práticas sociais. Dialeticamente, tais ações e práticas refletem a constituição da própria sociedade, em sua teia relacional marcada por movimento, fluidez e complexidade, ao mesmo tempo em que a sociedade volta para marcar continuamente as representações dos indivíduos e dos grupos em determinado tempo e contexto. Jodelet (1993) afirma que as representações sociais agem na vida social, pois circulam nos discursos, são carregadas nas palavras, são veiculadas nas mensagens e imagens mediatizadas e se cristalizam nos comportamentos e agenciamentos (ações e práticas sociais) materiais ou espaciais.

---

<sup>3</sup>Jodelet, D. Représentations sociales: un domaine en expansion. In D. Jodelet (Ed.). Les représentations sociales. Paris: PUF, 1989, p. 31-61. Tradução: Tarso Bonilha Mazzotti. Revisão Técnica: Alda Judith Alves-Mazzotti. UFRJ- Faculdade de Educação, dez. 1993. Disponível em: <http://portaladm.estacio.br/media/3432753/jodelet-drs-um-dominio-em-expansao.pdf>.

As representações sociais são entidades quase tangíveis; circulam, se cruzam e se cristalizam continuamente através da fala, do gesto, do encontro no universo cotidiano. A maioria das relações sociais efetuadas, objetos produzidos e consumidos, comunicações trocadas estão impregnadas delas. Como sabemos, correspondem, por um lado, à prática que produz tal substância, como a ciência ou os mitos correspondem a uma prática científica ou mítica (MOSCOVICI, 2012, p. 39).

Em síntese, para entendermos as representações sociais, é necessário considerá-las em um contexto de produção, considerar as formas de comunicação estabelecidas nesse contexto e aquelas que a ele influenciam e, ainda, considerar o lugar em que circulam tais representações. O contexto de produção das representações sociais eleito para realizarmos as análises pretendidas nesta pesquisa foi uma escola; de forma mais específica, estudantes do ensino médio da escola eleita.

A escolha de estudantes do ensino médio como população-alvo de nossa pesquisa justifica-se devido ao fato de que, nesse nível de ensino, os estudantes estão passando por períodos de descobertas, de transição, de dúvidas, de busca e de significação em diferentes âmbitos de sua vida, entre os quais, físico, psicológico, emocional, afetivo, sexual, laboral, entre outros. Eles se encontram em momentos de afirmações/negações de identidades sociais e de constituição/desconstrução de representações que orientarão suas ações no meio em que vivem.

Outra justificativa se apoia na concepção apresentada por Frigotto (2004, p. 58), quando afirma que o sentido e o significado do ensino médio, como educação básica, tem como eixo central a articulação entre ciência e conhecimento, cultura e trabalho. O ensino médio é centro das reflexões necessárias para a recuperação do sentido da educação básica que faculte aos jovens as bases dos conhecimentos que lhes permitam analisar e compreender o mundo da natureza, das coisas e o mundo humano/social, político, cultural, estético e artístico.

Além das considerações apresentadas anteriormente, o ensino médio nos instiga por ser o final do período da escolarização básica, e isso nos possibilita ter uma visão – mesmo que generalizada – da atuação da escola na formação dos indivíduos em relação a temas concernentes à diversidade social e ao respeito às diferenças, pois consideramos a escola um campo de produção política e social, por isso ‘olhar para ela’ é fundamental para a identificação de discursos e relações de

poder presentes em diferentes grupos e sociedades. Conforme Trindade e Souza (2009, p. 225), “quem quiser compreender nossos povos e culturas não poderá evitar a tarefa de analisar a instituição escolar e os processos de escolarização”.

Dessa maneira, tomamos a escola como campo de pesquisa por acreditar que se constitua um campo fecundo para reflexão sobre as relações vividas no cotidiano dos grupos sociais. Conforme Moscovici (2004), cada experiência é somada a uma realidade predeterminada por convenções e que claramente define suas fronteiras, distingue mensagens significantes de mensagens não significantes e que liga cada parte a um todo, e coloca cada pessoa em uma categoria distinta. Nenhuma mente está livre dos efeitos de condicionamentos anteriores que lhe são impostos por suas representações, linguagem ou cultura.

Foi pensando nesse cenário que refletimos a problematização de nossa pesquisa a partir das seguintes questões: Quais os conteúdos representacionais de estudantes de ensino médio e as significações dadas por eles sobre a prática do futebol por mulheres? Como ocorrem os processos de construção de tais representações sociais? Como elas se imbricam aos estereótipos de gênero, corpo e sexualidade compartilhados em nossa sociedade? Como a escola lida com os temas relacionados às diferenças e com a diversidade social? A partir daí, elegemos o problema principal que orientou o trabalho e que pode ser sintetizado na seguinte pergunta: De que maneira as representações sociais de determinados grupos de estudantes de ensino médio sobre a prática do futebol por mulheres se constituem, se expressam e se articulam com a realidade vivida e experienciada?

Para respondermos ao problema de pesquisa, tivemos como objetivo principal analisar os processos formativos das representações sociais de jovens estudantes de ensino médio com relação às suas perspectivas de gênero, corpo e sexualidade. As representações sociais sobre as relações de gênero propiciam o reconhecimento e a interpretação de alguns aspectos dos processos de subjetivação e identificação de conhecimentos e atitudes em relação ao corpo, a sexualidade e ao papel social atribuído aos homens e mulheres na sociedade contemporânea.

Para atingir o objetivo proposto, foi necessário apreendermos os conteúdos relacionados ao tema principal em suas dimensões históricas, sociológicas, políticas e educacionais. As etapas percorridas ao longo do estudo e que se configuram como os temas centrais das seções deste trabalho foram: discutir o conceito de gênero como um marcador social performático atravessado pelas representações de

corpo e sexualidade; compreender a articulação entre a prática do futebol com as relações de gênero e as significações sociais dessa prática na sociedade contemporânea; e identificar e analisar as possíveis influências das representações sociais dos estudantes de ensino médio em suas atitudes e relações sociais.

A primeira parte do texto é representada na seção dois sob o título: **GÊNERO, CORPO E SEXUALIDADE**: a prática do futebol por mulheres na sociedade brasileira. Nela destacamos os saberes e as significações associados às relações de gênero, ao corpo, ao corpo da mulher e às práticas corporais e esportivas, em específico o futebol praticado por mulheres na sociedade brasileira. Abordamos, também, as relações de gênero presentes no imaginário social a partir da simbologia que o futebol assume no cenário brasileiro na atualidade.

Na seção três: **TRILHAS METODOLÓGICAS**: o processo representacional e sua aplicação e as etapas da análise do conteúdo, explicamos as fases de descrição (primeira fase) e a de codificação e inferência (fase intermediária) da Análise dos Conteúdos (AC) representacionais dos estudantes de ensino médio sobre a prática do futebol por mulheres. Além disso, descreveremos as informações relacionadas aos procedimentos de seleção e de coleta de dados referentes ao local e ao universo da pesquisa de campo.

Na seção seguinte – seção quatro – intitulada **FUTEBOL É ‘COISA’ DE MULHER?**, apresentamos a fase de interpretação dos significados das características dos textos (segunda fase) da Análise dos Conteúdos (AC) representacionais dos estudantes de ensino médio e do contexto de produção dos saberes relacionados à prática do futebol por mulheres. E, para finalizar a apresentação textual e as discussões às quais nos propusemos em nosso estudo, destaca-se a seção cinco, sob o título: **A PRÁTICA DO FUTEBOL POR MULHERES: intersecções entre gênero, corpo e sexualidade**. É nesta seção que apresentamos as análises e as discussões sobre os conteúdos representacionais, os processos formativos – objetivação e ancoragem – e a composição do núcleo figurativo das representações sociais dos quatro grupos de estudantes de ensino médio (GI, GII, GIII e GIV) sobre a prática do futebol por mulheres, com relação às suas perspectivas de gênero, marcadas, centralmente, pelas representações de corpo e sexualidade.

As representações socialmente compartilhadas e ‘arquivadas’ na memória social dos estudantes de ensino médio participantes de nossa pesquisa sobre a

prática do futebol por mulheres ainda estão ancoradas em representações estereotipadas intimamente ligadas às marcações de gênero, corpo e sexualidade das mulheres que praticam futebol. Essa relação dá margem às atitudes discriminatórias. Os preconceitos são latentes por conta desses estereótipos, e a mulher que pratica futebol ainda sofre discriminação que a caracteriza enquanto 'diferente' das demais mulheres.

Os estereótipos ou marcações sociais são categorias que a sociedade toma como referência para a atribuição de direitos, deveres, papéis sociais, atividades mais ou menos 'adequadas' e todas as outras atribuições – ou a falta delas – a que esse indivíduo é submetido em sua vida social e que acaba influenciando significativamente em sua vida pessoal, em sua subjetividade e, conseqüentemente, em suas ações.

Acreditamos, ideologicamente, que a 'simples' atribuição de uma imagem a uma pessoa por simples aparência já indica que os saberes e as relações sociais estão em conformidade com uma maioria da sociedade. É isso que provoca a segregação social e, conseqüentemente, a constituição de grupos minoritários que são tratados diferentemente por sua 'condição' social. Em nossa sociedade ocorre uma naturalização e banalização do preconceito.

Pudemos identificar, também, um avanço no que diz respeito à transformação de pensamentos e comportamentos de uma parcela considerável de estudantes no que diz respeito à superação de ideias preconceituosas e à procura de um distanciamento da naturalização arbitrária das práticas sociais destinadas aos gêneros masculino e feminino. Há indícios de uma conscientização da geração de jovens nesta segunda década do século XXI, sobre a diversidade social, o respeito às diferenças e a luta pela equidade de direitos.

Ao refletirmos sobre essas ambigüidades presentes nos relatos, percebemos que há um esforço para a superação e transformação dos saberes sociais que culminam em pensamentos preconceituosos e atitudes discriminatórias. Nesse sentido, constatamos a necessidade da incorporação ou da transformação dos saberes compartilhados pelos grupos investigados sobre a prática do futebol por mulheres. Para tanto, podemos afirmar que é preciso que a área educacional reflita e aja de forma significativa no ensino formalizado para que essas mudanças ocorram em diferentes grupos e esferas sociais. Defendemos a ideia de que esse é um dos principais objetivos da educação formal.

A escola cumpre um papel decisivo sobre os conteúdos que circulam e a forma como eles circulam na sociedade, portanto influenciam significativamente na formação de um modelo representacional e, assim, na perpetuação ou transformação de atitudes e tomada de posição frente aos mais diferentes objetos de conhecimento. É, também, função da educação institucionalizada cumprir sua parte na incorporação de novas representações ou na transformação daquelas existentes em linguagem e em memória coletiva. Essas mudanças são processuais, por essa razão dependem da maneira como os processos representacionais – objetivação e ancoragem – são constituídos.

**NOTA:**

A flexão de gênero no masculino é culturalmente usual e prioritária na língua portuguesa para referir-se igualmente ao gênero feminino, desde que não esteja explícita a referência a uma mulher ou a um grupo constituído somente por mulheres. Assim como afirma Ariane Leitão (Secretária Estadual de Políticas para as Mulheres do Estado do RS), acreditamos que essa é uma forma de comunicação sexista, e a forma como a utilizamos faz com que haja discriminação entre mulheres e homens, da mesma forma que reforça estereótipos impostos culturalmente. Utilizando o feminino e o masculino para tratarmos de grupos mistos estaremos ampliando a visibilidade das mulheres em todas as esferas sociais, publicizando a participação feminina que sempre existiu na construção histórica do estado e do país, mas nem sempre destacada (GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL SECRETARIA DE POLÍTICAS PARA AS MULHERES, 2014)<sup>4</sup>. Entretanto, devido à especificidade cultural da língua portuguesa, adotamos neste trabalho a grafia da flexão de gênero no masculino, chamando a atenção para que se refere igualmente ao gênero feminino, sem deixarmos de lado nossa prioridade na luta pela igualdade de gênero em todas as atividades e ações políticas, culturais, educacionais, econômicas e sociais.

---

<sup>4</sup> Publicação elaborada a partir do manual da Red de Educación Popular Entre Mujeres de Latinoamérica y Caribe - REPEM-LAC. Coordenadora Geral Patricia Stella Jaramillo Guerra. Versão em português de Beatriz Cannabrava. [coordinacion@repem.org](mailto:coordinacion@repem.org). [www.repem.org](http://www.repem.org).

## **2. GÊNERO, CORPO E SEXUALIDADE: a prática do futebol por mulheres na sociedade brasileira**

Nesta seção, descreveremos os saberes e as significações associadas às relações de gênero e às práticas corporais e esportivas, em específico o futebol praticado por mulheres na sociedade brasileira. Para tanto, serão abordadas as relações de gênero presentes no imaginário social a partir da simbologia que o futebol assume no cenário brasileiro na atualidade.

O futebol é um dos símbolos identitários do Brasil, tamanho o significado cultural que a ele foi atribuído paulatinamente ao longo da nossa história, desde o final do século XIX até a atualidade. O significado simbólico do futebol influencia a ideia de nação brasileira e é influenciado por ela; além disso, retrata, em cada período da história do Brasil republicano, as relações sociais, políticas, econômicas estabelecidas, assim como as finalidades de sua prática, conforme o momento histórico da sociedade brasileira.

Assim como Da Matta (1982), compreendemos que analisar o futebol abre uma possibilidade fecunda para a análise de algumas relações sociais. Essa possibilidade é interessante, pois as relações sociais são estabelecidas conforme o modo de ser, de pensar, de estar e de conviver em e na sociedade, e o futebol ocupa um espaço importante de convívio bastante significativo em nosso cotidiano.

O futebol é uma prática social, portanto, política e esportiva. No Brasil, devido à herança do patriarcalismo, do higienismo e do eugenismo, apresenta-se como um campo fértil para compreendermos relações de poder, de raça e gênero presentes em nossa sociedade. Desde a chegada do futebol no Brasil, no final do século XIX, é considerado como 'pertencente ao mundo masculino' (até mesmo por força de decretos). Esse 'pertencimento', histórico e socialmente constituído, passa a ser um pensamento naturalizado e um universo de consenso social.

A importância que o futebol tem na cultura brasileira o torna um retrato interessante – não só, mas de maneira significativa – das relações de poder e de gênero estabelecidas em nosso cotidiano. Pisani (2015) destaca, em seus estudos, que analisar as modalidades esportivas e a sua prática por diferentes pessoas possibilita retratar como eles – os esportes – se constituem, se estabelecem, se perpetuam (ou não) nos grupos e culturas com os quais estabelecemos relações de

convívio cotidiano e, assim, reflete as estruturas de poder que alicerçam estes grupos ou sociedade, assim como outros aspectos sociais, políticos, culturais, econômicos e as questões de gênero. Sobre este último aspecto, as relações cotidianas são orientadas pelo pensamento social e pelo consenso sobre papéis sociais definidos e o binarismo de gênero, arraigados em nossa sociedade e que refletem os preconceitos, os estereótipos, as desigualdades de direitos, entre outras formas de violência social.

Entendo que o futebol (como tudo o que funciona na sociedade brasileira) é um veículo para dramatizações de problemas importantes. Se estudo o esporte, quero me aproximar desta atividade buscando entendê-la como parte da sociedade e não em oposição reificada a ela. Acho que quanto mais estudo o futebol praticado no Brasil, mais terei possibilidades de entender a sociedade brasileira, que também se manifesta pelo esporte [...]. O futebol praticado, vivido e teorizado no Brasil seria um modo específico — entre outros — pelo qual a nossa sociedade fala, apresenta-se, revela-se, exhibe-se, deixando-se descobrir [...]. O futebol é uma metáfora a própria vida (DA MATTA, 1982, p. 55-56).

Ao retratar a identidade brasileira no imaginário social – tanto dos brasileiros como as representações que outros países têm sobre o futebol brasileiro –, ela passa a ter um significado político e social determinante. O consenso social, ou o senso comum, está atrelado ao imaginário e à memória social. A memória social<sup>5</sup> de um grupo é responsável pela gênese das representações sociais sobre qualquer que seja o objeto ou o fenômeno estabelecido em uma sociedade. A partir da memória<sup>6</sup>,

<sup>5</sup> Para Naiff, Sá e Naiff (2008, p.128), o conceito de memória social, na atualidade, tem basicamente suas origens na primeira metade do século XX, pelo sociólogo francês Maurice Halbwachs e pelo psicólogo britânico Frederick C. Bartlett.

<sup>6</sup> A memória coletiva presente em Halbwachs poderia ser resumida da seguinte forma: em primeiro lugar, toda a memória é social pelos seus conteúdos. Sempre recordamos um mundo no qual existe a presença de outras pessoas. A memória de um passado é intersubjetiva, compartilhada e recordada conjuntamente, ou seja, toda memória individual em sua gênese é social, pois, para lembrar de seu passado, todo indivíduo ancora-se nas reminiscências e nas figuras dos outros (NAMER, 1987); em segundo lugar, a memória é social porque está apoiada nos “quadros sociais de referência” (*les cadres sociaux*), como os rituais, as cerimônias, os eventos sociais, entre outros. Até o tempo é visto aqui como “um quadro social que permite aos indivíduos e aos grupos sociais constituírem sua memória” (VIAUD, 2002, p. 24); e, em terceiro lugar, “a memória é social ou intersubjetiva porque se baseia, principalmente, na linguagem e na comunicação lingüística externa e interna existente nos grupos. [...] Frederick C. Bartlett, fortemente influenciado pela escola inglesa de antropologia, comungava com Halbwachs das idéias sobre os aspectos construtivos da memória humana [...] introduzindo a noção de esquema, enquanto estruturação de uma ‘memória de fatos’. Nesse modelo, não existiriam memórias específicas guardadas na mente ou no cérebro, mas apenas traços deixados pela experiência (esquemas) que se transformariam toda vez que fossem ativados para produzir uma atividade concreta no curso de uma ação em marcha. Dessa forma, as memórias não seriam fixas,

o imaginário social é estabelecido e as representações orientam as relações sociais, assim como as relações sociais provocam a constituição, a manutenção ou a modificação de tais representações sociais.

Emelyanova (2002) defende que “a memória social pode ser concebida tanto como um processo de atualização das representações sociais do passado, quanto como um processo de elaboração, e transformação ou de esquecimento destas representações sociais” (p. 140). Essas representações do passado, segundo Jedlowski (2001), são destinadas a dar legitimidade às crenças da sociedade e para inspirar seus projetos, legitimando assim as elites que os produzem. Quanto maior é a complexidade de uma sociedade, maior é o número das elites competindo para dominá-la; logo mais, o passado torna-se o assunto de estratégias visando impor as representações que concordam com os interesses dominantes. Na mesma linha de pensamento, a abordagem estrutural das representações sociais postula que o sistema central de uma representação tem, dentre outras características, a de ser intrinsecamente ligado à memória social e à história do grupo que mantém tal representação (ABRIC, 2003 apud NAIFF; SÁ; NAIFF, 2008, p. 129).

Ao indagarmos sobre as relações de gênero e o futebol no Brasil, temos dois objetos que associados caracterizam, a partir da memória social, o imaginário da sociedade brasileira sobre o que significa ser mulher e sobre o sentido e a simbologia do futebol no Brasil.

Os esportes, de uma maneira geral, difundiram-se pelo mundo de maneira extraordinária no último século, configurando novos espaços de sociabilidade, novas corporalidades e, principalmente, novos territórios de criação de sentido e significação. Por uma série de razões, que não cabe aqui recuperar, o futebol é considerado hoje o mais difundido deles. No caso brasileiro, transformou-se no esporte nacional, inclusive porque – e é sob este ângulo que me interessa aqui – foi o que reteve a capacidade de representar o Brasil e os brasileiros em todas as circunstâncias. Do ponto de vista simbólico, seria uma das nossas principais “zonas livres”, compondo com uma série de outros aspectos também eleitos como peculiares, um elenco através dos quais [sic] veiculamos nossas representações coletivas sobre nós mesmos. [...] Na verdade, uma característica específica dos esportes na modernidade, assumida com mais frequência pelo futebol, é o fato de sua existência como fenômeno social não se

---

mas sim recriações do passado que produziram em nós um sentido de continuidade, um sentimento de ser uma entidade com passado e com futuro (ROSA; BELLELLI; BAKHURST, 2000). Logo, o processo de recordar algo implicaria em ter acesso a informações disponíveis como resultado das tentativas de reconstrução do passado no presente, através de algum propósito social e/ou psicológico particular a partir da lembrança coletiva de acontecimentos pessoais e históricos” (NAIFF; SÁ; NAIFF, 2008, p. 128-129).

esgotar, absolutamente, na sua prática. [...] O campo de futebol é, assim, também um campo de debates. [...] Há, portanto, um outro futebol no qual se desenrola um jogo de palavras: aquele no qual são debatidas as idéias e os valores centrais que norteiam o que poderíamos chamar a cultura brasileira. É este espaço que se transforma num campo de debates sobre a nação. [...] As representações sociais veiculadas através do futebol, até pela aparente inocuidade deste domínio social – o dos jogos, do lazer, do esporte – difundem-se e divulgam-se carregadas nos pés dos jogadores e nas avaliações que a partir daí são produzidas. (GUEDES, 2009, p. 2-3).

Até o início da década de oitenta do século XX, em nosso país, as mulheres não tinham o direito de praticar várias modalidades esportivas, dentre elas, o futebol, considerado incompatível com a feminilidade. Não eram esperadas por parte das mulheres qualidades essenciais para a prática do futebol como força e coragem para o enfrentamento/embate corporal, altivez, raciocínio rápido e perspicácia para a disputa. Tais qualidades pertenciam ‘naturalmente ao mundo masculino’, uma vez que “[...] o jogo de futebol é a representação de um confronto que se baseia, no fundamental, na expressão da masculinidade [...] exige resistência viril, músculos fortes e desenvolvidos que, sem dúvida, demonstram um estereótipo atribuído ao jogador de futebol” (ELIAS; DUNNING, 1992 apud REIS, 1999, p. 115).

A trajetória do futebol feminino brasileiro foi oposta à do futebol masculino. Segundo Bruhns (1995), enquanto foram os homens da elite social e econômica que começaram a praticá-lo no final do século XIX, em São Paulo e no Rio de Janeiro, o grupo feminino que aderiu à prática do futebol era pertencente às classes menos favorecidas, consideradas "grosseiras, sem classe e malcheirosas". Somente a partir da década de 1990 é que tal prática passa a ser incorporada pela elite feminina.

Como observaram Salles, Silva e Costa (1996, p. 115), apesar do avanço significativo da prática de futebol por mulheres nas últimas três décadas, a exigência de que sejam e se mantenham “belas e extremamente femininas [...] revela o preconceito camuflado pela valorização da estética feminina”. Em outro trabalho, os autores lembram que as mulheres que transgridem os padrões de feminilidade pela prática do futebol são claramente “rotuladas de ‘sapatões’” (1996, p. 84).

Nesses estudos, a conclusão é a mesma: o preconceito ainda continua sendo um dos obstáculos para o aumento da prática de futebol por parte das mulheres, apesar do aumento das oportunidades para essa prática, entre as quais, a

abertura de escolinhas e a formação de equipes femininas de futebol espalhadas pelo país.

Esse crescimento se deve, em nossa avaliação, à inclusão do futebol feminino nos Jogos Olímpicos, em 1996, nas Olimpíadas de Atlanta (EUA), e, já na sua terceira participação nas Olimpíadas (Grécia – 2004), a seleção feminina de futebol conquistou a medalha de prata. Desse tempo até nossos dias, o futebol feminino ganhou muito mais força e adeptas. Nessa perspectiva, podemos nos indagar se o reconhecimento dessas conquistas recentes não contribuirá para que tal preconceito seja cada vez menor.

Contudo, na atualidade, ainda predominam pensamentos e ações de gênero com caráter binário, reducionista e naturalizado. O papel socialmente determinado e naturalizado para homens e para mulheres continua fundamentado no binarismo de origem biológica, que define o sexo macho e o sexo fêmea e, conseqüentemente, marca as representações de gênero e sexualidade, como destacam Trindade e Souza (2009).

Alves-Mazzotti (1994) destaca que a relação entre o corpo anatômico e as determinações arbitrárias e naturalizadas para a constituição das identidades de gênero – comumente atrelada à sexualidade dos indivíduos – provoca a invisibilidade, a exclusão e o preconceito para com as pessoas que não estão ‘enquadradas’ nas regularidades sociais hegemônicas associadas aos sistemas de significação socialmente partilhados pela maioria. Nesse sentido, as representações da prática de futebol por mulheres são imbuídas de mitos, crenças, valores e tabus fundados conteúdos sociais fortemente internalizados e impregnados de estereótipos de gênero construídos histórica, cultural e socialmente.

O conhecimento sobre o gênero pode favorecer “uma maior flexibilidade quanto às desigualdades nesse domínio e atuar no sentido de as (des)naturalizar” (NOGUEIRA; SAAVEDRA; COSTA, 2008, p. 61). Não negamos as diferenças – e a necessária consideração a elas – dos corpos dos machos e das fêmeas, inclusive suas aptidões e possibilidades relacionadas a elas. Qualquer ser humano é capaz de realizar qualquer função, sendo possível discorrer que não é a natureza, mas a sociedade que impõe à mulher e ao homem certos comportamentos e normas distintas baseadas nas diferenças bioanatômicas dos corpos. Tais imposições se refletem nas desigualdades de gênero e nos processos de violência que estão estabelecidos em nossa sociedade. O conhecimento sobre gênero possibilita que

possamos pensar nas diferenças sem que elas se transformem em desigualdades sociais.

Pensamos na direção do que afirma Goellner (2010, p. 77-80), em estudo anterior, ao dizer que, para transpor e, preferencialmente, derrubar a barreira preconceituosa, os estereótipos e os estigmas sobre aqueles que não se ‘adéquam’ às normativas sociais relacionadas às práticas determinadas e apropriadas para o gênero masculino e feminino, é preciso colocar em dúvida afirmações que comumente são aceitas em nossa sociedade, tais como:

- 1) A ideia de que a anatomia dos corpos justifica o acesso e a permanência de meninos e meninas em diferentes modalidades esportivas. É necessário pensar que, muito mais do que as diferenças biológicas entre meninos e meninas, são as diferenças culturais e sociais aquelas que incidem, fortemente, na orientação do que é mais ou menos adequado para um e outro sexo.
- 2) A importância atribuída à aparência corporal como determinante no julgamento que se faz sobre as pessoas. Precisamos questionar afirmativas, como, por exemplo, uma criança obesa assim o é porque tem preguiça e não faz exercício físico; uma menina que usa boné, bermuda larga e tatuagem tem aparência masculinizada e deve ser homossexual; um menino que fala baixo e apresenta gestos delicados é *gay*, entre outros.
- 3) A ênfase na beleza como uma obrigação para as meninas e mulheres em função da qual devem aderir a uma série de práticas (pouca alimentação, cirurgias estéticas), inclusive as esportivas. As meninas precisam ser valorizadas pelo que são e não pela sua aparência. Além disso, o esporte deve ser incentivado em função de outros objetivos, como, por exemplo, socialização, exercício de liberdades, experimentação de situações de movimentação de seu corpo, aprendizagem de técnicas, entre outros, e não apenas voltado para a aquisição da beleza. Essa orientação talvez seja um fator limitador, para que se participe de atividades que envolvam maior força física, potência etc.
- 4) O constante incentivo para que os meninos explicitem, cotidianamente, sinais de masculinidade (brincadeiras agressivas, práticas esportivas masculinizadoras, piadas homofóbicas, narrar suas aventuras sexuais com as meninas etc.). Comportamentos como estes acabam por produzir uma representação de masculinidade que pesa para os meninos, uma vez que necessitam, constantemente, provar que são *machos*. Esse processo de produção do sujeito masculino pode limitar sua participação em atividades corporais que não sejam *masculinizadoras*.
- 5) A representação de que existe um estereótipo masculino e um feminino. Precisamos dar conta de que existem diferentes formas de viver as masculinidades e feminilidades, e isso precisa ser respeitado. A escolha, por exemplo, de um menino em não jogar futebol não implica *naturalmente* que deixe de ser masculino ou que seja *gay*.
- 6) A percepção de que a maneira correta de viver a sexualidade é a heterossexual. Outros modos são desvios, doenças, aberrações e

precisam ser corrigidas. Vale lembrar que, em 1990, a Organização Mundial da Saúde (OMS) eliminou a palavra homossexualidade do Código Internacional de Doenças (CID), demonstrando não se tratar de uma doença, mas de uma possibilidade de viver a sexualidade. Possibilidade essa que deve ser respeitada e que não pode tornar-se um impeditivo para a adesão dos sujeitos às práticas esportivas.

7) A aceitação e mesmo o incentivo a atitudes que expressem *homofobia*, termo utilizado para fazer referência ao desprezo, ódio e mesmo violência dirigido às pessoas homossexuais. É necessário considerar que a homofobia acontece também em forma de brincadeiras, piadas, comentários etc. Essa atitude pode gerar um afastamento de jovens homossexuais das atividades propostas, visto que, frequentemente, são alvos de práticas dessa natureza.

8) A identificação de que algumas práticas corporais e esportivas devem ou não devem ser indicadas para meninos e/ou meninas, pois não correspondem ao seu gênero. Essa “inadequação” pode proporcionar atitudes que limitam a participação de meninos e meninas em atividades que gostariam de vivenciar. A atenção para essa questão é importante, pois, ao não se possibilitar essa participação, reforça-se a representação do senso comum de que meninos só gostam de atividades que envolvem força e meninas de atividades que privilegiem flexibilidade. Habilidades e capacidades físicas são adquiridas mediante a prática e não promover situações nas quais possam ser desenvolvidas é privar os sujeitos de diferentes possibilidades de uso de seus corpos e as atividades que devem ou não devem ser indicadas para meninos e/ou meninas, pois não correspondem ao seu gênero.

9) A existência de preconceitos e violências que determinados sujeitos sofrem *apenas* por pertencerem a determinada classe social, religião, orientação sexual, identidade de gênero, habilidade física, etnia, entre outros. O respeito à diversidade cultural, social e sexual deve ser o primeiro passo para uma política inclusiva. Diferença não significa desigualdade e essa só pode ser minimizada se houver iniciativas que promovam atividades coparticipativas, nas quais as diferenças não sejam eliminadas, mas tratadas em suas especificidades.

10) O uso de linguagem discriminatória e sexista. A linguagem é uma forma de expressar atitudes preconceituosas. Ela pode suscitar indicativos que fortalecem o preconceito no que diz respeito às questões de gênero, raça, sexo, entre outras. Deve-se evitar o uso de palavras e expressões que evidenciam esses preconceitos, pois, sempre que são mencionadas, acabam por reforçá-los.

Percebemos, então, que as discussões e reflexões sobre gênero não podem estar descoladas das discussões e reflexões sobre corpo e sexualidade. Desde a infância as relações entre corpo, sexo, gênero e sexualidade são concebidas como naturais e ensinadas na forma de padrões de comportamento, atribuições, aptidões, papéis e lugares sociais de gênero que, internalizados, tornam-se dados e fixos. Aprende-se que menino joga bola e não deve chorar e menina brinca de boneca e/ou casinha e é muito sensível e frágil. Desse modo, são sempre criadas e/ou

reforçadas expectativas para o que é mais adequado e socialmente esperado de cada gênero.

Em torno de sua associação com corpo e sexo, ainda é cristalizada uma visão binária, dicotômica e fixa de gênero feminino e masculino.

Através de processos culturais, definimos o que é – ou não – natural; produzimos e transformamos a natureza e a biologia e, conseqüentemente, as tornamos históricas. Os corpos ganham sentido socialmente. A inscrição dos gêneros – feminino e masculino – nos corpos é feita, sempre, no contexto de uma determinada cultura e, portanto, com as marcas dessa cultura (LOURO, 2001, p.11).

Para Louro (2003), a forma como as características sexuais são representadas ou valorizadas em uma dada sociedade e em um dado momento histórico constitui o caráter fundamentalmente social do conceito de gênero, uma vez que nesse processo ocorre a construção e padronização de papéis e comportamentos adequados aos homens e às mulheres. Os modelos de corpo e a composição de gênero constroem físicos, morais e mentais, cujas associações tendem a homogeneizar o ser, desenhando em múltiplo registro o perfil da verdadeira mulher.

A difusão da concepção de que a mulher é “feita de contenção, discrição, doçura, passividade, submissão, pudor e silêncio” (BEAUVOIR apud PERROT, 2003, p. 21) continua influenciando a manutenção de crenças na supremacia masculina para a prática do futebol. Para Suárez (2000), na sociedade moderna, o masculino também é submetido ao modelo de *performance* e comportamento, a hierarquia que funda sua instituição no social, no qual se apoia a construção dos estereótipos, um exercício de poder que se exprime em todos os níveis sociais. Essas crenças e valores levam a nos perguntarmos, então: O que faz um homem ser um homem? O que faz uma mulher ser uma mulher?

Louro (2001; 2003) destaca que o que se pensa sobre masculinidades e feminilidades define o que faz de um homem um homem e o que faz de uma mulher uma mulher. Para além dos atributos biológicos, a identidade do masculino e feminino, ou seja, o que se pensa, o que se espera e o agir de um e de outro depende de uma construção social numa perspectiva cultural. A superação da perspectiva biologicista pelo referencial sociocultural já é uma realidade nas discussões acadêmicas e políticas no que diz respeito à identidade de gênero.

Na vida prática, as concepções e representações de gênero na sociedade – assim como as da sexualidade – ainda têm sido naturalizadas enquanto dependentes, sobretudo de fatores biológicos e anatômicos que definem os sexos como machos e fêmeas e, de maneira equivocada, a identidade masculina e feminina. Na perspectiva biologicista, as identidades de gênero são assim orientadas por discursos hegemônicos que ditam normas e proibições. Em outras palavras, são as coerções sociais que determinam gestos e atitudes que impõem a sujeição/disciplina corporal como parte das relações de poder entre os indivíduos e grupos (FOUCAULT 1987; 2004).

Além de compartilharmos com o referencial sociocultural para considerações a respeito de gênero, compartilhamos com Arruda (2002, p. 133), para quem “gênero é uma categoria relacional, na qual, ao se levar em conta os gêneros em presença, também se consideram as relações de poder, a importância da experiência, da subjetividade e do saber concreto”.

O que se pensa, o que se fala, o que se espera e as ações na sociedade ganham materialidade e produzem as subjetividades femininas e masculinas; no entanto, nos perguntamos por que algumas representações ganham legitimidade da maioria da sociedade em detrimento de outras? O que se coloca como diferente desta legitimação passa a ser vulnerável. Uma vulnerabilidade que fragiliza o que está ‘fora da ordem’ naturalizando e justificando práticas de violência que busquem reestabelecer a ordem vigente.

Assim, como as representações de gênero e de sexualidade, as representações de corpo, manifestadas pelas práticas corporais e esportivas como, por exemplo, o futebol se ancoram em crenças de feminilidade e masculinidade que sustentam as distinções e as desigualdades do ser homem e o de ser mulher em nossa sociedade. Assumimos, neste trabalho, o significado de corpo como UNO (GHIRALDELLI Jr., 2007) e complexo, pois para nós o corpo pode ser considerado o fundamento da identidade dos indivíduos.

Soares (2004, p. 111), ao citar Lévi-Strauss, descreve que “a aparente insignificância dos gestos [...] pode revelar-se como face densa de significados, pois é sempre a expressão do ser inteiro”. O corpo humano UNO em suas diferentes dimensões – biológica, psicológica, emocional, cultural e social – é moldado por comportamentos socialmente aceitáveis que restringem seu uso e seu prazer. Desse

modo são criadas e/ou reforçadas expectativas para o que é mais adequado a cada gênero.

Imbricadas nas concepções de sexo e sexualidade estão as concepções de corpo. Quando o corpo é considerado fundamentalmente como uma materialização anatômica e fisiológica dos indivíduos que define o sexo e, conseqüentemente a sexualidade, edifica uma visão binária, dicotômica e fixa a marcação das identidades de gênero. Isso porque as características genitais têm sido consideradas o definidor básico do gênero dos indivíduos. Genitais masculinos pressionam o sexo masculino a adotar o gênero masculino, do qual são esperados pensamentos, comportamentos e desejos que o afastem dos pensamentos, comportamentos e desejos femininos. Para os homens são consideradas naturais atitudes como: agressividade, espírito competitivo, disciplina, assim como algumas qualidades e capacidades físicas, como, por exemplo, mais força e velocidade.

Essas – entre inúmeras outras características – diferem socialmente o homem da mulher. O mesmo acontece com a fêmea, naturalmente considerada do gênero feminino e todas as atribuições que lhe são conferidas. Isso significa, então, que o corpo e, portanto, o sexo dos indivíduos, não é suficiente para determinar o gênero masculino e feminino e, tampouco, sua sexualidade e as práticas sociais adequadas a cada um deles.

Conforme Ghiraldelli Jr. (2007), o corpo passou e continua a passar por inúmeras definições e papéis conforme os interesses e objetivos da sociedade, que o redescreve. No transcorrer do tempo e em diferentes sociedades, o corpo tem sido significado de diversas maneiras, dentre as quais o corpo objeto – de desejo, de poder; o corpo máquina – que faz, que produz; o corpo sensível – que sente e provoca sentimentos; o corpo inteligível – que entende e procura ser compreendido; o corpo que é, o corpo que está. Essas definições destacam o quanto o corpo humano é complexo em suas variadas possibilidades de ser e estar no mundo, assim como de estabelecer diferentes tipos e níveis de relações, como: o corpo subordinado, o corpo negado, o corpo dominado, o corpo enaltecido, o corpo poderoso, entre outros.

O mesmo autor aponta a necessidade de uma redefinição do corpo e que, para tanto, é preciso compreendê-lo em sua dialética e transitoriedade. O corpo foi e é pensado, concebido e sentido conforme a época, o espaço e as necessidades da sociedade que o redescreve. Tal redescrção do corpo pode ser conhecida desde a

antiguidade até a contemporaneidade. Para o autor, a passagem da modernidade para a contemporaneidade resulta em uma redescritção do corpo para um corpo duplo. Ou seja, um corpo dual e não mais dualista – racionalizado e mecanizado –, como ocorreu na modernidade, o qual era manipulado e submetido pela razão e, nesse sentido, o eu (racional, mente) ‘carrega’ o corpo (matéria).

Já o corpo dual ou duplo trata-se de um corpo no qual ‘entra em cena’ o *self* do indivíduo como “sede da vida na condição de organismo” ou “máquina autônoma munida do eu”. O *self* é regulado pelo corpo, ou seja, é ele o “comandante de propósito e projetos humanos. Esse é o corpo do homem e da mulher dos nossos tempos” (GHIRALDELLI JR., 2007, p. 11).

Consideramos que o conceito de corpo que encontramos em Ghiraldelli Jr. (2007) se aproxima do conceito de corpo defendido por Tiburi (2004) e apresentado por Kehl (2004) quando definem o corpo contemporâneo como corpo/experiência, diferente do corpo/máquina da modernidade. Esse pensamento é derivado das ideias de Walter Benjamin. Para Tiburi (2004), “o corpo/experiência é indissociável da linguagem [...] não se pode pensar a experiência fora do campo da narração; ela é o vivido quando compartilhado com o outro através da narração” (TIBURI, 2004 apud KEHL, 2004, p.10).

Entendemos que o corpo como linguagem, como narração é aquele no qual se evidencia o eu mais o *self* (o corpo dual = eu + *self*). O corpo dos desejos, o corpo da comunicação, da ligação do indivíduo com o mundo em que vive e com a realidade prática no seu cotidiano. O corpo linguagem e narração narra justamente aquilo que ele quer que se pense dele, aquilo que se quer que ele represente, a maneira como se espera que ele aja, deseje e se relacione. É o corpo como identidade.

Soares (2004) nos ajuda a explicar o corpo/experiência. Para ela este corpo se revela mais no gesto do que na palavra e na razão. O gesto põe em jogo todos os sentidos de quem os realiza assim como daqueles que os observam. A realização de gestos ou qualquer forma de apresentação do corpo é uma narração, é uma linguagem, ou seja, o corpo se apresenta ao performar-se<sup>7</sup>.

Para explicarmos o corpo como identidade, valemo-nos das palavras de Ghiraldelli Jr. (2007, p. 12), quando afirma que a própria identidade dos indivíduos

---

<sup>7</sup> Performar-se: maneira individual de realizar algo.

está aderida ao corpo. A identidade “migrou para o corpo” e o corpo, então, é “um elemento do parecer e do aparecer”. Isso gerou os “tipos” e as “tribos”. O corpo como linguagem narra para o outro e para si mesmo aquilo que se é e o que se quer parecer que se é. O corpo representa e age com e nos mais diferentes contextos sociais da vida prática dos indivíduos em seus grupos com seus pares e, perante essas ações e representações, parece e aparece para o outro.

A partir dessas ideias, as perguntas que buscamos responder foram: a que grupo ou ‘tribo’ pertencem as mulheres que praticam o futebol? Como a representação de seus corpos “aderiu” ao tipo adequado para praticantes de futebol? Tem de ser esse corpo representado como corpo masculinizado? A adesão a um corpo que pratica futebol influencia na sexualidade e na identidade de gênero? Para respondermos a essas questões, precisamos definir o que é gênero.

O conceito e o entendimento de corpo dual ou duplo (GHIRALDELLI JR., 2007), e o corpo como experiência, como linguagem e como narração (KEHL; TIBURI, 2004) contribuem para que possamos apresentar e compreender que há identidades de gênero para além de feminilidades e masculinidades fundamentadas em binarismos de macho e fêmea naturalizados e socializados arbitrariamente. Defendemos que a orientação de gênero é dependente daquilo que o indivíduo sente e de como ele se sente, do que deseja e como age em suas relações com o outro nos mais diferentes âmbitos da vida prática e cotidiana.

Para alguns estudiosos, como Judith Butler<sup>8</sup> (2003; 2013), essas sensações e desejos podem ser fluidos a tal ponto que o gênero pode ser entendido como uma *performance* e, portanto, flexível e provisório. Por essas razões, gênero é culturalmente formado e está relacionado à liberdade e à individualidade de cada um. O corpo dual ou duplo e como narração e experiência é o corpo que pensamos quando nos referimos ao gênero performativo<sup>9</sup> e a produção de efeitos dessas performatividades.

---

<sup>8</sup> Judith Butler. Vídeo: Seu comportamento cria seu gênero. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=9MIqEoCFtPM>. Publicado em: 20 maio 2013. Acesso em: 14 jul. 2014.

<sup>9</sup> “Há uma diferença entre performatividade e performance de gênero. O gênero não é simplesmente uma performance, um ato teatral que ‘alguém’ simplesmente elege representar. Sem sombra de dúvidas, essa é uma diferença importante para compreender o pensamento de Judith Butler. Boa parte da crítica apropriando da noção de performatividade reduziu-a a uma *performance de gênero*. A performatividade é o **processo global da constituição do gênero**, da internalização das **normas que se estilizam no corpo e criam um efeito de substância** e criam um efeito de ‘eu’ com gênero constante, a performance pode ser uma parte desse processo. Nesse sentido, a performatividade é

Para Butler (2013), dizer que o gênero é performatividade é dizer que ninguém pertence a um gênero desde sempre. Neste sentido, Bento (2006) complementa essa ideia quando afirma que “[...] os sujeitos atualizam em suas práticas cotidianas para serem reconhecidos como membros legítimos do gênero com o qual se identificam” (p. 11). A autora afirma que gênero é ato, é ação. É uma ação intencional, um gesto performativo que produz significados. Por essa razão, aproximamos o gênero enquanto performatividade com o corpo enquanto experiência e narração. Entretanto, o que se vê ainda hoje em nossa sociedade, é que o corpo sexuado engessa as normas de gênero, que, por sua vez, são previamente estabelecidas, aprendidas culturalmente e policiadas nas práticas cotidianas dos indivíduos; entre tais práticas, aquelas relacionadas à sexualidade, campo dos desejos e da subjetividade.

Butler (2003; 2013) vai além e considera, assim como Joan Scott (1990), que o gênero é cultural, ativa e constantemente (re)construído. Para Scott (1990), os estudos de gênero devem ter como ponto de partida os sentidos construídos cultural e socialmente sobre os gêneros masculinos e femininos baseados nas diferenças biológicas, anatômicas e sexuais entre machos e fêmeas. Ou seja, é necessário o estabelecimento do contraponto desses sentidos e significados determinados compulsoriamente e, assim, a superação das desigualdades de gênero em nossa sociedade, na qual o significado de ser homem e ser mulher ainda está hegemonicamente associado aos processos de diferenciação de direitos, de qualificação e de visibilidade social.

Além da relação equivocadamente direta e naturalizada do sexo com o gênero, ainda é arbitrária e naturalizada a relação do corpo/sexo, gênero e a sexualidade. Neste caso, sexualidade é associada à atividade sexual e sua dimensão biológica. Concordamos com Bento (2006), quando afirma que os componentes da tríade ‘sexo-gênero-sexualidade’ que aparece no senso comum estão relacionados uns aos outros e resultam de heranças culturais e históricas que atribuem diferenças aos gêneros, limitando o uso de *performances* a cada sexo,

---

um conceito que não é nem completamente determinado, nem radicalmente elegido, ela está fora dessa oposição. Butler nos diz que seu ponto de vista não é nenhuma dessas colocações: “ou o gênero está construído e não temos a dizer como vivemos o gênero ou o gênero é radicalmente elegido e podemos fazer o que queremos”. Ver em Blog Ensaios de Gênero. Arquivo da tag: performance de gênero. Por Lucas Passos em: 20 dez. 2012. Disponível em: <http://ensaiosdegenero.wordpress.com/tag/performance-de-genero/>. Acesso em: 14 jul. 2014.

formando o processo de naturalização das identidades. Contudo, a sexualidade é bem mais ampla do que isso.

Para Oliveira, Gomes, Pontes e Salgado (2009) e Bento (2006), a sexualidade envolve um conjunto de valores pessoais e sociais, além das práticas corporais e sexuais em si. Ela é essencial ao ser humano e reflete o contexto íntimo, relacional e subjetivo de cada indivíduo. É experimentada nos pensamentos, nas fantasias, nos desejos e nas crenças, tendo em vista a história e a cultura de cada um. Sendo assim, o sexo não determina o gênero, tampouco o gênero determina 'naturalmente' a sexualidade dos indivíduos.

## 2.1 O CORPO DA MULHER: nem santas, nem putas...

As concepções de corpo em diferentes sociedades sofreram transformações ao longo da história. Tais concepções interferem significativamente no processo identitário dos indivíduos, pois se constitui um dispositivo de subjetivação. Em síntese, o corpo é um dispositivo de subjetivação.

Para Matos (2003), conhecer o significado histórico – em tempos, espaços, agentes e temas – dos corpos e dos gêneros possibilita a redefinição e ampliação de tais significados. Nesse sentido, ao refletirmos sobre o corpo da mulher, temos a oportunidade de pensar sobre as marcações corporais atreladas às normatizações sociais e as relações de gênero. Conforme anunciamos anteriormente, na primeira parte desta seção, o corpo tem sido tema de discussões em diferentes áreas de conhecimento e disciplinas acadêmicas devido à centralidade que ele ocupa na sociedade contemporânea. Neste sentido, Matos e Soihet (2003) destacam que o corpo é objeto de exposição, admiração, desejos e dominação crescente.

Particularmente, consideramos que o corpo da mulher – assim como os 'corpos' que não se enquadram na natureza predeterminada biologicamente em categorias macho e fêmea – é ainda mais exposto à dominação do que o corpo do homem. Tomamos como orientação para essa ideia reflexões sobre as relações de poder estabelecidas pelas diferenças de gênero presentes em nossa história nos mais diversos âmbitos culturais e sociais. Poderíamos dar inúmeros exemplos da dominação do corpo da mulher ao longo da história, entretanto esse 'atalho' tiraria o foco das discussões e objetivos que apresentamos neste trabalho, embora, de certa forma, tratamos também de territórios de dominação estabelecidos por determinadas

práticas sociais, em nossa pesquisa, a prática do futebol. Para destacarmos um exemplo de um pensamento do que é o corpo da mulher exposto à dominação, trazemos a citação de Perrot (2003):

Há muito que as mulheres são as esquecidas, as sem-voz da História. O silêncio que as envolve é impressionante. Pesa primeiramente sobre o corpo, assimilado à função anônima e impessoal da reprodução. O corpo feminino, no entanto, é onipresente: no discurso dos poetas, dos médicos ou dos políticos; em imagens de toda natureza – quadros, esculturas, cartazes – que povoam as nossas cidades. Mas esse corpo exposto, encenado, continua opaco. Objeto do olhar e do desejo, fala-se dele. Mas ele se cala. As mulheres não falam, não devem falar dele. O pudor que encobre seus membros ou lhes cerra os lábios é a própria marca da feminilidade (PERROT, 2003, p. 13).

Por que aos homens é ‘permitido’ ficar sem camisa em vários locais e em diferentes situações e para as mulheres não cabe – ou ‘não é permitido’ esse mesmo comportamento? Esse é um exemplo simples do silenciamento a que os corpos femininos são submetidos. Para Perrot (2003), as roupas podem ser consideradas silenciadoras de corpos, pois os mantêm na esfera privada, na qual permanecem ocultos. Por outro lado, as roupas também são denunciadoras dos corpos, uma vez que, ao ser tornado público, o corpo deve ser exibido de uma determinada maneira. Assim, o tipo de roupa e adornos expressa um significado sobre o corpo e a identidade de quem o carrega.

Para a autora, o silêncio sobre o corpo da mulher “[...] é inscrito na construção do pensamento simbólico da diferença ‘natural’ entre homem e mulher e reforçado pelos discursos médico e político” (PERROT, 2003, p. 20), aos quais acrescentamos os discursos publicitários e religiosos. Nesse sentido, o uso do véu é um dos símbolos mais significativos do silêncio e da invisibilidade da mulher. Um dos objetivos do uso do véu é afastar o ‘perigo feminino’ para a sociedade.

Já os discursos publicitários tendem a associar a imagem da mulher a produtos direcionados a grupos sociais previamente definidos conforme o gênero, a idade, a classe social, a religião, etnia, entre outros fatores. “A mulher é uma espécie de cabide”, pois nela cabe qualquer tipo e tamanho de roupa ou, ainda, a ausência de qualquer vestimenta. Além de ‘cabide’, a mulher é uma “figuração muda” nos discursos publicitários, pois, embora a sua figura apareça, sua voz é silenciada

socialmente. O discurso publicitário em torno do corpo da mulher é usado para vender mercadorias e vender formas de ser e de viver.

Esses discursos sobre os corpos do macho e da fêmea da espécie humana, assim como aqueles relacionados à sexualidade, influenciam a constituição das representações dos indivíduos sobre o que é ser homem e o que é ser mulher e os comportamentos sociais associados a cada gênero. Em relação à maneira ‘adequada e normatizada’ de viver a sexualidade, podemos dar como exemplo o caso dos ritos de passagem de homens e mulheres. Para elas, é comum que, desde cedo em sua formação, a relação com a sexualidade esteja atrelada à vergonha e ao medo: evitar a masturbação e o prazer sexual. Há muito pouco tempo, o período da mulher para viver sua sexualidade estava fixado até início da menopausa.

O silenciamento também tem favorecido a violência contra a mulher apoiada no Direito Privado, nos segredos de família e no Pátrio Poder, como o estupro, o incesto e o espancamento (direito do marido e do pai sobre as mulheres). Embora em diferentes situações e proporções, há continuidade de tais direitos e violências ainda neste início do século XXI (PERROT, 2003).

No Brasil, sob influência do pensamento liberal e dos valores modernos dos colonizadores, no século XIX, a educação das ‘meninas do povo’ e das moças da alta sociedade era claramente diferente. As últimas eram educadas de acordo com os valores e as virtudes femininas para serem boas esposas e boas mães. Para as primeiras os estudos não eram considerados necessários. Durante o século XX, os movimentos feministas foram fundamentais para que as concepções e os discursos sobre o corpo feminino passassem por algumas mudanças consideráveis, tanto no âmbito médico como no econômico e cultural. A autonomia da mulher sobre o seu corpo é uma das primeiras ‘bandeiras’ do feminismo contemporâneo.

Na esteira dos movimentos feministas são desafiados os padrões estabelecidos em várias áreas, como o trabalho, o papel de esposa, de mãe, de cidadã. São exemplos as ‘mulheres das letras’ como Virginia Woolf e Simone de Beauvoir, esta abre portas para a discussão do gênero feminino em sua obra *O segundo sexo*<sup>10</sup>. Outras mudanças significativas foram a invenção da pílula

---

<sup>10</sup> “Ninguém nasce mulher, torna-se mulher”

anticoncepcional<sup>11</sup> pelo Dr. Pincus em 1961; a revogação da lei de 1920 sobre produtos contraceptivos em 1967; o Movimento de Libertação da Mulher (MLM) na França em 1970; a aprovação da *Lei Veil* sobre a liberdade do aborto em 1975; em 1976, também na França, o estupro passa a ser considerado crime e, em seguida, as leis contra o assédio sexual e a repressão ao incesto, além de manifestações contrárias as violências contra as mulheres.

As justificações para as diferentes concepções de ‘mulher’ e o seu papel na sociedade ao longo da história da humanidade estão, na maioria das vezes, fundamentadas em determinismos sociais pautados em uma naturalização mítica ou religiosa transcendental que historicamente influencia – e continua a influenciar – os processos culturais que orientam os mais variados grupos sociais. Percebemos que argumentos utilizados para explicar e justificar a discriminação das mulheres na sociedade ainda estão pautados em mitos ou em preceitos religiosos.

Como exemplos, apresentamos, em seguida, dois relatos realizados por Schmitt-Pantel (2003) que influenciam significativamente as relações de gênero presentes em nossa sociedade até a atualidade: um discurso mítico e outro o discurso religioso sobre a criação da mulher e que interferem nas crenças e concepções, ou seja, nas representações sociais - sobre o papel das mulheres na sociedade.

O primeiro relato, a história de Pandora, é de tradição grega; e o outro, a de Eva, de tradição judaico-cristã, é o mais predominante em nossa sociedade atual. Entretanto, em ambos os relatos a mulher é criada como se fosse uma categoria secundária e associada ao que se pode chamar de ‘condição humana’ (introdução da morte, mal no mundo e a obrigação do trabalho árduo). Resumidamente, apresentaremos os dois relatos tomando o texto de Schmitt-Pantel (2003) como referência.

No primeiro, o discurso mítico, o poeta grego Hesíodo<sup>12</sup> relata a criação da mulher em dois poemas: *Teogonia*<sup>13</sup> e *Os trabalhos e os dias*<sup>14</sup>. Na mitologia grega,

---

<sup>11</sup> A pílula anticoncepcional foi lançada em os EUA em 1960 e aprovada no Reino Unido em 1961. Foi desenvolvida por um biólogo americano chamado Dr. Gregory Pincus, um especialista em reprodução feminina, e a primeira versão (Enovid) continha hormônios estrogênio e progesterona sintética (Disponível em: <http://emaxilab.com/saude-e-bem-estar-artigo-3-176.html>. Acesso em: 14 mar. 2013).

<sup>12</sup> **Hesíodo** (gr. Ἡσίοδος) é o mais antigo poeta grego de que se tem notícia com alguma certeza. Pode-se situá-lo com razoável grau de confiabilidade no início do Período Arcaico, mas, a rigor, não há nenhuma evidência tangível de sua existência histórica, salvo informações contidas em sua própria obra. A poesia hesiódica insere-se no âmbito da *poesia épica* e, assim como os poemas

a primeira mulher foi criada como resultado da cólera de Zeus em relação a Prometeu. Este provoca a ira de Zeus ao roubar o fogo sagrado para dar aos homens. Zeus, então, mandou o deus Hefáistos fabricar (plasmada com água e terra) a primeira mulher – Pandora – e dar aos mortais. Esse presente seria a perdição para os mortais. Pandora era semelhante a uma deusa (aparência sedutora, mas ocultava um coração ardiloso e tinha numerosos defeitos). Ela foi aceita como esposa por um homem chamado Epimeteu.

O mito grego concebe a 'raça das mulheres' como distante e estranha. A mulher é relegada à sua função de fecundidade, de fertilidade, e o trabalho feminino é esquecido.

O mito grego instaura uma assimetria, não uma diferença equitativa, entre os papéis masculino e feminino. Os homens são os únicos que trabalham, as mulheres ficam em casa perpetuamente entregues ao

---

homéricos, representa a culminância de um longo período de evolução das tradições orais. Na Antiguidade, Hesíodo era tão considerado quanto Homero. As informações biográficas de que dispomos foram fornecidas pelo próprio Hesíodo em uma de suas obras, *Os Trabalhos e os Dias*. O poeta viveu em Ascra, na Beócia, no final do século VIII ou início do século VII (c. -700), período de crise agrícola e social.

<sup>13</sup> A *Teogonia* (lit. "o nascimento dos deuses") é um poema épico (metro: hexâmetro dactílico) que detalha a origem e genealogia dos deuses gregos. Tradicionalmente atribuído a **Hesíodo**, a data de composição (c. -700) é tão imprecisa quanto a data em que o poeta deve ter vivido. A idéia em si não é original, pois já havia sido desenvolvida pelos egípcios (séc. -XXIV), pelos babilônios (-2000/-1500) e pelos hititas (-1400/-1200) muitos anos antes (ver *Supplementa*). Hesíodo, no entanto, foi o primeiro a sistematizar os antigos mitos da criação e a organizar os mitos gregos numa sequência lógica. De certa forma, a *Teogonia* é o mais antigo tratado de mitologia grega que chegou até nós. Hipótese: Não há nenhuma intenção dramática ou enredo, e sim um plano expositivo. Hesíodo descreve a criação do mundo e a seguir relaciona, cronologicamente, cada uma das gerações divinas. O argumento gira em torno de três temas básicos: 1) a criação do mundo, ou *cosmogonia*; 2) genealogia das gerações divinas, ou *teogonia* propriamente dita; 3) a ascensão de Zeus ao poder. Segundo Timothy Ganz (1993), o poeta pretendia contrastar a "desordem" do cosmo durante o domínio dos deuses primordiais e dos titãs, com a "ordem" cósmica que imperava em seus dias, determinada por Zeus e pelos demais deuses olímpicos. Segundo a cronologia hesiódica, os deuses olímpicos pertenciam à 3ª geração e eram governados por Zeus, cuja história se desenvolve em boa parte do poema. Hesíodo, no entanto, vai além da simples enumeração e habilmente entremeia a árida sucessão de deuses e deusas com raros, curtos mas elucidativos trechos dos antigos mitos. A lenda de Prometeu, filho de Jápeto, e a criação da primeira mulher são relatadas nos versos 507-616 (Disponível em: <http://grecciantiga.org/arquivo.asp?num=0085>. Acesso em: 14 mar. 2013).

<sup>14</sup> Em *Os Trabalhos e os Dias*, Hesíodo "nos mostra [...] a organização do mundo dos mortais, apontando sua origem, suas limitações, seus deveres, revelando-nos, assim, em que se fundamenta a própria condição humana (Lafer, 1990, p. 15). O poema divide-se, basicamente em duas partes: na primeira (1-382), Hesíodo apresenta inicialmente uma série de referências míticas, relacionadas com o trabalho e a justiça, depois os mitos de Prometeu e de Pandora e, finalmente, o célebre mito das cinco "raças" da humanidade, que relata a passagem da vida paradisíaca dos primeiros homens, que conviviam com os deuses, à vida dura e sofrida dos tempos atuais. Na segunda parte (383-828), o poeta dá conselhos práticos para a vida agrícola e apresenta vários preceitos morais (Disponível em: <http://grecciantiga.org/arquivo.asp?num=0748>. Acesso em: 14 mar. 2013).

ócio, qual zangões, “enchendo a barriga de produtos colhidos pela faina alheia” (Teogonia”, v. 599). Daí a conclusão pessimista do poeta Hesíodo: “O mal rivaliza constantemente com o bem” (v.v. 608-610)” (SCHMITT-PANTEL, 2003, p. 131) (grifos da autora).

O princípio feminino grego nasce com Gaia (primeira deusa feminina, que também é a terra, é o princípio original), que surge da entidade neutra, Caos. O princípio feminino é fonte do princípio masculino. A feminilidade original é derivada de Gaia que é a mãe da humanidade, mas a primeira mulher é Pandora. Esta não tem legitimidade, senão ser o primeiro exemplar da raça das mulheres (primeira mulher como ser humano), que, por sua vez, é uma ameaça à sociedade masculina. Daí deriva a prática política grega, a exclusão das mulheres da cidade na qual elas não tem nenhum *status* civil e político.

Os textos de Hesíodo tornam-se canônicos no pensamento grego como nos relatos da criação da ordem atual do mundo e como base dos valores gregos que opõem a Justiça [...] ao excesso [...]. A criação hesiódica da mulher vem a ser, portanto, o texto de referência dos autores gregos das épocas posteriores (SCHMITT-PANTEL, 2003, p. 133).

No segundo relato, o religioso, é apresentado o *Gênesis*<sup>15</sup> da tradição judaico-cristã, no qual a primeira mulher é Eva. Ela é a responsável pela expulsão do homem do jardim do Éden (paraíso). Como castigo, o homem é condenado a sobreviver com o seu trabalho, ou seja, ganhar o pão com o suor do próprio rosto e a mulher, como castigo, a parir filhos no sofrimento. Para Schmitt-Pantel (2003, p. 134), no livro bíblico há uma certa simetria nas condenações e castigos (trabalho e dor) para o homem e para a mulher. Esta simetria não aparece no mito grego. “O mito hesiódico irá desempenhar esse papel de paradigma até que se verifique alguma transformação significativa, se não na situação real da mulher na sociedade, pelo menos na percepção do seu papel no casal e no matrimônio”.

<sup>15</sup> **Gênesis** ou **Génesis** (do grego Γένεσις, "origem", "nascimento", "criação") é o primeiro livro tanto da Bíblia Hebraica como da Bíblia cristã, antecede o Livro do Êxodo. Faz parte do Pentateuco e da Torá, os cinco primeiros livros bíblicos. *Gênesis* é o nome dado pela Septuaginta ao primeiro destes livros, ao passo que seu título hebraico *Bereshit* (בְּרֵאשִׁית, *B'reishit*, "No princípio") é tirado da primeira palavra de sua sentença inicial. Narra uma visão mitológica desde a criação do mundo na perspectiva hebraica, genealogias dos Patriarcas bíblicos, até à fixação deste povo no Egito através da história de José. A tradição judaico-cristã atribui a autoria do texto a Moisés enquanto a crítica literária moderna prefere descreve-lo como compilado de texto de diversas mãos (Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/G%C3%AAnesis>. Acesso em: 14 mar. 2013). Para ler o livro de Gênesis: ver <http://www.apostolas.org.br/2010/capela/biblia/antigo/Pentateuco/Genesis.pdf>.

Em *Gênesis*, a criação do primeiro casal humano é apresentada de duas maneiras. Uma, a mais recente, é descrita em Gn 1,26-29, e a outra maneira de apresentar essa criação está no mais antigo dos textos: Gn 2,7-25. Neste último, acrescenta-se o comentário do autor da primeira epístola de Timóteo: “Eu não permito que a mulher ensine ou domine o homem. Que ela conserve, pois, o silêncio. Porque primeiro foi formado Adão, depois Eva” (idem, p. 136). Segundo Schmitt-Pantel (2003), ao citar Tribble (1978), este texto alimenta a misoginia vulgar cristã, judaica e muçulmana, e, ao citar Aubert (1675), afirma que *Gênesis* 2 foi o “prato principal de todos os apetites antifeministas e um dos textos fundadores do sexismo cristão” (p. 137).

O monge Gratien de Bolonha, em 1140, escreve um texto que será o alicerce do direito canônico a partir da reunião, ordenação e classificação da obra elaborada há mais de um milênio pelas instâncias eclesiásticas do Oriente e do Ocidente. Esse texto refere-se constantemente às incapacidades femininas: a criação da mulher a partir do homem é a fonte de sua inferioridade, portanto é considerado que é da ordem natural humana que as mulheres sirvam aos homens, assim como os filhos sirvam aos pais. É justo que o inferior sirva o superior.

Conforme Schmitt-Pantel (2003), esses relatos são responsáveis pela marcação do cristianismo no Ocidente e na história das mulheres na tradição patriarcal androcêntrica. Ao analisarmos a história das mulheres e até sua atual condição na sociedade contemporânea, podemos identificar as consequências das influências das interpretações dos textos bíblicos nessa história. “As mulheres no Evangelho são periféricas. As poucas referências a elas são encontradas no antigo testamento” (SCHMITT-PANTEL, 2003, p. 140). Tudo isso contribui para o silenciamento, a marginalização, a nulidade e o apagamento da mulher na sociedade durante a nossa história e está presente ainda nos dias atuais.

Para Elisabeth Schussler Fiorenza, citada por Schmitt-Pantel (2003, p. 152), “A Bíblia [...] não serviu unicamente de meio para manter as mulheres em estado de subordinação, mas também foi instrumento de colonização e desumanização”. Além disso, é a sensualidade do corpo feminino que causa a posição dos religiosos: mulher + diabo, ou seja, a mulher é a tentação do homem e o que causa seu infortúnio.

A sensualidade feminina no Brasil foi analisada por Rachel Soihet (2003) no final do século XIX, com a chegada da família real no Rio de Janeiro, e a abertura

dos portos possibilitou a entrada de muitos homens e mercadorias na cidade, conseqüentemente as transformações dos costumes abriram outras possibilidades quanto às manifestações corporais e, em especial, as manifestações do corpo feminino.

Para Soihet (2003), a entrada de viajantes europeus no Brasil oportuniza a impregnação de ideias iluministas. Esses eram convictos de superioridade de sua cultura e raça, por terem passado por um processo civilizador e com fundamentos morais atrelados ao cristianismo. Tal 'superioridade' europeia acentuou a contenção das manifestações corporais das brasileiras, pois estas lhes causavam estranheza diante da liberdade e revelação do corpo, especialmente pelas negras e mulatas. O estranhamento das manifestações corporais das brasileiras por parte dos europeus resultava das diferenças nas relações desiguais de poder entre esses grupos e culturas – os opressores europeus e os oprimidos brasileiros; neste caso, as oprimidas mulheres brasileiras, em sua maioria de origem africana.

O eurocentrismo e o etnocentrismo marcaram o período da história do final do século XIX e início do XX no Brasil e foram motivadores para a discriminação de classes sociais, de raças e etnias e de gênero, além de causarem uma atmosfera extremamente moralista e um discurso médico-higienista<sup>16</sup>.

Após a proclamação da república, não são somente os viajantes relatam a dança e a expressividade do corpo da brasileira de maneira moralizante e excludente, mas agora os relatos são de médicos, de juristas e de outros homens que faziam parte da 'elite' da sociedade brasileira e que discursavam a necessidade da construção de uma nação civilizada, tendo como exemplo a França. As mulheres pertencentes a essa elite social concordavam com esses ideais de sociedade e também foram complacentes com o preconceito e a discriminação dirigidos aos brasileiros de classes sociais mais baixas, em especial dos descendentes de etnias africanas, entre os quais as mulheres, maioria escravas ou descendentes de escravas, e suas expressões corporais, vestimentas, danças, etc.

A dança, as festas e o corpo das mulheres eram as representações de imagens denotativas de lascívia, imoralidade e grosseria. A dança era considerada

---

<sup>16</sup> Higienismo: base da doutrina médica. Conjunto de prescrições que orientavam e ordenavam a vida social em vários aspectos: na cidade, no trabalho, no comércio de alimentos, em casa, na família e nos corpos. Os parâmetros médico-sanitaristas normatizavam os costumes e hábitos cotidianos, inclusive com relação à sexualidade e aos prazeres permitidos e proibidos. Teoria predominante e orientadora dos discursos médicos no final do século XIX e início do século XX.

obscena, pois incitava experiências relacionadas à sexualidade, e esta, à falta de civilidade (SOIHET, 2003).

Para Bakhtin, citado por Soihet (2003, p. 179), “[...] o uso pelos populares do corpo se apresentava como um centro de resistência e de crítica dos significados oficiais”. Até a década de 1960 predominavam preconceitos e intolerância com relação às danças e festas populares, como o carnaval, por exemplo. Entretanto, a utilização do corpo como foco para a resistência dos significados oficiais contribuiu para a tomada de consciência das mulheres de uma vertente fundamental para o exercício de sua autonomia.

Gabrielle Houbre (2003) nos lembra que o discurso médico-higienista da elite política e econômica do Brasil, nesse período da história, fundamentava-se nas ideias dos enciclopedistas e, como mencionamos anteriormente, nas ideias dos iluministas. A ciência médica racional – cartesiana – era pautada na observação da anatomia e fisiologia humana. “Os médicos se afastavam do modelo unissex até então prevalente, que considerava o corpo feminino uma variante inferiorizada do masculino e aderem às diferenças dos sexos” (LAQUEUR, 1992 apud HOUBRE, 2003, p. 94).

Matos (2003) averiguou os discursos médicos-higienistas e sanitaristas e as representações do feminino e do masculino formuladas no período de 1890 a 1930. Este momento foi de ascensão da urbanização e ampliação da ação da medicina na capital do Brasil, e esses discursos influenciaram significativamente na elaboração de ideias e ações com vistas à construção da sociedade brasileira e às concepções de corpo, gênero e sexualidade.

Estas marcações sociais – corpo, gênero e sexualidade – foram essenciais para a construção dos conceitos, normas e orientação dos comportamentos no início do século XX, período republicano pautado em ideias liberais. Para Matos (2003), inúmeras são as descrições normativas, reafirmações e definições de funções de papéis e sexualidade de homens e mulheres na sociedade brasileira. A família era vista como fundamento de um projeto normatizador da sociedade urbana,

[...] a emergência do regime republicano, cujo programa, dada a influência da doutrina positivista, concentrou suas atenções no binômio: família/cidade, base da proposta de estruturação do Estado, em que o conceito de pátria se baseava na família (CARVALHO, 1987 apud MATOS, 2003, p. 108).

O olhar médico higiênico-sanitarista juntamente com as políticas de intervenção de um Estado planejador e reformador foram orientações para a produção de saberes enquanto teoria e prática social.

A expressão da Teoria de Pasteur e a idéia de contágio transformaram a visão que se tinha da doença, dos corpos e da higiene: era preciso mudar hábitos e atitudes, de tal modo que o papel do médico tornou-se decisivo na configuração das pautas culturais e normativas (MATOS, 2003, p. 109).

O Positivismo e o Evolucionismo foram as teorias que fundamentaram os meios médicos do final do século XIX e início do século XX, juntamente com as ideias do Iluminismo, do Liberalismo e da República que conjugam o Cientificismo para o controle sobre a vida e a normatização dos corpos de homens e das mulheres, assim como os procedimentos sobre eles, disciplinando a sociedade e ordenando a sexualidade e os prazeres.

A sexualidade era objeto de conhecimento e a necessidade de ações voltadas para a ‘ausência de pulsões’ com restrições dos prazeres sexuais, tanto para as mulheres como para os homens, entretanto para elas as restrições eram muito mais acentuadas. A sexualidade feminina era condicionada ao instinto maternal, equivalendo-se ao instinto sexual do homem (virilidade). Por essa razão, os papéis sociais das mulheres eram: cuidar da saúde e bem-estar da família, e ser dona de casa responsável pela higiene doméstica, como, por exemplo, a limpeza e cuidados com a infância.

A educação feminina era voltada para o aperfeiçoamento físico e moral da mulher; esta, considerada o ‘baluarte da moral da sociedade e educada para ser mãe e esposa (MATOS, 2003). A dignidade feminina desqualificava a mulher que não desejasse ser mãe. Esta mulher – de boa índole – era considerada um “receptáculo da vivência erótica sexual masculina” (p. 117). A mulher de boa índole era considerada sexualmente inocente, e a mulher prostituta, perigosa sexualmente.

Qualquer outra atividade feminina que não fosse a de mãe e esposa, realizada no aconchego do lar, passou a ser entendida como subordinada, acessória e desviante. O trabalho externo feminino provocava indignação aos médicos, revestida, na maioria das vezes, de preocupações morais (MATOS, 2003, p. 112).

No entanto, para Matos (2003), a urbanização do início do século XX no Brasil possibilitou uma nova circularidade da mulher pela cidade e o processo de industrialização sua utilização como mão-de-obra. Neste contexto, novos padrões de comportamentos sociais foram estabelecidos para homens e mulheres, que convergiam o discurso e ação da igreja, do Estado e da medicina.

Os médicos viam a mulher como produto do seu sistema reprodutivo, base de sua função social e de suas características comportamentais: o útero e os ovários determinariam a conduta feminina desde a puberdade até a menopausa, bem como seu comportamento emocional e moral, produzindo um ser incapaz de raciocínios longos, abstrações e atividade intelectual, mais frágil do ponto de vista físico e sedentário por natureza; a combinação desses atributos, aliada à sensibilidade emocional, tornava as mulheres preparadas para a procriação e a criação dos filhos (ROXO, 1928 apud MATOS, 2003, p. 114).

Para o discurso médico, as funções sociais dos gêneros estariam atreladas ao enraizamento da anatomia e da fisiologia do macho e da fêmea. Aos homens as atuações e empoderamento dos e nos espaços públicos e às mulheres a atuação nas esferas privadas.

Fisicamente débeis, sujeitas às limitações da menstruação da gravidez, as mulheres teriam que ser protegidas dos perigos públicos, pois supunha-se que a mulher deveria estar confinada ao espaço privado, em função de suas supostas “características biológicas” (MATOS, 2003, p. 122).

A normatização – perfil ideal feminino e perfil ideal masculino – de um imaginário social urbano em transformação no início do século XX (sociedade moderna e civilizada) foi delineada pelo discurso dualista: ‘coisas de mulher e coisas de homem’ e o binômio proibido-permitido, categorias excludentes, ou seja, desqualificação de uns e supremacia de outros, o que gera a desigualdade social e daí as lutas e movimentos sociais pelas minorias (MATOS, 2003).

A partir da década de 1920 (MATOS, 2003), ocorreram algumas modificações dos discursos médico-higienistas e político-moralistas motivadas pelas ideias da teoria<sup>17</sup> da complementaridade entre os sexos, que provoca

---

<sup>17</sup> A teoria da complementaridade entre os sexos renuncia a falar da superioridade de um sexo em relação ao outro, mas insiste nas diferenças que os distinguem e que atribui a naturezas também diferentes, insistindo em mais uma das visões dualistas em que a metafísica clássica é pródiga: o ser humano feminino teria uma natureza diferente do ser humano masculino. De acordo com os

deslocamentos nos discursos e desvia as ideias de inferioridade feminina para a ideia de complementaridade necessária entre homens e mulheres (MATOS, 2003). As diferenças biológicas e sociais são necessárias e, por isso, complementares. Isso reforça as diferenças entre os sexos nas esferas públicas e privadas, no trabalho e nas atuações sociais. Assim como anteriormente a esta teoria a mulher era considerada inferior, na complementaridade também é perpetuada a submissão e oposição entre homens e mulheres baseadas, além das diferenças anatômicas e biológicas, agora, também, nas diferenças entre os papéis sociais.

Nesse sentido, as representações de gênero são orientadas por uma relação de dominação do homem e exclusão das mulheres; o “processo de construção das representações de gênero regido por uma dinâmica de relações de dominação e exclusão” (MATOS, 2003, p.125). Os discursos que influenciam na constituição das representações sociais sobre gênero passam pelas representações constituídas e constituintes enraizadas e formadas a partir de uma lógica binária, patriarcal e excludente.

Pelas razões apresentadas ao longo deste item – o corpo da mulher – em nosso trabalho, entendemos que não é possível discutir gênero sem levar em conta classe social, raça e etnia (corpo de quem? de quem estamos falando?).

Assume-se que o homem é o indivíduo forte e que com sua agressividade e inteligência impôs o desenvolvimento da civilização urbana, ao passo que a mulher, por sua natureza passiva e fecunda, deve perpetuar essa civilização através da maternidade. Destacando as potencialidades masculinas, o discurso médico legitimava o domínio do homem sobre a mulher (MATOS, 2003, p. 121).

O discurso normativo de submissão da mulher e oposição entre homens e mulheres provocou (e ainda provoca) ao longo de nossa história o reforço por meio de sua repetição e circularidade nos grupos sociais, inclusive nas escolas. As

---

partidários desta teoria, numa visão otimista e algo idílica, as diferenças entre os sexos permitiriam que eles se complementassem reciprocamente e que, nas suas respectivas funções, fossem felizes e realizados. É uma teoria que parece deixar toda a gente satisfeita e que vai ao encontro do senso comum; este apercebe-se de diferenças óbvias nos comportamentos dos dois sexos, mas não se questiona sobre as razões dessas diferenças; confunde costumes e hábitos de conduta com natureza e, com uma tão conveniente confusão, as mais gritantes desigualdades sociais passam a ser muito naturais. Ver: Blog Sexismo e Misoginia. Complementaridade entre os sexos – igualdade na diferença!?, 2009. Disponível em: <http://sexismoemisinia.blogspot.com.br/2009/06/complementaridade-entre-os-sexos.html>. Acesso em: 21 jul. 2014.

relações de poder se mantêm porque tanto os dominadores como os dominados “aceitam” as versões da realidade social que negam a existência de desigualdades, que afirmam ser estas desigualdades resultantes de desgraça pessoal ou da injustiça social. Esta aceitação é construída através dos mecanismos de socialização, da força da ideologia, das crenças religiosas, entre outros. Entretanto, o que defendemos é que a noção e a prática da igualdade de gênero se estabeleçam – inclusive no âmbito escolar – sobre as mais diferentes práticas e esferas sociais.

Concordamos com Biroli<sup>18</sup> (2012), para quem a noção de igualdade remete a uma responsabilidade individual. O que ocorre é um deslocamento da responsabilidade individual para a responsabilidade social. É preciso que seja possível ‘fazer escolhas’ individuais e a responsabilidade sobre essas escolhas, ou seja, a autonomia como possibilidade da escolha individual. Entretanto, o que presenciamos é que os condicionamentos sociais influenciam nas escolhas individuais.

Perguntamos, então: Como as circunstâncias sociais que direcionam os papéis da mulher na sociedade nos mais diferentes âmbitos influenciam em suas escolhas individuais? Como as circunstâncias sociais que direcionam os papéis da mulher na sociedade influencia, por exemplo, a escolha individual e a permanência efetiva em práticas sociais-esportivas como o futebol?

Acreditamos que as escolhas individuais das mulheres e as circunstâncias em que elas ocorrem denunciam as desvantagens cumulativas quando se pensa nas relações de gênero em nossa sociedade. Elegemos, então, **gênero como categoria performática social e de análise política.**

---

<sup>18</sup> Fala da profa. Flávia Biroli (UnB) em Mesa Redonda e Lançamento de Livro: ‘Teorias Políticas e Feminismo’. Promovido pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Projeto “Interconexões entre gênero, raça e geração” e Grupo de Estudos em teoria política da Universidade Estadual de Londrina – UEL, 21 ago. 2012.

### **3. TRILHAS METODOLÓGICAS: o processo representacional e sua aplicação e as etapas da análise do conteúdo**

Nesta seção, apresentaremos a fase de descrição (primeira fase) e a de codificação e inferência (fase intermediária) da Análise dos Conteúdos (AC) representacionais dos estudantes de ensino médio sobre a prática do futebol por mulheres. Além disso, descreveremos as informações relacionadas aos procedimentos de seleção e de coleta de dados referentes ao local e ao universo da pesquisa de campo sobre as representações dos estudantes de ensino médio sobre a prática do futebol por mulheres.

O futebol integra a cultura nacional brasileira. Para Hall (2005), cultura nacional é um discurso, um modo de construir sentidos que influencia e organiza as ações e a concepção que temos de nós mesmos. A cultura nacional é produtora de sentidos sobre a nação, portanto produz identidades. Então, o futebol, ao integrar a nossa cultura nacional, faz parte da identidade brasileira.

As representações aglutinam a identidade, a cultura e a história de um grupo de pessoas. Elas se inscrevem nas memórias sociais e nas narrativas e modelam os sentimentos de pertença que reafirmam a membros individuais sua inserção em um espaço humano. Não há processo de conhecimento que não projete a identidade e os projetos do sujeito do saber; esta é uma dimensão psicossocial central dos contextos do saber (JOVCHELOVICH, 2008, p. 175).

O futebol é uma prática social generificada e um espaço generificador (GOELLNER; VOTRE; MOURÃO; FIGUEIRA, 2011), ou seja, o espaço em que “se produzem e reproduzem representações de feminilidade e masculinidade [...] em torno dessas representações, ocorrem gestos de protagonismo e travam-se embates por significações, reconhecimento e visibilidade” (p. 19). Com o objetivo de compreendermos e apresentarmos os sentidos e os significados da prática do futebol no Brasil e sua generificação – em específico o futebol praticado por mulheres –, articulamos este tema à Teoria das Representações Sociais.

As representações sociais constituem uma espécie de fotossíntese cognitiva: metabolizam a luz que o mundo joga sobre nós sob a forma de novidades que nos iluminam (ou ofuscam) transformando-a em energia. Esta se incorpora ao nosso pensar/perceber este mundo, e a devolvemos a ele como entendimento, mas também

como juízos, definições, classificações. Como na planta, esta energia nos colore, nos singulariza diante dos demais. Como na planta, ela significa intensas trocas e mecanismos complexos que, constituindo eles mesmos um ciclo, contribuem para o ciclo da renovação da vida. [...] minha convicção [é] que nesta química reside uma possibilidade de descoberta da pedra filosofal para o trabalho de construção de novas sensibilidades [...]. Ou seja, é nela que residem nossas chances de transformar ou, quando menos, de entender as dificuldades para a transformação do pensamento social (ARRUDA, 2002, p. 138).

A técnica que utilizamos para a coleta dos dados foi a entrevista<sup>19</sup> semiestruturada (Apêndices A e B) e projetiva – esta baseada nas figuras que compõem quatro quadros (I, II, III e IV), conforme apresentados no Apêndice C –, estabelecendo categorias a partir dos discursos manifestos nas falas dos estudantes. Essa técnica deixa evidenciar, entre outras coisas, o conteúdo representacional dos atores sociais (ANADON; MACHADO, 2011), objeto de nosso trabalho.

Para identificarmos os processos formadores das representações sociais dos grupos de estudantes de ensino médio sobre a prática de futebol por mulheres – marcada pelas relações de gênero, corpo e sexualidade –, buscamos respostas às seguintes perguntas: Qual o universo de opiniões ou qual o universo consensual dos grupos de estudantes sobre o objeto de estudo? Qual o universo de opiniões em cada um dos quatro grupos investigados? Quais os temas que compõem esse universo? Esses são os focos das análises de nossa pesquisa. Com a intenção de destacar nossos objetivos no que se refere à abordagem processual que utilizamos em nossa pesquisa, apresentamos os quadros a seguir:

Quadro 1 - O processo representacional

PROCESSO REPRESENTACIONAL			
OBJETIVAÇÃO			ANCORAGEM
1ª ETAPA	2ª ETAPA	3ª ETAPA	
SELEÇÃO	NÚCLEO ESTRUTURANTE	NATURALIZAÇÃO	
UNIVERSOS CONSENSUAIS			

Fonte: autora.

<sup>19</sup> Os roteiros das entrevistas constam nos apêndices A e B no final deste relatório.

Quadro 2 - O processo representacional aplicado neste estudo

APLICAÇÃO DO PROCESSO REPRESENTACIONAL NA TESE			
OBJETIVAÇÃO			ANCORAGEM
SELEÇÃO	NÚCLEO ESTRUTURANTE	NATURALIZAÇÃO	
<p><i>Quais informações são privilegiadas nas respostas dos estudantes de ensino médio participantes desta pesquisa?</i></p>	<p><i>Quais os conceitos/imagens que compõem o NF dos estudantes sobre a prática de futebol por mulheres?</i></p> <p><i>Os conceitos se convertem em quais imagens?</i></p> <p><i>Em que ideias ou palavras essas imagens estão vinculadas?</i></p>	<p><i>Quais elementos do NF que expressam as representações sobre as mulheres que praticam futebol?</i></p> <p><i>Em quais imagens estão associadas e naturalizadas as representações quando os saberes sobre a prática do futebol por mulheres são evocados?</i></p>	<p><i>Em que símbolos ou figuras as mulheres que praticam futebol estão ancoradas?</i></p> <p><i>O que e em que pensam? Do que lembram? Com o que associam? E como agem os jovens de ensino médio ao lidarem com assunto: mulheres que praticam futebol?</i></p>

Fonte: autora

Em síntese, para a identificação dos universos consensuais (senso comum), faz-se necessária a identificação e a compreensão dos processos formadores das representações sociais, ou seja, do processo de objetivação em suas três etapas – construção seletiva; condensação das informações (composição do núcleo figurativo: conteúdos constituídos e processos constituintes); e naturalização. Acreditamos que a metodologia da Análise de Conteúdo proposta por Bardin (2004) possibilita a identificação dos conteúdos e a compreensão dos processos formadores das representações sociais dos estudantes sobre a prática do futebol por mulheres a partir das técnicas empregadas para a coleta de dados em nossa pesquisa, como já apresentamos a entrevista semiestruturada projetiva, pois a análise de conteúdo se constitui em

[...] um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objectivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (BARDIN, 2004, p. 37).

Por meio da AC é possível descobrir, demonstrar e esclarecer os elementos constitutivos do conteúdo e de sua estrutura os quais, inicialmente pelo olhar imediato – mesmo que rico –, não dá conta de todo o produto ou informação que o conteúdo contém e de que, antes de um desvelamento mais minucioso, não se tinha a compreensão. Ao ir além das aparências em busca de novas descobertas, oscila-se entre a subjetividade e a objetividade (BARDIN, 2004). O primeiro traduz a necessidade da superação da incerteza por meio da resposta da seguinte questão: a leitura realizada da mensagem é válida e generalizável? E o segundo objetivo – necessidade de descobrir – vai ao encontro de um enriquecimento da leitura.

O objeto da análise de conteúdo é a linguagem em seu aspecto individual e atual e considera as significações e a distribuição dos conteúdos e, eventualmente, de suas formas (“índices formais e análise de coocorrência”) (BARDIN, 2004, p. 38). Busca realizar “deduções lógicas e justificadas referentes à origem das mensagens tomadas em consideração (o emissor e seu contexto, ou, eventualmente, os efeitos dessas mensagens” (BARDIN, 2004, p. 37).

Conforme Bardin (2004), cabe ao pesquisador criar um jogo de operações analíticas adaptados à natureza do material que ele tem e adaptados às questões que procura responder. O pesquisador trabalha com indícios que são manifestações de fenômenos, dados ou estados das ‘coisas’. Henry e Moscovici (1968<sup>20</sup>), citados por Bardin (2004), definem a análise de conteúdo “como um conjunto díspar de técnicas...” (p. 23) e afirmam, ainda, que “tudo o que é dito ou escrito é susceptível de ser submetido a uma análise de conteúdo”.

Na AC, as informações são analisadas a partir de temas identificados nas unidades de registro das mensagens (UR), presentes nesses estudantes. Após a identificação das UR, extraímos os temas e as categorias de análise por meio de um sistema de classificação. Tal classificação também é parte do processo de

---

<sup>20</sup> P. Henry e S. Moscovici em *Problèmes de l'analyse de contenu*, em *Langage*, Setembro de 1968, n. II. (BARDIN, 2004, p. 23).

codificação presente na análise das RS. A partir de então, estabelecemos os critérios de recorte e análise dos conteúdos e a separação dos aspectos representativos em dois eixos: as modalidades de expressão ligadas que tomam como referência os grupos pesquisados e são as origens das categorias. O segundo eixo tem como referência os conteúdos tratados pelos grupos durante as entrevistas. Este segundo eixo é subdividido em: temas recorrentes e vocabulário expreso.

As categorias estão presentes nas modalidades de expressão do grupo a respeito do objeto de pesquisa, ou seja, a categorização das respostas das entrevistas é uma codificação centrada nos grupos pesquisados. A pergunta que fazemos para categorizar as respostas é: quais os tipos de imagens expressadas pelos grupos sobre o objeto de estudo em questão? Já a identificação dos temas passa por um processo de codificação centrado nos conteúdos (temas) tratados de forma mais frequente e que são pertinentes ao problema em questão. Quais os temas recorrentes nas respostas/falas dos estudantes entrevistados? Como já tratado, além dos temas, o vocabulário dos grupos também foi analisado e levado em consideração no processo de codificação para o estabelecimento das representações sociais. Ou seja, nos modos de representação sobre o objeto em questão com o intuito de nos aproximarmos do sentido dos códigos de linguagem dos fenômenos comunicativos e, conseqüentemente, das representações expressadas pelos conteúdos que constituem os universos consensuais dos grupos de estudantes de ensino médio sobre a prática de futebol por mulheres.

Para melhor identificação e compreensão das relações estabelecidas entre as fases e as etapas da análise de conteúdo, apresentaremos os quadros três e quatro, conforme próximo quadro:

Quadro 3 - As fases e as etapas da análise de conteúdo

ETAPAS E PROCEDIMENTOS DA ANÁLISE DE CONTEÚDO		
ETAPAS:	PRÉ-ANÁLISE LEITURA FLUTUANTE	ANÁLISE DE CONTEÚDOS EXPLORAÇÃO DOS MATERIAIS
PROCEDIMENTOS:	SELEÇÃO DA FONTE ORGANIZAÇÃO EXECUÇÃO TRANSCRIÇÃO	DESCRIÇÃO FRASE INTERMEDIÁRIA INTERPRETAÇÃO

Fonte: autora.

As técnicas de organização e exploração do material deste trabalho baseiam-se na análise temática (portanto transversal), frequencial, lógica dos conteúdos apresentados nas respostas às questões abertas dos estudantes e na análise sequencial que faz parte da AC. A análise temática “recorta o conjunto das entrevistas através de uma grelha de categorias projetada sobre os conteúdos” (BARDIN, 2004, p. 168). Esse tipo de recorte é transversal e considera o conjunto de entrevistas e não o estudo de cada entrevista de forma singular.

Quadro 4 - Fases das análises de conteúdos

FASE DE ANÁLISE DE CONTEÚDO							
DESCRIÇÃO	<ul style="list-style-type: none"> <li>- resumo (conservar o que é pertinente) em cada entrevista;</li> <li>- comparar as entrevistas para encontrar os pontos particulares e os generalizáveis;</li> <li>- isolar o que interessa em cada entrevista (discurso);</li> <li>- encontrar e destacar as diferenças e semelhanças entre os discursos;</li> <li>- postular hipóteses sobre as condições que originaram discursos diferentes nas entrevistas</li> </ul>		RESULTADO				
FASE INTERMEDIÁRIA	INFERÊNCIA	Deduções Lógicas	<table border="1"> <tr> <td>CONTEXTO</td> <td></td> </tr> <tr> <td>TEXTO</td> <td></td> </tr> </table>	CONTEXTO		TEXTO	
	CONTEXTO						
TEXTO							
	CODIFICAÇÃO	<ul style="list-style-type: none"> <li>- <b>Codificação das unidades de registro:</b> seleção e descrição dos índices (unidades)</li> </ul>					

		<p>de registro (UR) – palavras – ou de contexto (UC) – parágrafos).</p> <p>- <b>Organização do Sistema Categorial:</b> modalidades de expressão centradas nos grupos pesquisados e o estabelecimento das <b>categorias de análise</b> por meio das 3 etapas de <b>codificação</b>:</p> <p>1) <b>o recorte</b> (escolha das UR ou UC: identificação dos <b>temas</b> (subcategorias) <b>recorrentes</b> (centrado nos conteúdos das mensagens) e <b>vocabulário</b>). Os temas recorrentes e o vocabulário são centrados nos conteúdos apresentados nas falas dos estudantes.</p> <p>2) <b>enumeração</b> (escolha das regras de contagem); e</p> <p>3) <b>classificação e a agregação</b> (escolha das <u>categorias</u>).</p> <p><i>Quais os tipos de imagens sobre o objeto são expressos pelos grupos? (em que as representações estão ancoradas?)</i></p>	
INTERPRETAÇÃO	<p>- Elaboração das grades de análise</p> <p>- Tratamento dos resultados: relações entre as designações do texto (<b>análise descritiva das variáveis de inferência e das variáveis inferidas</b>)</p>		

Fonte: autora.

Os universos consensuais ou universos de opiniões dos estudantes de ensino médio sobre a prática do futebol por mulheres, ou seja, as objetivações e

ancoragens que compõem as representações sociais daquele grupo estão presentes nas variáveis inferidas do processo inferencial da análise de conteúdo, pois o contexto social, cultural, político, econômico, educacional, quem fala, de onde fala, o que foi falado e, também, o que não foi falado, etc. são localizados em um tempo e espaço definidos, e tudo isso são condições de produção dos saberes que podem ser verificados nos elementos constituintes das mensagens.

A etapa de descrição da AC, referente às entrevistas semiestruturadas, é apresentada em oito quadros construídos sobre o critério da identificação dos assuntos abordados, que aparecem em comum e em diferentes nas questões. Destacamos esses mesmos assuntos e elaboramos os oito quadros compostos por tais questões e os resumos transversais referentes a cada uma dessas questões. Os títulos ou temas referentes a cada um dos quadros são categorias pré-definidas de caráter exploratório (BARDIN, 2004).

Em cada um dos quadros, além das questões, apresentamos os resumos – construídos transversalmente – das respostas dos estudantes para cada uma das questões feitas durante as entrevistas e, também, os pontos particulares e generalizáveis que identificamos nesses textos dos estudantes.

Procedimentos metodológicos similares aos utilizados nas entrevistas semiestruturadas foram considerados para as entrevistas projetivas em seus seis quadros figurativos utilizados como referência para as perguntas que fizemos aos estudantes participantes de nossa pesquisa. Mais adiante, apresentamos a organização e o tratamento dos dados das entrevistas semiestruturadas e, em seguida, os dados das entrevistas projetivas, conforme as etapas metodológicas da AC e da TRS.

### 3.1 DE QUEM SÃO E DE ONDE VÊM ESSAS VOZES?

Os participantes desta pesquisa totalizam 46 estudantes provenientes de doze turmas do ensino médio de uma escola estadual localizada na cidade de Londrina – PR. Dessas 12 turmas, quatro são do 1º ano, cinco turmas de 2º ano e três do 3º ano do ensino médio. Dos 46 estudantes (100% da amostra – homens e mulheres), 31 mulheres (67,3%) e 15 homens (32,7%).

Com os estudantes do 1º ano, foram realizadas dezessete entrevistas, sendo quatro com homens e treze com mulheres. Do 2º ano do ensino médio, vinte

e duas entrevistas foram feitas para nove homens e treze mulheres. E do 3º ano, sete estudantes responderam às perguntas, sendo dois homens e cinco mulheres.

Do total de 31 mulheres participantes (100% das mulheres), dezoito (58%) delas são estudantes que praticam futebol e treze (42%) que não praticam. Dos 15 estudantes homens (100% dos homens), sete deles (46%) praticam futebol e oito (53%) não praticam.

Os 46 estudantes participantes da pesquisa foram divididos em quatro grupos: grupo I (GI) – compreendido pelas dezoito mulheres estudantes que praticam futebol; II (GII) – compreendido pelas treze mulheres estudantes que não praticam futebol; grupo III (GIII) – compreendido pelos sete homens estudantes que praticam futebol; e grupo IV (GIV) – compreendido pelos oito homens estudantes do ensino médio que não praticam futebol. Isso significa um total de 25 estudantes (54,3%) – entre homens e mulheres – praticantes de futebol e 21 estudantes (45,6%) que não praticam futebol.

Para a seleção da escola de ensino médio, levamos em conta os seguintes critérios: o ‘porte’ da escola (quantidade de estudantes matriculados), a região em que é localizada e a grande diversidade das regiões de origem e de grupos sociais dos estudantes que a frequentam. Em síntese, a escola selecionada como lócus para a nossa pesquisa é a instituição de ensino médio com a maior quantidade de estudantes matriculados da cidade de Londrina – PR. Ela está localizada na área central da cidade, no cruzamento de duas das principais avenidas, e atende a um público com perfis bastante diversos.

A quantidade e a diversidade de indivíduos e de grupos foram consideradas os critérios motivadores para a seleção do nosso campo de pesquisa. Já os critérios para a seleção dos estudantes participantes da pesquisa foram: estar matriculado e frequentando uma das doze turmas de ensino médio da escola – amostragem – que constituem o universo de pesquisa; apresentar-se, voluntariamente, como possível colaborador após o convite feito por nós (conforme as condições<sup>21</sup> impostas pela

---

<sup>21</sup> Depois de selecionada a instituição, conversamos pessoalmente com a direção da escola apresentando a proposta do trabalho e os encaminhamentos necessários para a realização da pesquisa. Esta nos atendeu prontamente e nos concedeu o campo para o trabalho, assim como a autorização para entrevistar os estudantes, desde que fosse ao tempo e no espaço das aulas de Educação Física e que os estudantes não precisassem sair da escola. Segundo a direção, a realização das entrevistas durante as aulas de Educação Física – quando realizadas fora da sala de aula – facilitaria o acesso da pesquisadora aos estudantes e não os prejudicariam nas aulas das demais disciplinas. Por essa razão, fomos conversar com os professores de Educação Física explicando o motivo de nossa presença, as intenções do trabalho e solicitando suas colaborações no

direção da escola), com as devidas explicações e o detalhamento do trabalho a ser realizado; e, o como último critério, a devolução do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Anexo A) devidamente preenchido e assinado – pelo próprio estudante com 18 anos de idade completos ou mais ou por um responsável quando menor que 18 anos de idade – dentro do prazo por nós estipulado e conforme o cronograma da pesquisa.

Como critérios de exclusão de estudantes para a composição amostra, adotamos: não estar matriculado em uma das doze turmas que compõem o universo da pesquisa e não ter devolvido o TCLE no prazo estipulado, devidamente preenchido e assinado. Pelas características apresentadas anteriormente sobre a composição da amostragem, esta pesquisa é do tipo estratificada<sup>22</sup>.

Após a autorização e conforme as condições apresentadas pela direção da escola para a realização de nossa pesquisa, entramos em contato com os quatro professores de Educação Física que ministravam aulas para o ensino médio no período matutino. Dos quatro professores, apenas uma não autorizou a realização das entrevistas com os estudantes de suas turmas. Os três professores que concordaram que suas turmas participassem da investigação também preencheram e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)<sup>23</sup>.

A partir de então, demos início ao processo de investigação por meio de entrevistas individualizadas com os estudantes que compunham a amostra de participantes do nosso estudo. Esta etapa – a pesquisa de campo na instituição escolar – durou aproximadamente três meses.

---

que diz respeito à autorização para a retirada de estudantes de suas aulas para que eles pudessem conceder as entrevistas e, também, que nos auxiliassem fazendo a mediação entre nós e os estudantes quando necessários. Embora não seja objeto de nossa pesquisa, a orientação da direção da escola sobre a concessão da coleta somente nas aulas de Educação Física nos sugeriu uma reflexão sobre o que esta disciplina significa para a escola – através do “olhar” da direção – quando comparada às demais. Os estudantes poderiam “perder” conteúdos ou se ausentarem das aulas de Educação Física, mas o mesmo não poderia ocorrer com as outras disciplinas curriculares. Mas isso é assunto de discussão para um outro momento...

<sup>22</sup> A amostragem estratificada é quando a população é heterogênea – doze turmas diferentes de estudantes de ensino médio –, mas é possível identificar grupos homogêneos – mulheres estudantes praticantes de futebol, mulheres estudantes não praticantes de futebol e homens estudantes praticantes ou não de futebol – dentro dessa mesma população e assim dividi-la em diferentes estratos – no caso, quatro grupos –, obtendo uma amostra de 46 estudantes. A amostra por quotas nada mais é que um tipo especial de amostra intencional (MATTAR, 1996). No entanto, na amostragem por quotas, a população deve ser conhecida, pelo menos aproximadamente, de forma que a representatividade de cada grupo de dentro da população seja percebida na amostra.

<sup>23</sup> Plataforma Brasil: **CAAE**: 19590414.2.0000.0104.

Finalizadas as entrevistas em campo, demos início à fase de transcrição das 46 entrevistas até chegarmos à apresentação dos resultados das análises dos conteúdos das mensagens contidas nas falas a partir da leitura flutuante das perguntas e respostas.

Com o objetivo de organizar o material, identificamos oito assuntos tratados nas questões integrantes dos roteiros de entrevistas. Os temas identificados foram: 1) a prática do futebol; 2) gênero, preconceito e discriminação na prática do futebol; 3) os incentivos e as motivações para a prática do futebol; 4) a prática do futebol, gênero e corpo; 5) a prática do futebol, gênero e a sexualidade; 6) prática do futebol, o corpo e a sexualidade; 7) A prática do futebol na sociedade brasileira; 8) As relações de gênero, corpo, sexualidade e prática do futebol por mulheres na escola.

Finalizada a pré-análise, iniciamos a etapa da **análise** em suas três fases: a **descritiva**; a fase intermediária, denominada de **inferência**; e a terceira, a fase de **interpretação**. Iniciamos a etapa de descrição dos textos elaborando **resumos transversais** em texto único e individualizado das respostas dos estudantes referente às respostas dada a cada uma das questões dirigidas a cada estudante dos quatro grupos que compõem a amostra desta pesquisa (GI, GII, GIII e GIV). Identificamos, então, os **temas** destacados nas falas e os **pontos relevantes** das respostas referentes a cada uma das questões, tomando como critério os oito temas identificados durante a leitura, flutuantes e que já apresentamos anteriormente.

Antes do início da etapa de inferência, elencamos os **pontos particulares e generalizáveis** das respostas dos estudantes a partir dos objetivos e das problematizações de nossa pesquisa. A finalidade da identificação dos pontos particulares e generalizáveis nas falas dos estudantes foi para que, através deles, pudéssemos **selecionar e descrever os índices** e, posteriormente, organizar o **sistema categorial**.

A codificação e a organização do sistema de categorias presentes nos textos foram realizadas conforme orientações propostas por Bardin (2004) e Moscovici (2012), somadas a elas algumas particularidades da pesquisa que ora apresentamos, tomando como referência o nosso objeto e problemática de estudo e os temas relevantes às nossas discussões e reflexões.

O sistema categorial utilizado na AC prioriza, obviamente, a criação de categorias relacionadas ao objeto de pesquisa. As categorias são responsáveis pela identificação das questões relevantes contidas nos textos conteúdos das

mensagens. A partir das categorias nos foi possível, por meio de inferências, **identificar e analisar as representações sociais** desses estudantes.

Recorremos a Minayo (1998) para definir categoria, por sua vez classificadas em analíticas e empíricas.

As primeiras são aquelas que retêm historicamente as relações sociais fundamentais e podem ser consideradas balizas para o conhecimento do objeto nos seus aspectos gerais. Elas mesmas comportam vários graus de abstração, generalização e de aproximação. As segundas são aquelas construídas com finalidade operacional, visando ao trabalho de campo (a fase empírica) ou a partir do trabalho de campo. Elas têm a propriedade de conseguir apreender as determinações e as especificidades que se expressam na realidade empírica (MINAYO, 1998, p. 94).

As categorias analíticas presentes em nossa pesquisa são aquelas que apresentam relações sociais historicamente construídas sobre as questões de gênero presentes em nossa sociedade, assim como os temas ou subcategorias elencados a partir do objeto de nosso estudo, das reflexões propostas e das problemáticas destacadas no trabalho ora apresentado. As categorias analíticas das entrevistas semiestruturadas em nossa pesquisa são: posicionamentos e atitudes sobre a prática do futebol; estereótipos; afetividade e objetivos relacionados ao futebol; reconhecimento e valorização sobre a prática do futebol; e a prática do futebol e a sexualidade. Já as categorias analíticas das entrevistas projetivas são: posicionamentos e atitudes frente à prática do futebol e estereótipos. Tais categorias nos servirão às reflexões conceituais em nossas análises.

As categorias empíricas têm uma finalidade operacional na pesquisa e são construídas a partir da codificação ou delimitação de índices identificados nas mensagens (falas) coletadas durante as entrevistas realizadas com os estudantes do ensino médio.

Apresentamos a seguir os procedimentos para a seleção e organização das categorias empíricas presentes em nossa pesquisa. De acordo com Bardin (2004) são três as etapas para a organização de categorias de análise: o recorte; a enumeração; e, a terceira e última etapa, a classificação ou agregação das categorias. O recorte delimita os índices ou a codificação, denominados de unidades de registro (UR) ou as unidades de conteúdo (UC) na Análise de Conteúdo.

As UR são constituídas de palavras e as UC de frases, e, conforme também Moscovici (2012), a codificação acontece por meio de temas recorrentes centrados nos conteúdos tratados nas mensagens e no vocabulário expresso nelas presente.

Os índices presentes nos textos referentes às entrevistas com os estudantes foram selecionados e descritos por agregação dos pontos particulares e generalizáveis identificados anteriormente. Da agregação, iniciamos a etapa de **codificação** através da enumeração e classificação das unidades de registro UR (temas) através do que Bardin (2004) denomina de processo de diferenciação (inventário).

A seleção e descrição dos índices (por diferenciação/inventário), assim como **a primeira etapa da codificação** (o **recorte** das UR), fizemos por meio da identificação dos temas recorrentes e pelo vocabulário expresso nas falas dos entrevistados, agregando, enumerando e classificando as unidades de registro por diferenciação (inventário) em cada um dos quadro grupo de estudantes (GI, GII, GIII e GIV) referentes às entrevistas semiestruturadas e referentes à questão relacionada à entrevista projetiva (quadros I, II, III e IV).

Após o recorte, iniciamos a **etapa de enumeração** das URs. Primeiramente, identificamos e agregamos as URs das entrevistas semiestruturadas e para a projetiva com sentidos semelhantes ou iguais presentes em diferentes trechos e assuntos abordados durante as entrevistas com os estudantes. Após essa agregação de URs (temas), iniciamos **enumeração por meio de contagem simples** (quantidade de ocorrências de uma mesma URs (tema) nas falas dos estudantes). A contagem da frequência depende da identificação da quantidade de vezes que as UR aparecem nas mensagens.

Destacamos que, em nossa pesquisa, a enumeração das UR foi realizada por frequência quanto à codificação das mensagens presentes nas respostas dos estudantes durante as **entrevistas**. A escolha desse processo se deve à natureza dos dados coletados e ao método transversal utilizado na fase de descrição das mensagens.

Para Bardin (2004), a importância assumida por uma unidade de registro depende diretamente de alguns critérios, entre os quais, da quantidade de vezes em que tal unidade aparece nos textos. Realizamos as contagens de aparição das URs por meio de frequência simples.

[...] a aparição de um item de sentido ou de expressão será tanto mais significativo – em relação ao que procura atingir na descrição ou na interpretação da realidade visada – quanto mais esta frequência se repetir. A regularidade quantitativa de aparição, é portanto, aquilo que se considera como significativa [a isto Bardin denomina **frequência simples**]. Isto supõe que todos os itens tenham o mesmo valor, o que nem sempre acontece (BARDIN, 2004, p. 190). (grifo nosso).

A presença e a ausência de URs são significativas, pois essa comparação funciona como indicador para as análises dos conteúdos. A ausência de uma UR no conteúdo analisado constitui-se uma variável, e, por isso, é necessário que seja considerada pelo pesquisador ou analista de conteúdos.

### 3.2. ISSO É 'COISA' DE MENINA... OS MENINOS SÃO FORTES, POR ISSO NÃO CHORAM... OU SENTE COMO MENINA! E FALE COMO HOMEM!

No quadro abaixo (quadro 5), resumimos a frequência das UR/temas/modalidades de expressão de representações sociais dos estudantes de ensino médio ao serem questionados sobre a prática do futebol por mulheres e as relações dessa prática com gênero, corpo e sexualidade. Isso nos parece bastante importante em nossa pesquisa, pois indica quais os temas são recorrentes e como eles aparecem, assim como podemos identificar como os temas são objetivados e onde são ancorados. Os dados estão organizados em sentido decrescente, de forma que o tema mais verbalizado corresponde ao item 1, enquanto os menos verbalizados correspondem ao item 14.

Quadro 5 - Ordem de frequência das URs manifestas pelos grupos de estudantes – GI, GII, GIII e GIV

Ordem de Ocorrência das URs	Unidades de Registro nos Grupos I, II, III e IV
1	Práticas sociais normatizadas relacionadas a binarização do gênero masculino e feminino
2	Preconceitos, estranhamento e atitudes discriminatórias
3	Estereótipos masculino (agressividade) e feminino (delicadeza e fragilidade)
3	Habilidades, competências e capacidades físicas, técnicas e psicológicas necessárias à prática do futebol

4	A sexualidade é influenciada pela prática do futebol e a influencia
5	Reconhecimento e valorização do futebol masculino na escola, na família e na sociedade em geral
6	Os homens são modelos e os parâmetros para a prática do futebol no Brasil
7	Falta de incentivo, de reconhecimento e a desvalorização na escola, nas famílias e na sociedade em geral das mulheres que praticam futebol
8	Influência da mídia
9	A estética e a linguagem corporal frente ao futebol
9	Valores e atitudes afirmativas relacionados à prática do futebol
9	Visibilidade e <i>status</i> social no futebol
10	A escola e suas ações frente à diversidade e às minorias sociais
10	Tecnologias de gênero: a vestimenta e os adereços relacionados aos praticantes de futebol
11	A prática do futebol por mulheres enquanto brincadeira é mais aceita socialmente
11	Reconhecimento e valorização das mulheres que praticam futebol
11	Relações sociais e afetivas e a prática do futebol
12	A sexualidade em nada influencia a prática do futebol, nem é influenciada por ela
12	A sexualidade, necessariamente, não é influenciada pela prática do futebol, nem a influencia
12	Pertencimento ao grupo e objetivos em comum das praticantes do futebol
13	Emoções e sentimentos positivos (afetividade)
13	Falta de interesse e de presença das mulheres na prática do futebol
13	O jogo de futebol não agrada
13	Preconceito velado na sociedade a respeito da diversidade
13	Reconhecimento e valorização do futebol feminino na sociedade em geral em comparação à família e à escola
13	Vergonha e submissão feminina na prática do futebol
14	Emoções e sentimentos negativos (afetividade)
14	Prática do futebol por obrigação enquanto atividade escolar (avaliação)

Fonte: a autora

Práticas sociais normatizadas relacionadas à binarização do gênero masculino e feminino foram a UR ou tema com maior quantidade de verbalizações por parte dos estudantes de ensino médio participantes de nossa pesquisa durante as entrevistas semiestruturadas. Para a maioria dos estudantes entrevistados, os gêneros apresentam uma condição prescritiva e binária em que devem ser cumpridos certos papéis e as atividades sociais atribuídas às pessoas, tendo como fundamento o pertencimento ao sexo (masculino ou feminino) das pessoas. Como exemplo, destacamos algumas das falas apresentadas a seguir:

*‘A maioria fala que não é coisa pra menina, que pra quê uma menina vai ficar correndo atrás de bola, ta perdendo tempo... estranham bastante. Sempre têm aqueles mais preconceituosos’ ‘Quando a gente vai jogar, eles falam que é mulher, então é pra pegar mais leve... que mulher não sabe jogar, que é fraca, essas coisas... que futebol não é lugar pra mulher. Todo mundo tem aquela teoria de que mulher é sexo frágil, delicada e não pode praticar esporte... sempre que as meninas jogam, têm algumas brincadeiras do tipo: ‘perna de pau’, ‘isso não é pra menina’, ‘sai daí’, etc. Acham que você não tem competência para dar ‘conta do recado’. Os meninos começam a vaiar e gritavam que futebol não era para menina, só pra moleque e que eles têm que ficar com a quadra’ ‘Meu pai não deixou mais eu jogar [...] diz que é só pra meninos [...]’ (GI).*

*‘Eles [os meninos] falam que é pra gente jogar vôlei, que vôlei é pra menina [...]’ ‘Na escola são separadas as meninas dos meninos porque eles não querem nenhuma menina no time, porque na cabeça deles meninas não jogam futebol. Quando as meninas jogam, eles ‘zoam’. Negócio de menina é só limpar a casa, arrumar a casa e casar.’ (GII).*

*‘Até eu mesma acho que futebol é para menino’. (GII).*

*‘Hoje em dia a mulher exerce várias atividades que sempre foram consideradas atividades de homem, mas sempre tem preconceito e discriminação. [...] De forma geral, os homens não aceitam muito mulheres que jogam futebol, mas até que agora eles estão respeitando mais as meninas. Aos poucos estão diminuindo os preconceitos’. (GIII)*

*‘Já ouvi alguns homens falarem que isso não é esporte pra mulher, que é para elas saírem que não sabem jogar, diminuindo a capacidade da mulher para jogar. Eles falam que elas são ruins, que são burras, essas coisas’ (GIV).*

Essas representações verbalizadas pelos estudantes são coincidentes com os resultados dos estudos de Ferretti e Knijnik (2007), segundo os quais, o preconceito direcionado à mulher no esporte está relacionado aos preconceitos mais amplos relativos à sexualidade e gênero de homens e mulheres. As mulheres

passaram e continuam a passar por situações discriminatórias em que a prática de futebol pode ser considerada mais uma delas. Consideramos importante destacar a forma como os autores explicam esse processo:

Nas sociedades contemporâneas, nas quais o esporte se transformou num fenômeno midiático com um valor absoluto e quase onipresente em nossas vidas, ele é um dos palcos nos quais se desenrola uma grande parte das definições sobre o que é ser homem ou ser mulher – isto é, o esporte é uma das instituições sociais em que, inclusive por sua corporeidade, se manifestam as ideologias sobre o masculino e o feminino que estão em permanente tensão (FERRETTI e KNIJNIK, 2007, p.58).

As falas da maioria dos estudantes nos levam a inferir também, em concordância com estudos também realizados em nosso país, como o de França (2014) também realizada na região noroeste do Paraná, embora com docentes, que as representações de homem e de mulher continuam fortemente relacionadas às atribuições e papéis sociais fundados no patriarcalismo, higienismo e eugenismo.

Voltando a verificação da ordem de importância das UR pudemos verificar que o segundo tema mais verbalizado foi “preconceitos, estranhamento e atitudes discriminatórias em relação aos gêneros”. Acreditamos que essa UR se deve como consequência direta do tema mais abordado, pois se os indivíduos não se ‘enquadram’ nas atividades e papéis sociais ‘naturalmente’ atribuídos e eles, causa um estranhamento, que gera preconceitos e culmina em atitudes discriminatórias. Novamente, essa representação de gênero é compatível com os resultados de estudos recentes como o de França (2014). Esse estranhamento e algumas ideias preconceituosas podem ser destacadas das falas dos estudantes conforme apresentamos nos trechos abaixo:

*‘Há muito preconceito e xingamento de sapatona, Maria-macho e muita desvalorização. Mais preconceito das outras meninas [que não jogam] do que dos meninos, principalmente fora da escola. Elas ficam discriminando pq vc joga... só porque joga acha que tem mais alguma coisa... daí elas não conversam mais com vc... acham que é lésbica, essas coisas’ (G1).*

*‘Tem muitas meninas que jogam, mas elas têm vergonha de falar que jogam bola. Acho que por causa do preconceito, pra ninguém chamar de sapatona... essas coisas. Acho que algumas [meninas] têm vergonha de jogar, porque os outros ficam*

*olhando, às vezes xingam, eles gritam ‘ah!! Maria Sapatão!!’ Eu já sofri bastante preconceito, eles sempre falavam ‘ah!! lá vêm as Maria-chuteira!!’ E davam na canela de propósito quando a gente jogava junto, eles não gostavam. Batem pra machucar, pra mostrar que não é coisa pra menina. Tenho vontade de participar de uma equipe, mas tem muito preconceito, ficam chamando de sapatona, essas coisas, a gente joga bem e elas xingam as meninas mesmo e os meninos também. Mas não sei porque eles xingam’ (GI).*

*‘Existe muito preconceito, as mulheres são discriminadas. Isso é machismo. Algumas meninas se importam muito com que as outras pessoas pensam. Até sentem vontade, mas, por certo comentário que alguém fez, elas ficam com medo de serem discriminadas e acabam não jogando. São poucas as meninas que têm a coragem e acaba não tendo mulheres o suficiente. Pode ser a melhor jogadora que tem no time só que as vezes quando vem alguém assistir, acaba mudando o foco com vergonha do que pode fazer’ (GII).*

*‘O preconceito é dos dois: dos meninos e das meninas. Também elas mesmas têm preconceito. Elas falam: ‘Pra que eu vou jogar futebol? Futebol é ‘coisa de moleque’. Toda vez que uma mulher vai jogar, todo mundo leva na brincadeira. Acho que é igual em todos os esportes: quando mulher joga, ninguém leva a sério. As mulheres não têm o mesmo nível de jogo dos homens, então eles ficam brincando na hora de jogar com as meninas. Mas, quando não tem time, a gente até convida aquelas que jogam para completar time’ (GIII).*

*‘A maioria não tem mais preconceito. É tranquilo não só no futebol, mas em vários aspectos. Acho que, onde tenha espaço, a mulher tem que entrar mesmo e conquistar seu espaço’ (GIV).*

*‘Já presenciei algumas situações preconceituosas. O preconceito começa pela família e está ligado à sexualidade. A família tem medo de que a menina que joga futebol seja homossexual porque as que são mais masculinizadas são lésbicas, sapatão’ (GIV).*

*‘Mesmo que tenha um monte de mulher que joga, seleção feminina, ainda tem bastante preconceito. Já escutei bastantes coisas que discriminam, principalmente dos meninos, diz que é brincando, mas... toda brincadeira tem um fundo de verdade.*

*Às vezes, o pessoal não deixa as mulheres porque elas podem se machucar, é frágil, é mulher... e não pode jogar bola. Ou é frágil e não pode jogar, ou é sapatão... de qualquer forma sobra pra elas' (GIV).*

*'Os meninos que não gostam de jogar futebol também sofrem preconceito quando eu dizia que iria jogar vôlei, tinha uma zoação, chamam de veado, sempre têm aquelas piadinhas... mas nunca me importei não' (GIV).*

*'As meninas são mais preconceituosas que os meninos com aquelas que jogam futebol, os meninos gostam que elas jogam com eles, mas as próprias meninas não'. (GIV).*

Em terceiro lugar, e em igual quantidade de citações, as URs “estereótipos masculino (agressividade) e feminino (delicadeza e fragilidade)” e “habilidades, competências e capacidades físicas, técnicas e psicológicas necessárias à prática do futebol” reiteram o binarismo de gênero. Mais uma vez, do ponto de vista quantitativo, evidencia o quanto as representações de gênero estão relacionadas à prática de futebol. Alguns exemplos dessas marcações simbólicas de agressividade e virilidade ligadas ao sexo masculino e à imagem da fragilidade e da sensibilidade vinculada ao sexo feminino destacamos nas verbalizações dos estudantes trazidas a seguir:

*'A pessoa que joga deixa de ser fresca, de se preocupar com pouca coisa e os valores são diferentes. Elas lutam pelo que importa mesmo, são mais corajosas e extrovertidas, se posicionam mais, têm menos medo, gostam mais de ter amizades com meninos que com as meninas. Os assuntos de meninas são fúteis, e eu sou feminina também' (GI).*

*'Me sinto diferente, sim [...] As que jogam são mais despojadas, mais corajosas e não ligam para coisinhas do tipo 'vou ficar suada', 'vai quebrar minha unha', essas frescuras... as meninas que jogam são menos frescas pra umas coisas bobas...' Musculosa. Forte. Melhor condição física. Mais encorpada. Voz grossa. Cabelo grande e amarrado. Panturrilha grande e coxas musculosas' (GI).*

*‘É tudo igual. Uma pessoa normal que nem eu. Não tem uma coisa muito diferente das mulheres que não jogam. Já vi menina de todo tipo e que joga futebol. Não vejo como machonas, como a maioria vê’ (GII).*

*‘Dependendo do que eu faço, o corpo vai mudar. Se eu lutar boxe, meu braço vai ficar forte, meu corpo vai mudar, então a mudança e as diferenças vão das atividades que as pessoas fazem e que o pessoal produz. Depende da prática. Cada um escolhe o que fazer, e isso provoca uma mudança em você’ (GII).*

*‘São diferentes. Com um jeito mais diferente que uma mulher normal. As que jogam são mais fortes, mais dispostas em fazer as coisas, são mais corajosas. As que jogam futebol vão pra cima’ (GII).*

*‘Não é muito feminina, igual a uma empresária, uma modelo... elas são mais relaxadonas, até fazem cabelo, unha... mas, na hora de se ‘portar’, não são muito femininas. As que não jogam são mais delicadas. As mulheres que jogam não têm vergonha de assumir que jogam futebol, e a maioria tem vergonha porque o futebol sempre foi mais para o lado dos homens e muitas mulheres têm vergonha. As que jogam estão sempre de bom humor, são mais extrovertidas [...] quem não joga é mais ‘fresca’, tem medo de barata. Elas têm menos medo’. (GII)*

*‘Tem diferenças sim. As que jogam são mais [masculinas] tipo... porque elas convivem mais com meninos, porque não tem como uma menina que joga futebol jogar só com meninas. O estilo de andar e o modo de conversar são bastante diferentes. As meninas, por conviver bastante com moleques, ficam mais malandras. Eu não gosto desse físico mais forte das meninas que jogam futebol, gosto mais delicadinha. O jeito de vestir também é diferente, calça jeans. As que não jogam se vestem diferente. As meninas que jogam são mais mente aberta, e dá pra conversar sobre tudo com elas. Mas elas saem só com as amigas delas, não interagem com as outras meninas que não jogam. São mais fechadas, as brincadeiras são diferentes’ (GIII).*

*‘Não tem diferença, pra mim é mulher do mesmo jeito. A única diferença é que as que jogam treinam e as que não jogam não treinam, então o condicionamento físico é diferente’. (GIII)*

*‘Tem diferença. As meninas que não jogam são mais ‘nojentinhas’ do que as que jogam. As mulheres que jogam futebol conversam mais com homens do que com mulheres, porque as mulheres que não jogam não gostam muito de futebol, e os homens, sim. Têm algumas que se vestem diferente, elas se caracterizam mais como ‘boleiras’, falam como boleiras... assim como os meninos que jogam, mas têm outras jogam e são arrumadinhas’ (GIV).*

Da binarização de gênero derivam marcações objetivas e subjetivas na constituição das masculinidades e feminilidades, o que justifica comportamentos e atitudes, jeitos de ser, de estar e de se relacionar. Essas marcações originam estereótipos dos indivíduos conforme sua atuação e suas atividades e escolhas pessoais e sociais.

Já as URs relacionadas às ‘habilidades, competências e capacidades físicas, técnicas e psicológicas’ – que também aparecem como o terceiro tema mais citado – estão diretamente relacionadas aos estereótipos percebidos, imaginados como necessários àqueles que praticam futebol. Essas representações do futebol praticado por mulheres e suas relações com gênero e sexualidade são novamente convergentes com os estudos anteriores já citados. Podemos identificar as representações sobre esses temas nas seguintes falas que destacamos:

*‘Quando a gente vai jogar, eles falam que é mulher, então é pra pegar mais leve... que mulher não sabe jogar, que é fraca, essas coisas... sempre que as meninas jogam, têm algumas brincadeiras do tipo: ‘perna de pau’, ‘isso não é pra menina’, ‘sai daí’, etc. Achem que você não tem competência para dar ‘conta do recado’. Os meninos começam a vaiar e gritavam que futebol não era para menina, só pra moleque e que eles têm que ficar com a quadra’ (GI)*

*‘Falam que as meninas não sabem jogar, que elas não jogam. É pra homem, que não é coisa de mulher e que a gente não sabe jogar. Eles são muito brutos. Falam que mulher não nasceu pra isso, que as meninas não têm capacidade, que tem frescura, que a gente é burra’ (GII)*

*‘Os meninos são melhores, eles têm mais hábitos e habilidade porque jogam mais. Se elas jogassem a mesma quantidade elas teriam a mesma habilidade’ (GII).*

*‘No futebol, os homens jogam muito mais e têm mais oportunidades e motivações, com isso acabam tendo mais condições, desenvolvendo mais habilidades. Os homens chegam mais firmes. No futebol feminino, já não é tanta agressividade. Apesar de hoje em dia muitas mulheres jogarem melhor que os homens, a parte emocional das mulheres também pode ser igual ou até melhor que a dos homens’.* (GIII).

*‘É tudo igual. As condições são as mesmas. Já a motivação e a oportunidade são diferentes’.* (GIII).

*‘Acho que têm as mesmas condições, é uma questão de treino’* (GIV).

O tema (UR) que aborda a sexualidade atrelada à prática do futebol por mulheres aparece na quarta posição na ordem de ocorrência nas falas dos estudantes de ensino médio entrevistados. Essa unidade de registro é a uma das que mais aparece enquanto justificção para as ideias de preconceito que encaminham as ações discriminatórias, a começar pela própria família das meninas que mostram interesse na prática do futebol. Entretanto, é o tema que mais demonstra que há uma preocupação por parte dos entrevistados em desvincular uma prática social a um rótulo previamente determinado.

Parece-nos que há um incômodo dos estudantes sobre uma vinculação arbitrária e visões socialmente deterministas de práticas e papéis sociais com estereótipos de gênero e sexualidade; embora essa relação apareça em suas falas, há um esforço bastante grande para afastar essa relação quase ‘causal’, nesse caso em particular, de que as mulheres que praticam futebol são, em sua maioria, homossexuais, por conta de essa modalidade esportiva ser considerada uma atividade masculina. Como exemplo, trazemos algumas falas dos estudantes entrevistados a seguir:

*‘Há influência da prática porque o futebol é tipo ‘bem homem’, a convivência com bastante moleque [também influencia] porque não tem menina que joga futebol, daí a gente vai jogar com os meninos e a gente fica com aquele lado de menino. As mulheres que são homossexuais buscam mais saber sobre futebol e jogar igual aos homens para poder se parecer mais com um homem, mas não só porque joga. Vai de cada um, mas acho que facilita a orientação sexual porque acaba jogando mais*

*com moleques do que com as meninas, e isso acaba influenciando. A maioria das vezes sim'. (G1)*

*'Não é porque joga futebol que é homossexual, mas as meninas que jogam e são homossexuais jogam melhor das mulheres que jogam e não são, acho que é porque elas treinam desde pequenininhas' (G1).*

*'São as pessoas que relacionam a prática do futebol com a homossexualidade. Criou-se uma imagem de mulher que joga é Maria-homem, mas não tem uma relação... não é porque joga futebol que é lésbica, e todo mundo fala que lésbica dá mais certo com futebol, mas não tem nada a ver. Uma coisa é uma coisa; outra coisa é outra coisa. O preconceito vem dessa relação. As lésbicas jogam melhor porque elas treinam mais, porque elas não têm medo de levar bolada, mas é mais treino. Todo mundo tem liberdade pra jogar o que gosta, e isso não tem nada a ver. A sexualidade é independente do jogo. Tem bastante homossexual no futebol feminino, mas não tem uma relação direta. Algumas são homossexuais, mas em qualquer lugar tem. Não é só porque joga futebol que é 'macho'. Isso daí é uma escolha sua. Se você tiver que nascer com talento, você nasce. Se você tiver que nascer homossexual, você nasce. As mulheres homo ou bissexuais não jogam futebol melhor que as heterossexuais necessariamente e não é porque não são heterossexuais que vão jogar futebol. O preconceito é por conta disso, mas não tem influência direta' (G1).*

*'Isso é uma coisa da vida da pessoa. Pode ser bem mulher e jogar futebol. Não é porque ela joga futebol que ela é homossexual. Não tem influência direta. Mas as meninas que são homossexuais se dão melhor no futebol que as que não são, acho que porque elas querem ser homens, querem jogar bola, daí isso incentiva elas a treinarem mais, e elas jogam melhor. Mas não é porque elas jogam que elas são homossexuais, é porque elas são homossexuais que têm mais habilidade com o futebol, porque é masculino. Elas não são homossexuais porque jogam futebol, elas jogam futebol, justamente porque são mais masculinizadas, elas correm mais, são mais fortes, essas coisas. Normalmente as lésbicas têm imagem de homem e se comportam como homem, se dedicam mais, como são homossexuais elas querem ser um homem, então elas se dedicam para serem iguais aos homens, por isso acabam jogando melhor. Mas não é porque uma menina joga que ela será*

homossexual. Elas têm força como homem e parecem homem jogando... se bem que têm algumas que jogam bem, e não são sapatão. Eu mesmo, se for jogar com uma sapatão, ela vai fazer uns 5 gols em mim. Acho que nunca vi um 'veado' jogando futebol, tem muito preconceito, até mesmo dos meninos, quando um não gosta de futebol é 'veadinho'. Eu conheço gente que joga futebol e que gosta de homem, mas a maioria que joga é sapatão, mas elas são educadas, tudo de boa. Mas não tem uma relação direta jogar futebol com a sexualidade. Isso é da pessoa. Não é só porque uma menina joga é que ela é homem ou que gosta de mulher... mas a maioria do preconceito o pessoal já relaciona assim... só porque joga futebol é sapatão ou mulher macho, ou qualquer coisa nesse sentido. Se uma menina vai ser lésbica, não é necessariamente por causa do futebol; jogar é uma coisa, e a sexualidade é outra. Jogar futebol não influencia na sexualidade, mas a maioria das mulheres que jogam é' (GII).

'Não tem relação, mas tem preconceito e discriminação pra quem opta por ser gay ou lésbica, mas não tem nada a ver com a prática do futebol; mas o que todo mundo vê é isso: todo mundo acha que quem joga é lésbica, e as que são têm mais habilidade que aquelas que não são. Não sei dizer o porquê, mas que elas são mais habilidosas são, até o chute; as que são homossexuais jogam bem melhor do que as que não são. Elas têm mais facilidade pra jogar futebol, acho que por causa do estilo de homem facilita mais. O jeito de andar, de cortar o cabelo, faz até um 'moicaninho', fica parecendo homem. Como é coisa de moleque, as mulheres que são homossexuais se aproximam de esportes masculinos. Elas vão acabar procurando **fazer coisas que são de moleques**. E se for homem homossexual, ele vai jogar vôlei que é uma coisa mais feminina' (GIII).

'Isso acontece. Mas não acho que tem relação nenhuma. Algumas são, sim, lésbicas, mas por escolha delas e não pela prática do futebol. Poderiam jogar vôlei e ser. O futebol é um esporte como os outros, **mas não sei... talvez pelo convívio das meninas** pode ter alguma relação assim... se **ela jogar desde pequenininha, isso pode influenciar na sexualidade dela** porque não vai ter a mesma cultura das meninas que não jogam, que não fazem esporte e que não fazem nada, mas eu acho que não. Ela vai conviver com aquele grupo que pratica esporte e ela não vai

conviver com as **meninas normais**. Daí pode influenciar na sexualidade. Mas, **no meu pensamento, não tem nada a ver**' (GIII).

'Não existe essa relação necessariamente. O futebol começou com os homens, mas as mulheres podem entrar e jogar sem ter nenhuma relação com a sexualidade. Muitas meninas que jogam são lésbicas, mas muitas não são. Não tem uma relação direta, isso é mais preconceito. Aqui teve olimpíadas, e eu assisti, e a única coisa que vi é que no time das meninas só tinham lésbicas... o time inteiro, daí ficou uma conversa toda... o jogo que eu assisti elas ganharam não por conta de ser lésbicas, mas elas jogaram melhor. Não, acho que não tem relação direta com a sexualidade... não tem influência jogar futebol com ser lésbica. Têm casos e casos. Mas a sociedade ainda relaciona muito isso. Se jogar futebol é lésbica, Maria-macho... e homens também. Aqueles que não jogam também dizem que são gays... a sociedade foi construída assim, mas depende muito da pessoa. Mas o fato é que as meninas que são homossexuais, quando jogam, jogam bem melhor que aquelas que são heteros' (GIV).

'Na minha opinião, **a maioria das meninas que jogam é homossexual**. Até na televisão dá pra perceber, mas já vi casos e conheço algumas que jogam e que têm namorado, são heterossexuais e gostam muito de jogar futebol, mas a maioria ainda é homossexual, porque esse esporte sempre foi mais direcionado aos homens, então as homossexuais acham que também são capazes. A sexualidade influencia na habilidade, na força e no jeito. As mais femininas não têm habilidade e não vão suar. Já as meninas homossexuais não ligam se suam, se o cabelo desmancha, se vai ter que dividir uma bola' (GIV).

Consideramos essas informações provocadoras e positivas por suas manifestações ambivalentes entre os posicionamentos dos estudantes. Isso indica que vêm ocorrendo algumas mudanças nos saberes, no modo de pensar e nas ações sobre temas que ainda aparecem embebidos em ideias preconceituosas e ações discriminatórias, como é o caso de mulheres no futebol na sociedade brasileira. A prática, o reconhecimento e a valorização das mulheres que praticam futebol estão sofrendo desequilíbrios, e o mesmo ocorre no ordenamento social, cultural e historicamente constituído no Brasil, até então, sobre esse tema. Pudemos

conferir alguns indicativos dessas transformações em algumas das falas dos estudantes apresentadas anteriormente.

Quadro 6 - Análise sobre as ausências e presenças de URs nos grupos GI, GII, GIII e GIV – entrevistas semiestruturadas

<b>Ausências de URs - GI, GII, GIII e GIV</b>	
<b>GI</b>	
<b>UR</b>	<p>A sexualidade não tem, necessariamente, relação com a prática do futebol.</p> <p>Emoções e sentimentos negativos (afetividade).</p> <p>Vergonha e submissão feminina na prática do futebol.</p> <p>O jogo de futebol não agrada.</p> <p>Relações sociais e afetivas com praticantes de futebol.</p> <p>Prática do futebol por obrigação enquanto atividade escolar (avaliação).</p>
<p>As ausências das URs destacadas ao lado no GI indicam que, para as mulheres que praticam futebol, a sexualidade não tem uma relação direta com a prática dessa modalidade esportiva. Essa ausência se justifica pelo fato de que são as próprias praticantes do futebol que respondem a essa questão e não veem como uma relação necessária. Essas mesmas jovens não apresentam emoções ou sentimentos negativos, caso contrário elas não praticariam futebol; sendo assim, a prática do futebol agrada, e não fazem isso por obrigação, pois estabelecem uma relação positiva com a atividade. Não sentem vergonha ou submissão por participarem de uma atividade em que elas mesmas afirmam uma hegemonia masculina e que sofrem preconceito.</p>	
<b>GII</b>	
<b>UR</b> <b>GII</b>	<p>Reconhecimento e valorização das mulheres que praticam futebol.</p> <p>Reconhecimento e valorização do futebol feminino na sociedade em geral em comparação com a família e a escola.</p> <p>Objetivos em comum.</p> <p>Preconceito velado originário dos discursos a respeito da diversidade na sociedade.</p> <p>Emoções e sentimentos positivos (afetividade).</p> <p>Emoções e sentimentos negativos (afetividade).</p> <p>Pertencimento ao grupo.</p>
<p>No grupo II (mulheres que não praticam futebol), não aparece a UR relativa ao</p>	

<p>reconhecimento e valorização. Acreditamos que essa ausência ocorre justamente pelo fato de que elas não praticam futebol e, sendo assim, não se interessam por essa prática. Não mencionam valorização nem no futebol praticado por mulheres e evidenciam um distanciamento pelo assunto 'futebol'; dessa maneira, não expressam, em particular, sentimentos nem positivos, tampouco negativos. As ausências das URs: objetivos em comum e pertencimento ao grupo são justificadas, também, pelo distanciamento desse grupo com relação à prática do futebol.</p>	
<b>GIII</b>	
<b>UR</b>	<p>Reconhecimento e valorização das mulheres que praticam futebol.</p> <p>Reconhecimento e valorização do futebol feminino na sociedade em geral em comparação à família e à escola.</p> <p>A sexualidade não tem, necessariamente, relação com a prática do futebol.</p> <p>Falta de interesse e de presença das mulheres na prática do futebol.</p> <p>O jogo de futebol não agrada.</p> <p>Emoções e sentimentos negativos (afetividade).</p> <p>Prática do futebol por obrigação enquanto atividade escolar (avaliação).</p>
<p>No grupo dos jovens estudantes que praticam futebol, a ausência das URs destacadas ao lado se justificam pelo sentido e pelo significado que o futebol tem para esses rapazes. Entretanto, não mencionam um reconhecimento das mulheres que praticam futebol. Isso indica um distanciamento 'natural' das mulheres no mundo do futebol. Para eles, a sexualidade independe da prática do futebol, ficando evidente, pelas suas falas, que a sexualidade é um marcador que é bastante considerado, principalmente relacionado às mulheres que praticam futebol. É pela condição de praticantes do futebol e da relação emocional que eles têm com essa modalidade as demais URs: falta de interesse e de presença das mulheres na prática do futebol; o jogo de futebol não agrada; emoções e sentimentos negativos (afetividade); e a prática do futebol por obrigação enquanto atividade escolar (avaliação) não aparecem em suas falas.</p>	
<b>GIV</b>	
<b>UR</b>	<p>Valores e atitudes afirmativas.</p> <p>Reconhecimento e valorização do futebol feminino na sociedade em geral em comparação com a família e a escola.</p> <p>Objetivos em comum.</p> <p>Preconceito velado originário dos discursos a respeito da diversidade na sociedade.</p> <p>A sexualidade em nada se relaciona com a prática do futebol.</p>

	<p>Falta de interesse e de presença das mulheres na prática do futebol.</p> <p>Vergonha e submissão feminina na prática do futebol.</p> <p>A prática do futebol por mulheres enquanto brincadeira é mais aceita socialmente.</p> <p>Emoções e sentimentos positivos (afetividade).</p> <p>Prática do futebol por obrigação enquanto atividade escolar (avaliação).</p>
<p>No grupo IV (homens que não praticam futebol), não aparece a UR relativa ao reconhecimento e valorização. Acreditamos que essa ausência ocorre justamente pelo fato de que eles não praticam futebol e, sendo assim, não se interessam por temas que são incomuns no cotidiano e na grande circulação de informações (mídia, por exemplo), como é o caso de mulheres no mundo do futebol. Entretanto, em suas falas, afirmam que há prestígio e muita valorização do futebol masculino em nossa sociedade. Para o grupo III, não há objetivos em comum com os demais indivíduos do grupo porque eles não participam dos grupos que jogam futebol. A mesma justificativa parece esclarecer a ausência das URs: falta de interesse e de presença das mulheres na prática do futebol; vergonha e submissão feminina na prática do futebol; a prática do futebol por mulheres enquanto brincadeira é mais aceita socialmente; e emoções e sentimentos positivos (afetividade). Para esse grupo, a sexualidade relacionada à prática ou não do futebol acaba sendo um marcador que posiciona os indivíduos socialmente no que diz respeito à constituição, principalmente, da masculinidade por sentirem, eles próprios, preconceitos por não gostarem ou não praticarem o futebol. Acabam sendo discriminados por meio do estereótipo de que todo homem joga futebol. Não mencionam a prática do futebol nem por obrigação como atividade escolar.</p>	
<p><b>PRESENÇA de UR no GIV</b></p>	
<p><b>UR</b></p>	<p>Emoções e sentimentos negativos (afetividade).</p>
<p>Destacamos que as emoções e sentimentos negativos com relação à prática do futebol aparecem somente no GIV (homens que não praticam futebol). Acreditamos que essa ausência de uma relação afetiva positiva é consequência de uma 'pressão' social que sofrem do meio, no sentido de serem cobrados, enquanto homens, pelo gosto relacionado a essa modalidade. É também justificável pelo preconceito que sofrem ao terem sua sexualidade e sua masculinidade postas em dúvida e assim se sentirem marginalizados por uma maioria (é 'natural' que todo homem goste de futebol e o pratique).</p>	

Fonte: a autora

Quadro 7 - Ordem de frequência das URs manifestas pelos grupos de estudantes nas entrevistas projetivas – quadros I, II, III e IV

Unidades de Registro	
Grupos GI, GII, GIII e GIV – Quadros I, II, III e IV	
1	Estereótipos masculino (agressividade) e feminino (delicadeza e fragilidade).
2	A sexualidade é influenciada pela prática do futebol e a influencia.
3	Preconceitos, estranhamento e atitudes discriminatórias.
3	Práticas sociais normatizadas relacionadas à binarização do gênero masculino e feminino.
4	Capacidades físicas, a estética e a linguagem corporal relacionadas ao futebol.
5	Tecnologias de gênero: a vestimenta e os adereços relacionados aos praticantes de futebol.

As três primeiras URs citadas com maior frequência nas entrevistas projetivas (figuras de mulheres – quadros I, II, III e IV) foram: estereótipos masculino (agressividade) e feminino (delicadeza e fragilidade); a sexualidade é influenciada pela prática do futebol e a influencia; preconceitos, estranhamento e atitudes discriminatórias; práticas sociais normatizadas relacionadas à binarização do gênero masculino e feminino.

Os dados mostram que essas quatro URs mais citadas pelos estudantes dos quatro grupos são as mesmas mais citadas nas entrevistas semiestruturadas. Inferimos, desses dados, que as representações sociais dos estudantes entrevistados sobre as mulheres que jogam futebol são predominantemente ancoradas no binarismo de gênero e sexualidade diretamente relacionados a poder ou não jogar futebol.

Nossas análises indicam que a sucessão de aparição das demais URs e sua ordem de importância parecem derivar dessas primeiras URs. Ou seja, inferimos que as URs/temas/modalidades de representações estão articuladas e derivam uma das outras, como mostraram as primeiras entre si e conforme indica a literatura sobre processos de constituição de representações sociais (MOSCOVICI, 2009).

Assim, iniciaremos a **fase de interpretação dos significados e das características do texto** (BARDIN, 2004) a partir dos conteúdos descritos nos Apêndices D, E, F, G e H referentes a cada uma das dimensões de análise das entrevistas semiestruturadas. Vale lembrar que agregamos a estes cinco quadros as

Unidades de Contexto<sup>24</sup> (UC) para maior detalhamento dos conteúdos destacados das falas dos estudantes de ensino médio entrevistados. Fizemos o mesmo procedimento com relação às entrevistas projetivas: quadros I, II, III e IV, entretanto, após a análise das respostas dos estudantes (justificativas de escolhas das imagens), identificamos que apenas uma dimensão (A mulher e o futebol) agrega os sentidos e os significados nos textos e nos contextos apresentados no Apêndice I deste trabalho.

As grades de análise, bem como a interpretação e o tratamento dos resultados que compõem a terceira etapa da Análise de Conteúdos proposta por Bardin (2004) estão apresentados na próxima seção.

---

<sup>24</sup> Unidades de Contexto (UC) – mostra o contexto de onde cada unidade de registro (UR) provém. Obriga-nos a retornar ao conteúdo – resumos transversais (Apêndice D – em CD) – para podermos explorar de forma mais completa o significado de cada UR ou modalidade de expressão das representações sociais.

#### 4. FUTEBOL É ‘COISA’ DE MULHER?

Nesta seção, apresentamos a fase de interpretação dos significados das características dos textos e análise dos conteúdos representacionais dos estudantes de ensino médio sobre a prática do futebol por mulheres. A forma representacional se expressa nos conteúdos das falas dos estudantes entrevistados em determinado contexto desta produção. De acordo com Bardin (2004), para a análise dos conteúdos, no sistema categorial, destacam-se as variáveis de inferência (empíricas e relativas às condições de produção) que conferem o grau de estranheza e/ou de conflito (dimensões: política, psicológica, social e cultural) e, também, as variáveis inferidas (produção dos textos; elementos presentes nas mensagens). Já apresentamos toda a construção do sistema categorial de nossa pesquisa na seção três deste trabalho.

Como já destacamos anteriormente, nossa análise é essencialmente temática. “O tema é uma unidade de registro” (BARDIN, 2004, p.105). Para esta autora, o tema é uma unidade de sentido que se liberta naturalmente de um texto. Da agregação das unidades de registro (UR) resultaram os temas e **dimensões de análise**. Os temas são identificados através de recortes semânticos, ou seja, obedecem aos critérios ou às regras de sentido das mensagens conforme os objetos de estudo e as questões relevantes e relacionadas a tais objetos. O recorte semântico depende da descoberta dos núcleos de sentido ou mensagens significativas presentes no texto.

##### 4.1 ORGANIZAÇÃO DO SISTEMA DE CATEGORIZAÇÃO DA ANÁLISE DE CONTEÚDO

Após a identificação dos temas (UR), delimitamos as categorias de análise. As categorias são classes que reúnem um grupo de elementos de significação, um grupo de unidades de registro. No caso de nossa pesquisa, por se tratar de uma análise temática, reunimos os elementos significativos que constituem os temas e elencamos as categorias empíricas. Lembramos que as categorias se apresentam em dois tipos: as categorias analíticas, que emergem do próprio objeto de estudo e dos objetivos e problemática apresentados e são base para a reflexão e para a

análise dos conteúdos; e as categorias empíricas, as quais se originam dos textos apresentados nas entrevistas.

Além das categorias – analíticas e empíricas –, apresentamos as variáveis que constituem o processo dedutivo ou inferencial da análise de conteúdo, a saber: as variáveis de inferência e as variáveis inferidas. Essas variáveis são essenciais para as análises dos conteúdos e o tratamento dos resultados na busca pela identificação das representações sociais e dos processos que as constituem.

As categorias empíricas emergem da organização e análise das URs identificadas agrupadas em temas e anteriormente apresentadas nos quadros de frequência de ocorrência e grau de importância analisados anteriormente (Quadros 5 e 6). As dimensões de análise foram identificadas ao procurarmos um contexto em que se encontram as categorias empíricas e as URs (temas ou modalidades de expressão das representações sociais) que conferem sentido e significados aos temas que emergem das falas dos estudantes diante do nosso objeto de estudo e dos objetivos de nossa pesquisa.

A seguir, destacamos os **quadros categoriais** (quadro 8 e 9) que orientam fundamentalmente as análises das entrevistas semiestruturadas (quadro 8) e para a análise das entrevistas projetivas, o quadro 9. O sistema de categorias que apresentamos nesses quadros é o fundamento para toda nossa análise dos conteúdos das entrevistas em sua fase de inferência e a organização da fase de interpretação dos significados das características dos textos presentes nas falas dos estudantes de ensino médio sobre as mulheres que praticam futebol em nossa sociedade.

Como pode ser identificado no quadro 8, das entrevistas semiestruturadas, identificamos cinco dimensões de análise: I) Gênero, preconceito e discriminação na sociedade brasileira; II) A prática do futebol, gênero, corpo, sexualidade; III) Sentidos e significados da prática do futebol; IV) Valores sociais, incentivos e motivações para a prática do futebol; V) A prática do futebol e a sexualidade. De cada uma das dimensões, emergiu uma categoria analítica, são elas: a) posicionamentos e atitudes sobre a prática do futebol; b) estereótipos; c) afetividade e objetivos relacionados ao futebol; d) reconhecimento e valorização sobre a prática do futebol; e) a prática do futebol e a sexualidade.

A partir de então, agrupamos as URs (temas/categorias empíricas) em conformidade com a categoria analítica e a dimensão de pertencimento deste tema,

chegando a um total de 25 (vinte e cinco) URs/temas/modalidades de expressão das RS com sentidos em comum, e identificamos as dimensões de análise em que essas categorias (analíticas e empíricas) e as URs a elas agregados se situavam. Através dessas categorias empíricas, analisaremos os conteúdos das falas dos estudantes de ensino médio na busca pelo conteúdo representacional, dos processos constituintes e, por conseguinte, do núcleo figurativo sobre as mulheres que praticam futebol.

Quadro 8 - Dimensões e Categorias de Análise dos Conteúdos – entrevistas semiestruturadas

Dimensões de Análise		I. Gênero, preconceito e discriminação na sociedade brasileira	II. A prática do futebol, gênero, corpo, sexualidade	III. Sentidos e significados da prática do futebol	IV. Valores sociais, incentivos e motivações para a prática do futebol	V. Gênero, práticas corporais e sexualidade
		A) Posicionamentos e atitudes sobre a prática do futebol	B) Estereótipos	C) Afetividade e objetivos relacionados ao futebol	D) Reconhecimento e valorização sobre a prática do futebol	E) A prática do futebol e a sexualidade
<b>Categorias Empíricas Variáveis de inferência</b>						
Unidades de Registro	Temas / Modalidades de Expressão das Rep. Sociais	A1) Preconceitos, estranhamento e atitudes discriminatórias	B1) Práticas sociais normatizadas relacionadas à binarização do gênero masculino e feminino	C1) Vergonha e submissão feminina na prática do futebol	D1) Falta de incentivo, de reconhecimento e a desvalorização na escola, nas famílias e na sociedade em geral das mulheres que praticam futebol	E1) A sexualidade é influenciada pela prática do futebol e a influencia
		A2) Falta de incentivo, falta de reconhecimento e desvalorização das mulheres que praticam	B2) Estereótipos masculino (agressividade) e feminino (delicadeza e	C2) Pertencimento ao grupo e objetivos em comum das praticantes do	D2) Visibilidade e <i>status</i> social no futebol	E2) A sexualidade em nada influencia a prática do futebol ou é influenciada por

	futebol na escola, nas famílias e na sociedade em geral	fragilidade)	futebol		ela
	A3) A prática do futebol por mulheres enquanto brincadeira é mais aceita socialmente	B3) Os homens são modelos e parâmetros para a prática do futebol no Brasil	C3) Valores, atitudes afirmativas e emoções positivas relacionadas à prática do futebol	D3) Reconhecimento e valorização do futebol masculino na escola, na família e na sociedade em geral	E3) A sexualidade, necessariamente, não é influenciada pela prática do futebol e nem a influencia
	A4) Prática do futebol por obrigação enquanto atividade curricular	B4) Habilidades, competências e capacidades físicas, técnicas e psicológicas necessárias à prática do futebol	C4) Valores, emoções e sentimentos negativos relacionados à prática do futebol	D4) Reconhecimento e valorização do futebol praticado por mulheres na escola, na família e na sociedade em geral	
	A5) Preconceito velado a respeito da diversidade e das minorias sociais	B5) Tecnologias de gênero: a estética e a linguagem corporal relacionadas ao futebol	C5) Falta de interesse e de presença das mulheres na prática do futebol	D5) Influência da mídia	
	A6) As escolas frente à diversidade e às minorias sociais				
	A7) Relações sociais e afetivas e a prática do futebol				

Fonte: a autora

A seguir, o quadro 9 refere-se à entrevista projetiva. Nele apresentamos duas dimensões de análise: **I) Gênero, preconceito e discriminação na sociedade brasileira; II) A prática do futebol, gênero, corpo, sexualidade.** De cada uma das dimensões, emergiu uma categoria analítica, são elas: a) posicionamentos e atitudes sobre a prática do futebol; b) estereótipos. A partir de então, agrupamos as URs

(temas/categorias empíricas) em conformidade com a categoria analítica e a dimensão de pertencimento deste tema, chegando a um total de 5 (cinco) URs/temas/modalidades de expressão das RS com sentidos em comum.

Quadro 9 - Dimensões e Categorias de Análise dos Conteúdos – entrevista projetiva: quadros I, II, III e IV

<b>Dimensões de Análise</b>		<b>I. Gênero, preconceito e discriminação na sociedade brasileira</b>	<b>II. A prática do futebol, gênero, corpo, sexualidade</b>
<b>Categorias Empíricas Variáveis de inferência</b>			
<b>A) Posicionamentos e atitudes frente à prática do futebol</b>		<b>B) Estereótipos</b>	
<b>Unidades de Registro</b>	<b>Temas / Modalidades de Expressão das Rep. Sociais</b>	A1) Preconceitos, estranhamento e atitudes discriminatórias	B1) Práticas sociais normatizadas relacionadas à binarização do gênero masculino e feminino B2) Estereótipos masculino (agressividade) e feminino (delicadeza e fragilidade) B3) Os homens são modelos e os parâmetros para a prática do futebol no Brasil B4) Tecnologias de gênero: a estética e a linguagem corporal relacionadas ao futebol

Fonte: a autora

Através das categorias empíricas apresentadas no quadro 9, analisaremos as figuras/imagens e as falas utilizadas como justificativas para a indicação (ou não) das figuras/imagens de mulheres escolhidas (ou não) pelos estudantes.

#### 4.1.1 Sobre a dimensão I – gênero, preconceito e discriminação sobre prática de futebol por mulheres

Para que as análises dos conteúdos pudessem ser classificadas na **dimensão I – gênero, preconceito e discriminação sobre a prática do futebol por mulheres na sociedade brasileira**, consideramos as categorias empíricas como orientação. Lembramos que as categorias empíricas (A1, A2, A3, A4, A5 e A6) se originam das falas dos estudantes que foram entrevistados.

Nossas análises indicam que as atitudes e posicionamentos sobre essa dimensão convergem nos quatro grupos entrevistados. Isso pode ser identificado nas falas destacadas na categoria **‘preconceitos, estranhamento e atitudes discriminatórias frente à prática do futebol por mulheres’**, que indicam a representação de futebol feminino atrelado a preconceitos e discriminações hegemônicos, embora destaquemos que existam apontamentos para transformações no campo das atitudes discriminatórias. Algumas podem exemplificar essas ideias, entre as quais:

*‘Há muito preconceito e xingamento de sapatona, Maria-macho. Mais preconceito das outras meninas. Elas ficam discriminando pq, se vc joga, acham que tem mais alguma coisa, acham que é lésbica [...] A sociedade ainda é machista (mulher não pode fazer as mesmas coisas que os homens)... os homens são mais preconceituosos que as mulheres. [...] Aqui na escola ainda tem preconceito, mas já melhorou bastante’ (GI).*

*‘Existe muito preconceito. As mulheres são discriminadas. Isso é machismo. Na escola, não tem preconceito. O maior preconceito é falar que o futebol é esporte de macho. O preconceito tem relação com a sexualidade: menina jogar futebol e já pensou que fosse lésbica. Acho que é uma coisa cultural mesmo’ (GII).*

*‘Aos poucos estão diminuindo os preconceitos. Aqui no colégio não tem preconceito nenhum. Acho uma coisa interessante e diferente porque a maioria das mulheres gosta de jogar vôlei e caminhar; quando uma mulher joga futebol chama a atenção’ (GIII).*

*‘Já presenciei algumas situações preconceituosas. Mesmo que tenha um monte de mulher que joga, seleção feminina, ainda tem bastante preconceito. Já escutei bastantes coisas que discriminam’ (GIV).*

Pudemos notar, também, que os estudantes denunciam que ideias preconceituosas ainda estão presentes em nossa sociedade, entretanto já há um distanciamento da maneira de pensar e agir de algumas gerações anteriores a eles. Isso indica um ‘descolamento’ das práticas sociais previamente vinculadas aos gêneros masculino e feminino. Ao menos, podemos notar que, embora exista um longo caminho a percorrermos do ponto de vista educacional e cultural, os estudantes demonstram um esforço com vistas à superação e à transformação desse cenário sexista e discriminatório.

Para as meninas que praticam futebol (GI), aquelas que não praticam (GII) aparentam ter mais preconceitos e atitudes discriminatórias com relação a elas do que os homens. O preconceito e a discriminação aparecem muito quando se relaciona a prática do futebol com a sexualidade das praticantes.

*‘Há muito preconceito e xingamento de sapatona, Maria-macho. Mais preconceito das outras meninas [daquelas que não praticam futebol]. Elas ficam discriminando pq, se vc joga, acham que tem mais alguma coisa. Acham que é lésbica’ (GI).*

Palavras como ‘Maria-homem’, ‘sapatão’, ‘mulher-macho’ e ‘lésbica’ aparecem frequentemente na fala dos estudantes como forma de discriminação das mulheres que jogam futebol. Citam família como a origem do pensamento e das atitudes preconceituosas.

Com resultados similares, Neves (2008) apresentou o resultado de uma pesquisa realizada junto às estudantes alunas da 8ª série de uma escola pública, na qual foi identificada que a maior influência pela aproximação ou rejeição de meninas sobre os esportes é a família ou os grupos próximos. O incentivo (ou não) desde a infância tem uma influência significativa na prática de atividades físicas. A autora identificou em famílias que não haviam tido filhos (meninos) o incentivo da prática pelas meninas era maior.

Além da violência verbal, a violência física também foi citada. Os meninos batem para machucar quando jogam com as meninas, para mostrarem que ‘isso não é coisa de mulher’. Algumas falas que nos chamaram a atenção foram aquelas que anunciam que o preconceito maior e a discriminação com as mulheres que jogam futebol são das próprias mulheres, inclusive uma forma de discriminação é que meninas que não jogam evitam ter amizades com as que praticam, com ‘medo de elas darem em cima delas’. É uma forma de exclusão social.

*‘Eu acho que são mais as mulheres preconceituosas que os homens. Eles [os meninos] torcem mais pelas mulheres do que as próprias mulheres. Elas acham que mulher que joga é sapatão. Eu tenho muita amiga assim, e elas me respeitam... não é porque você tem amizade com uma menina que é assim que ela não vai te respeitar, e tem muita menina que evita ter amizade com elas e com meninas que jogam futebol porque elas acham que pode ser sapatão e vai dar ‘em cima’ de você’.* (GII)

*‘As meninas são mais preconceituosas que os meninos com relação àquelas que jogam futebol, os meninos gostam que elas jogam com eles, mas as próprias meninas não’.* (GIV).

Por outro lado, uma forma de discriminação que parece ocorrer bastante comumente está diretamente relacionada à falta de habilidades das mulheres, e isso motiva piadas por parte, predominantemente, dos homens, principalmente dos que jogam futebol. Podemos verificar esse tipo de atitudes nas denunciadas falas a seguir:

*‘Na escola escuto que elas são todas ruins, que não deveriam estar ali, que mulher não sabe jogar. Os meninos falam isso, eles se acham melhores e querem mostrar como jogam. [...]’* (GII).

Nas falas do GIII, pudemos verificar a discriminação na maneira de os meninos entrevistados identificarem de forma diferenciada as ‘meninas normais’ e ‘meninas que jogam futebol’. A mulher que joga futebol não é ‘normal’. Os homens

não aceitam muito bem as mulheres que jogam futebol, embora possam achar interessantes.

*‘De forma geral, os homens não aceitam muito mulheres que jogam futebol, mas até que agora eles estão respeitando mais as meninas. Acho uma coisa interessante e diferente porque a maioria das mulheres gosta de jogar vôlei e caminhar; quando uma mulher joga futebol chama a atenção’ (GIII).*

Esses resultados também convergem com os resultados de estudos anteriores, como os de Souza e Knijnik (2007), que identificaram que, no imaginário social coletivo, as conquistas esportivas estão comumente associadas à velocidade, força e resistência; flexibilidade, equilíbrio e graça, ficam em segundo plano. O esporte assim definido favorece aos homens e colabora para a construção social da hegemonia masculina. Alguns estudantes ainda afirmam que já presenciaram atitudes preconceituosas e discriminatórias e que elas não se limitam às mulheres que jogam, mas também aos meninos que não gostam de futebol (aparece a denúncia de suas situações).

Os estudantes de ensino médio participantes de nossa pesquisa afirmaram em suas falas que o futebol é identificado como uma prática masculina. Sendo assim, as mulheres que praticam futebol são vinculadas a uma imagem masculinizada. Da mesma forma, Goellner (2010) afirma, a partir de seus estudos, que todo esporte é identificado como uma prática viril; quando as meninas apresentam um perfil de habilidade e comportamento mais agressivo para o jogo, muitas vezes, sua feminilidade é colocada em suspeição. Da mesma forma, quando o menino que não se adapta ao esporte, sobretudo às práticas coletivas, também se coloca em dúvida a sua masculinidade.

Com relação à categoria **‘incentivos e motivações para a prática do futebol por mulheres na escola, nas famílias e na sociedade em geral’**, os quatro grupos de estudantes destacam que o incentivo e as motivações não são as mesmas para meninas e meninos praticarem o futebol tanto na escola como fora dela. Citam como exemplos os projetos de ensino ou de extensão relacionados ao futebol direcionados somente aos meninos. Fora da escola, as escolinhas, clubes e equipes futebol destinados às mulheres são em número ínfimo. A falta de incentivo começa na família, inclusive com relatos de ‘proibição’ de jogar futebol. O principal

motivo atribuído às diferenças nas motivações e incentivos está relacionado à distribuição de papéis e atividades considerados masculinos e femininos na sociedade e ao estereótipo associado ao futebol feminino no imaginário social.

*‘Meu pai não deixou mais eu jogar, ele é contra as meninas que jogam, ele não deixa, fala que não é para menina e diz que é só pra meninos porque é... eu sempre falava que ia fazer trabalho no colégio para eu poder jogar. Meus tios e o resto da família falavam que não era coisa de menina, essas coisas... todo mundo fala que mulher que joga é homossexual. O professor não incentiva também. Tem projeto de futebol [na escola] para os meninos e as meninas ficam meio de lado’ (GI).*

*‘Fora da escola, os meninos são muito mais incentivados para serem jogadores de futebol. Eles têm mais oportunidades, como lugares (clubes) para jogar. Na família, o pai não vai incentivar as meninas a jogarem futebol, eles têm medo de elas se tornarem lésbicas, ficarem masculinizadas e de serem sapatão. Eu mesmo não iria motivar uma filha minha a jogar futebol, não por conta da sexualidade, mas não iria falar pra ela jogar. Quando elas querem jogar desde pequena, as mães não deixam porque pensam que a menina quer ser homem, daí já compram um monte de bonecas, levam pra escola de balé, e tudo mais, então futebol pra garota não. Acho que é um pouco de machismo’ (GII).*

*‘As motivações são diferentes, os meninos têm mais privilégios. Até os pais mesmo não concordam de as meninas jogarem, ficam até com receio... às vezes, também com medo de a menina ficar masculinizada. O incentivo também não é o mesmo, é mais fácil para os meninos por causa da cultura do futebol no Brasil. Nunca vi uma escola de futsal para as meninas’ (GIII).*

*‘Falta motivação da família, têm pais que nem aceitam que as meninas joguem; escolinhas de futebol e futsal também é bem difícil ter... as oportunidades e motivações são bem maiores para os meninos. Desde cedo, os meninos são incentivados e são motivados. A falta de incentivo da família é o medo de a menina virar ‘maria-homem’, acho que é isso: já começa pelos pais e ta ligado à sexualidade. As oportunidades pra elas jogarem aqui no colégio são as mesmas, elas não jogam porque elas não querem. A motivação é vôlei para as meninas e futebol para os meninos [...]’ (GIV).*

Encontramos, no estudo publicado por Souza Jr. e Darido (2002), considerações que explicam, em parte, esses resultados. O discurso preconceituoso e estereotipado, justificado e baseado em argumentos de caráter biológico, cultural e psicológico, foi predominante no século XX. Tal discurso atrapalha, ainda, a expansão da prática do futebol feminino no Brasil. Na escola, o futebol sempre foi reconhecido como um conteúdo – muitas vezes exclusivo – das aulas de Educação Física para os meninos; às meninas, jogos e brincadeiras infantis e entre as modalidades esportivas podia-se encontrar o voleibol, o basquetebol e o handebol. Encontramos essa mesma situação em nossa pesquisa quando analisamos os relatos dos estudantes entrevistados sobre o espaço, o tempo, as atividades e as motivações direcionadas aos homens e às mulheres com relação à prática do futebol na escola.

*‘Só quando o prof. Interfere é que as meninas podem jogar, mas a motivação por parte dos profs. não é a mesma. Eles [os profs] não chamam a gente pra jogar’ (GII).*

*‘As oportunidades não são as mesmas, o futebol no Brasil ainda tem a maioria masculina, então as oportunidades são maiores para os homens. Aqui no colégio os meninos são mais favorecidos, eles têm mais oportunidades e dominam o território; de um modo geral, elas jogam futebol, são bem participativas, mas os meninos têm muito mais oportunidades. Os professores de EF incentivam mais os meninos a jogarem e as meninas, agora, deixam mais à vontade... tipo... aula livre. Elas têm motivação somente quando tem campeonato na escola’ (GIV).*

*‘A motivação é vôlei para as meninas e futebol para os meninos; eu mesmo sofro bastante preconceito porque eu gosto de jogar vôlei e, quando vou jogar futebol, nenhum time de menino me escolhe’ (GIV).*

Entretanto, encontramos algumas respostas que destoam da maioria. Alguns estudantes relataram que na escola o incentivo é o mesmo, e as meninas não jogam porque não querem. Essas afirmações são contraditórias com a maioria descrita e que também experienciamos na realidade escolar. Podemos identificar essas afirmações nas seguintes falas:

*‘As condições são as mesmas. Já a motivação e a oportunidade são diferentes. As meninas não mostram interesse. Aqui no colégio é tudo igual, têm o mesmo tempo pra jogar, as meninas não jogam porque elas não querem’ (GI).*

*‘As motivações e as oportunidades são as mesmas, elas não jogam porque não querem. A escola motiva de forma igual, mas eles jogam mais porque tem menina que não gosta, daí não tem jogo, mas o espaço, o tempo é a mesma dos meninos’.* (GII).

*‘Aqui no colégio é tudo numa boa, querendo ou não, os caras querem que as meninas joguem. Geralmente, são as meninas que não querem jogar com os meninos. São elas que falam que não jogam com meninos’ (GIII).*

*‘As oportunidades pra elas jogarem aqui no colégio são as mesmas, elas não jogam porque elas não querem’ (GIV).*

Assim como identificamos nas falas dos estudantes que fizeram parte de nossa pesquisa, Souza Jr. e Darido (2002) concluíram que o futebol feminino já faz parte do contexto escolar, mas a ocupação dos espaços e o tempo destinados à prática esportiva ainda são predominantemente dos meninos.

Na categoria **‘a prática do futebol por mulheres enquanto brincadeira é mais aceita socialmente’**, pudemos identificar que, ao ‘crescer’, à menina/mulher são atribuídos papéis e comportamentos socialmente normatizados e direcionados a elas. Conteúdos das entrevistas relacionados a situações como essas exemplificamos a seguir:

*‘Criança pode jogar, é tudo mais na brincadeira... já, quando a gente vai crescendo, não pode mais, tem que se arrumar, usar vestido, fazer tudo igual às outras... se você jogar futebol e não gostar de se arrumar igual às outras, é porque você é sapatão. Durante as aulas de EF é mais pra ganhar nota ou pra brincar’ (GI).*

*‘[...] é até engraçado ver as meninas jogarem. É gostoso [jogar futebol] pra brincar’ (GII).*

A relação do ‘brincar de jogar futebol’ por diversão, como forma de lazer, é socialmente mais aceito como uma atividade praticada pelas mulheres. Notamos

que, quando há um caráter mais competitivo e mais sério dessa prática, a competência para tal é delegada aos homens, em detrimento da competência das mulheres. A seriedade e tudo o que envolve uma competição em relações de poder é o que autoriza ou desautoriza esse poder àqueles que estão envolvidos nessas relações em todos os âmbitos: econômico, político, social, educacional, cultural e, enfim, a participação e a representatividade nos espaços públicos e privados.

Acreditamos que estes relatos são alguns indícios de que a sociedade em geral cobra a divisão de atividades direcionadas para homens e de atividades para mulheres, estas, em sua maioria, destacando-se no espaço privado. Essas análises estão relacionadas também à categoria 'preconceito velado a respeito da diversidade e das minorias sociais', que revela-se por meio de algumas falas, entre as quais:

*'A sociedade é muito machista, embora hoje seja mais difícil de saber o que a maioria pensa. Existe preconceito, mesmo que a maioria que tem preconceito fale que não tem. A maioria das pessoas iria dizer que gosta que as mulheres joguem, mas alguns ainda diriam que não sabem. De forma geral, o preconceito é igual tanto dos homens como das mulheres. A cabeça é mais aberta, mas sempre há preconceito e sempre haverá. Esse preconceito não dá oportunidade de as mulheres tentarem jogar. A maioria diria que não gosta de mulher jogando futebol. Sinceramente, eu acho que a maioria acha estranho mulher jogar futebol. A maioria das pessoas ainda acha que mulher é mais ligada nas coisas de salão, fazer unha, cabelo, essas coisas. A sociedade ainda é machista. O preconceito vem dos dois [homens e mulheres], mas acho que mais meninas têm preconceito com as mulheres que jogam futebol. Ainda tem muito preconceito, e acho que é maior por parte das mulheres' (G1).*

*'Hoje em dia a maioria das pessoas apoia as mulheres que jogam. Mas tem muita gente que não fala a verdade. De certa maneira, a sociedade ainda é machista, e o preconceito é tanto dos homens como das mulheres. Sempre mostra aqueles jogos e tal... mas, se você for assistir TV, você quase não acha jogo de futebol feminino... nem da seleção. A maioria das pessoas pensa que as mulheres são masculinizadas. Não necessariamente tem relação com a sexualidade. Acho que a sociedade não incentiva mulheres que jogam futebol; querendo ou não, tem discriminação e sempre*

*terá preconceito contra as mulheres que jogam futebol, por causa da história do futebol no Brasil. Têm mulheres também com a cabeça mais antiga e também já acham que isso é coisa de homem... e você pode fazer isso, mas não pode fazer aquilo... mulheres vão educando suas filhas assim... isso é coisa de homem... daí os meninos ficam com aquele pensamento machista' (GII).*

*'A sociedade, em geral, tem uma certa discriminação com as mulheres que jogam futebol, mas acho que é agora que tá começando a ter uma cabeça um pouco mais aberta, a desenvolver, a se abrir mais para futebol feminino, mas a sociedade ainda tem um certo receio, um certo preconceito e, por enquanto, a sociedade não vê o futebol como coisa de mulher e diz que a mulher que joga parece moleque, o pessoal acha que as meninas são sapatonas. A sociedade é machista ainda. Acho que tem que mudar bastante coisa. É preciso incentivar mais as mulheres a jogarem futebol porque ainda tem muito preconceito, principalmente dos homens. As mulheres ainda não são valorizadas por jogarem' (GIII).*

*'Tem bastante gente que aceita, mas a maioria não aceita porque uma moça jogando futebol tem relação com a sexualidade. A maioria das pessoas é contra. A maioria das pessoas ainda tem preconceito contra a mulher em qualquer esporte, e não só no futebol. A mídia também tem culpa nisso. A maioria iria questionar que o futebol não é uma coisa muito feminina. Muitos acham que mulher jogar futebol é estranho. As pessoas acham que as mulheres devem ser donas de casa e cuidar dos filhos. Até mesmo as mulheres que não praticam futebol acham que não é um esporte feminino, e para os homens as mulheres não têm qualificação para jogar. O preconceito maior ainda seria dos homens. Os homens são mais machistas. A maioria acha uma coisa interessante, mas não apoiaria, tem um pouco de receio... falaria que é legal, mas não abertamente... uma coisa mais contida' (GIV).*

*'Futebol é coisa para homem e lugar de mulher é na cozinha'. Mulher que joga é Maria-macho, com certeza. As mulheres são reconhecidas como guerreiras, já para os homens é normal jogar futebol. A maioria diria que mulher que joga futebol é tudo sapatão. Eles dizem que mulher não sabe jogar, mais pela falta de habilidade. Já as mulheres falam que isso não é coisa pra mulher... que mulher que joga é sapatão. Quando eu vim para esse colégio, meus amigos pensaram: 'será que ela é? será que é 'mulhersexual' ou não? [a estudante quis dizer: mulher homossexual ou não?].*

*A maioria ainda relaciona com a sexualidade: se joga futebol, é sapatão ou vai virar... tanto os homens como as mulheres' (G1).*

A relação da prática do futebol com a sexualidade aparece como um dos agravantes de atitudes preconceituosas e discriminatórias. Entretanto, esse preconceito e as atitudes discriminatórias são camufladas. As informações obtidas nas entrevistas sugerem a naturalização da condição masculina relacionada ao futebol e reafirmação da representação da relação: Brasil-futebol-prática masculina. Hoje em dia, as mulheres são menos discriminadas, mas a maioria na sociedade ainda não aceita bem a mulher jogando futebol e relaciona diretamente essa prática com a sexualidade. Essa relação se torna um dos principais motivos para o preconceito e a discriminação.

A fala dos estudantes sobre a diferença de preconceitos e discriminações na atualidade em comparação com alguns anos atrás reproduz o que Neves (2008) encontrou em sua pesquisa junto a meninas de 8ª série em uma escola pública. Atualmente, a postura discriminatória já não é mais tão direta e objetiva como já foi em determinado tempo atrás. Hoje – primeiras décadas do século XXI –, o preconceito e os posicionamentos discriminatórios estão menos evidentes. Estão implícitos em olhares dos meninos, em falas dos professores e nos gostos e rejeições por esportes que as meninas apresentam. Consideramos que o posicionamento dos estudantes do ensino médio integrantes de nossa pesquisa também coincide com a ideia de que atualmente ser preconceituoso é 'politicamente incorreto' e ele se torna camuflado, entretanto isso não evita ações discriminatórias.

Ao analisarmos as falas dos estudantes por meio da categoria '**a escola frente à diversidade e as minorias sociais**', identificamos que, conforme os estudantes entrevistados, a escola pouco colabora para a diminuição do preconceito, da discriminação e para a igualdade de direitos das minorias sociais.

Esse é um dos pontos que mais nos preocupam e que aqui queremos destacar por acreditarmos na educação enquanto essência do processo cultural de uma sociedade fundamentada por princípios éticos e políticos, com vistas a uma seguridade da dignidade humana e da possibilidade de vivência plena do indivíduo em seu grupo social. Para tanto, a escola, enquanto uma configuração social, precisa cumprir urgentemente seu papel. Entretanto, verificamos um distanciamento da escola frente aos objetivos anteriormente elencados.

Algumas atividades pontuais são citadas pelos estudantes, como, por exemplo, a semana cultural, em que são apresentados alguns temas e conteúdos relacionados à diversidade social e ao respeito às diferenças. Algumas poucas disciplinas apontam para breves discussões ou ‘tocam’ nos assuntos relacionados às minorias. Descrevem, também, a existência de uma ‘barreira’ entre estudantes e professores. Algumas falas exemplificam nossas análises:

*‘[...] a escola não colabora, não. Poderiam ter mais discussões e debates desde cedo para passar valores diferentes e poderiam ter mais palestras com pessoas que vivenciaram e que trabalham com isso, porque diminuiriam os preconceitos. A questão da religiosidade é no ensino religioso, e os outros temas mais filosofia e sociologia, mas só agora no ensino médio. Talvez, se tivesse desde o início, desde pequenininhos, se estudassem esses assuntos na escola, as crianças cresceriam com menos preconceitos’ (GI).*

*‘Muito difícil. Teve palestra e depois não teve mais nada. Não se discute aqui na escola, mas acho que deveria ter, porque é legal saber o que cada um pensa. Deveria ter muito mais de discussões e debates sobre esses assuntos. A escola deveria dar mais importância para essas questões, promover debates, escutando as opiniões de todo mundo. Nunca falamos nada sobre preconceito com as mulheres que jogam futebol... é uma coisa que passa batido’ (GII).*

*‘Às vezes debatemos sobre preconceito mais nas aulas de Sociologia e História, mas não é muito concentrado, às vezes sobre religião. Sobre sexualidade só uma vez na aula de História. A gente debate mais na semana cultural, que é quando a gente tá mais aberto. Na escola, tem que ter mais oportunidades para todos falarem. Existe uma barreira entre professores e alunos’ (GII).*

*‘Discutimos muito pouco. Eu não vejo o colégio colaborar. Não se discute sobre preconceito e essas coisas, não. Mas acho que as pessoas que dizem que cada um tem sua opinião e pronto são muito acomodadas, acham que tudo está bom e nem têm capacidade de criticar nada. Poderiam ter mais palestras, mais discussões, isso iria melhorar um pouco o preconceito, mas ia demorar pra isso acontecer, seria interessante’ (GIII).*

*‘Não tem muito debate... são poucas vezes... mais debates seria importante porque esse mundo é muito racista, o Brasil é muito racista. Se tivessem mais discussões, o preconceito diminuiria. É preciso que esteja no currículo desde cedo. Desde a educação das crianças pequenas, seria melhor e diminuiria o preconceito, a escola ainda não ta fazendo sua parte’ (GIV).*

Como constatamos, a maioria dos estudantes relata a necessidade e o desejo de que tais temas fossem apresentados como conteúdos de ensino desde o início do ensino fundamental, para que as crianças crescessem com menos preconceitos.

Sobre a categoria **‘relações sociais e afetivas e a prática do futebol’**, os relatos do GII, GIII e GIV são correspondentes quando afirmam que há um relacionamento ‘normal’ e tranquilo com as meninas que jogam futebol. Segundo suas falas, esses relacionamentos são baseados em amizades, conversas, etc.

*‘Sim. É normal, as conversas, as amizades, tudo. Na verdade, a maioria das minhas amigas não jogam, mas, se jogarem, não tem nada a ver...’ (GII).*

*‘Tenho amigas e jogam com a gente aqui. Tranquilo, sem problema nenhum. É normal. [...] converso, falo bom dia, mas amizade não tenho não. Não porque elas jogam, mas porque não tenho amigas que jogam’ (GIII).*

A maioria dos integrantes do GIII disse que não teria problema algum em ter um relacionamento com uma mulher que praticasse futebol; um exemplo que sintetiza este posicionamento está presente na fala a seguir:

*‘Sim namoraria. Não tenho preconceito nenhum. É até melhor namorar uma menina que faz esporte, e não é sedentária. Eu poderia até jogar com ela e ver os jogos dela’ (GIII).*

Entretanto, outra parcela de estudantes do GIII – e em número bem reduzido – afirmou que uma relação de namoro com uma garota que joga futebol dependeria da aparência dela e, ainda, um grupo mais restrito de integrantes do GIII disse que

não namoraria uma menina que pratica futebol. Dentre as falas, destacamos as que seguem:

*‘Acho normal, mas não namoraria’ (GIII).*

*‘Namoraria, mas **depende da aparência dela**’ (GIII).*

*‘Não namoraria. Ah... não sei por quê’ (GIII).*

Os estudantes do GIV não teriam problema algum em namorar garotas que jogam futebol. Seguem alguns exemplos nas falas abaixo:

*‘Normal, não tem problema nenhum. Minha vizinha e minha tia jogam. Tenho relação com elas, mas não tenho muitas outras amigas. Eu gosto até, são mais legais as meninas que jogam. Não tenho preconceito nenhum’ (GIV).*

A afirmação do grupo III – meninos que praticam futebol – anuncia uma preocupação que não aparece nos demais grupos (GII e GIV). Podemos inferir que essa diferença está relacionada com uma ‘competição’ dos estudantes homens que praticam futebol com mulheres que praticam futebol. Tal competição parece ser motivada pela prática de uma atividade socialmente considerada ‘histórica e culturalmente’ pertencente ao ‘universo masculino’.

Além da competição por um espaço e por um papel social de destaque e de prestígio histórica e culturalmente masculino no Brasil, cremos que a imagem e a estética das mulheres que praticam futebol, conseqüentemente os estereótipos que a elas são atribuídos, fazem alguns dos estudantes que praticam futebol relutarem sobre o estabelecimento de relacionamentos que caracterizem uma aproximação mais íntima, como, por exemplo, namoro. Já os grupos II e IV não demonstram esse tipo de ‘discriminação’, porque as mulheres que praticam futebol não os atingem diretamente nem pela prática da mesma atividade – que envolve relações de poder –, mas, sim, pela despreocupação em primar pela imagem que os jogadores de futebol têm em nossa sociedade.

Como pudemos identificar na dimensão I – **gênero, preconceito e discriminação relacionada à prática do futebol por mulheres na sociedade brasileira**, as ideias, os saberes, a maioria das concepções e as ações ainda

sofrem influências significativas de todo um pensamento e uma organização social pautados em fundamentos sexistas, embora já apresentem sinais significativos de mudanças em muitos aspectos ou, ao menos, uma tentativa de superação de concepções binaristas voltadas às atividades vinculadas às mulheres e aos homens, tomando como orientação a natureza sexual. Identificamos pensamentos em que os estudantes se encontram em um momento de transição no que diz respeito às questões referentes às determinações de funções sociais prévia e arbitrariamente definidas.

Pensamentos e ações ambíguas puderam ser notadas durante as falas e comportamentos apresentados durante a entrevista. Também notamos que há um esforço para que mudanças quanto às ideias preconceituosas e atitudes discriminatórias; entretanto, eles ainda estão ancorados em conceitos e concepções bastante preconceituosas no que diz respeito a mulheres na prática do futebol.

As diferenças de saberes, pensamentos e ações que encontramos entre o GII, GIII e GIV, sobre o mesmo objeto de conhecimento, indicam uma variação das representações de indivíduos e de grupos sociais em decorrência da variação das relações socioculturais. Por isso, as relações são a base da formação dos saberes e valores sociais. A variabilidade de saberes e a relação estabelecida entre eles estão diretamente ligadas à **Polifasia Cognitiva**<sup>25</sup>, ou seja, racionalidades diversas existindo lado a lado em um mesmo grupo, mesmo contexto e no mesmo indivíduo.

A Polifasia Cognitiva está ligada à diversidade e formas dos saberes e é influenciada pelas circunstâncias e interesses particulares. Há uma coexistência dinâmica de interferência e especialização. As relações sociais diferentes, ou formas de interação diferentes, produzem lógicas diferenciadas, ou seja, levam a modos de saber diferentes. “Culturas diferentes levam a formas diferentes de pensar e de saber” (VYGOTSKY; LÚRIA citados por JOVCHELOVITCH, 2004, p.25).

Pudemos perceber que as ideias preconceituosas e as ações discriminatórias estão, predominantemente, relacionadas em sua origem aos estereótipos delineados para as mulheres que jogam futebol. Tais imagens e sua estética derivam da imagem atribuída e destacada do homem que joga futebol; ou seja, os estudantes de ensino médio, em sua maioria, relacionam algo que não lhes

---

<sup>25</sup> O conceito de **Polifasia Cognitiva** foi introduzido por Serge Moscovici em seu estudo sobre representações e psicanálise (1961/1976) no qual havia evidências para sugerir que tipos diferentes de racionalidade estavam envolvidos na construção de representações sobre o conteúdo pesquisado, no caso, a psicanálise (JOVCHELOVITCH, 2004, p.24).

parece ser tão ‘natural’ (mulher jogando futebol) à uma imagem ou figura que lhe é ‘natural’ e esperada. A atribuição da imagem e do comportamento do jogador de futebol para a mulher que pratica futebol acabou constituindo um determinado estereótipo para elas.

A identificação de **estereótipos** relacionados às mulheres que praticam futebol pelos grupos GI, GII, GIII e GIV está apresentada na dimensão II – **A prática do futebol, gênero, corpo, sexualidade**, que iremos detalhar a partir deste momento.

#### **4.1.2 Sobre a dimensão II – a prática de futebol, gênero, corpo e sexualidade**

Para que as análises dos conteúdos pudessem ser classificadas, consideramos as categorias empíricas como orientação. Lembramos que as categorias empíricas (B1, B2, B3 e B4) se originam das falas dos estudantes que foram entrevistados.

Nossas análises indicam que os estereótipos de mulheres que praticam futebol, por parte do conjunto dos estudantes entrevistados, estão associados às imagens masculinas hegemônicas. As falas do total dos estudantes nas entrevistas semiestruturadas revelam que esses estereótipos estão enraizados na memória social e evidenciam a naturalização da prática do futebol por homens, pelo fato de o futebol estar associado a um estereótipo de homem forte, viril, popular, entre outras características que já destacamos ao longo deste trabalho, assim como ocorre um estranhamento dessa prática quando ela é exercida por mulheres.

Os estereótipos de mulheres que praticam futebol estão colados às representações de características masculinas. Tais estereótipos tomaram forma de categorias de análise dos conteúdos representacionais dos estudantes também na entrevista projetiva, conforme quadro 9 já apresentado anteriormente e que detalhamos a seguir.

Na entrevista projetiva – última questão dos Apêndices A e B relacionada com as figuras do Apêndice C (quadro I, II, III e IV), na qual solicitamos que cada participante apontasse a figura de uma mulher que mais parecesse ter a possibilidade de ser uma praticante de futebol e de uma que menos parecesse –, pudemos constatar que o primeiro lugar na ordem de importância é a UR/tema/modalidade de representação relacionada a estereótipos, que ficou

evidenciada pelo fato de que as imagens são, elas próprias, símbolos que não se enquadram nas normas sociais e culturais hegemônicas do grupo tomado como referência, no caso, a maioria.

A sociedade estabelece um modelo de categorias e tenta catalogar as pessoas conforme os atributos considerados comuns e naturais pelos membros dessa categoria. Estabelece também as categorias a que as pessoas devem pertencer, bem como os seus atributos, o que significa que a sociedade determina um padrão externo ao indivíduo que permite prever a categoria e os atributos, a identidade social e as relações com o meio. Criamos um modelo social do indivíduo e, no processo das nossas vivências, nem sempre é imperceptível a imagem social do indivíduo que criamos; essa imagem pode não corresponder à realidade, mas ao que Goffman (op. cit.) denomina de uma identidade social virtual. Os atributos, nomeados como identidade social real, são, de fato, o que pode demonstrar a que categorias o indivíduo pertence (MELO, 2000, p.1).

Lembramos de Goellner (1999) quando destaca que o corpo feminino – e qualquer outro corpo – passa por mudanças quando submetido a um treinamento contínuo e exercícios físicos específicos. Comumente, as mulheres que jogam futebol apresentam características socialmente consideradas masculinas, como força e tamanho dos músculos, citados pelos estudantes que entrevistamos.

Contatamos que as características viris atribuídas aos homens são identificadas ou, ao menos procuradas, nas mulheres que praticam futebol por parte dos estudantes do GI, GII, GIII e GIV. A beleza e a feminilidade passam a ser questionadas e, conseqüentemente, o mesmo ocorre com a sexualidade. O modelo de mulher idealizado na sociedade não é o mesmo do modelo de corpo que as mulheres esportistas ou as praticantes de futebol apresentam ou os modelos que são imaginados.

As falas da maioria dos estudantes dos quatro grupos entrevistados reforçam as conclusões de Goellner (1999), entre outros pesquisadores, segundo as quais o modelo de homem é o critério para a identificação ou a imaginação de que certas características são necessárias e estão presentes nas imagens das mulheres que praticam futebol. Isso rotula aquelas que não estão de acordo com a convenção social do corpo ideal para uma mulher 'feminina'. "Olhada assim, se uma mulher não parece ser uma mulher é porque é um homem".

No quadro 10 (abaixo), descrevemos, para cada um dos grupos (GI, GII, GIII e GIV), quais foram as figuras de mulheres mais escolhidas, tanto aquelas que aparentam praticar futebol como aquelas que foram escolhidas por ter menos aparência de que praticam futebol. Nas linhas ‘mais aparência’ e ‘menos aparência’, destacamos a **letra** que identifica cada uma das figuras em cada um dos quadros apresentados aos estudantes, e, do lado direito de cada letra, destacamos a quantidade de indicações da figura de mulher mais escolhida para as duas situações (a prática e a não prática do futebol).

Quadro 10 - Resultados dos conteúdos representacionais sobre a dimensão: a mulher e o futebol – entrevista projetiva: quadro I, II, III e IV

QUADRO I - GI; GII; GIII e GIV				
Grupos	GI – mulheres que praticam futebol	GII – mulheres que não praticam futebol	GIII – homens que praticam futebol	GIV – homens que não praticam futebol
Mais Aparência	B – 8	B – 9	B - 5	A - 3 e B - 3
Menos Aparência	C – 12	C - 12	C - 3 e D - 3	C - 3 e D - 3
QUADRO II – GI; GII; GIII e GIV				
Grupos	GI – mulheres que praticam futebol	GII – mulheres que não praticam futebol	GIII – homens que praticam futebol	GIV – homens que não praticam futebol
Mais Aparência	B – 9	B - 7	B - 3	B - 6
Menos Aparência	C – 7	A - 7	A - 2, B - 2 e C - 2	A - 3
QUADRO III – GI; GII; GIII e GIV				
Grupos	GI – mulheres que praticam futebol	GII – mulheres que não praticam futebol	GIII – homens que praticam futebol	GIV – homens que não praticam futebol
Mais Aparência	A – 11	A - 14	A - 6	A - 5
Menos Aparência	C – 6	C - 8 e D - 8	D - 2	D - 5
QUADRO IV – GI; GII; GIII e GIV				

Grupos	GI – mulheres que praticam futebol	GII – mulheres que não praticam futebol	GIII – homens que praticam futebol	GIV – homens que não praticam futebol
<b>Mais Aparência</b>	A - 16	A - 14	A - 6	A - 6
<b>Menos Aparência</b>	B - 14	B - 12	B - 2	B - 6

Fonte: a autora

No **quadro I**, a figura de mulher que mais se parece – e mais escolhida pelos estudantes entrevistados em nossa pesquisa – com uma possível praticante de futebol foi aquela que corresponde à letra **B** com unanimidade dos quatro grupos. Mas, a letra **A** foi indicada com a mesma quantidade de escolhas que a letra **B** pelo grupo GIV. A figura escolhida como aquela que tem menor aparência de quem pratica futebol foi a letra **C**, também com unanimidade. A figura correspondente à letra **D** foi escolhida com a mesma quantidade de indicações que a letra **C**, pelos grupos GIII e GIV (dois grupos de homens).

No **quadro II**, a figura de mulher mais escolhida como uma possível praticante de futebol corresponde à letra **B** com unanimidade dos quatro grupos entrevistados. Com relação à figura escolhida como aquela que tem menor aparência de quem pratica futebol, os grupos não foram unânimes, mas a letra **A** aparece como a mais escolhida em três grupos (GII, GIII e GIV). Para o GI, a escolhida foi a letra **C**. **Essa escolha** também aparece no GIII, assim como aparece neste mesmo grupo a letra **B**. Destacamos, então, que o grupo GIII ficou dividido entre as letras A, B e C. Entretanto, no geral dos quatro grupos, a mais indicada foi a letra **A**.

No **quadro III**, a figura de mulher mais escolhida como uma possível praticante de futebol foi aquela que corresponde à letra **A** com unanimidade por parte dos quatro grupos entrevistados. A figura correspondente à letra **D** foi escolhida pela maioria dos grupos – com exceção do GI – como aquela que tem menor aparência de quem pratica. Para o GI, a figura que se enquadra neste perfil é a identificada pela letra **C**. Esta mesma figura também foi apontada em igual proporção como a que menos aparenta jogar futebol também pelo grupo GII. Ou seja, para o GII, empatam a letra **A** e a letra **C**.

No **quadro IV**, a figura de mulher mais escolhida como uma possível praticante de futebol e, também, aquela mais indicada como uma improvável

praticante de futebol foi novamente unânime por parte dos quatro grupos de estudantes entrevistados. Assim, a mulher que mais aparenta jogar futebol foi a figura identificada pela letra **A**, e a figura de mulher que menos aparenta praticar futebol correspondeu a letra **B**.

Os dados obtidos na entrevista projetiva com os quatro grupos de estudantes nos levam a concluir que as mulheres que aparentam jogar são representadas por estereótipos que parecem ser a mais ‘naturais’ (processo de naturalização) a uma pessoa que pratica futebol – forte, suada, mais agressiva, magra, boa condição física, menos arrumada, corajosa, etc.

De outro lado, as imagens das mulheres que não aparentam jogar futebol foram estão ancoradas pela maioria dos estudantes dos quatro grupos entrevistados em características consideradas mais femininas, como preocupação com a aparência (cabelos penteados, unhas pintadas, maquiagem, etc.), roupa mais ‘chique’ ou pronta para passear, aparência de mais fragilidade e delicadeza. Fica clara, também, a ancoragem das mulheres que não praticam futebol em profissões ou atividades profissionais mais intelectuais ou ligadas à moda; ou, ainda, características relacionadas à idade ou condição física (menos força, mais gorda, etc.). As figuras femininas apontadas como as menos prováveis jogadoras de futebol também estão orientadas por estereótipos do que significa ser ‘mulher’ em nossa sociedade.

Todas essas características estão ancoradas em imagem do corpo, da vestimenta, do comportamento aparente na foto, entre outras. Esses resultados vão ao encontro dos conteúdos representacionais que identificamos nas falas dos estudantes integrantes dos quatro grupos pesquisados nas entrevistas semiestruturadas. Isso confirma que os estereótipos incorporados e que parecem cristalizados – até certo ponto – ainda orientam as representações sociais das imagens vinculadas aos papéis sociais destinados aos homens e às mulheres, entre os quais a prática do futebol e tudo o que essa prática social representa culturalmente no Brasil.

Enfim, as escolhas similares ou unânimes, em sua maioria entre os estudantes dos quatro grupos, sugerem que as representações sociais das mulheres que jogam futebol estão ancoradas e se objetivam em estereótipos que predominam no imaginário social e constituem o universo consensual do grupo investigado. Esse universo está povoado de imagens de mulheres fortes, mais agressivas, fisicamente

mais aptas, menos preocupadas com a aparência e menos vaidosas, que se vestem de forma mais simples e com roupas mais casuais, que aparentam não se importam em desmanchar o cabelo ou de suar.

Esses resultados confirmam os achados de Goellner (1999, p.41), cuja conclusão é de que a “masculinização da mulher, regularmente citada quando o assunto se refere a imagens de feminilidade, sugere não apenas alterações no comportamento e na conduta das mulheres, mas na sua aparência [...]. De acordo com o autor, a feminilidade de uma mulher ainda é “julgada pela exterioridade do seu corpo”.

Apoiadas em Neves (2008), interpretamos esses resultados como reflexo dos saberes e das posturas sobre a condição social da mulher desde o final do século XVIII. Neves (2008) realizou uma pesquisa sobre o comportamento de meninas em aulas de Educação Física em uma escola pública, e uma de suas preocupações foi verificar o que elas pensam sobre as atividades e práticas mais adequadas para meninos e meninas e, ainda, como isso reflete nas próprias aulas. A partir de suas análises, Neves (2008) concluiu que as representações sociais das meninas entrevistadas correspondem às representações sociais sobre o futebol como uma atividade ‘naturalmente’ masculina, mas não que as mulheres não possam praticar. Entretanto, o futebol está mais ‘colado’ ao gênero masculino na sociedade brasileira.

As conclusões de Neves (2008) vão ao encontro do que identificamos nas falas dos estudantes integrantes dos quatro grupos (GI, GII, GIII e GIV) que entrevistamos em nossa pesquisa. Ou seja, a memória social e cultural é preponderante na formação do núcleo figurativo das representações sociais dos indivíduos e dos grupos. Neste caso, o núcleo figurativo reflete a associação, em nossa sociedade, de pessoas que jogam futebol com força, virilidade, coragem, destreza, heterossexualidade, entre outras características ‘naturalmente determinadas e atribuídas ao gênero masculino’. Tanto os dados de Neves (2008) quanto aqueles que encontramos em nossa pesquisa indicam que para o senso comum existem ‘coisas de meninos e coisas de meninas’. Um dos exemplos disso é apresentado pelos quatro grupos que entrevistamos quando citam que na escola é comum que a modalidade de voleibol seja direcionada para as meninas, enquanto o futebol é para os meninos, embora em nosso estudo não fique claro se eles concordam ou o que pensam com relação a essa ‘divisão’ generificada das

atividades nas aulas de Educação Física. Sobre essa divisão, o GIV (meninos que não praticam futebol) afirma, também, que os meninos que não jogam também sofrem preconceito. Os colegas dizem que não jogar futebol é coisa de 'veado'.

Já o GIII – meninos que praticam futebol – afirmam de maneira geral que é percebida uma falta engajamento das mulheres na luta pela busca de espaço e respeito sem preconceito e discriminação na escola e na sociedade, quando a diferença de direitos e as relações de poder entre homens e mulheres são discrepantes. Isso inclui as meninas da escola que, em sua maioria, se acomodam e acabam naturalizando a prática do futebol para o gênero masculino. A exceção dessa falta de engajamento aparece em grupos que lutam pela equidade de direitos, como, por exemplo, o grupo de meninas que praticam futebol.

Em nossa pesquisa, assim como na de Neves (2008), fica evidente que o estereotipo que a sociedade impõe quanto à prática de atividades físicas e esportes que 'combinam' com os meninos ou com as meninas ainda estão presentes nas escolas e na sociedade baseadas em critérios relacionados à força física. Atividades de maior contato, "brutas e agressivas" são para meninos, enquanto às meninas continuam sendo designadas as que envolvem a delicadeza 'própria do sexo feminino'.

Como já evidenciado em nossa pesquisa, as representações de masculino e feminino são definidas como contrárias e complementares uma da outra. A mulher continua sendo considerada o sexo frágil e delicado, incompatível para o futebol. Apesar disso, as meninas que não jogam são consideradas por todos os estudantes como 'frescas', e, em oposição, as mulheres que jogam são imaginadas como mais masculinizadas. Tanto um como outro indica preconceito e discriminação, pois o termo 'fresca' aparece de forma pejorativa nos discursos dos estudantes. Entretanto, acreditamos que, de fato, a masculinização de algumas meninas pode se constituir a condição de enfrentamento e autodefesa contra o preconceito.

Assim como em nossa pesquisa, os resultados de Souza Jr. e Darido (2002) sugerem uma disputa de poder nas relações entre gênero e a prática do futebol. As conclusões dos autores e nossas inferências indicam que a quadra é representada como um símbolo de dominação masculina. Nesse espaço, a luta das meninas pelos mesmos direitos dos meninos pode estar indicando também uma forma de resistência à dominação masculina em esportes como o futebol. Em nossa pesquisa, o GI (meninas que praticam futebol) parece caracterizar esta resistência, enquanto o

GII (meninas que não praticam futebol) e o GIV (meninos que não praticam) se rendem, muitas vezes, à dominação dos meninos que jogam futebol. Apenas como exemplos desta situação, destacamos as seguintes falas:

*‘Tem projeto de futebol [na escola] para os meninos e as meninas ficam meio de lado’ (GI).*

*‘Tem bastante espaço pros moleques e pouco para as meninas... eles jogam mais’ (GII).*

*‘Tem bastante espaço pros moleques e pouco para as meninas’ (GIII).*

*‘As oportunidades não são as mesmas, o futebol no Brasil ainda tem a maioria masculina, então as oportunidades são maiores para os homens. Aqui no colégio, os meninos são mais favorecidos, eles têm mais oportunidades e dominam o território; de um modo geral, elas jogam futebol, são bem participativas, mas os meninos têm muito mais oportunidades’ (GIV).*

Entendemos que a afirmação dos estudantes (todos os grupos: GI, GII, GIII e GIV) de que mulheres que jogam futebol são mais ‘corajosas’ ocorre porque elas contravêm a ‘ordem hegemônica estabelecida no espaço do jogo de futebol’. É preciso ter coragem para ir de encontro a essa ordem. Não só a coragem é destacada, mas todos os grupos (GI, GII, GIII e GIV) também citam que as meninas que praticam futebol são consideradas mais despojadas, embora ‘femininas’. Essa reafirmação da feminilidade – ‘apesar’ de jogar futebol são mulheres’ – fica evidenciada no grupo das meninas que jogam futebol (GI).

Pesquisas anteriores como as de Souza e Knijnik (2007) e de PISANI (2015) revelam que a mídia influencia a manutenção dessas representações estereotipadas e binárias sobre gênero. A perpetuação do estereótipo do jogador de futebol é bastante comum nos veículos de comunicação de massa. Ao lado desse estereótipo, a reafirmação da feminilidade da mulher que pratica futebol é constante com referências a sua vaidade, seu corpo e sua sexualidade.

A disparidade das coberturas midiáticas em relação ao futebol ou modalidades esportivas praticadas por homens e mulheres também foi constatada por Souza e Knijnik (2007) em um estudo realizado entre os anos 2002 e 2003.

Os resultados quantitativos apontaram para diferenças de até cerca de 700% entre a cobertura de homens e mulheres. O tamanho das reportagens também apresentou uma grande diferença. A análise de forma demonstrou que os homens são mais vezes citados por suas habilidades atléticas do que as mulheres, que recebem mais citações em relação a sua aparência física. Estes resultados demonstram que no Brasil, como em outros países, as mulheres esportistas continuam a serem pouco representadas pela mídia, apesar do crescente número de mulheres que participam e são bem-sucedidas no esporte (SOUZA; KNIJNIK, 2007, p. 35).

Outra forma de discriminação identificada por Souza e Knijnik (2007) refere-se à menção da identificação do gênero que a pratica quando a modalidade esportiva é praticada por mulheres. A naturalização do esporte no 'mundo masculino' é tal que qualquer esporte praticado por homens é considerado comum. Quando a notícia aborda modalidades praticadas por homens, não é identificado o gênero. Em decorrência disso, “[...] existe o futebol, e o futebol “feminino”; o handebol e o handebol “feminino”, como se não fossem os mesmos esportes, disputados sob as mesmas regras e condições” (SOUZA; KNIJNIK, 2007).

Quando a prática do futebol ou de outras modalidades esportivas é exercida por mulheres, tende a ocorrer a exploração da ‘sensibilidade naturalmente feminina’, chamando a atenção para seu corpo. Para Goellner (1999), na sociedade brasileira, representações do corpo feminino relacionadas à sensualização da imagem da mulher são naturalizadas e facilmente aprendidas.

Outra categoria de análise dessa dimensão – a prática de futebol, gênero, corpo e sexualidade – se refere às **‘habilidades, competências e capacidades físicas, técnicas e psicológicas necessárias à prática do futebol’**. Em todos os quatro grupos que entrevistamos (GI, GII, GIII e GIV), há predominância da afirmação da falta de capacidade (força) e de habilidade suficiente das mulheres quando comparadas aos homens na prática do futebol. A título de ilustração, seguem algumas afirmações sobre essa categoria:

*‘Os homens suportam mais; já as mulheres são mais delicadas, mais frágeis... Os meninos têm um pouco mais de força, e as mulheres não têm muito treino’ (GI).*

*‘eles têm mais força... homem é mais forte. Eles são mais brutos e não têm noção da força. Mas as meninas que jogam futebol não têm medo... elas encaram tudo’ (GII).*

*‘Eu queria ver a menina jogando pra ver se joga bem’ (GIII).*

*‘O físico é diferente, as mulheres são mais sensíveis e elas não jogam pelo dinheiro e pela fama, elas jogam mais por amor ao esporte... Por conta do sexo... as mulheres, por serem um sexo frágil, não têm muita coordenação’ (GIV).*

Nas falas dos estudantes dos grupos I, II, III e IV, verificamos que, além de a natureza feminina e masculina ser apresentada como aquela hegemônica socialmente (racionalidade e força x sensibilidade e fragilidade), ainda ocorre uma identificação direta e inversamente proporcional entre a sensibilidade e a fragilidade (capacidades psicoemocionais) em detrimento da força física (capacidades físico-motoras).

Para um grupo menor de estudantes integrantes dos quatro grupos (GI, GII, GIII e GIV), as diferenças de habilidades é uma questão de treino; quem pratica mais joga melhor e desenvolve mais habilidades e as capacidades necessárias para o jogo de futebol. Essa prática do futebol em quantidade e qualidade maior dos meninos quando comparados às meninas culmina em diferentes habilidades e capacidades. Apresentamos, a seguir, algumas falas que destacamos como exemplo:

*‘Todo mundo é capaz e tem condição física depois de muito treino, sim... questão de treino, quem treina e joga mais tem mais habilidade e melhor condição física, não por ser homem ou mulher, mas por treinar’ (GI).*

*‘Não percebo nenhum tipo de diferença. Têm a mesma condição, a única diferença é que eles têm mais **força**’ (GII).*

*‘A única diferença é que as que jogam treinam, e as que não jogam não treinam, então o condicionamento físico é diferente. No futebol, os homens jogam muito mais e têm mais oportunidades e motivações, com isso acabam tendo mais condições, desenvolvendo mais habilidades’ (GIII).*

*‘Acho que ter as mesmas condições é uma questão de treino. Não há diferenças. Qualquer esporte depende do treino para melhorar as habilidades. As condições são as mesmas: mulher é igual ao homem. Só não jogam igual porque não treinam’ (GIV)*

Suas falas são compatíveis com os estudos de Santos e Damasceno (2010), que evidenciam as possibilidades de aquisição de habilidades e capacidades intelectuais ou físicas sem distinção de gênero.

O aprimoramento das habilidades motoras tem seu refinamento através de experiências que as crianças vão adquirindo ao longo do tempo. De acordo com Manoel (1994) o esporte permite aos indivíduos no estágio transitório melhorarem suas habilidades motoras. Considerando que um bom desempenho motor só é possível quando há acúmulo considerável de experiências de conhecimento e domínio do seu corpo sobre o meio em que está inserido e suas relações desse corpo com o mesmo, logo a aprendizagem motora está sendo vista como o amadurecimento de aspectos funcionais estimulados pelo ambiente no qual o indivíduo está inserido. Silva (2010) afirma que quanto mais um indivíduo é submetido à prática, maiores serão as possibilidades de obtenção de níveis elevados de qualidade em relação aos padrões motores (SANTOS; DAMASCENO, 2010, p.180).

Neste sentido, habilidades e capacidades de um gênero ou outro têm fortes relações com as representações e práticas sociais.

Na categoria **‘tecnologias de gênero: a estética e a linguagem corporal relacionadas ao futebol’**, a maioria dos estudantes integrantes dos grupos GI, GII, GIII e GIV disse que as mulheres que jogam são ‘normais’, entretanto também evidencia-se em suas falas que a prática do futebol tem relação direta com as marcações no corpo, como a masculinização do corpo da mulher que joga futebol. Comentam que as mulheres que jogam têm um jeito mais masculino, são mais musculosas e fortes:

*‘São mais competitivas. Jeito bem masculino. Vestem meião, chuteira e shorts no campo; fora dele se vestem de acordo com sua personalidade. Não se arrumam muito, usam bonezinho, mas o resto é normal’ (GI).*

*‘tudo igual. Mas com um jeito mais diferente que uma mulher normal. Dependendo do que eu faço, o corpo vai mudar... Musculosa, autoconfiante. Procuram conversar com todo mundo. Com meião, chuteira e igual homem com uniforme’ (GII).*

*‘um físico bem avantajado, grande, encorpada e forte. Cabelo sempre preso ou com cabelo curto, com pouco seios. Seria com o físico de um homem, mas vestida normal, igual qualquer outra mulher, de vestido e maquiagem’ (GIII).*

*‘Boa preparação física, resistência, força, com habilidade, corre bastante, boa coordenação motora, ou seja, só a questão física... o resto é igual às outras. Magras’ (GIV).*

O mesmo ocorre com relação à **vaidade**. A individualidade e o gosto particular de cada um influenciam em suas roupas, cabelos e tudo que se relaciona à estética masculina e feminina, mas são enfatizados pelos estudantes pertencentes aos quatro grupos investigados. Os homens que jogam futebol são mais vaidosos do que aqueles que não jogam. Enquanto as mulheres que praticam futebol agem de forma contrária: são menos vaidosas do que aquelas que não jogam para ficarem com ‘cara’ de quem joga.

Para o GII (meninas que não praticam futebol), a vaidade é muito mais marcante nos meninos que jogam futebol do que nas meninas que jogam futebol. Isso ocorre porque as meninas que jogam precisam ser fortes e rudes para ‘marcar uma posição e o seu espaço’. Então, acabam sendo menos femininas e mais parecidas com o estereótipo de homem. Os meninos que praticam futebol são muito vaidosos. Esse comportamento é influenciado pela moda divulgada pelos jogadores de futebol vistos como ‘modelos’ para esses garotos. Nesse sentido, acreditamos que a mídia influencia significativamente.

#### **4.1.3 Sobre a Dimensão III – sentidos e significados da prática de futebol**

Para que as análises dos conteúdos pudessem ser classificadas na **dimensão III – sentidos e significados da prática de futebol**, consideramos as categorias empíricas como orientação. Lembramos que as categorias empíricas (C1, C2, C3, C4 e C5) se originam das falas de todos os estudantes que foram

entrevistados. Na categoria **'afetividade e objetivos relacionados ao futebol'**, nossas análises indicam que a afetividade e objetivos relacionados ao futebol dependem da relação que cada grupo estabelece com essa modalidade esportiva enquanto prática social. Pudemos notar que essa relação é bastante subjetiva e apresenta-se sob perspectivas diferentes para cada um dos grupos.

As jovens estudantes integrantes do G1 apresentaram uma relação afetiva muito intensa e positiva em relação ao futebol devido à atribuição de sentido e do significado que essa prática tem para elas. Entretanto, constatamos que essas garotas entendem que seus/suas professores(as) não problematizam a realidade discriminatória presente na escola e nas aulas de Educação Física. As garotas reagem de diferentes maneiras diante dos obstáculos que enfrentam nesta área, dependendo do modo como desenvolveram, em suas trajetórias de vida, o gosto ou rejeição pela prática de atividades esportivas, na escola e fora dela. Mas é muito maior a positividade das atitudes e das experiências das mulheres que jogam quando comparadas a sentimentos negativos. O que encontramos vai ao encontro do estudo de Neves (2008), que indica que a maioria das meninas participantes de sua pesquisa apreciam atividades que lhes dão prazer e não se incomodam com preconceitos evidenciados por olhares ou críticas, por exemplo.

Entretanto, não podemos desconsiderar algumas falas no G1, GII e GIII relacionadas a um sentimento de **'vergonha e inferioridade na prática do futebol'**. Para o G1, há uma sensação de inferioridade da mulher na prática do futebol quando comparada aos homens. Esse sentimento de inferioridade provoca vergonha ao jogar futebol. Entendemos que esses sentimentos e comportamentos têm origem na naturalização do futebol como uma prática social atribuída aos homens na cultura brasileira. A mulher no cenário do futebol sente constrangimento, que provoca invisibilidade. Há um 'medo de jogar bem' e ser alvo de preconceito. O medo da discriminação provoca a vergonha da exposição no jogo. A sexualidade 'duvidosa' das mulheres que jogam futebol é utilizada como dispositivo de discriminação.

No GII, as meninas relatam que os meninos 'não deixam' elas jogarem. Mais uma vez se apresenta uma relação de submissão das mulheres e o poder dos homens na prática considerada masculina. É preciso a 'permissão' dos homens para as mulheres poderem jogar. O mesmo ocorre segundo as falas identificadas no GIII. Estas afirmam que há para as meninas espaços determinados e delimitados. Quando não têm meninos o suficiente, eles **'até'** convidam para **'completar'** o time

deles. Os espaços e o tempo não são divididos de forma igualitária. Os direitos são diferentes para a prática do futebol, e, quando elas jogam, não são levadas a sério, pois o nível do jogo não é o mesmo. Isso demonstra falta de respeito e deboche.

O GI e o GIII (os e as praticantes de futebol) se sentem **pertencentes** ao grupo de iguais devido aos objetivos em comum daqueles e daquelas que dividem o gosto, os sentidos e os significados da prática do futebol. Há um sentimento de equipe, portanto de aprovação e reconhecimento do Outro. Isso gera uma realização pessoal.

Os mesmos dois grupos (GI e GIII) destacam em suas respostas **'valores, atitudes afirmativas e emoções positivas relacionadas à prática do futebol'**. Praticar futebol tem um significado emocional marcado por sentimento de alegria, amizade e de competitividade, principalmente fora da escola: para as meninas e meninos que jogam é a emoção movida aliada à competitividade que os incentivam, assim como a busca do êxito em suas atividades. Para este grupo, ainda há a fala sobre as possibilidades de profissionalização no futebol; isso já não é identificado nas falas das mulheres que praticam essa modalidade esportiva.

Contrariamente ao GI e ao GIII, o GII e o GIV (não praticantes de futebol) destacam **'valores, emoções e sentimentos negativos relacionados à prática do futebol'**. Para as meninas que integram o GII, o futebol não tem valor pessoal, sentido ou significado além de uma prática social como qualquer outra. Elas destacam que a desmotivação para a prática dessa modalidade é a quantidade pequena de mulheres que se comprometem ou gostam de jogar futebol. Acreditamos que essa justificativa vai ao encontro da próxima categoria de classificação dos conteúdos, a saber: a **'falta de interesse e de presença das mulheres na prática do futebol'**.

Essa falta de interesse das mulheres nos parece ser causa e consequência de uma desmotivação para a prática do futebol. É a causa quando consideramos que as próprias mulheres não se motivam para a prática mediante as regulações simbólicas da sociedade quando normatizam e normalizam determinadas atividades para mulheres e outras para os homens.

Como mostram estudos de Moscovici (2009), a 'normatização' e 'normalização' social passam a ser prerrogativas para a tomada de posição e para atitudes dos indivíduos na vida cotidiana. É 'natural' que as mulheres não pratiquem futebol, porque tal atividade não faz parte das atribuições femininas na sociedade.

Isso provoca não só uma desmotivação, mas um desinteresse quase que 'automático'.

Essas afirmações vão ao encontro do que Souza e Knijnik (2007) identificaram ao pesquisarem o imaginário coletivo quanto à expectativa sobre modalidades esportivas que, aos olhos da sociedade e o pensamento hegemônico, devem ser praticados apenas por homens e outros que devem ser praticados apenas por mulheres. Ocorre o que denominamos de uma **automatização da generificação<sup>26</sup> social normatizada e enraizada na memória social** que se constitui em representações sociais. Nesse sentido, muitas estudantes do GII disseram que as mulheres 'não gostam de futebol' porque são mulheres.

As consequências dessa falta de interesse das mulheres pela prática do futebol são percebidas não só, mas principalmente, pelas estudantes do GI (mulheres praticantes dessa modalidade). Elas atribuem essa falta de interesse ao preconceito que precisam enfrentar, por isso não há mulheres em quantidades significativas que pratiquem futebol em comparação com a quantidade de homens. O desinteresse resulta em uma quantidade pequena de equipes, e a motivação para as mulheres praticarem futebol é muito inferior à motivação que os meninos têm para essa prática.

A maioria das estudantes mulheres entrevistadas que integram o GII afirma que pratica o futebol somente por obrigação no cumprimento de uma atividade escolar nas aulas de Educação Física. Isso, quando acontece, é levado muito na 'brincadeira' como se estivessem 'brincando de jogar futebol'.

Para os meninos estudantes que não jogam futebol e que integram o grupo GIV, o sentimento de rejeição deles mediante os grupos de homens que jogam futebol é o principal motivo de emoções e sentimentos negativos relacionados ao futebol. Isso os faz se sentirem inferiores e denunciam uma violência simbólica permeada por um 'machismo' muito presente.

---

<sup>26</sup> "Generificar", isto é, colocar as coisas da vida na ordem dos gêneros, apondo normas, atitudes, símbolos e ações pertinentes aos sexos, é hierarquizar os valores numa ordenação que geralmente é bipolar e excludente (FERRETTI; KNIJNIK, 2007, p.57-58)

#### **4.1.4 Sobre a Dimensão IV – valores sociais, incentivos e motivações para a prática de futebol**

Para que as análises dos conteúdos pudessem ser classificadas na **dimensão IV – valores sociais, incentivos e motivações para a prática de futebol**, consideramos as categorias empíricas D1 e D2 como orientação.

Nossas análises indicam que o reconhecimento e valorização sobre a prática do futebol na sociedade por parte de todos os grupos de estudantes (GI, GII, GIII e GIV) entrevistados estão diretamente relacionados à **diferenciação do reconhecimento e valorização do futebol masculino na escola, na família e na sociedade em comparação com o reconhecimento e valorização do futebol praticado por mulheres nessas mesmas instâncias**. Os dados obtidos em nossa pesquisa sugerem, mais uma vez, que é a naturalização da relação do homem com o futebol na sociedade brasileira o motivo de mais oportunidades e visibilidade para os homens que o praticam, quando comparados às mulheres que também o fazem. Os quatro grupos de estudantes entrevistados confirmam essas conclusões ao afirmar reiteradamente a existência de preconceito por parte de mulheres e homens em relação às mulheres presentes no mundo do futebol.

Supomos que essas inferências sobre as representações sobre as mulheres que jogam futebol são decorrentes do processo de generificação vivido pela sociedade. Mulheres e homens que se contrapõem à binarização dos gêneros e à normalização de suas práticas no esporte enfrentam preconceito e, conseqüentemente, diferentes formas de discriminação em conseqüências das representações aí implícitas.

Reforçam esse ponto de vista as conclusões de Souza e Knijnik (2007), para quem esportistas que quebram a barreira das atividades para homens e para mulheres enfrentam preconceito de seus pares e discriminação por parte da mídia, pela baixa cobertura de seus sucessos.

Para os estudantes dos grupos GI, GII, GIII e GIV, **a mídia e o mercado de consumo influenciam o reconhecimento e a valorização do futebol como atividade masculina em detrimento das mulheres**. Ídolos são produzidos. Busca-se a fama. Conforme suas repostas, a mídia, a sociedade e a 'indústria do futebol' tratam diferentemente o futebol masculino e o feminino, influenciando o desejo de

permanência da menina na prática de futebol. A título de exemplificação, destacamos as seguintes falas:

*‘A mídia tem um pouco de influência nessa valorização. Todo mundo acha eles bonitos. Eles têm mais fama, são ídolos. É diferente das mulheres; os homens têm mais reconhecimento, acho que é porque ainda tem preconceito’ (G1).*

*‘O Brasil... como se diz, é o país do futebol [do futebol masculino]... Quando a gente vê as meninas jogando futebol na televisão, é quase igual a um homem...’ (GII).*

*‘Os jogadores de futebol são ídolos, famosos, ganham muito dinheiro, coisa que no futebol feminino não tem, a valorização é muito diferente em relação às mulheres que jogam futebol. O Brasil é o país do futebol por causa do homem’ (GIII).*

*‘Os meninos que jogam futebol são muito mais reconhecidos que as meninas que jogam. O salário é muito diferente, tudo é muito diferente. São vistos como ‘burros’ porque não precisam estudar... só ter habilidade com a bola e já vão ganhar muito dinheiro... isso é que é o podre do Brasil’ (GIV).*

Os estudantes (G1, GII, GIII e GIV) verbalizam que no Brasil o futebol enquanto prática masculina faz parte da tradição e da constituição da identidade brasileira. Assim, o futebol brasileiro e os jogadores foram – e continuam a ser – modelos e parâmetros para a prática do futebol e o ser homem, mesmo que esse modelo tenha sido construído sob interesses políticos e econômicos. Vamos às falas que destacamos como exemplo:

*‘O futebol masculino ainda tem mais preferência’ (G1).*

*‘As oportunidades não são iguais. Os meninos têm mais vontade de jogar, são mais motivados por conta da história do futebol que tem mais a ver com os meninos. O Brasil... como se diz é o país do futebol [do futebol masculino]’ (GII).*

*‘Os jogadores de futebol no Brasil são bem vistos. Se tornou uma tradição. Todo menino joga bola. Os jogadores de futebol são ídolos, famosos, ganham muito*

*dinheiro, coisa que no futebol feminino não tem, a valorização é muito diferente em relação às mulheres que jogam futebol. O Brasil é o país do futebol por causa do homem'. (GIII).*

*'O futebol foi sempre mais associado aos homens do que as mulheres; é um direito adquirido historicamente' (GIV).*

O futebol é uma prática social esportiva que marca a identidade brasileira e que, como todas as outras práticas sociais (não somente as esportivas), é entendido como espaço generificado e generificador, ou seja, o espaço em que “se produzem e reproduzem representações de feminilidade e masculinidade [...] em torno dessas representações, ocorrem gestos de protagonismo e travam-se embates por significações, reconhecimento e visibilidade” (GOELLNER; VOTRE; MOURÃO; FIGUEIRA, 2011, p.19).

#### **4.1.5 Sobre a Dimensão V – gênero, práticas corporais e sexualidade**

Para que as análises dos conteúdos pudessem ser classificadas na **dimensão V – gênero, práticas corporais e sexualidade**, consideramos a categoria empírica E1 – **'a prática do futebol e a sexualidade'** – como orientação. Lembramos que esta a categoria emergiu das falas dos estudantes que foram entrevistados.

Para as estudantes do GI e GII, as meninas que jogam futebol nem sempre são homossexuais ou bissexuais, assim como não são todos os homens heterossexuais que praticam futebol, embora constatem predominância de meninas homo/bissexuais entre as jogadoras de futebol. De qualquer modo, não acreditam que haja uma relação direta entre ambos: sexualidade e futebol, mas supõem que exista influência das marcações de corpo e sexualidade na prática do futebol.

A opinião dos estudantes do GIII (meninos que jogam futebol) e GIV (meninos que não jogam futebol) são similares às emitidas pelos dois grupos de meninas. Entretanto, para o GIII há influência do grupo de convívio do indivíduo quanto à sexualidade sobre as escolhas do esporte por parte de meninas e meninos. Em outras palavras, não é o futebol que motiva ou influencia a homossexualidade feminina, mas as mulheres homo/bissexuais tendem a se aproximar do futebol.

Para os estudantes do GIV também não há uma relação necessária entre sexualidade e futebol, mas consideram que a prática do futebol pode motivar ou influenciar a homossexualidade feminina. Por isso, acreditam que a maioria das mulheres que jogam futebol são homossexuais. As mulheres homo/bissexuais se aproximam do futebol por ser social e culturalmente (no Brasil) considerada uma atividade predominantemente masculina. Conforme a fala dos meninos do GIV, as mulheres homossexuais acabam 'achando que são capazes' também de jogar como os homens.

Confirmando conclusões anteriores, os resultados obtidos em nossa pesquisa nos dois tipos de entrevistas indicam convergência com resultados de estudos anteriores e referenciais teóricos sobre gênero, corpo e sexualidade nos quais se apresenta forte relação entre essas marcações e jogo de futebol. Entretanto, não há ideias deterministas majoritárias entre sexualidade e práticas sociais. Isso indica um posicionamento positivo mediante possíveis atitudes discriminatórias orientadas por preconceitos que comumente são identificados e relatados pelos próprios estudantes, como pudemos constatar nas entrevistas e destacadas em muitos trechos apresentados anteriormente ao longo deste trabalho.

Nesse sentido, notamos certa ambiguidade entre o que se pensa, o que se fala e como se age em comparação com o que se gostaria de pensar e como se gostaria de agir mediante as transformações sociais e as multiculturas transitando em nossas escolas. Talvez isso ocorra mediante a fluidez social em que vivemos, considerando a diversidade dos sujeitos, dos indivíduos e dos grupos na sociedade e do desejo diante da necessidade do conhecimento das diferenças, do respeito a essas diferenças e da busca da equidade de direitos sobre qualquer prática social em um Estado democrático e seus princípios igualitários.

## 5. A PRÁTICA DO FUTEBOL POR MULHERES: INTERSECÇÕES ENTRE GÊNERO, CORPO E SEXUALIDADE

O objetivo desta seção é apresentarmos o **núcleo figurativo** com os resultados e as discussões das investigações sobre os conteúdos representacionais dos quatro grupos de estudantes de ensino médio (GI, GII, GIII e GIV) e seus processos formativos sobre a prática do futebol por mulheres com relação às suas perspectivas de gênero, marcadas, centralmente, pelas representações de corpo e sexualidade. Para tanto, traçamos um paralelo do sistema categorial da análise de conteúdo com os elementos constitutivos das representações sociais, e assim, ao cruzarmos as variáveis inferidas e de inferência, identificamos os processos de ancoragem e de objetivação e, por conseguinte, os saberes constituintes, os constituídos e a composição do núcleo figurativo dos estudantes sobre os objetos que analisamos a partir das representações sociais sobre as mulheres que praticam futebol.

Conforme Moscovici (2009), para compreender uma representação social é preciso, inicialmente, identificar o seu núcleo figurativo. Este é a associação de um conceito a uma imagem e atua como um processo de objetivação. “É a vida social, evidentemente, que funda, que perpetua e até mesmo renova este núcleo figurativo, isto é, sua história” (MOSCOVICI, 2009, p. 27).

Moscovici chama a atenção para o fato de que, para identificar e analisar representações sociais, é necessário um esquema constituído de três fases: 1) a passagem de um dado fenômeno ao modelo figurativo (objetivação), lembrando que o fenômeno citado se refere, em nossa pesquisa, às mulheres que praticam futebol; 2) a passagem do modelo figurativo ao sistema de interpretação e de categorização da nova informação (ancoragem), fase esta em que o sistema de categorização possibilita a investigação, a compreensão e a organização da realidade, a analogia, a inferência, a antecipação, a compensação; e 3) a mudança da categorização para um modelo ativo (atitude/comportamento).

A primeira e a segunda fase (objetivação e ancoragem) são os processos que constituem as representações e que orientam a elaboração de modelos ativos, de comportamentos mediante o fenômeno ou situação em que o sujeito se encontra. É isso que evidenciam Anadon e Machado (2011) ao afirmarem que, na fase três do

modelo explicativo de Moscovici, os modelos figurativos que foram constituídos transformam-se em modelos ativos que orientam as condutas dos indivíduos.

Para que pudéssemos analisar o **núcleo figurativo ou o universo de opiniões** dos estudantes de ensino médio sobre a prática do futebol por mulheres foi preciso que – após a identificação e as análises dos conteúdos das entrevistas mediante dimensões e categorias – identificássemos os processos de objetivação e ancoragem, conforme está detalhado no Apêndice G. Somente assim, foi-nos plausível a identificação e análise do núcleo figurativo em suas etapas: circulação das informações, campo de representação e tomada de posição frente ao objeto.

## 5.1 UNIVERSOS DE OPINIÕES DE ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO SOBRE A PRÁTICA DO FUTEBOL POR MULHERES: INCORPORAÇÃO DAS REPRESENTAÇÕES À LINGUAGEM E À MEMÓRIA COLETIVA

Villas-Bôas (2008) destaca que as representações sociais dependem do contexto ideológico do momento em que são geradas e que elas dependem do grau de implicação que têm dos grupos que a elaboram e da ligação e estilo das comunicações partilhadas por eles. Os universos consensuais se constituem e circulam em grupos até que os saberes são incorporados à linguagem e à memória coletiva. “Todo saber depende de um contexto e está enraizado em um modo de vida. Todo conhecimento nasce de um contexto social e psicológico” (JOVCHELOVITCH, 2008, p. 92).

É da soma de experiências e memórias comuns que nós extraímos as imagens, linguagem e gestos necessários para superar o não familiar [...]. As experiências e memórias não são nem inertes, nem mortas. Elas são dinâmicas e imortais. Ancoragem e objetivação são, pois, maneiras de lidar com a memória. A primeira mantém a memória em movimento e a memória é dirigida para dentro, está sempre colocando e tirando objetos, pessoas e acontecimentos, que ela classifica de acordo com um tipo e os rotula com um nome. A segunda, sendo mais ou menos direcionada para fora (para outros), tira daí conceitos e imagens para juntá-los e reproduzi-los no mundo exterior, para fazer as coisas conhecidas a partir do que já é conhecido (MOSCOVICI, 2012, p. 78).

É fato, então, que os estudantes de ensino médio aqui entrevistados apresentaram suas representações sobre a prática de futebol por mulheres a partir da produção de seus saberes construídos ao longo de sua trajetória de vida, de suas memórias, de suas experiências, de suas convivências no cotidiano, as imagens por eles elaboradas e imaginadas, de diálogos – mais ou menos elaborados - com o outro, por isso reproduzidas, juntadas, conectadas e reconectadas com novos saberes e experiências diárias. Daí a importância da escola enquanto um dos mais relevantes locais de circulação de informações, de produção de conhecimentos e formação política, ética e estética sobre os mais diferentes conteúdos e fenômenos da vida social.

### **5.1.1 Circulação das informações sobre a prática do futebol por mulheres no Brasil**

Para quatro grupos investigados (GI: mulheres que praticam futebol; GII: mulheres que não praticam futebol; GIII: homens que praticam futebol; e GIV: homens que não praticam futebol), o futebol é um dos símbolos da identidade brasileira e faz parte de nossa tradição e cultura, mas ainda é uma atividade comumente ligada ao ‘mundo masculino’ (hegemonia masculina). Para eles, o machismo está muito presente e as diferenças biológicas, psicológicas e emocionais entre homens e mulheres são inatas e influenciam nas atividades sociais desempenhadas pelos homens e pelas mulheres que justificam as diferenças na competência e nas capacidades para a prática do futebol mesmo que as condições sociais para a prática sejam iguais.

Muitos estudantes afirmam que, atualmente o preconceito social é menor, mas ele ainda está muito presente na sociedade com relação as mulheres que praticam futebol, principalmente, mas não só, originado de outras mulheres que não praticam futebol e está associado às questões relacionadas às marcações de gênero, corpo e sexualidade e às atividades binarizadas e normatizadas socialmente, assim como aos espaços específicos destinados à essas atividades.

Nesse sentido, a prática do futebol por mulheres ainda é estranha para a grande maioria, e esse ‘estranhamento’ situa as mulheres em uma posição de submissão nas relações de poder na prática do futebol. Essa posição provoca

diferenças na valorização, respeito e reconhecimento da prática do futebol por mulheres e influencia no desejo de permanência na prática do futebol pelas mulheres.

Outro fator bastante citado pelos estudantes e significativamente influente na circulação de informações das representações sobre a prática do futebol pelas mulheres é a mídia. Esta cumpre um papel significativo na manutenção das diferenças de gênero que marcam essa prática e, conseqüentemente, as relações de poder que aparecem nesse campo. Os estudantes percebem que o cenário do futebol masculino é uma 'indústria' e um mercado provocador de desejos e necessidades e influenciam nas perspectivas essencialmente dos jovens meninos que buscam fama, sucesso e dinheiro.

No que diz respeito ao gosto pessoal, as informações circulantes entre os estudantes entrevistados é a de que as mulheres que praticam futebol, assim como os homens que não gostam e não praticam futebol, são minoria em nossa sociedade. É comum, e 'quase que natural' que o homem goste de jogar futebol, assim como a mulher, não gostar. Por isso, as representações sociais apontam para que as marcações de gênero, corpo e sexualidade estão muito presentes no preconceito e na discriminação desses grupos minoritários. As mulheres que praticam futebol são imaginadas como mais 'masculinizadas'. A masculinização remetida às mulheres que praticam futebol é associada às características físicas e à sexualidade (homossexualidade) e justificadas como forma de marcação da atuação das mulheres em um espaço hegemonicamente masculino na sociedade brasileira.

A sexualidade, as características físicas e emocionais se tornam critérios de descrição entre as mulheres que praticam e as que não praticam futebol. Mesmo assim, os estudantes acreditam, em sua maioria, que não há uma associação direta entre a prática do futebol e a sexualidade das mulheres, embora a informação que circula é a de que a maioria das mulheres que jogam futebol é homossexual e de que essas jogam bem melhor que as mulheres heterossexuais. O preconceito tem origem na própria família por conta do estereótipo da homossexualidade associada ao futebol feminino.

Em síntese, as características atribuídas às mulheres que praticam futebol são comumente aproximadas às características relacionada aos homens. Inclusive ideias relacionadas às questões mais subjetivas como, por exemplo, a vaidade. Quando questionados sobre esta característica, os estudantes acreditam que,

embora seja relativa à individualidade e ao gosto particular das pessoas em geral, as mulheres que praticam futebol são menos vaidosas que as que não praticam e que os homens que jogam futebol. Estes últimos são mais vaidosos pelo fato de se espelharem nos seus ídolos, que são enaltecidos pela mídia e pela divulgação de suas imagens. As mulheres que praticam futebol se aproximam dos homens de maneira geral, dado ao fato de que as ideias que circulam socialmente são as de que os eles - com exceção dos jogadores de futebol, cantores, artistas, modelos, etc. – tendem a ser menos vaidosos que as mulheres, pois a vaidade é ‘coisa de mulher’ ou de ‘homens afeminados’.

Outro pensamento que circula entre os estudantes de ensino médio é que o preconceito e a discriminação são produzidos e reproduzidos na sociedade, na família e na escola. Para eles, a família e escola cumprem um importante papel no incentivo e na motivação para a prática ou não do futebol, assim como na contribuição para a elaboração de conhecimentos, valores, ideias que culminam em ações e relações sociais. Os estudantes acreditam que na escola ideias preconceituosas e ações discriminatórias pareçam ser menores que em outros âmbitos, elas ainda estão bastante presentes. Um exemplo bastante citado nas entrevistas e que podemos destacar como ações discriminatórias na escola são as atividades no cotidiano das aulas de Educação Física quando são direcionadas aos meninos à modalidade de futebol e às meninas à de voleibol.

Os saberes relacionados à afetividade – essencial ao campo da cognição e da emoção – se diferem dependendo do grupo em que as representações circulam. Podemos notar que essas diferenças estão intimamente ligadas às particularidades e ao sentido e significado individual, portanto subjetivo, dos estudantes envolvidos na pesquisa.

Em particular, no grupo de mulheres que praticam futebol (GI), ficou evidenciado que elas se sentem valorizadas e respeitadas junto ao grupo de iguais. Existe amizade e companheirismo entre as meninas integrantes deste grupo. Além disso, a prática do futebol provoca realização pessoal. Essas são as principais motivações para a prática dessa modalidade para as estudantes do GI. No GII (mulheres que não praticam futebol), a informação que circula é a de que a maioria das mulheres não gosta de futebol e de que quando mulheres jogam é estranho. Para esse grupo, o futebol não tem valor afetivo, nem significado pessoal. Para os jovens estudantes que praticam futebol (GIII), a prática do futebol, na sociedade

brasileira, ainda é uma afirmação de masculinidade. Entretanto, uma das informações que nos chamou a atenção foi a de que para esses garotos, as ideias preconceituosas e ações discriminatórias são em sua maioria provenientes das mulheres que não praticam futebol. Para os estudantes do GIII, falta engajamento das mulheres na busca de seus espaços e direitos. Constatamos em suas falas que para eles a informação circulante é a de que parece haver, muitas vezes, certa comodidade das mulheres, pois, atualmente as mulheres até '*podem*' (GIII) jogar, embora muitos homens não aceitem bem, outros podem achar interessante a prática do futebol por mulheres diferente do que acontecia há tempos atrás.

No que diz respeito as capacidades e habilidades necessárias para jogar o futebol, os grupos acreditam que elas são diferentes quando os homens que jogam são comparados as mulheres que praticam futebol. Entretanto, as informações que eles nos passaram é a de que as capacidades físicas até podem ser decorrentes da natureza física e corporal, ou seja, de um biotipo mais adequado, mas as habilidades não estão relacionadas a esse 'determinismo biológico' e sim a quantidade da prática e do treinamento por parte dos meninos serem muito maior em comparação as das mulheres.

Essas afirmações vão ao encontro daquelas sobre ao maior incentivo e motivação para a prática do futebol quando relacionado ao gênero masculino nas diversas esferas de nossa sociedade. Mais oportunidades, mais incentivos, motivações e visibilidade para determinado grupo em detrimento de outro provoca essa situação de desigualdade diante de um fenômeno ou de uma prática esportiva e social.

Sobre a prática de o futebol influenciar a orientação da sexualidade ficou evidente que a informação que circula entre os estudantes é a de que não há uma relação direta ou uma influência determinante entre essas duas variáveis. Para eles (GI, GII, GIII e GIV), não se pode afirmar que a prática do futebol influencia, ou coloca em suspeição a sexualidade das mulheres que a vivencia. Entretanto, há uma anuência sobre a ideia de que as mulheres que jogam e são homossexuais são bem mais capazes e mais habilidosas do que as heterossexuais. Mas a orientação da sexualidade não se deu por conta da prática do futebol.

Ainda sobre a sexualidade, os estudantes chamam a atenção para o fato de que, independentemente das atividades cotidianas das pessoas, o grupo de convívio pode influenciar no comportamento de um sobre os outros e não só no

comportamento, mas também na orientação da sexualidade. Neste sentido, observamos que o determinismo cultural está muito presente na forma representacional desses estudantes.

Já as ideias circulantes sobre as relações afetivas e emocionais entre os meninos (praticantes - GIII ou não de futebol - GIV) e as meninas (praticantes de futebol - GI) se mostraram muito diferentes. Os meninos que praticam futebol (GIII) disseram que se relacionam normalmente com as meninas que praticam futebol com relação à amizade e até namoro, mas, para alguns, o namoro depende da aparência da menina, já outros afirmam que não namorariam uma menina que pratica futebol.

A partir dessas ideias, fica evidente que há um preconceito decorrente da ocupação social das mulheres que jogam futebol referente à sua condição de 'transgressora' da normatividade social historicamente construída e que faz parte da memória e, por conseguinte, das representações sociais desses meninos. Tais representações estão atreladas ou ancoradas em ideias de mulheres 'masculinizadas', mais fortes física e emocionalmente, menos vaidosas, nem tão 'bonitas' quando comparadas aos padrões estéticos ditados pela cultura de massa em nosso tempo, dentre outros atributos.

Os estudantes integrantes do GIV (meninos que não jogam futebol) mostraram ter outras ideias frente às indagações sobre relacionamentos afetivos e emocionais com as mulheres jogadores de futebol. Para eles, não haveria qualquer tipo de problema, iriam incentivar e, inclusive muitos achariam interessante e desafiador para eles próprios. O GIV denunciou que também sofre discriminação por não gostarem e não praticarem futebol. Eles se sentem rejeitados e inferiorizados diante da maioria dos homens que jogam.

Essas diferenças de pensamentos entre os integrantes do GIII e do GIV nos fez pensar que há certa disputa de poder entre os homens que praticam futebol com as mulheres que também praticam. Certa 'falta de apreço' deles com relação a elas nos parecem estar relacionada a uma conduta voltada para uma proteção de um espaço tradicionalmente masculino na cultura brasileira. Manter um distanciamento afetivo e emocional das mulheres que jogam – mesmo que sem a lucidez desta atitude – parece ser ao mesmo tempo uma atitude de defesa de um espaço simbólico e político importante nas relações de gênero. Entretanto, estas atitudes são discriminatórias, pois são orientadas por ideias preconceituosas.

Outra variável de inferência que apresentamos em nossas entrevistas procurou investigar quais as ideias circulantes dos estudantes com relação sobre o que a sociedade, de maneira geral, pensa sobre as mulheres que praticam futebol. Ou seja, procuramos investigar a metarepresentação dos estudantes. Quanto a isso, para os integrantes do GI, GII, GIII e GIV, existe em nossa sociedade o que eles denominaram de 'preconceito velado'. Eles conceituam esse tipo de preconceito dando exemplo daquelas pessoas que dizem que não são preconceituosas, que não discriminam, que respeitam os outros, que não são racistas, etc. mas que no 'fundo' são preconceituosas e discriminam as pessoas diferentes deles, não pensam como eles ou que não se enquadram no que eles acham certo ou errado.

Os estudantes justificaram essa 'metarepresentação' pelo fato de que, hoje em dia parece ser 'politicamente correto' não ter preconceito, atualmente é constrangedor ser considerado preconceituoso e a discriminação é crime. Vemos isso a todo instante na mídia. Só é possível ser assim junto com um grupo restrito e de pessoas que pensa igual a você.

Sobre a escola, os estudantes nos disseram que os temas relacionados à diversidade social e respeito às diferenças não são tratados como conteúdos de ensino, e sim como atividades pontuais, como, por exemplo, semana cultural. Há apresentação de conteúdos relacionados a esses temas esporadicamente nas disciplinas de História, Sociologia, Filosofia, Artes e Biologia.

Além disso, na escola, há uma 'barreira' entre estudantes e professores no que diz respeito aos temas relacionados à diversidade social, ao respeito às diferenças e aos direitos dos grupos minoritários. É necessária uma formação/educação desde o início da escolarização com vistas à diminuição do preconceito e reconhecimento das diferenças e da diversidade social.

Isso tudo nos leva a crer que são necessárias políticas educacionais de formação inicial e continuada voltada para as discussões de corpo, gênero e sexualidade na escola. É urgente que educadores e educadoras estejam comprometidos com a educação de sujeitos conscientes e críticos para que sejam capazes de identificar, questionar e inferir na sociedade.

### **5.1.2 Campo de Representação: o modelo social de futebol, mulheres e mulheres que praticam futebol**

A sociedade brasileira normatiza e regulariza histórica e culturalmente as práticas, os papéis sociais e o espaço de atuação dos homens e das mulheres conforme as marcas sociais impressas nesses sujeitos de acordo com seu gênero, grupo social ao qual pertence, etnia de origem, formação educacional, nível econômico, entre muitos outros estereótipos que preenchem as expectativas da ideologia dominante da formação social almejada. Nossa sociedade, assim como qualquer outra, é representada por inúmeros símbolos que a caracterizam e a singularizam culturalmente. O esporte é um dos símbolos sociais de afirmação da identidade de uma nação, de uma sociedade ou de um grupo.

Assim como em diversas nações e sociedades, dentre as modalidades esportivas praticadas na contemporaneidade, o futebol apresenta-se com forte expressão social, política, econômica e educacional. No Brasil, em específico, o futebol é a modalidade esportiva considerada uma das representações da nação brasileira e sua cultura. O futebol é, inegavelmente, um dos símbolos Brasil. Entretanto, é um símbolo hegemonicamente masculino. O futebol que representa o Brasil quando lemos, pensamos, falamos ou ouvimos: 'o Brasil é o país do futebol'; é o futebol masculino que se está sendo referido.

As ideias sobre a prática do futebol por mulheres ainda estão ancoradas em preconceitos que são objetivados em representações discriminatórias. Podemos notar tais ideias e discriminações nas falas dos estudantes, mesmo que apontem para alguma mudança nesses padrões. Suas atitudes mostram que eles ainda estão apoiados em pensamentos de que os homens têm mais competência, habilidades e capacidades necessárias para a prática do futebol do que as mulheres; eles são mais fortes, corajosos, viris, habilidosos e mais agressivos quando comparados às mulheres. Portanto eles são, naturalmente, mais preparados para a prática do futebol do que as mulheres.

Em contrapartida, as mulheres, por sua natureza, são mais delicadas, carinhosas, menos corajosas, menos habilidosas, mais emocionais quando comparadas aos homens. Dessa forma, menos preparadas para a prática do futebol. Já aquelas que jogam, desenvolvem as características consideradas 'mais masculinas', por isso são 'esteticamente e emocionalmente mais masculinizadas' do

que aquelas que não jogam futebol, quando há esse tipo de comparação. Notamos que os determinismos biológico e cultural imperam nas representações sociais dos estudantes.

Esses determinismos sustentam os preconceitos e as atitudes discriminatórias contra as mulheres que praticam futebol e estão relacionados às marcações de corpo, gênero e, principalmente, sexualidade. Portanto, o campo representacional dos estudantes está constituído de saberes que indicam que maioria das mulheres que praticam futebol é masculinizada e homossexual.

### **5.1.3 As atitudes: tomada de posição frente ao objeto categorizado na ancoragem**

Os grupos minoritários (mulheres que praticam futebol) sofrem preconceitos que geram discriminações e consequências diversas, como a segregação. Há muito preconceito e muito machismo na sociedade brasileira em diferentes âmbitos e atividades. É percebida uma Perpetuação do binarismo de gênero naturalizado arbitrariamente conforme o sexo anatômico: divisão social papéis, de atividades e de espaço para homens e mulheres.

Por esta razão, ao futebol masculino é conferida uma importância social muito superior em comparação com a prática do futebol por mulheres. Ocorre um enaltecimento social em torno dos jogadores de futebol em nossa sociedade. Falta engajamento político e social das mulheres pela conquista de espaços e direitos de forma igualitária. Em nossa sociedade prevalecem padrões de comportamentos e de estética corporal.

A escola, pouco ou nada colabora para a diminuição do preconceito, da discriminação e para a igualdade de direitos das minorias sociais. Em se tratando de relações entre majorias e minorias – como é o caso de nossa pesquisa –, o processo de ancoragem refere-se ao movimento da maioria para inscrever em seus fins suas ações simbólicas nas relações com a minoria e, também, com o seu próprio passado, suas tradições e suas classificações, para comunicá-las aos outros em geral (MOSCOVICI, 2009, p. 29).

O processo de ancoragem permanece no tempo da representação social e produz efeitos sobre a sociedade na qual a construção de muros psíquicos sociais erguidos é fundada em preconceitos relacionados às minorias. Souza (1996)

analisou a construção da imagem da Nação brasileira sob a ‘lente do futebol’ e a produção e reprodução de representações na construção dessa imagem. Em seus estudos, foi verificado que gênero e raça otimizam as narrativas da construção da Nação brasileira atrelada ao futebol. Tais potenciais classificadores – gênero e raça – aumentam a essência atrelada à identidade nacional transmitida pelo futebol brasileiro. A raça ressalta o pertencimento de uma nação vitoriosa reconhecida como "futebol-arte", baseando esse estilo nas características herdadas dos negros. O gênero estabelece “o tipo de cidadania que é pensada para cada sexo”; o futebol brasileiro também constrói e comunica as diferenças impostas pela construção da nação a partir das relações entre os gêneros. “Às mulheres cabe um papel de coadjuvantes neste processo de afirmação masculina da nacionalidade via futebol”.

Algumas representações eruditas também acompanham as representações populares na simbologia da masculinidade imputada ao futebol. As diferenças sexuais, ao serem valoradas, configuram relações de gênero que favorecem à construção e à comunicação de diferenças colocadas sobre outros rótulos, como as impostas pela construção da nação, de forma que os potenciais classificadores do gênero otimizam as narrativas do nacionalismo no futebol brasileiro (SOUZA, 1996).

Segundo Souza (1996), além de a elaboração da representação de nação – sob a ótica do futebol – ser modelada sob normas de raça e de gênero e sexualidade, também encontram-se nelas os “dramas relacionados à nação”. As representações estão baseadas em “explicações sócio-biológicas de definição do caráter nacional do futebol, que é então definido como um fato ‘natural’, e não um fato advindo da sociedade e da cultura”.

Além dos conteúdos das falas dos estudantes identificados por meio das entrevistas semiestruturadas, as informações originadas das entrevistas projetivas com referência à identificação das figuras de mulheres que mais tinham aparência de que jogavam futebol e da identificação daquelas que menos tinham aparência – Apêndice C - reforçam a constituição do campo de representação dos estudantes sobre as mulheres que praticam futebol e as marcações de gênero, corpo e sexualidade em decorrência desta prática.

Caetano (2006) – citado por Camargo; Justo; Jodelet (2010) – afirma que não é necessária muita informação para se formar uma

impressão sobre alguém. A partir de pequenos indícios cria-se uma idéia global e coerente acerca das outras pessoas. Assim, a aparência mostra-se um elemento relevante na formação de impressões sobre alguém, já que foi considerada pelos participantes a característica que mais chama a atenção num primeiro encontro. Por outro lado, para formar uma opinião sobre alguém a aparência adquire menor importância, e os comportamentos e as características subjetivas são prevalentes. O corpo é pensado a partir de normas estéticas. A inclusão do indivíduo no padrão é realizada através mediação do outro, seja pelo julgamento ou pelo modelo que o outro propicia (CAMARGO; JUSTO; JODELET, 2010, p. 456).

As representações sociais sobre as jovens mulheres que jogam futebol são ancoradas nas características dos homens jogadores de futebol. Esse processo reflete a associação, em nossa sociedade, de pessoas que jogam futebol com força, virilidade, coragem, destreza, heterossexualidade, entre outras características 'naturalmente' determinadas e atribuídas ao gênero masculino. Conforme Goellner (1999), as dúvidas quanto à sexualidade de mulheres que praticam atividades relacionadas ao gênero masculino desconsidera a maneira como cada uma vive e experiencia suas relações, seus desejos, seus amores e seus prazeres. Não só desconsidera – o que já entendemos como forma de discriminação e violência – como reprova a sexualidade quando ela está ou pode estar associada a uma vivência diferente da heterossexualidade. Sendo assim, as jogadoras de futebol sofrem discriminação a partir daquelas características.

A associação entre o esporte e a masculinização da mulher atravessa décadas e, mesmo que em muitas situações as atletas tenham saído das zonas de sombra, ainda hoje são recorrentes algumas representações discursivas que fazem a apologia da beleza e da feminilidade como algo a ser preservado, em especial, naquelas modalidades esportivas consideradas como violentas ou prejudiciais a uma suposta natureza feminina (GOELLNER, 2005, p.143).

O núcleo figurativo dos estudantes de ensino médio que constituem as representações sobre as mulheres que praticam futebol é compreendido pelas mesmas características atribuídas aos homens jogadores de futebol (algumas características já foram mencionadas anteriormente). No senso comum, as representações sociais sobre as mulheres que jogam futebol parte da seguinte

premissa: “o futebol é ‘coisa’ de homem; logo, mulheres que jogam futebol são masculinas”.

Na sociedade a mulher assim como o homem acabam sendo rotulados a partir da marcação corporal. Da mesma forma que Goellner (1999) acreditamos que a imagem corporal assegura a feminilidade e a masculinidade conforme os modelos socialmente constituídos.

Através do movimento e pelo movimento são estabelecidas formas sutis de aplicar um rígido controle sobre si mesmo e assim assegurar a construção de um padrão de “ser mulher” construído a partir de um olhar recheado de convenções e para o qual o termo feminilidade parece não existir no plural (GOELLNER, 1999, p. 42).

A mídia tem um papel importante na criação de mitos que procuram atrelar a identidade do torcedor ao selecionado de futebol – masculino – nacional (SOUZA; KNIJNIK, 2007 e FREITAS JR.; MOSKO; SOUZA, 2008). Para Souza e Knijnik (2007), a mídia cria e também destrói os heróis esportivos ao transmitir as imagens positivas ou negativas sobre os jogadores. O imaginário social sobre o futebol e suas representações é constituído sobre esses mitos fundantes. Entretanto, os meios de comunicação de massa privilegiam os homens atletas em detrimento das mulheres. Esta afirmativa se assemelha à fala dos estudantes de ensino médio participantes de nossa pesquisa (GI, GII, GIII e GIV), ao questionarmos sobre os sentidos e os significados do futebol, assim como os incentivos e oportunidades da prática dessa modalidade pelos homens e pelas mulheres, dados pela família, pela escola e pela sociedade em geral.

Se os indivíduos, grupos ou comunidades são aqueles que praticam futebol, as representações – sentidos e significados – dessa prática social são determinadas por este contexto e pelas relações estabelecidas nele. Caso os indivíduos, grupos ou comunidades sejam compostos por não praticantes de futebol, as representações sobre esta prática social serão influenciadas por conteúdos representacionais constituídos na história e no contexto em que o futebol se apresenta e significa para eles. Nesse sentido, um dado encontrado por Souza Jr. e Darido (2002) também vai ao encontro do que identificamos ao analisarmos as mensagens das estudantes integrantes do GI na dimensão de objetivos, afetividade e pertencimento. As meninas que praticam futebol optam por essa prática em grupos que tenham semelhança com elas, em grupos exclusivamente femininos. A justificativa para essa

preferência se baseia na atenuação do constrangimento mediante fracassos ou menor grau de capacidade e habilidades para o jogo do futebol, quando comparadas aos meninos. Dessa forma, a participação no jogo é mais efetiva, e elas se sentem menos ‘envergonhadas’.

Da mesma maneira, e em particular, as relações de poder culturalmente constituídas que permeiam as práticas sociais e as relações de gênero – entre outras – também influenciam significativamente na constituição do campo representacional e nos conteúdos sobre a prática do futebol por mulheres ou por qualquer outro grupo que, ‘naturalmente’, não se ‘enquadra’ socialmente – politicamente – nessa prática. Desta representação derivam os preconceitos baseados nos estereótipos que o núcleo comum constituiu ao longo do tempo, na sociedade brasileira, sobre o ‘jogar/praticar futebol’.

Atualmente – segunda década do século XXI –, ainda há estranheza, conflito e violência de gênero, que marcam as representações e ações repressivas e discriminatórias dirigidas aos corpos femininos e, ainda, de concepções binárias e naturalizadas com relação à sexualidade a respeito de mulheres que praticam futebol em nossa sociedade, dadas as influências históricas e culturais do patriarcalismo, machismo, sexismo, entre outros determinismos e normalizações sociais histórica e culturalmente estabelecidas ao longo dos últimos séculos no Brasil.

Os saberes, pensamentos e atitudes dos estudantes do ensino médio sobre a prática do futebol por mulheres puderam ser confirmados durante a identificação e análise das representações sociais dos estudantes de ensino médio e nos conceitos e concepções históricas sobre a prática do futebol pelas mulheres, o que, conseqüentemente, retrata os saberes constituídos e constituintes que são compartilhados socialmente sobre este objeto. Supomos que tais representações sociais ainda estão pautadas em estereótipos, motivadas por preconceitos sociais de representações construídas ao longo de nossa história.

Os preconceitos “[...] são visivelmente conhecidos a partir de uma representação partilhada que varia muito de acordo com as circunstâncias, mas que é sempre estruturada de uma mesma forma: o que podemos e o que devemos mostrar” (MOSCOVICI, 2004, p. 26). Já a permanência de um preconceito necessita de uma ‘invenção’ consciente ou inconsciente da representação social de uma maioria sobre uma minoria por meio de um núcleo figurativo ou universo de opiniões.

O núcleo figurativo sobre as minorias se apresenta como o ‘modelo do NÃO ser’, e, assim, encontramos a minoria por meio de temas e figuras rejeitados, mas familiares, que servem como ponto de ancoragem.

Para Goellner (2006), o esporte, por ser um espaço generificado como tantos outros, produz marcas nos corpos e nas atitudes, tomando como orientação o que cada cultura estabelece como masculino ou feminino. Conforme apresentado por França (2005, p.187), para Goellner (2003) a linguagem constrói o corpo, incluindo os adereços, gestos e tudo o que lhe formata (o que em nossa pesquisa denominamos de tecnologias de gênero). A linguagem confere ao corpo o que é considerado feio ou bonito, anormalidade ou normalidade. Nessa construção, Goellner atesta a historicidade do corpo e ressalta, também, que a classificação é sempre política, já que implica exclusão de uns corpos e aceitação de outros.

Ao tentar aproximar o estranho – por exemplo, mulheres que praticam futebol – do conhecido – tornar familiar o que não é familiar –, os indivíduos, grupos ou comunidade acabam por ancorar as representações em conceitos que fazem sentido para eles; assim, o resultado são objetivações próximas dos significados e sentidos do ‘jogar/praticar’ futebol constituídos e historicamente fundamentados na tradição cultural e social relacionadas àqueles que ‘comumente/normalmente’ são aptos para esta prática, a saber: os indivíduos do gênero masculino. As representações do novo conteúdo – mulheres que praticam futebol – são associadas às características do gênero masculino.

Como o conceito de gênero está engendrado ao conceito de corpo e sexualidade e suas representações, ele acaba atravessando e influenciando as representações de gênero e, conseqüentemente, influencia também as relações de gênero – e relações de poder – presentes nas práticas e relações sociais constituídas em suas ações comunicativas verticalizadas que ampliam o campo das representações sociais e a forma das relações estabelecidas entre sujeito/objeto/mundo num processo constitutivo. Camargo, Justo e Alves (2011) destacam que o corpo é constituído por representações individuais e sociais, as quais podem ser modificadas. Elas são dinâmicas e se manifestam conforme cada um percebe e usa o seu corpo, assim como o marca e o transforma.

O trabalho da representação está pautado em uma ordem simbólica – registro simbólico –, que, essencialmente, é deslocar objetos e pessoas a uma nova configuração. Para Camargo, Justo e Jodelet (2010), as representações sociais são

fundamentais na constituição da concepção de corpo e de suas experiências. Elas, as RS, disseminam os modelos de pensamento e as atitudes relacionadas à concepção de corpo. O corpo é um conteúdo simbólico influenciado pelo movimento das sociedades. A partir da TRS, o corpo é considerado um objeto social, portanto as representações sociais sobre ele estão vinculadas aos valores, crenças e normas vigentes em um grupo. Além disso, ao corpo – considerado na TRS – é possível uma integração da dimensão privada àquelas socialmente compartilhadas. Isso reflete em maneiras diferentes de o indivíduo se relacionar com o próprio corpo e com o corpo dos Outros (CAMARGO; JUSTO; JODELET, 2010).

Em síntese, a representação social, por ser produção simbólica destinada à compreensão e balização do mundo, “tem um caráter cognitivo e autônomo e configura a construção social da realidade. A ação e a comunicação são seu berço e chão: delas provém e a elas retorna a representação social” (ARRUDA, 2002, p.142). Assim como “o conteúdo e a forma do pensamento, ou as idéias e processos pelos quais essas idéias são geradas e compreendidas são afetadas por fatores sociais concretos, e o gênero é um deles” (FARGANIS, 1992 apud ARRUDA, 2002, p.143).

Em seus estudos, Arruda (2002) constata que, quando uma defasagem entre o objeto e sua representação é percebida – assim como ocorreu em nossa pesquisa –, significa que o que ocorre é uma marca grupal/cultural sobre esse objeto e que essa marca está impressa no processo de construção da representação. Essa aparente distorção ocorre em função da modificação do sentido do objeto por esse sujeito/grupo/cultura para adaptá-lo às suas necessidades e desejos conforme aspectos normativos e valores. Neste caso, o imaginário do sujeito/grupo/comunidade suplementa com atributos ou conotações o objeto representado.

Isso significa que é imprescindível a reflexão sobre o estatuto epistemológico das representações e, mais que isso, que é necessário, também, além da verificação e análise do tipo de alteração que a representação introduz no objeto de conhecimento, haver o interesse de observar como e por que acontecem essas modificações, o que elas indicam e como elas constituem a representação, fornecendo a elas um sentido de conhecimento verdadeiro e uma eficácia simbólica.

## CONSIDERAÇÕES GERAIS

Pesquisar e refletir sobre as relações de gênero em nossa sociedade nos dias atuais – segunda década do século XXI – é entrar em uma teia formada por complexidades de naturezas diversas: política, religiosa, educacional, econômica, sexual, sociológica, ideológica, familiar, entre outras. Portanto, isso nos possibilita transitar e considerar todos esses aspectos. Neste percurso, pudemos constatar que a compreensão e discussões sobre gênero e seus determinantes são desafiadoras e exigem muito estudo, discernimento e uma sutileza quase obrigatória, para que não desconsiderássemos o contexto e o recorte específico de nossa pesquisa. O espaço e as delimitações que a pesquisa acadêmica exige impossibilitam uma finalização ou uma conclusão sobre as marcas e os determinantes dos gêneros e suas relações em toda a complexidade e aspectos da vida social, inclusive sobre a prática do futebol por mulheres e as marcações de gênero, corpo e sexualidade sobre ela.

O que descrevemos aqui são considerações sobre o estudo específico das representações sociais de estudantes de ensino médio em uma escola da cidade de Londrina – PR sobre as mulheres que praticam futebol marcadamente pelas representações de gênero, corpo e sexualidade. Para chegarmos à identificação e à compreensão das representações sociais dos estudantes que fizeram parte de nossa pesquisa e, conseqüentemente, pela constituição do campo representacional – universo figurativo – desse grupo, passamos pela identificação e análise dos processos constituintes – objetivações e ancoragens – de suas representações sociais acerca do nosso tema e objeto de estudo.

Tomamos como fundamento a Teoria das Representações Sociais (TRS) e como método pesquisa a Análise de Conteúdos (AC) proposta por Bardin (2004). Algumas questões foram importantes para pensarmos o processo de construção dessas representações, entre elas: Como se forma o universo figurativo dessas representações sociais? Como as práticas sociais induzem e justificam as representações e explicam a inscrição desse núcleo figurativo inscrevendo-o em uma rede de significações? Qual o papel do simbólico na orientação das condutas humanas?

Encontramos as respostas para essas questões a partir da identificação do universo figurativo – ou o universo consensual – dos estudantes de ensino médio sobre a prática do futebol por mulheres. O universo figurativo se inicia a partir da

circulação das informações sobre aquelas mulheres, que, por sua vez, fundamenta a formação do campo representacional que os estudantes têm sobre elas. O campo representacional é o modelo social ou a imagem que as mulheres que praticam futebol têm em nossa sociedade. É essa imagem, ou esse modelo social, da mulher no universo do futebol que orienta as atitudes, as ações dos indivíduos, dos grupos e da sociedade de maneira geral.

As representações sociais sobre as mulheres que jogam futebol – assim como qualquer que seja o objeto, fato ou fenômeno representado – são inscritas em uma rede de significados construídas em contextos sociais, políticos, econômicos ao longo da história. Essa construção da rede de significados depende de referências que os indivíduos e a sociedade têm em relação ao objeto em questão. A característica da rede é a interconexão de inúmeros canais que nos informam e formam os saberes, pensamentos e orientam as atitudes das pessoas e dos grupos nos espaços de convívio no cotidiano das vidas individuais e sociais de cada um. Além disso, esses canais informativos influenciam significativamente a compreensão sobre a realidade e a maneira como as relações com o Outro se estabelecem. Os saberes são, então, sociais na medida em que são compartilhados dinamicamente e são transformados ou perpetuados ao longo do tempo.

A cada situação a que somos submetidos, ou a cada fato que nos é apresentado, recorreremos a essa rede de significados em busca de informações, para que possamos lidar com essa situação, fato ou novo conhecimento. A rede de significações que orienta nossas atitudes são as representações socialmente compartilhadas e que guardamos em nossa memória social.

As relações de gênero na sociedade brasileira têm fundamentos no patriarcalismo, no higienismo e no eugenismo (como apresentamos na seção dois deste trabalho). Esses fundamentos estão arraigados no pensamento social e são perpetuados pela nossa memória coletiva por meio da circulação das informações e da naturalização das posições e papéis sociais atribuídos aos indivíduos, conforme a raça, a classe social, o gênero, geração, entre outros.

Em nossas análises, constatamos que as representações socialmente compartilhadas e ‘arquivadas’ na memória social dos estudantes de ensino médio (GI, GII, GIII e GIV) participantes de nossa pesquisa sobre a prática do futebol por mulheres ainda estão ancoradas em representações que marginalizam esse grupo de mulheres, por conta, fundamentalmente, da marcação de gênero e das

representações sobre corpo e sexualidade atribuídas a essa marcação. Os preconceitos são latentes por conta dos estereótipos que essas mulheres adquirem ao praticar uma modalidade esportiva que é historicamente de hegemonia masculina. A mulher que pratica futebol ainda é discriminada por conta desses estereótipos que a caracterizam enquanto ‘diferente’ das demais mulheres.

Os preconceitos sociais originam-se das rotulações – estereótipos – daqueles que não parecem padronizados em uma normalidade social arbitrária constituída historicamente conforme interesses sociais, políticos, econômicos, religiosos ou quaisquer que sejam as motivações. Os estereótipos relacionados à prática do futebol estão intimamente ligados às marcações de gênero, corpo e sexualidade. As pessoas consideradas ‘diferentes’ da maioria sofrem uma desaprovação por suas características, em diferentes esferas da vida social. A discriminação leva o Outro a ter atitudes violentas e que tem como consequência a marginalização do ‘diferente’ dele.

Os estereótipos relacionados a prática do futebol estão intimamente ligados às marcações de gênero, corpo e sexualidade. As marcações categorizam os indivíduos e o mesmo ocorre com as mulheres que praticam futebol. São essas categorias que a sociedade toma como referência para a atribuição de direitos, deveres, papéis sociais, atividades mais ou menos ‘adequadas’ e todas as outras atribuições – ou a falta delas – a que este indivíduo é submetido em sua vida social e que acabam influenciando significativamente em sua vida pessoal, em sua subjetividade e, conseqüentemente, em suas ações.

Acreditamos que a ‘simples’ atribuição de uma imagem a uma pessoa por simples aparência já indica que os saberes e as relações sociais estão pautados em saberes que, em sua maioria, são constituídos e orientados pelas normas sociais vigentes em conformidade com os saberes, desejos e necessidades de uma maioria na sociedade. É isso que provoca a segregação social e, conseqüentemente, a constituição de grupos minoritários que são tratados diferentemente por sua ‘condição’ social: são rejeitados. O preconceito é provocado por aquilo que é “não familiar” e faz parte do campo das ideias. E ele, o preconceito, é disseminado no cotidiano, na interação social, no campo das ações, das atitudes. Em nossa sociedade, ocorre uma naturalização e banalização do preconceito.

A sociedade brasileira é considerada machista pelos estudantes entrevistados, e um dos símbolos da identidade brasileira é a prática do futebol,

mais especificadamente do futebol masculino. Há muita influência da mídia – e outras formas de circulação de informações – no enraizamento e na estabilização das representações sobre a prática do futebol no Brasil, seus sentidos e seus significados. A mulher foi, durante muito tempo, e ainda continua sendo invisível nesse cenário enquanto praticante, apesar de grandes mudanças e alguns ‘avanços’ em uma direção mais favorável a elas.

Essa invisibilidade da mulher na arena pública em que ocorre a prática do futebol e a relação dessa prática com o binarismo de gênero presente na determinação dos papéis sociais e atividades direcionadas a homens e mulheres configura o futebol como um tema privilegiado para discutirmos e refletirmos sobre as marcações identitárias de gênero e suas interseções com o corpo e a sexualidade. Identificamos nas falas dos estudantes entrevistados que a imagem e a linguagem corporal, assim como as capacidades física, psíquica e emocional e a sexualidade, orientam processos constituintes das representações sociais sobre a mulher no mundo do futebol. O preconceito sentido e percebido provém, também, das outras mulheres que não praticam essa modalidade esportiva.

Nossas análises indicam que a sociedade, em suas diferentes esferas e instituições sociais – entre as quais a escola, que nos interessa em demasia – necessita de uma mudança de fundamentos sociais e políticos por meio de um trabalho de formação em que sejam consideradas as políticas das diferenças e o olhar para o Outro de uma forma que não seja essa que temos vivido e aprendido. Acreditamos que uma sociedade binária, patriarcal, heteronormativa, entre outros ‘fundamentalismos’, diferencia e, por consequência, segrega e atribui os direitos e os deveres arbitrariamente. Tal arbitrariedade acaba por fomentar preconceitos e, em decorrência deles, discriminação, violências e demais formas de desconsideração do Outro em um mesmo espaço relacional.

Embora pudemos perceber que, atualmente, há uma conscientização bem maior sobre temas relacionados à diversidade e às diferenças sociais do que em tempos atrás, ainda não é o bastante para uma conscientização sobre os preconceitos existentes e persistentes. É preciso que a maneira de sermos, de pensarmos e de agirmos socialmente mude. Ainda há um longo caminho a percorrer para que os saberes sociais constituídos se transformem e, assim, as representações e as relações sociais também se transformem na direção da superação da segregação e da discriminação proveniente de classificações que

marcam as diferenças sociais e todas as formas de violência sofrida pelas minorias, pelos diferentes.

Ao refletirmos sobre a identificação dos universos consensuais dos estudantes de ensino médio sobre as mulheres que praticam futebol, percebemos que há um esforço para a superação, a transformação dos saberes sociais que culminam em atitudes e pensamentos preconceituosos. É dessa conscientização que tratamos acima.

Mas sabermos ‘como o modo de pensar e agir deveria ser’ e ‘por que deveria ser diferente’ não basta para que, realmente e de fato, seja diferente. Não basta termos a consciência de que a discriminação originada de rotulações preconceituosas baseadas em saberes instituídos histórica e socialmente precisa ser superada. É necessário que as informações sobre os temas que se referem a estereótipos preconceituosos e às diferentes formas de discriminações circulem de outras formas, com outros olhares, com o olhar do Outro e para o Outro. A partir de então, o campo representacional, o modelo social que temos sobre a diversidade social e o respeito pelos direitos (consciente e real) das diferenças e dos ‘diferentes da maioria’ sejam transformados, reconstruídos. Assim, como consequência, que as atitudes, a tomada de posição frente a essas diferenças mudem e superem julgamentos tendenciosos e preconceituosos sobre o Outro.

Em nosso trabalho, constatamos a necessidade da incorporação ou da transformação dos saberes compartilhados pelos grupos investigados sobre a prática do futebol por mulheres. Por meio da identificação de representações sociais e da constituição dos processos representacionais sobre as mulheres que praticam futebol, podemos afirmar que é preciso que a área educacional reflita e aja de forma significativa no ensino formalizado, para que essas mudanças ocorram em diferentes grupos e esferas sociais. Defendemos a ideia de que esse é um dos principais objetivos da educação formal. Ela cumpre um papel decisivo sobre os conteúdos que circulam e a forma como eles circulam na sociedade, portanto influenciam significativamente na formação de um modelo representacional e, assim, na perpetuação ou transformação de atitudes e tomada de posição frente aos mais diferentes objetos de conhecimento.

É função da educação institucionalizada cumprir sua parte na incorporação de novas representações ou na transformação daquelas existentes à linguagem e à memória coletiva. Essas mudanças são processuais; por essa razão, dependem da

maneira como os processos representacionais – objetivação e ancoragem – são constituídos.

Nossos estudantes, nossa juventude, ainda reproduzem papéis historicamente binarizados na sociedade em função do gênero masculino e feminino mesmo quando há uma motivação de transgressão dessas determinações sociais marcadas por ideias patriarcais facistas. Precisamos urgentemente aproveitar essa vontade de transgredir dos jovens para que possamos transformar a sociedade com vistas a equidade de direitos, o respeito a diversidade e a supressão de marcadores sociais que violentam as pessoas e lhe expropriam a subjetividade negando aquilo que lhe caracteriza como sujeito, a saber, sua humanidade.

## REFERÊNCIAS

ALVES-MAZZOTTI, A. J. Representações sociais: aspectos teóricos e aplicações à educação. **Em Aberto**. Brasília, ano 14, n. 61, jan./mar., 1994.

ANADON, M; MACHADO, P. B. **Reflexões teórico-metodológicas sobre as representações sociais**. Senhor do Bonfim: Eduneb, 2011.

ARRUDA, A. Teoria das representações sociais e teorias de gênero. **Cadernos de Pesquisa**. São Paulo, n.117, p.127-147, novembro, 2002.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 3 ed. Lisboa/Portugal: Edições 70, 2004.

BEAUVOIR, S. de. Palavras declamadas por Fernanda Montenegro na peça de teatro: **Viver sem Tempos Novos**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4gcBeOqNdpU> arquivo da GLOBONEWS (YouTube). Acesso em: 09/01/2013).

BEAUVOIR, S. **O segundo sexo: fatos e mitos**. Vol. I. 4 ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.

BENTO, B. **A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual**. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

BIROLI, F. **Mesa Redonda** e Lançamento de Livro: 'Teorias Políticas e Feminismo'. Promovido pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Projeto "Interconexões entre gênero, raça e geração" e Grupo de Estudos em teoria política da Universidade Estadual de Londrina – UEL, 21 ago 2012.

**Blog Sexismo e Misoginia**. Complementaridade entre os sexos – igualdade na Diferença!?, 2009. Disponível em: <http://sexismoemisoginia.blogspot.com.br/2009/06/complementaridade-entre-os-sexos.html>. Acesso em: 21 jul. 2014.

BRUHNS, H. T. Corpos femininos na relação com a cultura. In: ROMERO, E. (Org.) **Corpo, mulher e sociedade**. Campinas: Papyrus, 1995.

BUTLER, J. P. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2003.

BUTLER, J. P. **Seu comportamento cria seu gênero**. Vídeo em arquivo YouTube. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=9MIqEoCFtPM>. Publicado em 20 mai. 2013. Acesso em: 14 jul. 2014.

CAMARGO, B. V.; JUSTO, A. M.; ALVES, C. D. B. As funções sociais e as representações sociais em relação ao corpo: uma comparação geracional. **Temas em Psicologia**, v. 19, n.1, 2011.

CAMARGO, B. V.; JUSTO, A. M.; JODELET, D. Normas, Representações Sociais e Práticas Corporais. **Interamerican Journal of Psychology**, v. 44, n.3, 2010. Red de

Revistas Científicas de América Latina, el Caribe, España y Portugal. Sistema de Información Científica. Disponível em:  
<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=28420658006>

DA MATTA, R. Futebol: ópio do povo X drama de justiça social. Revista Novos Estudos nº 4 de 1982. Disponível em:  
[http://novosestudios.uol.com.br/v1/files/uploads/contents/34/20080620\\_futebol.pdf](http://novosestudios.uol.com.br/v1/files/uploads/contents/34/20080620_futebol.pdf). Acesso em: 10 mai. 2013.

FERRETTI, M. A. DE C.; KNIJNIK, J. D. Mulheres podem praticar lutas? Um estudo sobre as representações sociais de lutadoras universitárias. **Movimento**. Porto Alegre, v.13, n. 01, p.57-80, janeiro/abril de 2007.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 2004.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 12 ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

FRANÇA, F. F. **Representações sociais de gênero e sexualidade na escola: diálogo com educadoras**. Maringá, 2014 (Tese).

FRANÇA, K. B. Corpo, gênero e sexualidade: discussões. **Estudos Feministas**. Florianópolis, 13(1), jan.-abr. 2005.

FREITAS JR. M. A. de; MOSKO, J. C.; SOUZA, V. M. de. FUTEBOL E MODERNIDADE: CONTRADIÇÕES DE UMA SOCIEDADE EM MUDANÇA. **1º ENCONTRO DA ALESDE - “Esporte na América Latina: atualidade e perspectivas”**. UFPR - Curitiba - Paraná – Brasil, 2008.

FRIGOTTO, G.; CIAVATTA, M. (Orgs.). **Ensino médio: ciência, cultura e trabalho**. Secretaria de Educação Média e Tecnologia. Brasília: MEC, SEMTEC, 2004.

GHIRALDELLI, Jr. P. **O corpo: filosofia e educação**. São Paulo: Ática, 2007.

GOELLNER, S. V. A educação dos corpos, dos gêneros e das sexualidades e o reconhecimento da diversidade. **Cadernos de Formação RBCE**, p. 71-83, mar. 2010.

GOELLNER, S. V. Feminismos, mulheres e esportes: questões epistemológicas sobre o fazer historiográfico. **GRECO: Grupo de Estudos sobre Cultura e Corpo**. UFRS, 2006. Disponível em:  
<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/3554/1953>. Acesso em: 15 jun. 2010.

GOELLNER, S. V. Imperativos do ser mulher. **MOTRIZ**, v. 5, n.1, Jun. 1999.

GOELLNER, S. V.; VOTRE, S.J.; MOURÃO, L.; FIGUEIRA, M. L. M. Lazer e gênero nos programas de esporte e lazer das cidades. In: VOTRE, S.J. et al. **Gênero e atividade física**. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2011.

GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL SECRETARIA DE POLÍTICAS PARA AS MULHERES. **Manual para o uso não sexista da linguagem**: o que bem se diz bem se entende. Secretaria de Comunicação e Inclusão Digital, 2014.

Disponível em:

[http://www.spm.rs.gov.br/upload/1407514791\\_Manual%20para%20uso%20n%C3%A3o%20sexista%20da%20linguagem.pdf](http://www.spm.rs.gov.br/upload/1407514791_Manual%20para%20uso%20n%C3%A3o%20sexista%20da%20linguagem.pdf). Acesso em: 10/04/2015.

GUEDES, S. L. Que "povo brasileiro" no campo de futebol? Razón y Palabra. Primera Revista Electrónica en América Latina Especializada en Comunicación. **DEPORTE CULTURA Y COMUNICACIÓN**. Número 69, año 14, julio-septiembre 2009. Disponível em: [www.razonypalabra.org.mx](http://www.razonypalabra.org.mx). Acesso em: 19 abr. 2013.

HALL, S. A identidade cultural na pós-modernidade. DP&A, 2005.

JODELET, D. Représentations sociales: un domaine en expansion. In D. Jodelet (Ed.) Les représentations sociales. Paris: PUF, 1989, p. 31-61. Tradução: Tarso Bonilha Mazzotti. Revisão Técnica: Alda Judith Alves-Mazzotti. UFRJ- Faculdade de Educação, dez. 1993. Disponível em:

<http://portaladm.estacio.br/media/3432753/jodelet-drs-um-dominio-em-expansao.pdf>

JOVICHELOVITCH, S. **Os contextos do saber**: representações, comunidade e cultura. Petrópolis: Editora Vozes, 2008. (Psicologia Social).

JOVICHELOVITCH, S. Psicologia social, saber, comunidade e cultura. **Psicologia & Sociedade**, v. 16, n. 2: 20-31; maio/ago. 2004.

KEHL, M. R. Três perguntas sobre o corpo torturado (Prefácio). In: KEIL, I.; TIBURI, M. (Orgs.). **O corpo torturado**. Porto Alegre: Escritos Editora, 2004.

KNIJNIK, J. D. **Femininos e masculinos no futebol brasileiro**. São Paulo: USP, 2006. (Tese de Doutorado). Disponível em: [www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47134/tde-27032006.../pt-br.php](http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47134/tde-27032006.../pt-br.php). Acesso em: 22 jul. 2014.

LOURO, G. L. (Org.) **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

LOURO, G. L. (Org.). **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. 5.ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

MATOS, M. I. S. de. Delineando corpos: as representações do feminino e do masculino no discurso médico. In: MATOS, M. I. S. de; SOIHET, R. (Org.). **O corpo feminino em debate**. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

MATOS, M. I. S. de; SOIHET, R. (Org.). **O corpo feminino em debate**. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

MATTAR, F. N. **Pesquisa de marketing**. São Paulo: ed. Atlas, 1996.

- MELO, Z. M. de. **Os estigmas**: a deterioração da identidade social. Universidade de Deusto, Bilbao – Espanha, 2000. Disponível em: [www.sociedadeinclusiva.pucminas.br/anaispdf/estigmas.pdf](http://www.sociedadeinclusiva.pucminas.br/anaispdf/estigmas.pdf). Acesso em: 25 jan. 2015.
- MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 5. ed. São Paulo: Hucitec-Abrasco, 1998.
- MLODINOW, L. **O Andar do bêbado**: como o acaso determina nossas vidas. ZAHAR, 2009.
- MLODIROW, L. Programa **Milênio** – Globo News em 08 out. de 2012. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ngNGBGa6Gfk>. Acesso em: 05 jan. 2013.
- MOSCOVICI, S. A Psicanálise, sua imagem, seu público. Petrópolis: Editora Vozes, 2012 (Psicologia Social).
- MOSCOVICI, S. Preconceito e representações sociais. In: OLIVEIRA, A. M. de; JODELET, D. (Orgs.) **Representações sociais**: interdisciplinaridade e diversidade de paradigmas. Brasília: Thesaurus, 2009.
- MOSCOVICI, S. **Representações sociais**: investigação em psicologia social. 2 ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2004. (Psicologia Social).
- MOSCOVICI, S. **Representações sociais**: investigação em psicologia social. 6 ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2009. (Psicologia Social).
- NAIFF, L.A.M.; SÁ, C.P.; NAIFF, D.G.M. (2008). Memória e representações sociais da educação. **Revista Paidéia**, 2008, 18(39), 125-138. Disponível em: [www.scielo.br/pdf/paideia/v18n39/v18n39a12.pdf](http://www.scielo.br/pdf/paideia/v18n39/v18n39a12.pdf). Acesso em: 10 dez. 2012.
- NEVES, I. C. O. A. Garotas nas aulas de Educação Física: suas atitudes e preferências. UNESP. **Fazendo Gênero: corpo, violência e poder**. Simpósio temático: Gênero e sexualidade nas práticas escolares, 2008. Disponível em: [www.fazendogenero.ufsc.br/8/posters.html](http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/posters.html).
- NOGUEIRA, C; SAAVEDRA, L; COSTA, C. (In)Visibilidade do gênero na sexualidade juvenil: propostas para uma nova concepção sobre a educação sexual e a prevenção de comportamentos sexuais de risco. **Pro-Posições**, v. 19, n. 2 (56), maio/ago. 2008.
- OLIVEIRA, D. C. de; GOMES, A. M. T.; PONTES, A. P. M. de; SALGADO, L. P. P. A representação social da sexualidade entre adolescentes. *Esc Anna Nery Revista de Enfermagem*, out.-dez.; 13 (4): 817-23, 2009. Disponível em: [http://www.eean.ufrrj.br/revista\\_enf/20094/artigo%2016.pdf](http://www.eean.ufrrj.br/revista_enf/20094/artigo%2016.pdf) Acesso em: 29 ago. 2011.
- PERROT, M. Os silêncios do corpo da mulher. In: MATOS, M. I. S. & SOIHET, R. (Org.). **O corpo feminino em debate**. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

PISANI, M. da S. Mulheres, futebol e o “Padrão FIFA”. **Novos Debates**: fórum de debates em Antropologia. Brasília: Associação Brasileira de Antropologia. vol.2, n.1, Jan. 2015. Disponível em: <http://novosdebates.abant.org.br/index.php/opiniaio/94-home/opiniaio/105-mulheres-futebol-e-o-padrao-fifa#>. Acesso em: 02 fev 2015.

SALLES, J. G.; SILVA, M. C. de P.; COSTA, M. M. A mulher e o futebol – significados históricos. In: VOTRE, S. J. (Org.). **A representação social da mulher na educação física e no esporte**. Rio de Janeiro: Editoria Central da Universidade Gama Filho, 1996.

SANTOS, C. R. dos; DAMASCENO, M. L. Desenvolvimento motor: diferenças do gênero e os benefícios da prática do futsal e *ballet* na infância. **Revista Hórus**, v.4, n.2, out-dez, 2010

SCHMITT-PANTEL, P. “A criação da mulher”: um ardil para a história das mulheres? In: MATOS, M. I. S. & SOIHET, R. (Org.). **O corpo feminino em debate**. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v.16, n.2, p.5-22, jul./dez. 1990.

SILVA, J. M. A cidade dos corpos transgressores da heteronormatividade. **X Colóquio Internacional de Geocrítica**. Diez años de cambios en el mundo, en la geografía y en las ciencias sociales - 1999-2008. Universidad de Barcelona. Barcelona, 26 - 30 de mayo de 2008. Disponível em: <http://www.ub.edu/geocrit/xcol/438.htm>. Acesso em: 10 ago. 2011.

SOARES, C.L. Corpo, conhecimento e educação. In: SOARES, C.L. (Org). **Corpo e história**. 2 ed. Campinas: Autores Associados, 2004.

SOUZA JR. O. M. de; DARIDO, S. C. A prática do futebol feminino no ensino fundamental. **Motriz**. v.8 n.1, jan.-abr. 2002.

SOUZA, J.S.S.; KNIJNIK, J.D. Mulher invisível: gênero e esporte em um dos maiores jornais diários do Brasil. **Rev. bras. Educ. Fís. Esp.**, São Paulo, v.21, n.1, p.35-48, jan./mar. 2007.

SOUZA, M. A. de. Gênero e raça: a nação construída pelo futebol brasileiro. *Cadernos Pagu* (6-7) 1996: pp. 109-152. Disponível em: [http://www.academia.edu/7150977/G%C3%80NERO\\_E\\_RA%C3%80A\\_A\\_NA%C3%80O\\_CONSTRU%C3%80DA\\_PEL\\_O\\_FUTEBOL\\_BRASILEIRO#](http://www.academia.edu/7150977/G%C3%80NERO_E_RA%C3%80A_A_NA%C3%80O_CONSTRU%C3%80DA_PEL_O_FUTEBOL_BRASILEIRO#). Acesso em: 02 jun. 2015.

TRINDADE, Z. A.; SOUZA, L. G. S. Gênero e escola: reflexões sobre representações e práticas sociais. In: OLIVEIRA, A. M. de; JODELET, D. (Orgs.) **Representações sociais**: interdisciplinaridade e diversidade de paradigmas. Brasília: Thesaurus, 2009.

VILLAS BÔAS, L. P. S. **Brasil: idéia de diversidade e representação social**. (Tese). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC/SP, Brasil, 2008.

**APÊNDICE A** - Roteiro de entrevista para as estudantes mulheres que praticam (GI) ou não (GII) o futebol

Idade: \_\_\_\_\_ ano/série escolar: \_\_\_\_\_

1) Você joga/pratica futebol/futsal? Como as pessoas reagem ao saberem que você joga futebol?

2) Você acredita que há preconceitos e atitudes de discriminação com as meninas que jogam futebol? Você sofre algum tipo de preconceito e de discriminação por jogar futebol? (Como já vivenciou? Quais?)

3) Você acredita que meninos e meninas têm a mesma condição para jogarem futebol? (*física, motora, emocional, etc.*). As motivações e oportunidades são iguais para os homens e para as mulheres com relação à prática do futebol? Se há diferenças, quais são? Por que?

4) Você acredita que a prática do futebol pode influenciar na sexualidade daquela pessoa que pratica?

5) Se você pratica futebol, sente a mesma coisa jogando na escola e fora dela? O que te motiva? Se não pratica, o que te desmotiva?

6) O que você sente quando está com um grupo de mulheres pratica futebol? Você se relaciona - de alguma maneira - com mulheres que praticam futebol? Como é esta relação?

7) Você se vê diferente das demais mulheres que não jogam futebol/futsal dentro e fora da escola? Quais as diferenças e porque se sente assim?

8) Descreva uma mulher que joga futebol.

9) Descreva uma homem que joga futebol.

10) Como você acredita que as mulheres que praticam futebol são vistas em nossa sociedade? E na escola?

11) Como os homens que praticam futebol são vistas em nossa sociedade? E na escola?

12) A escola colabora ou não para diminuir as diferenças entre as meninas e os meninos no que diz respeito as práticas esportivas e em específico na prática do futebol? E sobre as diferenças de maneira geral? (diversidade étnica, sexualidade, religião, deficiências físicas e mentais, gênero, geração, etc)

## ENTREVISTA PROJETIVA

13) Qual dessas mulheres parece ser jogadora/praticante de futebol/Futsal? E qual você acredita que não joga e nem tem jeito para praticar futebol? (Quadro I, II, III e IV)

**APÊNDICE B** - Roteiro de entrevista para os estudantes homens que praticam (GIII) ou não (GIV) o futebol

Idade: \_\_\_\_\_ ano/série escolar: \_\_\_\_\_

1) Você joga/pratica futebol/futsal? O que te motiva (ou não) a gostar (ou não) de praticar o futebol?

2) Você percebe algum tipo de preconceito e de discriminação com as meninas que jogam futebol? Quais?

3) Você acredita que meninos e meninas têm a mesma condição para jogarem futebol? (*física, motora, emocional, etc.*). Há diferenças? Quais? Por que? Na escola e fora dela, as motivações e oportunidades são iguais? Por que?

4) Você acredita que a prática do futebol pode influenciar na sexualidade daquela que pratica?

5) Você se relaciona com grupos de mulheres que jogam/gostam de praticar futebol?

6) Você vê diferença entre as mulheres que jogam futebol para aquelas que não jogam? Quais as diferenças?

7) Você se relacionaria afetivamente, sexualmente ou socialmente – ‘ficaria ou namoraria e até mesmo casaria’ - com uma mulher que pratica futebol? Por que?

8) O que você pensa sobre as mulheres que praticam futebol? Como você reage quando conhece uma menina que joga futebol?

9) Descreva uma mulher que joga futebol.

10) Descreva uma homem que joga futebol.

11) Como você acredita que as mulheres que praticam futebol são vistas em nossa sociedade? E na escola?

12) Como os homens que praticam futebol são vistos em nossa sociedade? E na escola?

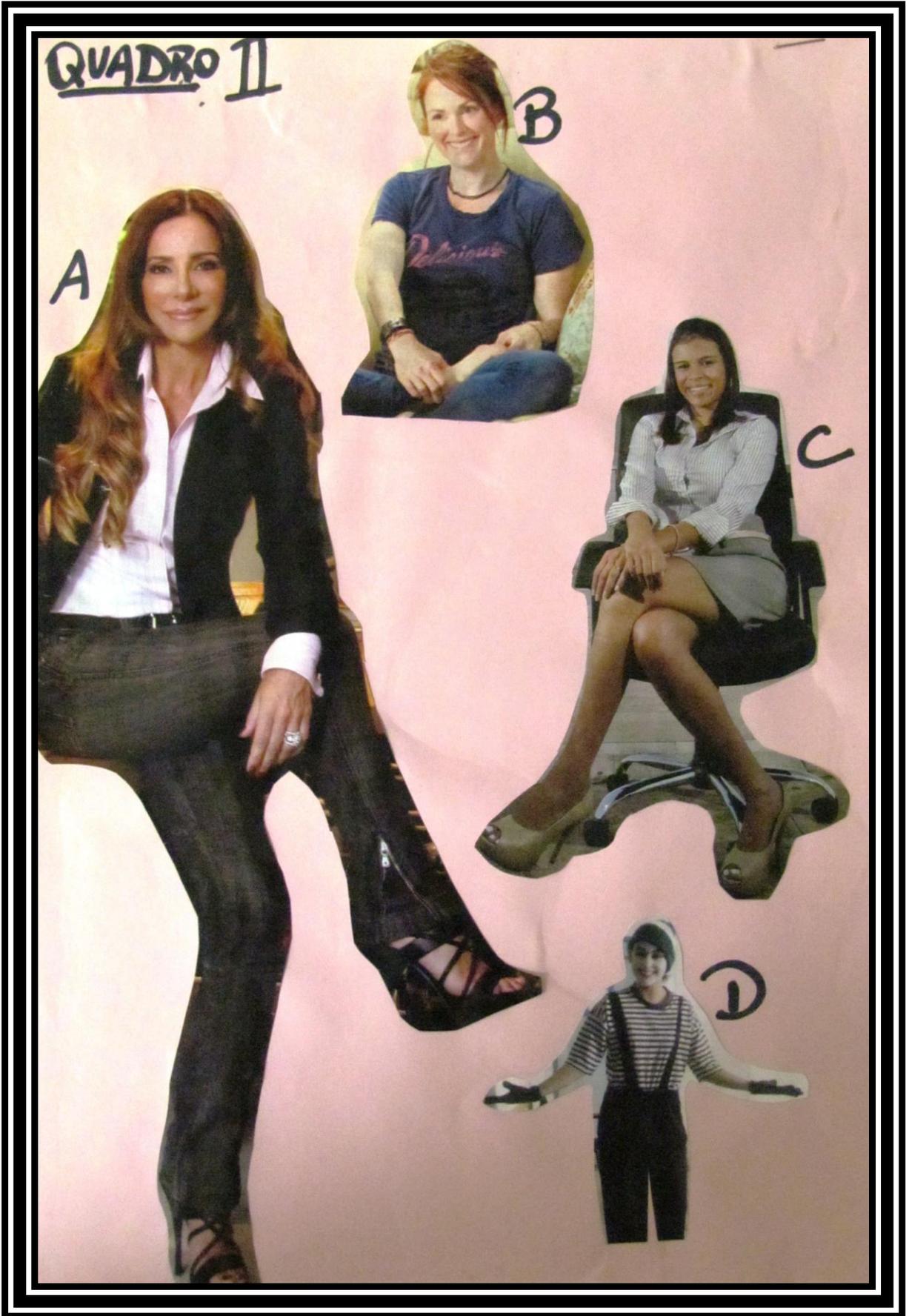
13) A escola colabora ou não para diminuir as diferenças entre as meninas e os meninos no que diz respeito as práticas esportivas e em específico na prática do futebol? E sobre as diferenças de maneira geral? (diversidade étnica, sexualidade, religião, deficiências físicas e mentais, gênero, geração, etc).

#### ENTREVISTA PROJETIVA:

14) Qual dessas mulheres parece ser jogadora/praticante de futebol/Futsal? E qual você acredita que não joga e nem tem jeito para praticar futebol? (Quadro I, II, III e IV)

## APÊNDICE C. Quadros de referência para as entrevistas projetivas











**APÊNDICE D** - Dimensão, categorização e unidades de análise: gênero, preconceito e discriminação sobre a prática do futebol por mulheres na sociedade brasileira

<b>Dimensão de Análise</b>	<b>I. Gênero, preconceito e discriminação sobre a prática do futebol por mulheres na sociedade brasileira</b>			
<b>Categorias Analíticas</b> <b>Variáveis Inferidas</b> <b>Causas</b>	<b>Unidades de Contexto</b> <b>GI</b>	<b>Unidades de Contexto</b> <b>GII</b>	<b>Unidades de Contexto</b> <b>GIII</b>	<b>Unidades de Contexto</b> <b>GIV</b>
<b>A) Posicionamentos e atitudes sobre a prática do futebol por mulheres</b>	<b>Categorias Empíricas</b> <b>Variáveis de inferência</b> <b>Efeitos</b>			

<p>Unidades de Registro</p>	<p>Temas / Modalidades de Expressão das Rep. Sociais</p>	<p><b>A1) Preconceitos, estranhamento e atitudes discriminatórias frente a prática do futebol por mulheres</b></p>	<p><i>As que não gostam dizem que é coisa de menino. Há muito preconceito e xingamento de sapatona, Maria-macho. Mais preconceito das outras meninas. Elas ficam discriminando pq vc joga acha que tem mais alguma coisa. acham que é lésbica,. A sociedade ainda é machista (mulher não pode fazer as mesmas coisas que os homens).. os homens são mais preconceituosos que as mulheres. Aqui na escola a maioria que joga é vista como lésbica. Aqui na escola ainda tem preconceito mas já melhorou bastante. Eu já sofri bastante preconceito, eles sempre falavam ah!! La vem as Maria-chuteira!! E davam na canela de propósito quando a gente jogava junto, eles não gostavam. Batem pra machucar, pra mostrar que não é coisa pra menina. Os meninos começam a vaia e gritavam que futebol não era para menina, só pra moleque e que eles tem que ficar com a quadra. Os meninos que não jogam e não gostam também sofrem preconceitos. Falam que são veados. A maioria das meninas jogam porque tem que jogar, por conta da nota. Me sinto diferente sim. As meninas ficam olhando uma pra cara da outra.. enquanto eu jogo e me divirto.. elas ficavam falando que a minha fama podia se espalhar.. elas falavam que desde quando que menina jogava com menino.</i></p>	<p><i>A maioria das meninas não gosta de jogar.</i></p> <p><i>Existe muito preconceito as mulheres são discriminadas. Isso é machismo.</i></p> <p><i>já falam que são sapatonas.</i></p> <p><i>Na escola não tem preconceito. O maior preconceito é falar que o futebol é esporte de macho, O preconceito tem relação com a sexualidade menina jogar futebol e já pensou que fosse lésbica. Acho que é uma coisa cultural mesmo.</i></p> <p><i>Na escola escuto que elas são todas ruins, que não deveriam estar ali, que mulher não sabe jogar. Os meninos falam isso, eles se acham melhores e querem mostrar como jogam. Já vi bastante piadinhas também com relação a sexualidade.. muito mais os meninos.</i></p> <p><i>Eu acho que são mais as mulheres preconceituosas que os homens. Eles torcem mais pelas mulheres do que as próprias mulheres. Elas acham que mulher que joga são sapatão. Eu tenho muita amiga assim e elas me respeitam... não é porque você tem amizade com uma menina que é assim que ela não vai te respeitar e tem muita menina que evita ter amizade com elas e com meninas que jogam futebol porque elas acham que pode ser sapatão e vai dar 'em cima' de você.</i></p>	<p><i>Tem bastante. Não só no futebol, apesar que hoje ta bem diferente.</i></p> <p><i>De forma geral os homens não aceitam muito mulheres que jogam futebol, mas até que agora eles estão respeitando mais as meninas.</i></p> <p><i>Aos poucos ta diminuindo os preconceitos.</i></p> <p><i>Aqui no colégio não tem preconceito nenhum.</i></p> <p><i>Acho uma coisa interessante e diferente porque a maioria das mulheres gostam de jogar vôlei e caminhar, quando uma mulher joga futebol chama a atenção.</i></p>	<p><i>A maioria não tem mais preconceito. É tranqüilo não só no futebol, mas em vários aspectos.</i></p> <p><i>No começo acho estranho, mas depois, normal.</i></p> <p><i>Já presenciei algumas situações preconceituosas. Mesmo que tenha um monte de mulher que joga, seleção feminina, ainda tem bastante preconceito. Já escutei bastante coisas que discriminam</i></p> <p><i>O preconceito começa pela família e está ligado a sexualidade. A família tem medo da menina que joga futebol seja homossexual porque as que são mais masculinizadas são lésbicas, sapatão. Tenho uma amiga que parou de jogar por causa disso.</i></p> <p><i>Os meninos que não gostam de jogar futebol também sofrem preconceito quando eu dizia que iria jogar vôlei tinha uma zoação, chamam de veado sempre tem aquelas piadinhas.. mas nunca me importei não.</i></p> <p><i>As meninas são mais preconceituosas que os meninos com aquelas que jogam futebol, os meninos gostam que elas jogam</i></p>
-----------------------------	--	--	---	---	---	--

		<p><b>A2) Incentivos e motivações para a prática do futebol por mulheres na escola, nas famílias e na sociedade em geral</b></p>	<p><i>Meu pai não deixou mais eu jogar, ele é contra as meninas que jogam, ele não deixa fala que não é para menina e diz que é só pra meninos porque é... eu sempre falava que ia fazer trabalho no colégio para eu poder jogar.</i></p> <p><i>Meus tios e o resto da família falavam que não era coisa de menina, essas coisas.. todo mundo fala que mulher que joga é homossexual.</i></p> <p><i>O professor não incentiva também. Tem projeto de futebol [na escola] para os meninos e as meninas ficam meio de lado.</i></p> <p><i>As condições são as mesmas. Já a motivação e a oportunidade são diferentes.</i></p> <p><i>As meninas não mostram interesse. Aqui no colégio é tudo igual, tem o mesmo tempo pra jogar, as meninas não jogam porque elas não querem.</i></p> <p><i>Fora da escola não tem oportunidade porque não tem time, escolinha, clube para as meninas como tem para os meninos. A motivação já é um pouco diferente.</i></p> <p><i>O incentivo e a motivação é pelo modo de criação social. Na minha casa todo mundo dá a maior força pra jogar, meu pai foi o primeiro a incentivar, ele que me levou pra comprar as coisas quando comecei a jogar ele dá treino de futebol e eu sempre vou junto. Cresci nos campos de futebol porque meu pai era jogador de futebol e eu</i></p>	<p><i>Só quando o prof. interfere que as meninas podem jogar, mas a motivação por parte dos profs. não é a mesma. Eles [os profs] não chamam a gente pra jogar.</i></p> <p><i>As motivações e as oportunidades são as mesmas, elas não jogam porque não querem. A escola motiva de forma igual, mas eles jogam mais porque tem menina que não gosta, daí não tem jogo, mas o espaço, o tempo é a mesma dos meninos.</i></p> <p><i>Fora da escola os meninos são muito mais incentivados para serem jogadores de futebol. Eles tem mais oportunidades como lugares (clubes) para jogar.</i></p> <p><i>Na família, o pai não vai incentivar as meninas a jogarem futebol, eles tem medo delas se tornarem lésbicas, ficar masculinizada e de ser sapatão. Eu mesmo não iria motivar uma filha minha a jogar futebol não por conta da sexualidade, mas não iria falar pra ela jogar.</i></p> <p><i>Quando elas querem jogar desde pequena as mães não deixam porque a menina quer ser homem, daí já compra um monte de bonecas, leva pra escola de balé, e tudo mais, então futebol pra garota não. Acho que é um pouco de machismo.</i></p>	<p><i>As oportunidades não são as mesmas nem na escola, às vezes só tem uma bola só e é os moleques que pegam e não repartem o tempo a gente fica a aula inteira.</i></p> <p><i>Tem bastante espaço pros moleques e pouco para as meninas.</i></p> <p><i>As motivações são diferentes, os meninos tem mais privilégios. Até os pais mesmo não concordam das meninas jogarem, ficam até com receio.. as vezes também com medo da menina ficar masculinizada.</i></p> <p><i>O incentivo também não é o mesmo, é mais fácil para os meninos por causa da cultura do futebol no Brasil. Nunca vi uma escola de futsal para as meninas.</i></p> <p><i>Aqui no colégio é tudo numa boa, querendo ou não, os caras querem que as meninas jogam.</i></p> <p><i>Geralmente são as meninas que não querem jogar com os meninos. São elas que falam que não jogam com meninos.</i></p>	<p><i>As oportunidades não são as mesmas, o futebol no Brasil ainda tem a maioria masculina, então as oportunidades são maiores para os homens. Aqui no colégio os meninos são mais favorecidos, eles tem mais oportunidades e dominam o território, de um modo geral elas jogam futebol, são bem participativas, mas os meninos tem muito mais oportunidades.</i></p> <p><i>Os professores de EF incentivam mais os meninos a jogarem e as meninas, agora deixa mais a vontade.. tipo.. aula livre. Elas tem motivação somente quando tem campeonato na escola.</i></p> <p><i>Falta motivação da família tem pais que nem aceitam as meninas jogarem, escolinhas de futebol e futsal também é bem difícil ter.. as oportunidades e motivações são bem maiores para os meninos.</i></p> <p><i>Desde cedo os meninos são incentivados e são motivados.</i></p> <p><i>A falta de incentivo da família é o medo</i></p>
--	--	--	---	---	---	--

		<p><i>sempre estava junto. Sempre vivi no futebol e tive o incentivo de meus pais.</i></p> <p><i>Na família a motivação para os meninos e para as meninas não é a mesma. Algumas meninas tinham que jogar escondido.. falava que ia na casa da amiga e ia jogar futebol, alguns pais não deixavam. Meu pai mesmo sempre falou que não era pra eu jogar que não dá futuro, que isso é coisa pra menino, mas eu jogava</i></p> <p><i>mesmo assim.</i></p> <p><i>Acho que os pais acham feio. As motivações dependem da família da, a escola, depende muito de como as meninas são criadas. Se ela ganhar uma bola de futebol desde pequenininha ela vai gostar de jogar, se ganhar só boneca não vai gostar. Então as meninas não jogam muito porque não são incentivadas desde pequenas pela família como são os meninos. Os pais não incentivam por conta da sexualidade, com medo das meninas que jogam 'ir para o outro lado' medo de se tornarem lésbicas.</i></p>			<p><i>da menina virar 'maria-homem', acho que é isso, já começa pelos pais e ta ligado a sexualidade.</i></p> <p><i>As oportunidades pra elas jogarem aqui no colégio são as mesmas, elas não jogam porque elas não querem.</i></p> <p><i>A motivação é vôlei para as meninas e futebol para os meninos eu mesmo sofro bastante preconceito porque eu gosto de jogar vôlei e quando vou jogar futebol, nenhum time de menino me escolhe.</i></p>
		<p><b>A3) A prática do futebol por mulheres enquanto brincadeira é mais aceita socialmente</b></p>	<p><i>Criança pode jogar, é tudo mais na brincadeira.. já quando a gente vai crescendo não pode mais, tem que se arrumar, usar vestido, fazer tudo igual as outras.. se você jogar futebol e não gostar de se arrumar igual as outras é porque você é sapatão. Durante as aulas de EF é mais pra ganhar nota ou pra brincar.</i></p>	<p><i>...é até engraçado ver as meninas jogarem. É gostoso pra brincar.</i></p>	

		<p><b>A4) Preconceito velado a respeito da diversidade e das minorias sociais</b></p>	<p><i>A sociedade é muito machista, embora hoje seja mais difícil de saber o que a maioria pensa. Existe preconceito, mesmo que a maioria que tem preconceito fala que não tem. A maioria das pessoas iria dizer que gostam que as mulheres joguem, mas alguns ainda diriam que não sabem. De forma geral o preconceito é igual tanto dos homens como das mulheres.</i></p> <p><i>A cabeça é mais aberta, mas sempre há preconceito e sempre haverá. Esse preconceito não dá oportunidade das mulheres tentarem jogar.</i></p> <p><i>A maioria diria que não gosta de mulher jogando futebol. Sinceramente eu acho que a maioria acha estranho mulher jogar futebol. A maioria das pessoas ainda acha que mulher é mais ligada nas coisas de salão, fazer unha, cabelo, essas coisas. A sociedade ainda é machista. O preconceito vem dos dois [homens e mulheres], mas acho que mais meninas tem preconceito com as mulheres que jogam futebol. Ainda tem muito preconceito e acho que é maior por parte das mulheres.</i></p> <p><i>Mulher que não joga julga mais que os homens. Os homens tem mais preconceitos.</i></p> <p><i>Futebol é coisa para homem e lugar de mulher é na cozinha'. Mulher que joga é Maria-macho com certeza. As mulheres são reconhecidas como guerreiras, já para os</i></p>	<p><i>Hoje em dia a maioria das pessoas apoia as mulheres que jogam. Mas tem muita gente que não fala a verdade. De certa maneira a sociedade ainda é machista e o preconceito é tanto dos homens como das mulheres.</i></p> <p><i>Sempre mostra aqueles jogos e tal.. mas, se você for assistir TV você quase não acha jogo de futebol feminino.. nem da seleção.</i></p> <p><i>A maioria das pessoas pensa que as mulheres são masculinizadas. Não necessariamente tem relação com a sexualidade. Acho que a sociedade não incentiva mulheres que jogam futebol querendo ou não tem discriminação e sempre terá preconceito com as mulheres que jogam futebol, por causa da história do futebol no Brasil.</i></p> <p><i>Tem mulheres também com a cabeça mais antiga e também já acham que isso é coisa de homem.. e você pode fazer isso, mas não pode fazer aquilo.. mulheres vão educando suas filhas assim.. isso é coisa de homem.. daí os meninos ficam com aquele pensamento machista.</i></p> <p><i>Os homens tem mais preconceito do que as mulheres porque eles descrevem a mulher como mais sensível, mais delicada, essas coisas.. então eles acham que a mulher não agüenta. O</i></p>	<p><i>A maioria das pessoas falam que é bacana, mas na verdade não é bacana porque senão não teria tanto preconceito como tem. Muitas pessoas são falsas. Elas dizem que é legal e tudo, mas no fundo não acham. Ainda tem muito preconceito. Mas elas dizem que é legal pra não ficar chato e chamarem elas de preconceituosas.</i></p> <p><i>A sociedade em geral tem uma certa discriminação com as mulheres que jogam futebol, mas acho que agora que tá começando a ter uma cabeça um pouco mais aberta, a desenvolver, a se abrir mais para futebol feminino, mas a sociedade ainda tem um certo receio, um certo preconceito e por enquanto a sociedade não vê o futebol como coisa de mulher e que a mulher que joga parece moleque, o pessoal acha que as meninas são sapatonas. A sociedade é machista ainda.</i></p> <p><i>Acho que tem que mudar bastante coisa. É preciso incentivar mais as mulheres a jogarem futebol porque ainda</i></p>	<p><i>Tem bastante gente que aceita, mas a maioria não aceita por que uma moça jogando futebol tem relação com a sexualidade.</i></p> <p><i>A maioria das pessoas é contra. A maioria das pessoas ainda tem preconceito com a mulher em qualquer esporte e não só no futebol.</i></p> <p><i>A mídia também tem culpa nisso. A maioria iria questionar que o futebol não é uma coisa muito feminina. Muitos acham que mulher que jogam futebol é estranho.</i></p> <p><i>As pessoas acham que as mulheres devem ser donas de casa e cuidas dos filhos. Até mesmo as mulheres que não praticam futebol acham que não é um esporte feminino, e para os homens as mulheres não tem qualificação para jogar. O preconceito maior ainda seria dos homens. Os homens são mais machistas.</i></p> <p><i>A maioria acha uma coisa interessante, mas não apoiaria tem um pouco de receio.. falaria que é legal, mas não</i></p>
--	--	---	--	--	---	---

		<p>homens é normal jogar futebol. A maioria diria que mulher que joga futebol é tudo sapatão. Eles dizem que mulher não sabe jogar, mais pela falta de habilidade. Já as mulheres falam que isso não é coisa pra mulher.. que mulher que joga é sapatão.</p> <p>Quando eu vim para esse colégio, meus amigos pensaram: 'será que ela é? será que é 'mulhersexual' ou não? [a estudante quis dizer: mulher homossexual ou não?]. A maioria ainda relaciona com a sexualidade, se joga futebol é sapatão ou vai virar.. tanto os homens como as mulheres.</p>	<p>preconceito é dos dois, mas é mais dos homens.</p> <p>Todas as minorias sofrem preconceitos.</p>	<p>tem muito preconceito principalmente dos homens. As mulheres ainda não são valorizadas por jogarem.</p> <p>Depende, também, muito do lugar, da cidade, aqui o preconceito é muito maior e é maior ainda por parte das mulheres.</p>	<p>abertamente.. uma coisa mais contida. Com restrições mais por parte dos homens do que de mulheres.</p> <p>E as mulheres tem mais preconceito com as mulheres que jogam do que os homens. As [mulheres] mais mimadinhos, mais menininhas vão falar que as mulheres que jogam futebol são tudo lésbicas.</p> <p>Já aqui na escola é tudo 'de boa'. Elas são vistas como pessoas normais.</p>
	<b>A5) As escola frente a diversidade e as minorias sociais</b>	<p>Não.. acho que na escola nunca discutimos.. a escola não colabora não. Poderiam ter mais discussões e debates desde cedo para passar valores diferentes e poderia ter mais palestras com pessoas que vivenciaram e que trabalham com isso porque diminuiria os preconceitos. A questão da religião é no ensino religioso e os outros temas mais filosofia e sociologia, mas só agora no ensino médio. Talvez se tivesse desde o início, desde pequeninhos, se estudassem esses assuntos na escola, as crianças cresceriam com menos preconceitos.</p> <p>A gente tem espaço para discussão, principalmente nas matérias de filosofia, sociologia e nas aulas</p>	<p>Não. Muito difícil. Teve palestra e depois não teve mais nada. Não se discute aqui na escola, mas acho que deveria ter porque é legal saber o que cada um pensa. Deveria ter muito mais de discussões e debates sobre esses assuntos. A escola deveria dar mais importância para essas questões, promover debates e escutando as opiniões de todo mundo. Nunca falamos nada sobre preconceito com as mulheres que jogam futebol... é uma coisa que passa batido.</p> <p>Às vezes debatemos sobre preconceito mais nas aulas de Sociologia e História, mas não é muito concentrado, às vezes sobre religião. Sobre sexualidade só uma vez na aula de História. A gente</p>	<p>Sim. Sempre <b>quando surge alguma dúvida</b> ou quando alguém fala alguma coisa, sempre que trazem pra aula a professora fala o ponto de vista dela, mas só quando surge o assunto, <b>não é planejado</b>, mas como quase todo dia surge um assunto, a gente debate quase todo dia. Na minha sala até que a gente discute muito. Biologia discute sexualidade. Já religião é quase todas, mas mais Filosofia, História fala de preconceito. Quando surge um assunto na aula de Filosofia depois vem o professor de História e a gente conversa</p>	<p>Não tem muito debate.. são poucas vezes... mais debates seria importante porque esse mundo é muito racista, o Brasil é muito racista. Se tivesse mais discussões o preconceito diminuiria. É preciso que esteja no currículo desde cedo. Desde a educação das crianças pequenas seria melhor e diminuiria o preconceito, a escola ainda não ta fazendo sua parte.</p> <p>Sim. Discutimos mais em Sociologia por causa do bullying, preconceito, política, desigualdade social, mas só</p>

			<p><i>de história às vezes, mas nada programado, os assuntos surgem durante as aulas e outros conteúdos quando alguém começa a falar de alguma coisa e daí os professores discutem, mas deveria ter mais e sempre.</i></p> <p><i>Tem principalmente na aula de sociologia e história. Esse ano a gente discutiu muito mesmo. É conteúdo de ensino, mesmo assim acho que teria que ter muito mais discussões desde o ensino fundamental e não só no ensino médio. Tem que ensinar desde criança para a diminuição do preconceito.</i></p> <p><i>Acredito que não seria bom falar sobre esses temas porque cada um tem sua opinião, não deixar quieto.. mas não ficar discutindo e retrucando aquilo. Não que esteja bom, mas dá pra evitar conflitos.</i></p>	<p><i>debate mais na semana cultural, que é quando a gente ta mais aberto. Na escola tem que ter mais oportunidades para todos falarem. Existe uma barreira entre professores e alunos</i></p> <p><i>Não gosto de debater.. acho que cada um tem sua idéia mas não gosto de debater, principalmente religião.. tenho a minha e cada um tem a sua, não gosto de debater só pra dizer que saiu ganhando. Nada sobre racismo, acho que hj não tem mais racismo com antigamente. Esses negócios de homossexualidade e racismo.. mas tbém não sou a favor da homossexualidade, sou evangélica e minha religião acredita que tem que ser um homem e uma mulher. Tenho até uma amiga que é.. mas fazer o que né?.. Porque , assim.. eu não sou nada contra.. faço amizade tudo normal.. mas tem muita gente que critica.. mas é um ser humano normal só que tem as diferenças dele. Acho que ta bom assim.</i></p> <p><i>Tinha uma sapatão em minha sala que sempre induzia a gente para conversar sobre essas coisas, acho que ela queria saber se a gente tinha preconceito essas coisas.. Mas esse tipo de discussão poderia ter muito mais.. nunca na minha vida que na quarta, quinta</i></p>	<p><i>com ele também e com outras disciplinas é a mesma coisa.</i></p> <p><i>Não. Discutimos muito pouco. Eu não vejo o colégio colaborar. Não se discute sobre preconceito e essas coisas não. Mas acho que as pessoas que dizem que cada um tem sua opinião e pronto são muito acomodadas, acham que tudo está bom e nem tem capacidade de criticar nada. Poderia ter mais palestras, mais discussões, isso iria melhorar um pouco o preconceito, mas ia demorar pra isso acontecer, seria interessante.</i></p>	<p><i>agora no ensino médio e não foi grande coisa. Discutimos também nas aulas de artes, filosofia. Na semana cultural nós vamos fazer sobre esses temas diversidades culturais, religião, sexualidade, deficiência, racismo, etc. Nas aulas discutimos bastante, mas de forma geral e não sobre tudo.</i></p>
--	--	--	--	---	--	---

				<p><i>série a gente discutia sobre esses assuntos, poderia ter desde cedo e com certeza os preconceitos seriam menores. Esses assuntos deveriam ser ensinados desde pequenininha.. desde os 6 anos porque daí as pessoas iriam crescer com menos preconceito.</i></p> <p><i>Mas de outros assuntos ta tendo algumas discussões, mas é esporádico.. não tem momentos e conteúdos específicos.</i></p>		
		<b>A6) Relações sociais e afetivas e a prática do futebol</b>		<p><i>Aqui no colégio é tranquilo. Não tenho nenhum problema com isso. Numa boa.</i></p> <p><i>Sim. É normal, as conversas, as amizades, tudo.</i></p> <p><i>Na verdade a maioria das minhas amigas não jogam, mas se jogarem não tem nada a ver..</i></p>	<p><i>Tenho amigas e jogam com a gente aqui. Tranquilo, sem problema nenhum. É normal.</i></p> <p><i>Nunca tive amizade, mas converso, falo bom dia, mas amizade não tenho não. Não porque elas jogam, mas pq não tenho amigas que jogam.</i></p> <p><i>Acho normal, mas não namoraria.</i></p> <p><i>Sim namoraria. Não tenho preconceito nenhum. É até melhor namorar uma menina que faz esporte e não é sedentária. Eu poderia até jogar com ela e ver os jogos dela. Namoraria, mas <b>depende da aparência</b> dela. Não. Ah.. não sei porque.</i></p>	<p><i>Normal, não tem problema nenhum. Minha vizinha e minha tia jogam. Tenho relação com elas, mas não tenho muitas outras amigas. Eu gosto até, são mais legais as meninas que jogam. Não tenho preconceito nenhum. Cada uma tem o direito de fazer o que quiserem com a vida delas.</i></p> <p><i>Sem problemas, já namorei uma menina que joga futebol.</i></p> <p><i>Sim. Sem problemas. Já namorei uma menina que joga futebol. Até casaria.</i></p>

**APÊNDICE E** - Dimensão, categorização e unidades de análise: a prática do futebol, gênero, corpo, sexualidade

<b>Dimensão de Análise</b>	<b>II. A prática do futebol, gênero, corpo, sexualidade</b>				
<b>Categorias Analíticas</b>  <b>Variáveis Inferidas</b>  <b>Causas</b>	<b>B)</b> <b>Esteretótipos</b>	<b>Unidades de Contexto</b>  <b>GI</b>	<b>Unidades de Contexto</b>  <b>GII</b>	<b>Unidades de Contexto</b>  <b>GIII</b>	<b>Unidades de Contexto</b>  <b>GIV</b>
<b>Categorias Empíricas</b>  <b>Variáveis de inferência</b>  <b>Efeitos</b>					

<p>Unidades de Registro</p>	<p>Temas / Modalidades de Expressão das Rep. Sociais</p>	<p><b>B1) Práticas sociais normatizadas relacionadas a binarização do gênero masculino e feminino</b></p>	<p>Quando eu era menor eu sempre estava no meio dos moleques e eles não deixavam eu jogar porque diziam que não era coisa pra mulher..</p> <p>Não jogo em clube ou treino porque minha mãe não gosta, diz que é pra menino.</p> <p>As próprias meninas [que não jogam] falam que futebol é muito masculino. Elas falam 'os meninos não vão mais gostar de mim porque eu to jogando futebol'. Eles são mais incentivados estão sempre jogando.</p> <p>Isso não é coisa pra menina.. que é coisa de sapatão.. e a maioria das pessoas são homofóbicas. Tem uns meninos que falam: 'ah! Maria-homem.. nossa.. vc gosta de futebol? Para com isso' A motivação pras meninas é pra jogar vôlei, o futebol só para os meninos. Os meninos quase 'empurrados' a jogarem futebol. Desde pequena as meninas ganham bonecas, panelinhas, essas coisas e os meninos ganham bola..As mulheres sofrem preconceito, mas também falta engajamento delas para conquistarem seus direitos e o respeito, nada acontece se vc não corre atrás, então falta interesse das mulheres. A maioria fala que não é coisa pra menina, que pra que uma menina vai ficar correndo atrás de bola, ta perdendo tempo.. estranham bastante.</p>	<p>Falam que as meninas não sabem jogar, que elas não jogam. É pra homem, que não é coisa de mulher e que a gente não sabe jogar.</p> <p>Negócio de menina é só limpar a casa, arrumar a casa e casar.</p> <p>Até eu mesma acho que futebol é para menino. Quando vejo uma mulher jogando a primeira coisa que penso é se ela é sapatão.. pra mim, quando penso em futebol, já ta relacionado com homem, nunca penso em futebol e relaciono com mulher.. as 'patricinhas' falam 'aquela menina é maria-homem porque joga futebol. Quando o professor aqui na aula comenta que as meninas vão jogar futebol, eles falam.. não professor isso não é coisa de menina. Na escola é separado as meninas dos meninos porque eles não querem nenhuma menina no time. Porque na cabeça deles meninas não jogam futebol. Quando as meninas jogam, eles 'zoam'.</p>	<p>É diferente. Desde que vc nasce, se vc é homem o pai vai incentivar para jogar futebol, se torce para algum time, a primeira coisa que o pai faz é comprar o uniforme do time para o moleque, já para a menina é para o balet. Hoje em dia a mulher exerce várias atividades que sempre foram consideradas atividades de homem mas sempre tem preconceito e discriminação.. às vezes até por brincadeira, até amigos meus dizem que mulher tem que ficar em casa, lavando louça.. essas brincadeiras são normais, essas 'paradas' de leis e da mudança na sociedade acaba que melhorando o preconceito, mas ainda tem muito. É uma questão de cultura. Ninguém vai colocar uma menininha novinha, de 7 ou 8 anos pra jogar bola. Colocam no balé. E do mesmo jeito se for menino, ele vai ser incentivado a jogar futebol, é difícil algum pai colocar o filho pra fazer balé desde pequeno porque o balé é uma coisa feminina e o pai não vai colocar o seu filho numa coisa de mulher</p> <p>Aqui na escola é assim: futebol para os meninos e vôlei para as meninas</p>	<p>Gostaria que minhas amigas que jogam continuassem embora elas enfrentem muito preconceito, igual minha amiga que o pai não apoiou por falar que isso era coisa para homem, ou menina 'maria-joão'.</p> <p>Já vem de casa que futebol é para os meninos e o balet para as meninas. Meninas tem que fazer 'coisas que são de mulher'.</p> <p>Já ouvi alguns homens falarem que isso não é esporte pra mulher, que é para elas saírem que não sabem jogar, diminuindo a capacidade da mulher para jogar.</p> <p>Eles falam que elas são ruins, que são burras, essas coisas.</p> <p>homem que não gosta de jogar futebol é veado.</p>
-----------------------------	--	---	---	---	---	---

		<p><b>B2)</b>  <b>Estereótipos masculino (agressividade) e feminino (delicadeza e fragilidade)</b></p>	<p><i>Eu já perguntei qual é a cara de quem joga e é a cara de pessoas brutas, que não são tão delicadinhas. Quando a gente vai jogar eles falam que é mulher então é pra pegar mais leve.. que mulher não sabe jogar, que é fraca, essas coisas.. que futebol não é lugar pra mulher. Todo mundo tem aquela teoria de que mulher é sexo frágil, delicada e não pode praticar esporte .A pessoa que joga deixa de ser fresca, de se preocupar com pouca coisa e os valores são diferentes...As que jogam são mais despojadas, mais corajosas e não ligam para coisinhas do tipo 'vou ficar suada', 'vai quebrar minha unha', essas frescuras.. as meninas que jogam são menos frescas pra umas coisas bobas..Elas lutam pelo que importa mesmo, são mais corajosas e extrovertida, se posicionam mais, tem menos medo, gostam mais de ter amizades com meninos que com as meninas. Os assuntos de meninas são fúteis e eu sou feminina também.Homem e futebol é coisa normal. Aquele cara é machão... aquele é 'o cara'. Os meninos que jogam são mais valorizados que as mulheres são mais reconhecidos. A mídia tem um pouco de influência nessa valorização. Todo mundo acham eles bonito. Eles tem mais fama, são ídolos. É diferente das mulheres, os homens tem mais</i></p>	<p><i>Eles são muito brutos. Falam que mulher não nasceu pra isso, que as meninas não tem capacidade, que tem frescura, que a gente é burra.Não gosto de jogar com os meninos, eles não entendem que tem que jogar mais devagar, que nós somos mais sensíveis que eles, e que eles machucam, é uma coisa nossa, é da nossa natureza...As próprias meninas que jogam falam delas assim: 'E aí time de sapatão!! Vamos entrar e vamos jogar!!'Os homens chegam mais firmes. No futebol feminino já não é tanta agressividade. Apesar de hoje em dia muitas mulheres jogarem melhor que os homens e a parte emocional das mulheres também pode ser igual ou até melhor que a dos homens.Quando a gente vê as meninas jogando futebol na televisão, é <b>quase igual a um homem</b>, só que a menina não tem tanta <b>força</b> como o homem tem". "Eu gosto da participação de mulheres <b>em coisas que só homem faz</b>.</i></p>	<p><i>As vezes o pessoal não deixa as mulheres porque elas podem se machucar, é frágil, é mulher.. e não pode jogar bola. Ou é frágil e não pode jogar, ou é sapatão.. de qualquer forma sobra pra elas.A mídia influencia também. Pois só mostram os times grandes e masculinos. Acho que é por causa do machismo. O futebol foi sempre mais associado aos homens do que as mulheres, é um direito adquirido historicamente. Já é normal eles jogarem mais e terem mais oportunidades.</i></p>
--	--	--	--	---	---

			reconhecimento, acho que é porque ainda tem preconceito.	Direitos iguais!"		
		<b>B3) Habilidades, competências e capacidades físicas, técnicas e psicológicas necessárias à prática do futebol</b>	<p>Não tem a mesma condição. Os homens suportam mais, já as mulheres são mais delicadas, mais frágeis, mas também depende da pessoa.. tem gente que agüenta mais que as outras.. e algumas já são mais sensíveis, não agüentam correr, não agüentam calor.</p> <p>As condições físicas são as mesmas, apesar das meninas serem um pouco mais sensíveis, mas são as mesmas sim depende de cada um. Todo mundo é capaz. Condição física depois de muito treino sim. Os meninos tem um pouco mais de força e as mulheres não tem muito treino. Mas as mulheres levam mais a sério porque dizem que não é 'coisa de mulher'. As habilidades tem</p>	<p>Não percebo nenhum tipo de diferença. Tem a mesma condição a única diferença é que eles têm mais <b>força</b>. Então, fisicamente acho que não; algumas podem ser até mais fortes e tal, mas homem é mais forte. Eles são mais brutos e não tem noção da <b>força</b>. Mas as meninas que jogam futebol não tem medo.. elas encaram tudo.</p> <p>Não tem a mesma condição porque os meninos jogam futebol desde pequenos. Desde cedo ganham uma</p>	<p>Eu queria ver a menina jogando pra ver se joga bem. Quero ver se é verdade. Não há diferenças. Do mesmo jeito que o menino não nasce sabendo jogar, a menina também. Os <b>dois podem aprender</b>. É <b>preconceito da parte delas</b> que não jogam <b>porque acham que futebol é pra moleque daí</b> não aprendem e não fazem nada. Acho que tem diferença sim. Tem algumas meninas que são até melhores que eles. A única diferença é que as que jogam treinam e as que</p>	<p>O físico é diferente, as mulheres são mais sensíveis e elas não jogam pelo dinheiro e pela fama, elas jogam mais por amor ao esporte. Acho que tem as mesmas condições é uma questão de treino. Não há diferenças. Qualquer esporte depende do treino para melhorar as habilidades. As condições são as mesmas, mulher é igual ao homem. Só não jogam igual porque não treinam.</p> <p>Por conta do sexo.. as mulheres por serem um sexo frágil não tem muita</p>

			<p>diferenças porque os meninos crescem jogando futebol, então é uma questão de treino, quem treina e joga mais tem mais habilidade e melhor condição física, não por ser homem ou mulher, mas por treinar. A maioria das meninas não jogam por causa do preconceito dos outros e delas mesmas e por isso eles jogam melhor que elas.</p> <p>Sempre que as meninas jogam, tem algumas brincadeiras do tipo: 'perna de pau', 'isso não é pra menina', 'sai daí', etc..acham que você não tem competência para dar 'conta do recado'.</p>	<p>bola e são incentivados, já as meninas não.. é uma coisa cultural que pode ter alguma relação com medo de influenciar na sexualidade. As meninas já fazem outras coisas, jogam vôlei, fazem bale e não criam habilidades para o futebol. Já os meninos jogam sempre, então eles tem muito mais habilidades que as meninas, por isso eles jogam melhor. Mas se pegar uma menina e ela treinar desde pequena, ela vai ter a mesma habilidade. Até o professor pega uma bola de vôlei e outra de futebol e já entrega para os meninos jogarem futebol e pras meninas vôlei, é natural. Os meninos tem mais condições físicas porque tem mais músculos tem muito mais força pra chutar a bola. Eles são mais fortes, as mulheres mais perfeccionistas.</p> <p>Os meninos são melhores, eles tem mais hábitos e habilidade porque jogam mais. Se elas jogassem a mesma quantidade elas teriam a mesma habilidade.</p>	<p>não jogam não treinam então o condicionamento físico é diferente.</p> <p>No futebol os homens jogam muito mais e tem mais oportunidades e motivações com isso acabam tendo mais condições, desenvolvendo mais habilidades.</p>	<p>coordenação.</p>
--	--	--	---	---	---	---------------------

		<p><b>B4)</b>  <b>Tecnologias de gênero: a estética e a linguagem corporal relacionadas ao futebol</b></p>	<p>No dia a dia, a mulher que joga futebol é normal como todas as outras. Depende do jeito da pessoa, do gosto, da individualidade e da personalidade. Como tem preconceito, a gente aprende a ser mais corajosa até para se vestir. O futebol ajuda bastante a tirar o medo. Tem que ter coragem para enfrentar o que vem pela frente, ser determinada, tem que ter foco. Corajosa porque é muito obstáculo.. o preconceito é muito grande. Quando eu falo que jogo eles falam que não parece.. acho que é por causa do estilo, menina que joga mais bola eles falam que é mais machona assim.. eu não.. já sou mais delicada pra vestir roupa.. essas coisas.. Autoconfiante, respeito com os outros e ser forte para agüentar as dificuldades e as discriminações. São mais competitivas. Jeito bem masculino. Veste meião, chuteira e shorts no campo, fora dele se veste de acordo com sua personalidade. Não se arruma muito, usa bonezinho, mas o resto é normal.. vaidade, base, etc. A roupa mais tênis, menos salto, usam mais calça jeans, regata, mas são femininas. A maioria tem o cabelo mais curto ou preso. Quando entra no campo que se transforma.. ai fica mais séria.. Musculosa. Forte.</p>	<p>É tudo igual. Mas com um jeito mais diferente que uma mulher normal. Dependendo do que eu faço o corpo vai mudar. Se eu lutar boxe meu braço vai ficar forte, meu corpo vai mudar, então a mudança e as diferenças vão das atividades que as pessoas fazem e que o pessoal produz. Depende da prática. Cada um escolhe o que fazer e isso provoca uma mudança em você. Uma pessoa normal que nem eu. Não vejo como machonas como a maioria vê. Corajosa (pra jogar futebol tem que ser bastante corajosa até para lidar com os preconceitos e a discriminação que enfrentam, precisam ser fortes e que não liguem muito para o que as pessoas pensam. São <b>mais fechadas porque é uma defesa</b> é a maneira que elas encontram de se defenderem de repente uma postura mais séria.. Mulher, mas obviamente seria um pouco mais forte por causa do futebol, do</p>	<p>Tem diferenças sim. As que jogam são mais [masculinas] tipo.. porque elas convivem mais com meninos porque não tem como uma menina que joga futebol jogar só com meninas. O estilo de andar e o modo de conversar são bastante diferentes. As meninas por conviver bastante com moleques ficam mais malandras. Eu não gosto desse físico mais forte das meninas que jogam futebol, gosto mais delicadinho. O jeito de vestir também é diferente, calça jeans. As que não jogam se vestem diferente. As meninas que jogam são mais mente aberta e dá pra conversar sobre tudo com elas. Mas elas saem só com as amigas dela, não interagem com as outras meninas que não jogam. São mais fechadas, as brincadeiras são diferentes. Com um físico bem avantajado, grande, incorporada e forte. Cabelo sempre preso ou com cabelo curto, com pouco seios. Seria com o físico de um homem, mas</p>	<p>Tem diferença. As meninas que não jogam são mais 'nojentinhas' do que as que jogam. As mulheres que jogam futebol conversam mais com homens do que com mulheres, porque as mulheres que não jogam não gostam muito de futebol, e os homens sim. Tem algumas que se vestem diferente, elas se caracterizam mais como 'boleiras', falam como boleiras.. assim como os meninos que jogam, mas tem outras jogam e são arrumadinhas. As características físicas e estéticas não tem diferença nenhuma. Boa preparação física, resistência, força, com habilidade, corre bastante, boa coordenação motora, ou seja, só a questão física.. o resto é igual as outras. Magras. Não usam maquiagem, brinco, essas coisas, mas fora do jogo é uma 'mulher normal' não tem um padrão. Tem vários tipos de mulheres. Tem amigas minhas que são modelos e jogam futebol, tem umas que são lésbicas e jogam futebol. Esteticamente, por ser uma jogadora de futebol não faria</p>
--	--	--	---	---	---	--

		<p>Melhor condição física. Mais encorpada. Voz grossa. Cabelo grande e amarrado. Panturrilha grande. coxas musculosas. As mulheres que jogam são mais tímidas. Pessoa mais de atitude, mais solta, mais corajosa. Alguns se espantam porque quando saio geralmente ponho salto. Dizem que não tenho cara de quem joga.</p> <p>Os meninos que jogam geralmente não tem medo de enfrentar algumas situações. São mais 'marrentos' o jeito de andar muda muito. São muito vaidosos. São mais alegres, sempre descontraídos e tão sempre indo fazer as coisas independente do que for. São mais molecões. Forte. anturrilha maior. Coxa bem grossa porque eles treinam bastante. Um braçoão. Cabelo curtinho e uma barriga tanquinho. A canela raspada é o que marca. Eles raspam p os pelos não encravarem quando colocam a caneleira. Voz grossa [porque] meninos que jogam com voz fina ou mais 'afeminados' não combinam. Depende da pessoa. Uns gostam mais de bermudão, outro de calça justa, mas a maioria é um estilo esportivo, usa mais tênis, mas depende do lugar onde está indo. Usa brinquinho de stras, cabelinho do Neymar. Usam bonezinho.</p>	<p>treino. Musculosa, autoconfiante. Procuram conversar com todo mundo. Com meião, chuteira e igual homem com uniforme. Mais gordinha, mais fortinha e de cabelo amarrado ou curto, tênis. Alta. Com boné, blusa mais larga e calça, agasalho. São poucas que usam salto, usam blusinhas baby look, mas nada de salto ou com roupas muito femininas. mas pode também ser uma menina como qualquer outra, ou mais masculinizada. A mulher ta mais acostumada com salto, e elas não põem muito, vestido, mas em um evento mais importante pode até usar salto. Não vi meninas que jogam de maquiagem, elas não tem muito esse cuidado e tem uma postura diferente, o físico.. vai ficando diferente, mas sem deixar de serem vaidosas. Tem gente que fala que só mulher feia que joga futebol, mas não tem nada a ver. Mas quem não joga é mais 'fresca', tem medo de barata. Ela tem menos</p>	<p>vestida normal igual qualquer outra mulher, de vestido e maquiagem. As mulheres que jogam futebol usam mais uma calça jeans, camiseta e um tênis. A <b>maioria das mulheres que não jogam são mais vaidosas do que as que jogam futebol.</b></p> <p>Tem vários tipos de mulher. Não é porque ela joga futebol que vai se vestir diferente. <b>Jogar futebol não influencia na sexualidade de ninguém</b>, mas se a mulher <b>for hétero, ela vai se vestir normal</b>, ela vai colocar um shorts pra jogar e vai se vestir normal. Se ela <b>não for hétero, ela vai colocar as roupas que ela quiser.</b> Vai da pessoa.. vai de gosto.. isso não tem nada a ver.</p> <p>Quanto aos meninos que jogam, é normal, vai da escolha de cada um como andar, como se vestir, não é porque você joga que vai ficar colocando roupa de boleiro o tempo todo. Hoje em dia é tudo igual ao Neymar , o cabelo, é pequenininho, magrelo, com brinco e 'mala'. A mídia tem</p>	<p>diferença.</p> <p>Na cabeça de todo mundo o que vem é uma menina mais 'macho' com um corpo mais desenvolvido, mais forte, mais malhado, cabelo preso ou mais curto, o jeito de falar mais grosso, é o que todo mundo pensa.</p> <p>Cabelinho do Neymar. É 'mala' e você percebe pelo domínio de bola. Vai na academia, é bombadão, se acha demais, preconceituoso. Raspam as pernas e andam de um jeito esquisito. Usam roupa justinha, uma camiseta, uma bermuda pra mostrar o corpo definido, brinquinho</p>
--	--	---	---	---	---

				<p>medo. São diferentes. As que jogam são mais fortes, mais dispostas em fazer as coisas, são mais corajosas. As que jogam futebol vão pra cima. Não é muito feminina igual uma empresária, uma modelo... elas são mais relaxadonas, até fazem cabelo, unha... mas na hora de se 'portar' não são muito femininas. As que não jogam são mais delicadas. As mulheres que jogam não tem vergonha de assumir que jogam futebol e a maioria tem vergonha porque o futebol sempre foi mais para o lado dos homens e muitas mulheres tem vergonha. As que jogam estão sempre de bom humor, são mais extrovertidas.</p> <p>É muito mais marcante o tipo dos meninos que jogam do que as meninas. Geralmente todos os meninos gostam de futebol nunca vi nenhum menino que não gosta de futebol. Fora do campo depende do gosto deles. O corpo, o físico é diferente. São fortes. Panturrilha bem definida. Cabelinho igual</p>	<p>influência nisso.. eles puxam o saco do Neymar.. essas coisas, ganha mais dinheiro. Usa foninho de ouvido, um shorts, uma bermuda. Os cara já andam na boleragem, já raspam a perna, bonezinho pra trás. Geralmente usam camisa de time.</p>	
--	--	--	--	---	---	--

				<p><i>do Neymar, brinquinho grudado na orelha igual de mulher.. é bem o tipinho deles. Quando eles andam ficam com aquela pose.. 'eu sou o bom!'. Tudo mala, alguns são muito marrentos e muito metidos. Que 'se acha'. Se vestem de bermuda, meia grande, chuteira, camiseta de time e sapatenis, bermuda...São mais fortes, mais magros. Sem diferença daqueles que não jogam. Geralmente interagem mais com os outros.</i></p>		
--	--	--	--	---	--	--

Fonte: a autora

**APÊNDICE F** – Dimensão, categorização e unidades de análise: sentidos e significados da prática do futebol

Dimensão de Análise	III. Sentidos e significados da prática do futebol				
<b>Categorias Analíticas</b>  <b>Variáveis Inferidas</b>  <b>Causas</b>	<b>C)</b> <b>Afetividade e objetivos relacionados ao futebol</b>	<b>Unidades de Contexto</b>  <b>GI</b>	<b>Unidades de Contexto</b>  <b>GII</b>	<b>Unidades de Contexto</b>  <b>GIII</b>	<b>Unidades de Contexto</b>  <b>GIV</b>
<b>Categorias Empíricas</b>  <b>Variáveis de inferência</b>  <b>Efeitos</b>					

<p>Unidades de Registro</p>	<p>Temas / Modalidades de Expressão das Rep. Sociais</p>	<p><b>C1) Vergonha e submissão feminina na prática do futebol</b></p>	<p><i>Tem muitas meninas que jogam mas elas tem vergonha de falar que jogam bola. Acho que por causa do preconceito, pra ninguém chamar de sapatona.. essas coisas. Acho que algumas [meninas] tem vergonha de jogar, porque os outros ficam olhando, as vezes xingam, eles gritam 'ah!! Maria Sapatão!!</i></p> <p><i>Algumas meninas se importam muito com que as outras pessoas pensam. Até sentem vontade, mas por um certo comentário que alguém fez, elas ficam com medo de serem discriminadas e acabam não fazendo. São poucas as meninas que tem a coragem e acaba não tendo mulheres o suficiente.</i></p> <p><i>só jogo no colégio e quando os meninos deixam e quando deixam eles pensam que a gente é moleque, a gente joga junto porque as meninas não gostam, mas eles jogam a bola na gente.</i></p> <p><i>Pode ser a melhor jogadora que tem no time só que as vezes quando vem alguém assistir, acaba mudando o foco com vergonha do que pode fazer.</i></p>	<p><i>Eles [os meninos] não deixam a gente jogar. Daí a vontade até passa. Se for pra repartir o tempo não tem time de meninas. Eles falam que é pra gente jogar vôlei, que vôlei é pra menina e eles ficam a aula inteira jogando, nem dividem a quadra e o tempo.</i></p> <p><i>A gente nem pedia pra jogar porque sabia que eles iriam ficar reclamando, então pra evitar confusão a gente nem pedia. Se a gente quiser tem que ir pedir pra eles, pedir a bola. Mas os meninos não deixam as meninas jogarem.</i></p> <p><i>Só jogo se não tiver ninguém de fora olhando para diversão, mas se tiver os outros olhando ah.. eu vou pagar mico porque eu saio chutando canela, pisando na bola.</i></p>	<p><i>O ginásio é só para os moleques. O tempo de jogo não é o mesmo, os meninos não gostam de dividir, eles gostam de jogar todo o tempo. Se as meninas quiserem jogar tem outras quadras [externas e sem cobertura]</i></p> <p><i>O preconceito é dos dois, dos meninos e das meninas também elas mesmas tem preconceito. Elas falam: 'pra que eu vou jogar futebol? Futebol é 'coisa de moleque'. Toda vez que uma mulher vai jogar todo mundo leva na <b>brincadeira</b>. Acho que é igual em todos os esportes quando mulher joga, <b>ninguém leva a sério</b>. As mulheres não tem o mesmo nível de jogo dos homens então eles ficam brincando na hora de jogar com as meninas. Mas <b>quando não tem time a gente até convida</b> aquelas que jogam para <b>completar o time</b>.</i></p>	
-----------------------------	--	---	--	--	--	--

		<p><b>C2) Pertencimento ao grupo e objetivos em comum</b></p>	<p><i>Realização. Orgulho quando a gente se reúne e tem um propósito para o grupo. É gostoso, parceria, com o grupo de meninas que a gente fica mais forte e as meninas se motivam. Mais afinidade. A união e o gosto pelo futebol. Quando você está junto com pessoas que gostam e tem o mesmo objetivo dá mais vontade de jogar. É como se todo mundo fosse igual. Ninguém vai falar mal de ninguém. No grupo é bem melhor, todo mundo se conhece e tem o mesmo objetivo. Junto com as meninas que jogam eu sinto a 'igualdade', mais respeito, tem mais liberdade e quem não joga não entende. Honrar o seu time.</i></p>		<p><i>O que motiva é o pessoal jogando, a competitividade, a rivalidade, o jogo em grupo, jogar em equipe, é preciso jogar junto com os seus parceiros do time.</i></p>	
		<p><b>C3) Valores, atitudes afirmativas e emoções positivas relacionadas à prática do futebol</b></p>	<p><i>Mas eu também sou menina e aqui na escola é diferente é mais aquele papo mais sobre cabelo, etc</i></p> <p><i>É uma coisa que vem do coração. Manter o corpo em ordem. É uma 'coisa bem brasileira'. Você luta junto, busca através do treino, do estudo das estratégias pra vencer, da diversão e das amizades. Da competitividade que tem nos jogos. Gosto de assistir, de ver e de jogar. Gosto de estar no meio do futebol mesmo</i></p>		<p><i>Mais pela emoção.. tipo emoção de fazer um gol ou uma defesa boa quando está no gol eu pretendia ser jogador de futebol</i></p>	

			<p><i>com os meninos porque [aqui na escola] não tem número suficiente de meninas pra jogar futebol.</i></p> <p><i>Desde pequena eu fui incentivada. Meu pai me levava ao estádio. Eu saí do hospital com a roupa do Palmeira seu nasci no meio do futebol. Fico tão contente quando posso jogar, tem oportunidade, quando jogo sinto uma alegria que não sei explicar. A competição diferente dentro e fora da escola. Fora é mais sério, é mais gostoso porque é mais competitivo e na escola é mais na brincadeira.</i></p>			
		<b>C4) Valores, emoções e sentimentos negativos relacionados à prática do futebol</b>		<p><i>Não tenho habilidade, mas jogo nas aulas de EF só para brincar, para lazer. Brincava quando era criança. Na verdade, as meninas não jogam futebol aqui no colégio, só quando chamam e só para brincar mesmo. Elas [as meninas] jogam mais volei ou outras coisas. As meninas jogam só na semana cultural porque vale nota, vale ponto.</i></p> <p><i>Não tem nada a ver comigo. Tenho medo da bola. Geralmente eu me machuco jogando e não gosto .O que me desmotiva é a falta de preparo físico. Não tenho habilidade</i></p>		<p><i>Não jogo porque eles não me escolhem para o time, se fosse pra eu jogar seria sempre goleiro e não gosto de ser goleiro. Acabei que não jogo e não gosto muito. Acho muito machista e violento, machuca. O povo briga muito. Não vejo graça um monte de homem correndo atrás de uma bola, talvez porque eu não saiba jogar, mas não gosto. Gosto mais de vôlei, acho que o vôlei cansa menos.</i></p>

				<p><i>nenhuma, tenho medo de tropeçar.</i></p> <p><i>Acho sem sentido ficar correndo atrás de uma bola e todo mundo correndo atrás de você. Não tenho interesse.</i></p> <p><i>Eu me dou melhor no vôlei. Não tenho muita habilidade.. e não posso correr muito porque tenho asma.</i></p>		
--	--	--	--	--	--	--

Fonte: a autora

## APÊNDICE G – Dimensão, categorização e unidades de análise: valores sociais, incentivos e motivações para a prática do futebol

Dimensão de Análise		IV. Valores sociais e a prática do futebol				
Categorias Analíticas		D) Reconhecimento e valorização sobre a prática do futebol	Unidades de Contexto GI	Unidades de Contexto GII	Unidades de Contexto GIII	Unidades de Contexto GIV
Variáveis Inferidas						
Causas						
Categorias Empíricas						
Variáveis de inferência						
Efeitos						
Unidades de Registro	Temas / Modalidades de Expressão das Rep. Sociais	D1) Reconhecimento e valorização do futebol masculino na escola, na família e na sociedade em geral	<p><i>O futebol masculino ainda tem mais preferência. As mulheres ainda sofrem muito preconceito e os meninos acabam tendo melhores oportunidades</i></p>	<p><i>Os meninos são privilegiados. [Na escola] até no uso da quadra fechada, eles jogam mais tempo e primeiro.</i></p> <p><i>As mulheres não tem muito futuro</i></p>	<p><i>Os jogadores de futebol no Brasil são bem vistos. Se tornou uma tradição. Todo menino joga bola. Os jogadores de futebol são ídolos, famosos, ganham muito dinheiro, coisa</i></p>	<p><i>Os meninos que jogam futebol são muito mais reconhecidos que as meninas que jogam. O salário é muito diferente, tudo é muito diferente. São vistos como 'burros' porque não</i></p>

		<p>para jogarem.</p> <p>...são poucas oportunidades para as mulheres então as que jogam são admiradas.. reconhecem a coragem.</p> <p>Homem e futebol é coisa normal. Aquele cara é machão... aquele é 'o cara'. Os meninos que jogam são mais valorizados que as mulheres são mais reconhecidos. A mídia tem um pouco de influência nessa valorização. Todo mundo acham eles bonito. Eles tem mais fama, são ídolos. É diferente das mulheres, os homens tem mais reconhecimento, acho que é porque ainda tem preconceito.</p>	<p>no futebol.</p> <p>As oportunidades não são iguais. Os meninos têm mais vontade de jogar, são mais motivados por conta da história do futebol que tem mais a ver com os meninos.</p> <p><b>O Brasil.. como diz é o país do futebol</b> [do futebol masculino]. Quando a gente vê as meninas jogando futebol na televisão, é <b>quase igual a um homem</b>, só que a menina não tem tanta <b>força</b> como o homem tem". "Eu gosto da participação de mulheres <b>em coisas que só homem faz</b>. Direitos iguais!"</p>	<p>que no futebol feminino não tem, a valorização é muito diferente das mulheres que jogam futebol. O Brasil é o país do futebol por causa do homem. Visibilidade e status social no futebol</p> <p>Qualquer jogador que fizer fama em dois meses vai ganhar muito mais dinheiro que uma mulher. As pessoas não dão o mesmo valor para as mulheres e para os homens que jogam futebol.</p>	<p>precisam estudar.. só ter habilidade com a bola e já vão ganhar muito dinheiro.. isso é que é o podre do Brasil. Uma pessoa que salva a vida de outra pessoa ganha muito menos que um jogador de futebol que é pago pra ficar correndo atrás de uma bola.</p> <p>Os homens são muito mais valorizados no futebol que as mulheres, apesar que hoje em dia as mulheres estão jogando e sendo reconhecidas bem mais que antes. A mídia influencia também. Pois só mostram os times grandes e masculinos. Acho que é por causa do machismo. O futebol foi sempre mais associado aos homens do que as mulheres, é um direito adquirido historicamente. Já é normal eles jogarem mais e terem mais oportunidades.</p>
	<b>D2) Reconhecimento e valorização do futebol praticado por mulheres na escola, na família e na sociedade em geral</b>	<p>Há muita desvalorização. Na semana cultural [na escola] não iria ter o futebol feminino, somente depois de muita reclamação e de montar um time é que teve.</p>	<p>Tem muito preconceito. Esse preconceito sempre existiu e o futebol feminino não tem divulgação. O futebol feminino que é incentivado e que todo mundo assiste é aquele que as modelos jogam de calcinha e sutiã.. essas coisas.. elas não jogam nada, mas todo mundo acha legal.. porque o objetivo é outro..</p> <p>O futebol feminino é meio esquecido.</p>	<p>Hoje as mulheres que jogam são mais valorizadas se comparada com antigamente. Antes nem tinham mulheres que jogavam mas ainda assim se você comparar com a valorização que os homens tem é um absurdo o que eles ganham jogando futebol. A mídia influencia bastante.. influencia em tudo.</p>	

				<i>Deixado de lado e não dão tanta importância Não vejo as pessoas comentando nada... eles deixam</i>		
--	--	--	--	---	--	--

Fonte: a autora

## APÊNDICE H - Dimensão, categorização e unidades de análise: gênero, práticas corporais e sexualidade

Dimensão de Análise	V. Gênero, práticas corporais e sexualidade				
<b>Categorias Analíticas</b>	<b>E) A prática do futebol e a sexualidade</b>	<b>Unidades de Contexto</b>	<b>Unidades de Contexto</b>	<b>Unidades de Contexto</b>	<b>Unidades de Contexto</b>
<b>Variáveis Inferidas</b>		<b>GI</b>	<b>GII</b>	<b>GIII</b>	<b>GIV</b>
<b>Causas</b>					
<b>Categorias Empíricas</b>					
<b>Variáveis de inferência</b>					
<b>Efeitos</b>					

Unidades de Registro	Temas / Modalidades de Expressão das Rep. Sociais	<p><b>E1) A sexualidade é influenciada e influência a prática do futebol</b></p>	<p><b>Sim.</b> Há influência da prática porque o futebol é tipo 'bem homem, a convivência com bastante moleque] porque não tem menina que joga futebol, daí a gente vai jogar com os meninos e a gente fica com aquele lado de menino. As mulheres que são homossexuais buscam mais saber sobre futebol e jogar igual aos homens para poder se parecer mais com um homem, mas não só porque joga. Vai de cada um, mas acho que facilita a orientação sexual porque acaba jogando mais com moleques do que com as meninas e isso acaba influenciando. A maioria das vezes sim.</p> <p>Não é porque joga futebol que é homossexual, mas as meninas que jogam e são homossexual jogam melhor das mulheres que jogam e não são, acho que é porque elas treinam desde pequenininha..</p> <p>São as pessoas que relacionam a prática do futebol com a homossexualidade. Criou-se uma imagem de mulher que joga é Maria-homem.</p>	<p><b>Não.</b> Isso é uma coisa da vida da pessoa. Pode ser bem mulher e jogar futebol. Não é porque ela joga futebol que ela é homossexual. Não tem influência direta. Mas as meninas que são homossexual se dão melhores no futebol que as que não são, acho que porque elas querem ser homens, querem jogar bola, daí isso incentiva elas a treinarem mais e elas jogam melhor.</p> <p>Mas não é porque elas jogam que elas são homossexual, é porque elas são homossexuais que tem mais habilidade com o futebol porque é masculino. Elas não são homossexuais porque jogam futebol, elas jogam futebol, justamente porque são mais masculinizadas, elas correm mais, são mais fortes, essas coisas.</p> <p>O pai tem medo de incentivar na opção sexual da menina mas isso não tem nada a ver com a opção sexual.</p> <p>Normalmente as lésbicas tem imagem de homem e se comportam como homem, se dedicam mais, como são homossexuais elas querem ser um homem.</p>	<p>Se um menino gay for jogar futebol ele vai sofrer bastante preconceito também, porque os meninos não gostam”</p> <p>“Mas eles mesmos [os meninos gays] também tem preconceito, eles mesmos falam que é o jogo é <b>muito bruto.</b></p> <p>Não tem relação, mas tem preconceito e discriminação pra quem opta por ser gay ou lésbica, mas não tem nada a ver com a prática do futebol, mas o que todo mundo vê é isso, todo mundo acha que quem joga é lésbica e as que são tem mais habilidade daquelas que não são. Isso acontece. Mas não acho que tem relação nenhuma. Algumas são sim lésbicas mas por escolha delas e não pela prática do futebol.</p> <p>Poderiam jogar vôlei e ser. O futebol é um esporte como os outros, <b>mas não sei.. talvez pelo convívio das meninas</b> pode ter alguma relação assim.. se <b>ela jogar desde pequenininha isso pode influenciar na sexualidade dela</b> porque não vai ter a mesma cultura das meninas.</p>	<p>Na minha opinião, <b>a maioria das meninas que jogam são homossexuais.</b> Até na televisão dá pra perceber, mas já vi casos e conheço algumas que jogam e que tem namorado, são heterossexuais e gostam muito de jogar futebol, mas a maioria ainda é homossexual, porque esse esporte sempre foi mais direcionado aos homens então as homossexuais acham que também são capazes. A sexualidade influencia na habilidade, na força e no jeito. As mais femininas não tem habilidade e não vão suar. Já as meninas homossexuais não ligam se suam, se o cabelo desmancha, se vai ter que dividir uma bola. Não existe essa relação necessariamente. O futebol começou com os homens, mas as mulheres podem entrar e jogar sem ter nenhuma relação com a sexualidade. Muitas meninas que jogam são lésbicas mas muitas não são. Não tem uma relação direta, isso é mais preconceito. Aqui teve olimpíadas e eu assisti e a única coisa que vi é que no time das meninas.</p>
----------------------	---	--	---	---	--	--

**APÊNDICE I - Dimensão, categorização e unidades de análise: a mulher e o futebol – projetivas: quadros I, II, III e IV**

Dimensão de Análise	I. A mulher e o Futebol				
Categorias Analíticas	A) Estereótipos e estigmas	Unidades de Contexto	Unidades de Contexto	Unidades de Contexto	Unidades de Contexto
Variáveis de Inferidas		GI	GII	GIII	GIV
<p><b>Categorias Empíricas</b></p> <p><b>Variáveis de Inferência</b></p>	<p><b>A1)</b> Estereótipos masculino (agressividade) e feminino (delicadeza e fragilidade)</p> <p><b>A2)</b> Tecnologias de gênero: a estética e a linguagem corporal relacionadas ao futebol</p>	<p><i>É a A porque tem cara e se veste social e tem estilo, tem cara de quem joga. Tem jeito mais esportivo.</i></p> <p><i>É a B, ela tem cara de guerreira, cara de quem joga. Tem cara de quem não deixa 'passar as coisas'. Quer buscar seus objetivos. É mais solta. Não tem muito jeito de menininha. Pelo 'estado' dela..não tão delicada como as outras. Tem mais cara de 'macho'.</i></p> <p><i>A D por ser meio 'largada'.</i></p> <p><i>A C não joga. Tá muito meiga... tem um arzinho mais sofisticado, ela é muito delicadinha, as que jogam normalmente não gostam de usar vestido.. esse vestidinho... tem jeito de ser nojentinha.Parece e menininha. Ela é toda feminina e geralmente as</i></p>	<p><i>É a A, ela joga, pelo físico, pelo rosto.</i></p> <p><i>A B parece que joga porque ta suada. Pela forma de estar. Ela parece ser bem masculina. É mais ativa.Tem estilo mais largado, com regata e topezinho por baixo. Mais guerreira.</i></p> <p><i>A A parece empresária.</i></p> <p><i>C é bem feminina, bem menininha... parece modelo. Tem cara de ser mais fofinha, meiguinha. O cabelo ta mais cuidado e ta de vestido.. ela é uma 'bonequinha'.</i></p> <p><i>D talvez tenha jogado mais nova... a D não joga pela roupa dela, pelo jeito, não é só porque tem cabelo curto que gosta de futebol.</i></p> <p><i>A B ta com o</i></p>	<p><i>É a B tem mais jeito de quem joga, mas não sei porque. A B, por causa do físico, do braço.</i></p> <p><i>A A joga. Ela tem o jeito mais largado.</i></p> <p><i>A C não joga. Ela é mais delicada.</i></p> <p><i>A D que tem menos jeito porque ela não parece que joga bola. A D não jogaria. Ela é mais de idade.</i></p> <p><i>A B tem mais jeito, olha a carinha dela.</i></p> <p><i>A C joga, ela é mais feliz. A D joga porque ela parece mais, ta vestida de palhaço.</i></p> <p><i>A A não joga, ela ta usando salto. Não sei dizer o porque. A B tem menos jeito por causa do jeito dela, do cabelo, parece que gosta de outro tipo de coisa.</i></p> <p><i>C: sem</i></p>	<p><i>A A, pelo modo de ser, pelo tipo dela... Tem um corpo mais definido.</i></p> <p><i>A B porque tem um porte físico mais preparado, braço, pelo tríceps. Tá mais descabelada, suando e gritando.</i></p> <p><i>C. uma garota que joga futebol, não precisa mostrar toda hora que joga futebol.. quando ela entra no campo ela bota uma chuteira, uma caneleira e vira outra pessoa.. mas fora dele é uma pessoa normal.</i></p> <p><i>Quem não tem cara de que joga é a letra A. Sei lá.. tipo.. não por preconceito, mas a maneira que ela posa, parece uma pessoa que entrou em um cargo executivo para fugir do esporte.</i></p> <p><i>A C não.. é muito patricinha... Tem muito jeito de menininha,</i></p>

		<p><b>meninas femininas não gostam. Ela usa maquiagem.. essas coisas..geralmente as que se vestem assim não gostam de futebol. Fresquinha que não gosta nem de fazer EF.</b></p> <p>A A não joga, tem cara de mole. A D não parece porque tem cara de pessoa séria de 'negócios'.</p> <p>A A, ela tem jeito mas não sei o porque.</p> <p><b>A B também tem jeito de quem joga. Em um jeito mais esportivo. Pelo jeito de vestir.. pulseirinha no braço..Tem mais força. Por causa do físico.</b></p> <p>A C joga. É uma intuição. Essa tem um jeitão de quem joga. A D porque tem um ar mais descontraído.</p> <p>A A não joga, não tem jeito de quem gosta de futebol. É mais 'centrada nas coisas'. Ela ta vestida com salto, roupa, assim. Tem mais jeito de quem trabalha e não tem tempo para jogar. Executiva.</p> <p>A D tem menos jeito, porque ela ta vestida de palhaço. Tem cara de ser mais 'na dela...'</p> <p><b>É a A, ela tem jeito mas não sei dizer o porque..</b></p>	<p><b>cabelo amarrado.</b></p> <p>A C parece que joga futebol tem pouca maquiagem, mas ta sendo feminina.. mas tem um jeitinho que parece. A D porque não é muito feminina.</p> <p><b>A A não parece jogar, pelo jeito de estar, de ser e de se vestir. Tem cara de quem gosta de trabalhar, tem cara de atriz.</b></p> <p>A B é roqueira . A B tem cara de intelectual, parece que fica mais em casa. Todas podem ser jogadoras de futebol, mas a C é que parece menos. Ela é toda delicadinha... tá de salto, de saia, sentadinha. A D mímica.</p> <p><b>A A parece ser jogadora de futebol, elas se vestem de um jeito mais espontâneo, mais esportivo, mais simples Tá bem basiquinha. Por eliminação.</b></p> <p>A B joga, ela ta sem brinco.</p> <p><b>A C não joga, parece modelo.</b></p> <p><b>A D pode até gostar de futebol mas não tem condicionamento físico para praticar, ta muito gordinha, não tem jeito.</b></p>	<p>justificativas.</p> <p><b>A A joga futebol, pela cara, pelo jeito e está de calça jeans e camiseta, isso não é coisa de mulher.</b></p> <p>A C tem menos jeito, ela tem cara de modelo.</p> <p><b>A D não joga, ela é mais cheinha, olha o porte físico.</b></p>	<p><b>delicada pra se vestir, de unha feita.. Mais mocinha.</b></p> <p><b>A D já passou da idade de ser jogadora. A D tem cara de escritora.</b></p> <p><b>A B tem mais resistência e porte físico. Tá muito sem enfeite, brinco, essas coisas... Tem um jeito mais despojado.</b></p> <p><b>A A tem cara de mais delicada.. essas coisas. Estilo social de quem trabalha em escritório. Tem cara de advogada.</b></p> <p>A C não.. tem o jeito mais sério, mais executivo.</p> <p>A D ta vestida de palhaço, então não pode ser jogadora.</p> <p><b>A A pelo porte físico.</b></p> <p>A C tem cabelo curto e tem mais cara.</p> <p><b>A D não. Ela está fora de forma. É mais cheinha, mas se ela emagrecer pode ser. Ela não tem corpo de quem joga futebol. Nenhuma parece jogar, mas a D menos ainda por causa do porte físico.</b></p>
--	--	--	--	---	---

		<p><b>acho que pelo jeito de sorrir, ta mais alegre..</b> <b>Pelo físico e jeito da roupa.</b></p> <p><i>A A tem menos jeito, parece que não gosta de esportes.</i></p> <p><b>Essa C tem menos jeito, ela tem cara de modelo. Parece que é mais ligada à moda. Mais sofisticada, com uma bolsa e cabelo arrumadinho.</b></p> <p><i>A D tem menos jeito de quem joga, ela ta gordinha. Ela não teria um bom rendimento. Tem cara de quem não pratica esporte nenhum. Se ela jogasse bola, não estaria assim.</i></p>			
--	--	---	--	--	--

Fonte: a autora

**APÊNDICE G** - Identificação e análise dos processos constituintes – objetivação e ancoragem - das representações sociais de gênero, corpo e sexualidade relacionados à prática do futebol por mulheres – GI, GII, GIII e GIV

<b>Grupo GI</b>				
<b>Processo de Objetivação</b>				
<b>Categorias Analíticas (variáveis inferidas)</b>	<b>Futebol</b>	<b>A Mulher e o futebol</b>	<b>Gênero, corpo e sexualidade e a prática do futebol</b>	<b>Sociedade, família e escola: posicionamentos sobre a prática do futebol por mulheres</b>
<b>Etapas da Objetivação</b>	<b>Categorias Empíricas (variáveis de inferência)</b>			
<b>Construção Seletiva</b>	<p>O futebol é um emblema cultural e símbolo brasileiro.</p> <p>Machismo. Naturalização da prática do futebol por homens e o estranhamento desta prática por mulheres. O futebol é 'coisa de homem' e não é 'coisa de mulher'. Mais oportunidades e visibilidade para os homens que praticam futebol quando comparados às mulheres.</p> <p>Mulher e futebol mais como brincadeira e diversão.</p> <p>A mídia e o mercado influencia no reconhecimento e na valorização do futebol masculino. Fabrica-se ídolos. Busca-se a fama.</p>	<p>Preconceito sentido e percebido. Discriminação e diferentes formas de violência.</p> <p>As mulheres que jogam não são respeitadas e levadas a sério como são os homens que praticam futebol (isso acontece em diferentes práticas sociais as quais 'culturalmente e historicamente são consideradas parte do mundo masculino').</p> <p>Sentimento de inferioridade. Posição de submissão em situações de relações de poder e de gênero. Espaço do homem e da mulher (público e privado)</p> <p>Falta engajamento das mulheres na luta pela busca de espaço e respeito sem preconceito e discriminação.</p> <p>As diferenças de habilidades entre homens e mulheres na prática do futebol é</p>	<p>Naturalização de atividades masculinas e femininas na sociedade que marcam a identidade de gênero, o corpo e a sexualidade. Espaço do homem e da mulher (público e privado). Sentimento de inferioridade. Posição de submissão em situações de relações de poder e de gênero. As mulheres que jogam não são respeitadas e levadas a sério como são os homens que praticam futebol (isso acontece em diferentes práticas sociais as quais 'culturalmente e historicamente são consideradas parte do mundo masculino').</p> <p>Naturalização da prática do futebol por homens e o estranhamento desta prática por mulheres. 'Coisas de meninos e coisas de meninas'</p> <p>Não são todas as homo/bissexuais que</p>	<p>A sociedade em geral cobra a divisão de atividades direcionadas para homens e atividades para mulheres e em sua maioria o relato é de que o espaço de atividade feminina deve se limitar ao espaço privado.</p> <p>Futebol não é 'coisa de mulher'. A relação da prática do futebol com a sexualidade aparece como um dos agravantes de atitudes preconceituosas e discriminatórias. Homossexualidade e heterossexualidade conforme os papéis sociais determinados arbitrariamente. O preconceito da maioria está relacionado à sexualidade e a prática do futebol (para as mulheres).</p> <p>Oportunidades, incentivo e reconhecimento diferentes para os homens e para as mulheres na prática do futebol. A família é</p>

		<p>uma questão de treino. Quem pratica mais joga melhor e desenvolve mais habilidades e as capacidades necessárias para o jogo de futebol.</p> <p>Futebol como brincadeira e diversão para as mulheres.</p> <p>O futebol é uma prática dos homens. Essa representação causa constrangimento para a maioria das mulheres e provoca invisibilidade e o medo de passar vergonha. Medo de 'jogar bem' e ser alvo de preconceito. O medo da discriminação provoca a vergonha da exposição no jogo. A sexualidade 'duvidosa' das mulheres que jogam futebol é utilizada como dispositivo de discriminação.</p> <p>Praticar futebol tem um significado emocional marcado por sentimento de alegria, amizade e de competitividade principalmente fora da escola. Sentimento de equipe e de pertencimento ao grupo. Aprovação e reconhecimento do outro. Realização pessoal.</p> <p>Diferenças nas capacidades físicas e na estética das mulheres que praticam futebol quando comparadas as que não praticam. As meninas que praticam futebol são mais despojadas e corajosas, mas são 'femininas' também. Há uma preocupação de evidenciar que 'apesar' de jogar, sou mulher. Necessidade de afirmação da condição feminina.</p> <p>Não há mulheres em</p>	<p>praticam futebol (assim como não são todos os homens que praticam futebol), assim como não são todas as mulheres que praticam futebol que são homo ou bissexuais, mas no universo de mulheres que praticam futebol a maioria é homo/bissexual e a minoria é hetero.</p> <p>A relação da prática do futebol com a sexualidade aparece como um dos agravantes de atitudes preconceituosas e discriminatórias. A sexualidade 'duvidosa' das mulheres que jogam futebol é utilizada como dispositivo de discriminação.</p> <p>A mulher é vista como sexo frágil, delicada e por essa razão o futebol não é para mulher. As meninas que não jogam são mais 'frescas'.</p> <p>Estereótipos de força física e emocional associado a prática do futebol, por isso há diferenças nas capacidades físicas e na estética das mulheres que praticam futebol quando comparadas as que não praticam. As mulheres que jogam tem um jeito mais masculino, são mais musculosas e fortes, mas há uma necessidade de afirmação da condição feminina daquelas que praticam futebol.</p> <p>Os homens que jogam futebol são mais vaidosos do que aqueles que não jogam e as mulheres que praticam futebol, são menos vaidosas do que aquelas que</p>	<p>fundamental no incentivo e na motivação para a prática. Escola cumpre um importante papel no incentivo e na motivação para a prática ou não do futebol.</p> <p>A mídia e o mercado influencia no reconhecimento e na valorização do futebol masculino. Fabrica-se ídolos. Busca-se a fama.</p> <p>A escola pouco ou nada colabora para a diminuição do preconceito, da discriminação e pela igualdade de direitos das minorias sociais.</p> <p>Algumas atividades pontuais como, por exemplo, a semana cultural apresentam alguns temas e conteúdos relacionados a diversidade social e o respeito as diferenças.</p> <p>Disciplinas que apontam para alguma discussão ou que 'tocam' nos assuntos relacionados as minorias são marcadamente apresentadas pelas estudantes. Entre as disciplinas citadas se destacam História, Filosofia, Sociologia e Biologia. Entretanto, sem nenhum planejamento tais conteúdos, apenas com apontamentos esporádicos em sua maioria incentivados por questionamentos e dúvidas dos próprios estudantes. A maioria relata a necessidade e o desejo de que tais temas fossem apresentados como conteúdos de ensino.</p>
--	--	--	--	--

		quantidades significativas que pratiquem futebol em comparação com a quantidade de homens e isso causa desinteresse.	não jogam para ficarem com 'cara' de quem joga.	
<b>Constituição do Núcleo Figurativo (NF)</b>  <b>Estereótipos</b>	<p>O futebol é um símbolo do Brasil.</p> <p>Machismo.</p> <p>Naturalização da prática do futebol por homens e o estranhamento desta prática por mulheres.</p> <p>Mais oportunidades e visibilidade para os homens que praticam futebol quando comparados às mulheres.</p> <p>Futebol masculino tem ídolos que buscam a fama.</p>	<p>As mulheres sentem o preconceito, discriminações e diferentes formas de violência de gênero na prática do futebol.</p> <p>Sentimento de inferioridade. Invisibilidade. Posição de submissão em situações de relações de poder e de gênero.</p> <p>Não há mulheres em quantidades significativas que pratiquem futebol em comparação com a quantidade de homens e isso causa desinteresse e falta engajamento das mulheres na luta pela busca de espaço e respeito sem preconceito e discriminação.</p> <p>Mulheres e homens apresentam diferenças com relação a competência, as habilidades e as capacidades físicas. Tais diferenças podem ser diminuídas com mais oportunidades e motivações para a prática.</p> <p>Futebol para as mulheres mais como brincadeira e diversão.</p> <p>A prática do futebol provoca constrangimento para a maioria das mulheres e medo de passar vergonha.</p> <p>A sexualidade 'duvidosa' das mulheres que jogam futebol é utilizada como dispositivo de discriminação.</p> <p>Praticar futebol tem um</p>	<p>Naturalização de atividades masculinas e femininas na sociedade que marcam a identidade de gênero, o corpo e a sexualidade.</p> <p>Espaço do homem e da mulher (público e privado). Sentimento de inferioridade.</p> <p>Naturalização da prática do futebol por homens e o estranhamento desta prática por mulheres. 'Coisas de meninos e coisas de meninas'</p> <p>O universo de mulheres que praticam futebol é socialmente marcado por homo/bissexual e a minoria é heterossexual.</p> <p>A relação da prática do futebol com a sexualidade aparece como um dos agravantes de atitudes preconceituosas e discriminatórias.</p> <p>A mulher é vista como sexo frágil, delicada e por essa razão o futebol não é para mulher.</p> <p>Futebol: estereótipos de força física e emocional.</p> <p>As mulheres que jogam tem um jeito mais masculino.</p> <p>Os homens que jogam futebol são mais vaidosos do que aqueles que não jogam e as mulheres que praticam futebol, são menos vaidosas do que aquelas que</p>	<p>A sociedade em geral cobra a divisão de atividades direcionadas para homens e atividades para mulheres e em sua maioria o relato é de que o espaço de atividade feminina deve se limitar ao espaço privado.</p> <p>Futebol não é 'coisa de mulher'. A relação da prática do futebol com a sexualidade aparece como um dos agravantes de atitudes preconceituosas e discriminatórias.</p> <p>Homossexualidade e heterossexualidade conforme os papéis sociais determinados arbitrariamente. O preconceito da maioria está relacionado à sexualidade e a prática do futebol (para as mulheres).</p> <p>Oportunidades, incentivo e reconhecimento diferentes para os homens e para as mulheres na prática do futebol. A família é fundamental no incentivo e na motivação para a prática. Escola cumpre um importante papel no incentivo e na motivação para a prática ou não do futebol.</p> <p>A mídia e o mercado influencia no reconhecimento e na valorização do futebol masculino. Fabrica-se ídolos. Busca-se a fama.</p> <p>A escola pouco ou nada colabora para a diminuição do</p>

		<p>significado emocional marcado por sentimento de alegria, amizade e de competitividade principalmente fora da escola.</p> <p>Sentimento de equipe e de pertencimento ao grupo. Aprovação e reconhecimento do outro 'igual'. Realização pessoal.</p> <p>Diferenças estéticas entre as mulheres que praticam futebol e as que não praticam. Necessidade de afirmação da condição feminina.</p>	<p>não jogam para ficarem com 'cara' de quem joga.</p>	<p>preconceito, da discriminação e pela igualdade de direitos das minorias sociais.</p> <p>Algumas atividades pontuais como, por exemplo, a semana cultural apresentam alguns temas e conteúdos relacionados a diversidade social e o respeito as diferenças.</p> <p>Disciplinas que apontam para alguma discussão ou que 'tocam' nos assuntos relacionados as minorias são marcadamente apresentadas pelas estudantes. Entre as disciplinas citadas se destacam História, Filosofia, Sociologia e Biologia. Entretanto, sem nenhum planejamento tais conteúdos, apenas com apontamentos esporádicos em sua maioria incentivados por questionamentos e dúvidas dos próprios estudantes.</p> <p>A maioria relata a necessidade e o desejo de que tais temas fossem apresentados como conteúdos de ensino.</p>
<b>Naturalização</b>	<p>Brasil = país do futebol.</p> <p>Futebol = 'coisa de homem'.</p> <p>Futebol feminino = não tem a mesma representação.</p> <p>Jogadores do futebol masculino = ídolos e modelos.</p>	<p>Mulher no futebol = preconceitos e discriminações.</p> <p>Preconceitos e discriminação = violência de gênero: submissão, inferioridade, invisibilidade, vergonha e medo.</p> <p>Mulher no futebol = falta de competência necessária para jogar futebol como os homens.</p> <p>Mulher no futebol = pertencimento das mulheres que praticam futebol com relação ao grupo de iguais.</p>	<p>Mulher = sexo frágil, mais emocional e delicada.</p> <p>Futebol = força física e agressividade.</p> <p>Futebol = mundo masculino.</p> <p>Posição de submissão das mulheres nas relações de poder na prática do futebol.</p> <p>A prática do futebol marca o corpo, e é influenciada pelo gênero e a sexualidade.</p> <p>Mulheres no futebol = estereótipo masculino</p>	<p>A sociedade = divisão de atividades direcionadas para homens e atividades para mulheres.</p> <p>Sociedade = 'Coisas de homens e coisas de mulheres'.</p> <p>Sexualidade = influenciada pelos papéis sociais e atividades determinados arbitrariamente. Binarismo de gênero e heterossexualidade normativa.</p> <p>Futebol = não é 'coisa de mulher'.</p>

		<p>Pertencimento/grupo = amizade, companheirismo, aprovação e realização pessoal.</p> <p>Mulher no futebol = diferenças estéticas entre as que praticam e não praticam futebol.</p> <p>Mulher no futebol = Necessidade de afirmação da feminilidade.</p>	<p>e a bi ou homossexualidade.</p> <p>As marcações no corpo, nas relações de gênero e a sexualidade = dispositivo de discriminação da mulher.</p> <p>Mulheres que jogam futebol = menos vaidade.</p> <p>Homens que jogam futebol = mais vaidade.</p>	<p>Espaço público = homem.</p> <p>Espaço privado = mulher.</p> <p>Mulher no futebol = preconceitos e discriminações.</p> <p>Oportunidades, incentivo e reconhecimento = diferença entre homens e mulheres na prática do futebol.</p> <p>A família e a escola = cumprem um importante papel no incentivo e na motivação para a prática ou não do futebol.</p> <p>A mídia e o mercado = influencia no reconhecimento e na valorização do futebol masculino.</p> <p>A escola pouco ou nada colabora para a diminuição do preconceito, da discriminação e pela igualdade de direitos das minorias sociais.</p> <p>Escola = Semana cultural. História, Filosofia, Sociologia e Biologia.</p>
--	--	--	--	---

**Gênero, corpo e sexualidade e a prática do futebol por homens e por mulheres**

**GI – mulheres que praticam futebol**

<b>Processo de Ancoragem</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Futebol = um dos símbolos da identidade brasileira.</li> <li>• Futebol = afetividade e emoção.</li> <li>• Futebol = hegemonia masculina.</li> <li>• Futebol (masculino) = realização pessoal: fama, sucesso, dinheiro, reconhecimento e valorização.</li> <li>• Futebol (feminino) = falta de reconhecimento e desvalorização.</li> <li>• Mulher no futebol = preconceitos e discriminações.</li> <li>• Mulher no espaço hegemonicamente masculino = violência de gênero (submissão, inferioridade, invisibilidade, vergonha e medo)</li> <li>• Mulher no futebol = falta de competência e habilidades.</li> <li>• Mulher no futebol = capacidades questionáveis.</li> <li>• Mulher no futebol = respeito, amizade, companheirismo, aprovação e realização pessoal.</li> <li>• junto ao grupo de iguais.</li> <li>• Mulheres que jogam futebol = menos vaidade.</li> <li>• Mulheres que jogam futebol = menos vaidade.</li> <li>• Mulher = sexo frágil, mais emocional e delicada.</li> <li>• Futebol = força física e agressividade (natureza masculina)</li> <li>• A prática do futebol marca o corpo, e é influenciada pelo gênero e a sexualidade.</li> <li>• Mulheres no futebol = estereótipo e estigmas relacionados a sexualidade (bi ou homossexualidade).</li> <li>• A sociedade = normatização de binarismos de gênero e heterossexualidade normativa.</li> <li>• Binarismos de gênero = sexo biológico</li> <li>• Espaço público = homem.</li> <li>• Espaço privado = mulher.</li> <li>• Oportunidades, incentivo e reconhecimento = diferença entre homens e mulheres na prática do futebol.</li> <li>• A família e a escola = cumprem um importante papel no incentivo e na motivação para a prática ou não do futebol.</li> <li>• A mídia e o mercado = influenciam no reconhecimento e na valorização do futebol masculino.</li> <li>• A escola pouco ou nada colabora para a diminuição do preconceito, da discriminação e pela igualdade de direitos das minorias sociais.</li> <li>• Escola = Semana cultural. História, Filosofia, Sociologia e Biologia.</li> </ul>
------------------------------	---

<b>Grupo GII</b>				
<b>Processo de Objetivação</b>				
<b>Categorias Analíticas (variáveis inferidas)</b>	<b>Futebol</b>	<b>A Mulher e o futebol</b>	<b>Gênero, corpo e sexualidade e a prática do futebol</b>	<b>Sociedade, família e escola: posicionamentos sobre a prática do futebol por mulheres</b>
<b>Etapas da Objetivação</b>	<b>Categorias Empíricas (variáveis de inferência)</b>			
<b>Construção Seletiva</b>	O futebol não tem valor pessoal. Sem sentido ou significado. Prática do	A maioria das mulheres não gosta de futebol.  Falta de habilidade e competência da	Reforço da naturalização da prática do futebol por homens e o estranhamento desta prática por mulheres.	A naturalização da relação do homem com o futebol na sociedade brasileira gera mais oportunidades e visibilidade para os

	<p>futebol somente por obrigação de cumprimento de uma atividade escolar.</p> <p>Uma das principais causas de desmotivação para a prática do futebol é o número pequeno de mulheres que se comprometem ou gostem de jogar futebol.</p> <p>A naturalização da relação do homem com o futebol na sociedade brasileira gera mais oportunidades e visibilidade para os homens que praticam futebol quando comparados às mulheres.</p> <p>A mídia, a sociedade e a 'indústria do futebol' tratam diferente o futebol masculino do feminino o que influencia no desejo de permanência na prática e dos objetivos de homens e mulheres no futebol.</p>	<p>mulher para realizar algumas atividades consideradas masculinas, entre elas a prática do futebol.</p> <p>O incentivo e as motivações não são as mesmas para meninas e meninos praticarem o futebol tanto na escola como fora dela. Mas, na atualidade as mulheres recebem mais apoio do que anteriormente embora o machismo presente na sociedade seja bastante evidenciado. Preconceito maior das mulheres com relação aquelas que praticam futebol. A discriminação provoca exclusão.</p> <p>Prática do futebol encarada como 'brincadeira'.</p>	<p>'Coisas de meninos e coisas de meninas'.</p> <p>Estereótipos de força física e emocional associado a prática do futebol . Assim como é para os homens, o 'machão' bom de bola, são brutos. Para que a mulher participe desta atividade ela precisa ser masculinizada. Mas há uma necessidade de afirmação da feminilidade 'apesar' da prática do futebol.</p> <p>Estereótipos de força física e emocional associado a prática do futebol . Os meninos tem, naturalmente, mais condições físicas. Mas as condições sociais são iguais para todos.</p> <p>Assim como é para os homens, o 'machão' bom de bola são brutos. Mulher é vista como sexo frágil, delicada e por essa razão o futebol não é para mulher. A 'natureza feminina' é mais emocional por isso podem ter mais controle emocional que os homens durante o jogo. Reafirmação de que futebol é 'coisa de homem'.</p> <p>Embora a maioria diga que as mulheres que jogam são 'normais', fica evidenciado a prática do futebol e as marcações no corpo.</p> <p>As mulheres que jogam são imaginadas como mais masculinizadas para que sejam aceitas no mundo masculino do futebol, por essa razão a relação com a homossexualidade.</p>	<p>homens que praticam futebol quando comparados às mulheres.</p> <p>O preconceito existente, a falta de oportunidade e motivação e a ínfima divulgação midiática (circulação de informações) da prática de futebol por mulheres e na própria escola, geram a desvalorização e a falta de reconhecimento da mulher no mundo do futebol.</p> <p>A motivação e o incentivo para a prática dentro e fora da escola são determinantes para o desenvolvimento das competências necessárias para jogar futebol. Se os incentivos e as oportunidades são diferentes, o restante também será diferente. O incentivo e as motivações não são as mesmas para meninas e meninos praticarem o futebol tanto na escola como fora dela.</p> <p>A falta de incentivo começa na família. O principal motivo está relacionado ao estigma e ao estereótipo da homossexualidade associada ao futebol feminino. O receio dos familiares das meninas ficarem 'masculinizadas' e se 'tornarem' lésbicas. Machismo. Relação da prática do futebol com a vivência da sexualidade e performances de gênero.</p> <p>A mídia incentiva a diferença de valorização, reconhecimento e oportunidades de homens e mulheres na prática do futebol e isso influencia determinantemente o que se pensa sobre o futebol e a representatividade masculina nesse espaço.</p>
--	---	---	--	---

			<p>Confusão nos conceitos relacionados a homossexualidade. Entendem que homossexuais querem ser homens por isso se aproximam de atividades socialmente consideradas masculinas. Relação da prática do futebol por mulheres com a sexualidade. Sapatão, Maria-homem, etc. Não são todas as homo/bissexuais que praticam futebol (assim como não são todos os homens que praticam futebol), assim como não são todas as mulheres que praticam futebol que são homo ou bissexuais, mas, no universo de mulheres que praticam futebol a maioria é homo/bissexual e a minoria é hetero.</p> <p>Negação da relação da prática do futebol com a sexualidade, mas utiliza a sexualidade como critério de descrição de mulheres que praticam futebol. Embora a maioria diga que as mulheres que jogam são 'normais', fica evidenciado a prática do futebol e as marcações dessa prática no corpo.</p> <p>Os meninos 'não deixam': Denota relação de submissão das mulheres e o poder dos homens na prática considerada masculina. É preciso a 'permissão' dos homens para as mulheres poderem jogar.</p> <p>Relação com as questões da vaidade. A individualidade e o</p>	<p>Na escola, espaço dos homens e suas práticas normatizadas e o espaço para as mulheres e suas práticas socialmente aceitáveis. Na escola, o espaço e o tempo de jogo são tomados pelos meninos, embora no GII existirem afirmações de que o incentivo e as oportunidades são as mesmas e as meninas não jogam porque não querem.</p> <p>Todas as minorias sofrem preconceito. A sociedade em geral cobra a divisão de atividades direcionadas para homens e atividades para mulheres e em sua maioria o relato é de que o espaço de atividade feminina deve se limitar ao espaço privado.</p> <p>A escola pouco ou nada colabora para a diminuição do preconceito, da discriminação e pela igualdade de direitos das minorias sociais. Algumas atividades pontuais como, por exemplo, a semana cultural apresentam alguns temas e conteúdos relacionados a diversidade social e o respeito as diferenças. Entre as disciplinas que abordam esporadicamente conteúdos relacionados a tais temas são: História e Sociologia.</p> <p>Existe uma 'barreira' entre estudantes e professores.</p> <p>A maioria relata a necessidade e o desejo de que tais temas fossem apresentados como conteúdos de ensino desde o início do ensino fundamental para que as crianças crescessem com menos preconceitos.</p>
--	--	--	--	--

			<p>gosto particular é que influencia nas roupas, cabelos e tudo que se relaciona a estética masculina e feminina. O homens que jogam futebol são mais vaidosos do que aqueles que não jogam e as mulheres que praticam futebol, são menos vaidosas do que aquelas que não jogam para ficarem com 'cara' de quem joga. Isso fica evidente durante a descrição a descrição de mulheres que praticam futebol relacionada com a estética.</p> <p>É muito mais marcante os meninos que jogam do que as meninas que jogam futebol.</p> <p>Relacionamento 'normal' e tranquilo com as meninas que jogam futebol. Amizades, conversas, etc.</p>	
<b>Constituição do Núcleo Figurativo (NF)</b>	<p>Naturalização da prática do futebol por homens e o estranhamento desta prática por mulheres.</p> <p>Mais oportunidades e visibilidade para os homens que praticam futebol quando comparados às mulheres.</p> <p>O futebol não tem valor pessoal = prática do futebol somente por obrigação de cumprimento de uma atividade escolar.</p> <p>Desmotivação para a prática do futebol = número pequeno de</p>	<p>Mulheres não gostam de futebol.</p> <p>Mulheres e homens apresentam diferenças com relação a competência, as habilidades e as capacidades físicas. Tais diferenças podem ser diminuídas com mais oportunidades e motivações para a prática. As condições sociais são iguais para todos.</p> <p>Mulheres que jogam são 'normais'.</p> <p>As mulheres que jogam = masculinizadas para que sejam aceitas no mundo masculino do futebol. Masculinização = relação com a homossexualidade.</p>	<p>Naturalização de atividades masculinas e femininas na sociedade que marcam a identidade de gênero, o corpo e a sexualidade.</p> <p>Homem = força física, agressividade.</p> <p>Mulher = sexo frágil, delicada e por essa razão o futebol não é para mulher.</p> <p>A 'natureza feminina' = mais emocional, delicadeza e fragilidade.</p> <p>Futebol = coisa de homem.</p> <p>Condições (competências e capacidades) necessárias para a prática do futebol = mais natural aos meninos.</p>	<p>Atividades direcionadas para homens e atividades para mulheres.</p> <p>A naturalização da relação do homem com o futebol na sociedade brasileira = mais oportunidades e visibilidade para os homens que praticam futebol quando comparados às mulheres.</p> <p>O preconceito existente = falta de oportunidade e motivação.</p> <p>Oportunidades, incentivo e reconhecimento = diferentes para os homens e para as mulheres na prática do futebol.</p> <p>A família é fundamental no incentivo e na motivação para a prática.</p> <p>Escola cumpre um</p>

	<p>mulheres que se comprometem ou gostem de jogar futebol.</p> <p>A mídia, a sociedade e a 'indústria do futebol' = diferenças entre o futebol masculino do feminino.</p>	<p>O incentivo e as motivações = diferentes para meninas e meninos praticarem o futebol tanto na escola como fora dela.</p> <p>Na atualidade = mulheres recebem mais apoio do que anteriormente embora o machismo presente na sociedade seja bastante evidenciado.</p> <p>Preconceito maior das mulheres com relação aquelas que praticam futebol.</p> <p>A discriminação = exclusão.</p> <p>Prática do futebol por mulheres = 'brincadeira'.</p>	<p>A prática do futebol = marcações no corpo, relações de gênero, experiências da sexualidade.</p> <p>A prática do futebol = marcações no corpo com a vivência da sexualidade e performances de gênero.</p> <p>As mulheres que jogam são imaginadas como mais masculinizadas.</p> <p>Masculinização = relação com a homossexualidade.</p> <p>Homossexualidade = entendem que homossexuais querem ser homens por isso se aproximam de atividades socialmente consideradas masculinas.</p> <p>Não são todas as homo/bissexuais que praticam futebol (assim como não são todos os homens que praticam futebol), assim como não são todas as mulheres que praticam futebol que são homo ou bissexuais.</p> <p>No universo de mulheres que praticam futebol a maioria é homo/bissexual e a minoria é hetero.</p> <p>Negação da relação da prática do futebol com a sexualidade, mas utiliza a sexualidade como critério de descrição de mulheres que praticam futebol.</p> <p>Posição de submissão em situações de relações de poder e de gênero nas práticas sociais consideradas</p>	<p>importante papel no incentivo e na motivação para a prática ou não do futebol.</p> <p>A falta de incentivo começa na família = motivo está relacionado ao estigma e ao estereótipo da homossexualidade associada ao futebol feminino.</p> <p>A mídia incentiva a diferença de valorização, reconhecimento e oportunidades de homens e mulheres na prática do futebol = influência sobre o futebol e a representatividade masculina nesse espaço.</p> <p>Na escola = espaço dos homens e suas práticas normatizadas e o espaço para as mulheres e suas práticas socialmente aceitáveis.</p> <p>Todas as minorias sofrem preconceito.</p> <p>A escola = pouco ou nada colabora para a diminuição do preconceito, da discriminação e pela igualdade de direitos das minorias sociais. Semana cultural.</p> <p>História e Sociologia.</p> <p>Existe uma 'barreira' entre estudantes e professores.</p> <p>Formação/educação</p> <p>A maioria relata a necessidade e o desejo de que tais temas fossem apresentados como conteúdos de ensino desde o início do ensino fundamental para que as crianças crescessem com menos preconceitos.</p>
--	---	---	---	---

			<p>masculinas = preciso a 'permissão' dos homens para as mulheres poderem jogar.</p> <p>Vaidade = a individualidade e o gosto particular é que influencia nas roupas, cabelos e tudo que se relaciona a estética masculina e feminina.</p> <p>O homens que jogam futebol são mais vaidosos do que aqueles que não jogam e as mulheres que praticam futebol, são menos vaidosas do que aquelas que não jogam para ficarem com 'cara' de quem joga.</p> <p>Estética e vaidade = é mais marcante os meninos que jogam do que as meninas que jogam futebol.</p> <p>Relacionamento 'normal' e tranquilo com as meninas que jogam futebol. Amizades, conversas, etc.</p>	
<b>Naturalização</b>	<p>Homens = força física, agressividade, virilidade, coragem, embate físico.</p> <p>Futebol = força física, agressividade, virilidade, coragem, embate físico.</p> <p>Futebol = Homens.</p> <p>Mulheres no futebol = estranho = pequeno número de mulheres praticantes de futebol em comparação com os homens = desmotivação.</p>	<p>Mulheres = não gostam de futebol.</p> <p>Diferenças na competência e na capacidade entre homens e mulheres para a prática do futebol.</p> <p>Condições sociais = iguais para a prática tanto para os homens quanto para as mulheres.</p> <p>Mulheres que jogam = são 'normais'.</p> <p>As mulheres que jogam = masculinizadas.</p> <p>Masculinização = aceitas no mundo masculino do futebol.</p> <p>Masculinização = relação com a homossexualidade.</p>	<p>Homem = força física, agressividade.</p> <p>Mulher = sexo frágil, delicada e por essa razão o futebol não é para mulher.</p> <p>A 'natureza feminina' = mais emocional, delicadeza e fragilidade.</p> <p>Futebol = coisa de homem.</p> <p>Condições (competências e capacidades) necessárias para a prática do futebol= mais natural aos meninos.</p> <p>A prática do futebol = marcações no corpo, relações de gênero, experiências da sexualidade.</p>	<p>Sociedade = divisão de atividades direcionadas para homens e atividades para mulheres.</p> <p>A naturalização da relação do homem com o futebol na sociedade brasileira = mais oportunidades e visibilidade para os homens que praticam futebol quando comparados às mulheres.</p> <p>O preconceito existente = falta de oportunidade e motivação.</p> <p>Oportunidades, incentivo e reconhecimento = diferentes para os homens e para as mulheres na prática do futebol.</p> <p>A família e escola =</p>

	<p>Futebol = não tem valor afetivo, nem significado pessoal para o grupo II.</p> <p>'indústria do futebol' = diferenças entre o futebol masculino do feminino.</p>	<p>O incentivo e as motivações = diferentes para meninas e meninos.</p> <p>Na atualidade = mulheres recebem mais apoio do que anteriormente.</p> <p>Sociedade = machismo evidenciado.</p> <p>Mulheres = mais preconceituosas que os homens.</p> <p>A discriminação = exclusão.</p> <p>Prática do futebol por mulheres = 'brincadeira'.</p>	<p>A prática do futebol = marcações no corpo com a vivência da sexualidade e performances de gênero.</p> <p>As mulheres que jogam = imaginadas como mais masculinizadas.</p> <p>Masculinização = relação com a homossexualidade.</p> <p>Homossexualidade = entendem que homossexuais querem ser homens por isso se aproximam de atividades socialmente consideradas masculinas.</p> <p>Negação da relação da prática do futebol com a sexualidade, mas utiliza a sexualidade como critério de descrição de mulheres que praticam futebol. = Não são todas as homo/bissexuais que praticam futebol (assim como não são todos os homens que praticam futebol), assim como não são todas as mulheres que praticam futebol que são homo ou bissexuais.</p> <p>No universo de mulheres que praticam futebol = maioria é homo/bissexual e a minoria é hetero.</p> <p>Posição de submissão em situações de relações de poder e de gênero nas práticas sociais consideradas masculinas = 'permissão' dos homens para as mulheres poderem jogar.</p>	<p>cumprem importante papel no incentivo e na motivação para a prática ou não do futebol.</p> <p>A falta de incentivo começa na família = estigma e estereótipo da homossexualidade associada ao futebol feminino.</p> <p>Mídia = diferente de valorização, reconhecimento e oportunidades de homens e mulheres na prática do futebol</p> <p>Mídia = influência sobre o futebol e a representatividade masculina nesse espaço.</p> <p>Na escola = espaço dos homens e suas práticas normatizadas e o espaço para as mulheres e suas práticas socialmente aceitáveis.</p> <p>Minorias sofrem preconceito = discriminação/exclusão.</p> <p>A escola = pouco ou nada colabora para a diminuição do preconceito, da discriminação e pela igualdade de direitos das minorias sociais. Existe uma 'barreira' entre estudantes e professores.</p> <p>Semana cultural. História e Sociologia.</p> <p>Formação/educação = diminuição do preconceito, reconhecimento das diferenças e da diversidade social.</p>
--	--	--	---	--

			<p>Vaidade = a individualidade e o gosto particular é que influencia nas roupas, cabelos e tudo que se relaciona a estética masculina e feminina.</p> <p>Jogadores de futebol = mais vaidosos.</p> <p>Mulheres que praticam futebol = menos vaidosas do que aquelas que não jogam para ficarem com 'cara' de quem joga.</p> <p>Estética e vaidade = é mais marcante os meninos que jogam do que as meninas que jogam futebol.</p> <p>Relacionamento = 'normal' e tranquilo com as meninas que jogam futebol.</p> <p>Amizades, conversas, etc.</p>	
<b>Processo de Ancoragem</b>	<b>Gênero, corpo e sexualidade e a prática do futebol por homens e por mulheres GII – mulheres que não praticam futebol</b>			

	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Futebol = um dos símbolos da identidade brasileira.</li> <li>• Futebol = hegemonia masculina.</li> <li>• Homens = força física, agressividade, virilidade, coragem, embate físico.</li> <li>• Mulher = sexo frágil, delicada, emocional e por essa razão o futebol não é para mulher.</li> <li>• Mulheres = não gostam de futebol.</li> <li>• Mulheres no futebol = estranho.</li> <li>• Futebol = não tem valor afetivo, nem significado pessoal para o grupo II.</li> <li>• 'indústria do futebol' = diferenças entre o futebol masculino do feminino.</li> <li>• Diferenças na competência e na capacidade entre homens e mulheres para a prática do futebol.</li> <li>• Condições sociais = iguais para a prática tanto para os homens quanto para as mulheres.</li> <li>• Mulheres que jogam = são 'normais'.</li> <li>• Mulheres no futebol = atualmente mais</li> <li>• Mulheres = mais preconceituosas que os homens.</li> <li>• Prática do futebol por mulheres = 'brincadeira'.</li> <li>• A prática do futebol = marcações no corpo, relações de gênero, experiências da sexualidade.</li> <li>• As mulheres que jogam futebol = imaginadas como mais masculinizadas.</li> <li>• Masculinização = homossexualidade.</li> <li>• Masculinização = aceitas no mundo masculino do futebol.</li> <li>• Sexualidade e feminilidade = critério de descrição de mulheres que praticam ou não futebol.</li> <li>• Posição de submissão das mulheres nas relações de poder na prática do futebol.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Vaidade = a individualidade e o gosto particular</li> <li>• Jogadores de futebol = mais vaidosos.</li> <li>• Mulheres que praticam futebol = menos vaidosas.</li> <li>• Estética e vaidade = é mais marcante nos meninos que jogam do que as meninas que jogam futebol.</li> <li>• Relacionamento = 'normal' e tranquilo com as meninas que jogam futebol.</li> <li>• Sociedade = machismo evidenciado.</li> <li>• A sociedade = normatização de binarismos de gênero e heterossexualidade normativa.</li> <li>• A família e escola = cumprem importante papel no incentivo e na motivação para a prática ou não do futebol.</li> <li>• A falta de incentivo começa na família = estigma e estereotipo da homossexualidade associada ao futebol feminino.</li> <li>• Mídia = influencia na representatividade masculina nesse espaço.</li> <li>• Na escola = reprodução das relações sociais fora da escola.</li> <li>• Minorias sofrem preconceito = discriminação/exclusão.</li> <li>• A escola = pouco ou nada colabora para a diminuição do preconceito, da discriminação e pela igualdade de direitos das minorias sociais.</li> <li>• Escola = 'barreira' entre estudantes e professores.</li> <li>• Preconceito, da discriminação e minorias sociais na escola = semana cultural. História e Sociologia.</li> <li>• Formação/educação = diminuição do preconceito, reconhecimento das diferenças e da diversidade social.</li> </ul>
--	--	--

<b>Grupo GIII</b>				
<b>Processo de Objetivação</b>				
<b>Categorias Analíticas (variáveis inferidas)</b>	<b>Futebol</b>	<b>A Mulher e o futebol</b>	<b>Gênero, corpo e sexualidade e a prática do futebol</b>	<b>Sociedade, família e escola: posicionamentos sobre a prática do futebol por mulheres</b>
<b>Etapas da Objetivação</b>	<b>Categorias Empíricas (variáveis de inferência)</b>			
<b>Construção Seletiva</b>	<p>Futebol começou com os homens: reafirmação do espaço masculino e da hegemonia dos homens. A mulher PODE entrar.</p> <p>Homens jogando futebol é tradição cultural no Brasil. Os homens e, em particular, os jogadores brasileiros são modelos e parâmetros para a prática do futebol.</p> <p>A mídia, a sociedade e a 'indústria do futebol' valorizam de forma diferente o futebol masculino do feminino.</p> <p>Realização pessoal. Possibilidade profissional no futebol. Sentimento de equipe e de pertencimento ao grupo. Realização pessoal. Emoção movida pela competitividade e a busca do êxito em suas</p>	<p>O incentivo e as motivações não são as mesmas para meninas e meninos praticarem o futebol tanto na escola como fora dela. Há diferenças na valorização social e profissional entre homens e mulheres que praticam futebol.</p> <p>As próprias mulheres tem preconceito e por isso não jogam e não fazem nada com relação a discriminação que sofrem.</p> <p>Há uma naturalização da condição masculina relacionada ao futebol. Reafirmação da representação da relação: Brasil-futebol-prática masculina.</p> <p>Forma diferenciada de identificação das 'meninas normais' e das 'meninas que jogam futebol'. Fica claro que, mulher que joga futebol não é</p>	<p>Reafirmação que o futebol é coisa de homem. Por essa razão os meninos são incentivados desde muito cedo a jogar futebol. As meninas são incentivadas a praticar ballet. Há uma naturalização da condição masculina relacionada ao futebol. A 'cultura do futebol no Brasil' é, predominantemente, parte do 'mundo masculino'.</p> <p>Nem homem nem a mulher nascem sabendo jogar. Os dois podem aprender, Não há diferenças significativas, mas elas precisam jogar para mostrar isso, pra vermos se é verdade mesmo que elas jogam. As diferenças (capacidades e habilidades) existentes ocorrem por conta de mais treino.</p> <p>Relacionamento 'normal' e tranquilo com as meninas que jogam futebol. Conversas, cumprimentos, amizade, etc. Alguns relatos de que não namorariam uma menina que pratica futebol. A maioria disse que não teria problema algum em ter um relacionamento com</p>	<p>Para a sociedade no geral, o futebol não é coisa de mulher. Há muito preconceito, mas a maioria não admite. Hoje é constrangedor ser considerado preconceituoso. Os homens não aceitam muito bem as mulheres que jogam futebol embora possam achar interessante</p> <p>Diferenças na valorização social e profissional entre homens e mulheres que praticam futebol.</p> <p>Afirmção de que no colégio não há preconceitos, mas na escola é volei para as meninas e futebol para os meninos. Na escola, o espaço e o tempo de jogo são tomados pelos meninos, embora no GIII, assim como no GI e GII existirem afirmações de que o incentivo e as oportunidades são as mesmas na escola e as meninas não jogam porque não querem.</p> <p>Ínfima divulgação midiática (circulação de informações) da prática de futebol por mulheres e na própria escola, geram a desvalorização e a falta de reconhecimento da mulher no mundo do</p>

	<p>atividades.</p>	<p>'normal'.</p> <p>Os homens não aceitam muito bem as mulheres que jogam futebol embora possam achar interessante.</p> <p>Para as meninas tem espaços determinados e delimitados. Os espaços e o tempo não são divididos de forma igualitária. Os direitos são diferentes para a prática do futebol.</p> <p>Quando elas jogam, não são levadas à sério pois o nível do jogo não é o mesmo. Denota falta de respeito e deboche.</p>	<p>uma mulher que praticasse futebol. E, ainda, existiram relatos de que dependeria da aparência da garota.</p> <p>Fica evidenciado a prática do futebol e as marcações no corpo.</p> <p>Relação com as questões da vaidade: a individualidade e o gosto particular é que influencia nas roupas, cabelos e tudo que se relaciona a estética masculina e feminina. O homens que jogam futebol são mais vaidosos do que aqueles que não jogam e as mulheres que praticam futebol, são menos vaidosas do que aquelas que não jogam para ficarem com 'cara' de quem joga. Isso fica evidente durante a descrição a descrição de mulheres que praticam futebol relacionada com a estética.</p> <p>Quando não tem meninos o suficiente eles 'até' convidam para 'completar' o time deles.</p> <p>Existe influência do grupo de convívio e as experiências relacionadas à sexualidade e não diretamente da prática do futebol. Não é o futebol que motiva ou influencia a homossexualidade feminina, mas as mulheres homo/bissexuais se aproximam do futebol por ser social e culturalmente (no Brasil) considerada uma atividade predominantemente masculina. Aparece a relação da prática do futebol com a sexualidade tanto de meninas que praticam futebol quanto dos meninos que não</p>	<p>futebol.</p> <p>A mídia, a sociedade e a 'indústria do futebol' valorizam de forma diferente o futebol masculino do feminino.</p> <p>A escola não trata temas relacionados a diversidade cultural e o respeito as diferenças como conteúdos de ensino. Os conteúdos ou temas não são planejados. Os estudantes demonstram carência de conhecimento sobre esses temas e necessidade de terem acesso a eles. Biologia discute sexualidade. Sobre religião discutem em quase todas as disciplinas, mas mais em Filosofia e História que se fala de preconceito.</p>
--	--------------------	---	--	---

			<p>gostam de futebol. O papel social e a sexualidade acabam sendo questionados. Nem homem nem a mulher nascem sabendo jogar. Os dois podem aprender, Não há diferenças significativas, mas elas precisam jogar para mostrar isso, pra vermos se é verdade mesmo que elas jogam. A relação da prática do futebol com a sexualidade aparece como um dos agravantes de atitudes preconceituosas e discriminatórias.</p> <p>Embora a maioria diga que as mulheres que jogam são 'normais', fica evidenciado a prática do futebol e as marcações no corpo.</p> <p>Relação com as questões da vaidade. A individualidade e o gosto particular é que influencia nas roupas, cabelos e tudo que se relaciona a estética masculina e feminina. O homens que jogam futebol são mais vaidosos do que aqueles que não jogam e as mulheres que praticam futebol, são menos vaidosas do que aquelas que não jogam para ficarem com 'cara' de quem joga. Isso fica evidente durante a descrição a descrição de mulheres que praticam futebol relacionada com a estética.</p>	
<b>Constituição do Núcleo Figurativo (NF)</b>	<p>Futebol = hegemonia masculina.</p> <p>Espaço para a prática do futebol = masculino e a mulher tem 'permissão para jogar'</p> <p>Homens jogando</p>	<p>O incentivo e as motivações = diferentes para meninas e meninos praticarem o futebol tanto na escola como fora dela.</p> <p>Valorização</p>	<p>Futebol é coisa de homem = naturalização da condição masculina relacionada ao futebol.</p> <p>Os meninos são incentivados desde muito cedo a jogar futebol.</p> <p>As meninas são</p>	<p>Sociedade = futebol não é coisa de mulher. Preconceito velado.</p> <p>Os homens não aceitam muito bem as mulheres que jogam futebol embora possam achar interessante. Diferenças na valorização social e profissional entre</p>

	<p>futebol = tradição cultural no Brasil.</p> <p>Jogadores de futebol brasileiros = modelos e parâmetros para a prática do futebol (ídolos)</p> <p>'indústria do futebol' = valorização e desvalorização no mundo do futebol masculino e do feminino.</p> <p>Futebol masculino = realização pessoal e possibilidade de sucesso profissional e pessoal.</p> <p>Para os meninos que jogam = sentimento de equipe e de pertencimento ao grupo.</p> <p>Para os meninos que jogam = emoção movida pela competitividade e a busca do êxito em suas atividades (sucesso, fama e dinheiro)</p>	<p>social e profissional = diferentes para homens e mulheres que praticam futebol. Mulheres = tem preconceito e por isso não jogam.</p> <p>Mulheres = falta posicionamento e ação com relação a luta por direitos iguais e contra a discriminação que sofrem.</p> <p>Naturalização da condição masculina relacionada ao futebol.</p> <p>Forma diferenciada de identificação das 'meninas normais' e das 'meninas que jogam futebol'.</p> <p>Mulher que joga futebol = não é 'normal'.</p> <p>Os homens = não aceitam bem as mulheres que jogam futebol.</p> <p>Homens = podem achar interessante a prática do futebol por mulherse.</p> <p>Para as meninas tem espaços determinados e delimitados.</p> <p>Os espaços e o tempo não são divididos de forma igualitária.</p> <p>Os direitos são diferentes para a prática do futebol.</p> <p>Mulheres no futebol = falta respeito, reconhecimento. Denota falta de respeito e</p>	<p>incentivadas a praticar ballet.</p> <p>Nem homem nem a mulher nascem sabendo jogar. Os dois podem aprender,</p> <p>Não há diferenças significativas no que diz respeito às competências e capacidades, mas elas precisam jogar para mostrar isso, pra vermos se é verdade mesmo que elas jogam.</p> <p>As diferenças (capacidades e habilidades) existentes ocorrem por conta de mais treino.</p> <p>Prática do futebol = marcações no corpo.</p> <p>Vaidade = atrelada à individualidade e o gosto particular de cada pessoa independentemente da prática do futebol.</p> <p>Jogadores de futebol = mais vaidosos do que aqueles que não jogam.</p> <p>Mulheres que praticam futebol = menos vaidosas do que aquelas que não jogam para ficarem com 'cara' de quem joga.</p> <p>Menos vaidade = para marcar posição e evidenciar a prática de uma atividade considerada masculina.</p> <p>Submissão feminina na prática do futebol = permissão e convite ('até' convidam para 'completar' o time deles).</p> <p>Existe influência do grupo de convívio e as experiências relacionadas à sexualidade e não diretamente da prática do futebol.</p> <p>Não é o futebol que</p>	<p>homens e mulheres que praticam futebol.</p> <p>Afirmção de que no colégio não há preconceitos, mas na escola é volei para as meninas e futebol para os meninos.</p> <p>Na escola, o espaço e o tempo de jogo são tomados pelos meninos, embora no GIII, assim como no GI e GII existirem afirmações de que o incentivo e as oportunidades são as mesmas na escola e as meninas não jogam porque não querem.</p> <p>Pouca divulgação midiática da prática de futebol por mulheres = desvalorização e a falta de reconhecimento da mulher no mundo do futebol.</p> <p>'Indústria do futebol' valorizam de forma diferente o futebol masculino do feminino.</p> <p>A escola não trata temas relacionados a diversidade cultural e o respeito as diferenças como conteúdos de ensino.</p> <p>Os conteúdos ou temas não são planejados.</p> <p>Os estudantes demonstram carência de conhecimento sobre esses temas e necessidade de terem acesso a eles.</p> <p>Biologia discute sexualidade. Sobre religião discutem em quase todas as disciplinas, mas mais em Filosofia e História que se fala de preconceito.</p>
--	--	---	---	---

		deboche.	<p>motiva ou influencia a homossexualidade feminina, mas as mulheres homo/bissexuais se aproximam do futebol por ser social e culturalmente (no Brasil) considerada uma atividade predominantemente masculina.</p> <p>Aparece a relação da prática do futebol com a sexualidade tanto de meninas que praticam futebol quanto dos meninos que não gostam de futebol.</p> <p>O papel social e a sexualidade acabam sendo questionados.</p> <p>Vaidade = a individualidade e o gosto particular é que influencia nas roupas, cabelos e tudo que se relaciona a estética masculina e feminina.</p> <p>Jogadores de futebol = mais vaidosos.</p> <p>Mulheres que praticam futebol = menos vaidosas do que aquelas que não jogam para ficarem com 'cara' de quem joga.</p> <p>Relacionamento com meninas que praticam futebol = 'normal' e tranquilo. Conversas, cumprimentos, amizade, etc.</p> <p>Alguns relatos de que não namorariam uma menina que pratica futebol.</p> <p>A maioria disse que não teria problema algum em ter um relacionamento com uma mulher que praticasse futebol.</p> <p>Uma relação de namoro = dependeria da aparência da garota.</p>	
	Homens jogando futebol = tradição	O incentivo, as motivações,	Naturalização = futebol é uma das condições	Sociedade = futebol é parte do mundo

<p><b>Naturalização</b></p>	<p>cultural no Brasil.</p> <p>Futebol = hegemonia masculina.</p> <p>A mulher = atualmente 'podem' jogar futebol.</p> <p>Jogadores de futebol brasileiros = ídolos, modelos para a prática do futebol.</p> <p>'indústria do futebol' = valorização e reconhecimento do futebol masculino.</p> <p>Prática do futebol = realização pessoal e possibilidade de sucesso profissional e pessoal.</p> <p>A prática do futebol (GIII) = sentimento de equipe e pertencimento ao grupo.</p> <p>A prática do futebol (GIII) = emoção movida pela competitividade e a busca do êxito em suas atividades.</p> <p>Êxito profissional e pessoal = reconhecimento, sucesso, fama e dinheiro.</p>	<p>valorização social e profissional = diferentes para meninas e meninos praticarem o futebol tanto na escola como fora dela.</p> <p>Mulheres = não praticam futebol por terem preconceito.</p> <p>Mulheres = falta engajamento nas ações pela busca por seu espaço e direitos sem diferenças (sem discriminação de gênero).</p> <p>Mulheres que jogam futebol = estereótipos e estigmas.</p> <p>Os homens = não aceitam bem as mulheres que jogam futebol.</p> <p>Homens = podem achar interessante a prática do futebol por mulheres.</p> <p>Meninas na prática do futebol na escola = espaços determinados e tempo limitado.</p>	<p>sociais de afirmação da masculinidade na sociedade brasileira.</p> <p>Incentivo para os meninos = jogar futebol.</p> <p>Incentivo para as meninas = dançar ballet.</p> <p>Aprender a jogar futebol = tanto os homens quanto as mulheres.</p> <p>Capacidades e habilidades necessárias para jogar = se diferem entre homens e mulheres por conta da prática, do treino.</p> <p>Mulher = precisa provar sua capacidade e sua competência para poder jogar futebol.</p> <p>Submissão feminina na prática do futebol = depende da permissão e convite para jogarem futebol.</p> <p>Grupo = influencia nas experiências relacionadas à sexualidade.</p> <p>Sexualidade = não está diretamente relacionada à prática do futebol.</p> <p>Mulheres bi ou homossexuais se aproximam mais do futebol que as heterossexuais = pelo futebol ser social e culturalmente considerada uma atividade predominantemente masculina no Brasil.</p> <p>O papel social e a sexualidade = acabam sendo questionados.</p> <p>Vaidade = a individualidade e o gosto particular é que influencia nas roupas, cabelos e tudo que se relaciona a estética masculina e feminina.</p>	<p>masculino.</p> <p>Sociedade = preconceito velado.</p> <p>Politicamente correto = hoje é constrangedor ser considerado preconceituoso.</p> <p>Os homens = não aceitam muito bem as mulheres que jogam futebol.</p> <p>Os homens = acham interessante mulheres que jogam futebol.</p> <p>Valorização social e profissional = diferenças entre homens e mulheres que praticam futebol.</p> <p>Na escola = não há preconceitos.</p> <p>Na escola = é volei para as meninas e futebol para os meninos.</p> <p>Na escola = o espaço e o tempo de jogo são tomados pelos meninos.</p> <p>Na escola = o incentivo e as oportunidades são as mesmas, as meninas não jogam porque não querem.</p> <p>mídia = desvalorização e a falta de reconhecimento da mulher no mundo do futebol.</p> <p>'Índústria do futebol' = valorização do futebol masculino.</p> <p>A escola = não trata temas relacionados a diversidade cultural e o respeito as diferenças como conteúdos de ensino.</p> <p>Os conteúdos ou temas não são planejados.</p> <p>Os estudantes demonstram carência de conhecimento sobre esses temas e necessidade de terem acesso a eles.</p> <p>Biologia = sexualidade.</p>
-----------------------------	---	---	---	---

			<p>Vaidade = atrelada à individualidade e o gosto particular de cada pessoa independentemente da prática do futebol.</p> <p>Jogadores de futebol = mais vaidade.</p> <p>Mulheres que praticam futebol = menos vaidade.</p> <p>Menos vaidade = para ficarem com 'cara' de quem joga = para marcar posição e evidenciar a prática de uma atividade considerada masculina.</p> <p>Relacionamento com meninas que praticam futebol = normal com conversas, cumprimentos, amizade, namoro, etc.</p> <p>Relacionamento com meninas que praticam futebol = não namorariam uma menina que pratica futebol.</p> <p>Uma relação de namoro = dependeria da aparência da garota = constrangimento.</p>	<p>Filosofia e algumas outras disciplinas = religião.</p> <p>História = preconceito.</p>
<p><b>Processo de Ancoragem</b></p>	<p><b>Gênero, corpo e sexualidade e a prática do futebol por homens e por mulheres</b></p> <p><b>GIII – homens que praticam futebol</b></p>			

- Futebol = tradição cultural no Brasil.
- Futebol = hegemonia masculina e submissão feminina.
- Futebol = afirmação da masculinidade na sociedade brasileira.
- Jogadores de futebol brasileiros = ídolos, modelos para a prática do futebol.
- 'indústria do futebol' = valorização e reconhecimento do futebol masculino.
- Mídia = desvalorização e a falta de reconhecimento da mulher no mundo do futebol.
- Prática do futebol = reconhecimento, sucesso, fama e dinheiro.
- A prática do futebol (GIII) = sentimento de equipe e pertencimento ao grupo.
- A prática do futebol (GIII) = emoção e competição.
- Homens no futebol = Êxito profissional e pessoal = reconhecimento, sucesso, fama e dinheiro.
- A mulher = atualmente 'podem' jogar futebol.
- Mulheres no futebol = não praticam por preconceito.
- Mulheres no futebol = falta de engajamento na busca de seus espaços e direitos.
- Mulher no futebol = precisa provar sua capacidade e sua competência.
- Mulheres que jogam futebol = estereótipos e estigmas.
- O incentivo, as motivações, valorização social e profissional = diferentes para meninas e meninos praticarem o futebol tanto na escola como fora dela.
- Os homens = não aceitam bem as mulheres que jogam futebol.
- Homens = podem achar interessante a prática do futebol por mulheres.
- Prática do futebol = incentivo para os meninos.
- Prática da dança/ballet = incentivo para as meninas.
- Capacidades e habilidades necessárias para jogar = se diferem entre homens e mulheres por conta da prática, do treino.
- Grupo = influencia nas experiências relacionadas à sexualidade.
- Sexualidade = não está diretamente relacionada à prática do futebol.
- Mulher no futebol = mulheres bi ou homossexuais se aproximam mais do futebol que as heterossexuais
- Mulher no futebol = papel social e a sexualidade acabam sendo questionados.
- Vaidade = atrelada à individualidade e o gosto particular de cada pessoa independentemente da prática do futebol.
- Jogadores de futebol = mais vaidade.
- Mulheres que praticam futebol = menos vaidade.
- Relacionamento com meninas que praticam futebol = normal com conversas, cumprimentos, amizade, namoro, etc.
- Relacionamento com meninas que praticam futebol = não namorariam uma menina que pratica futebol.
- Uma relação de namoro = dependeria da aparência da menina.
- Sociedade = preconceito velado.
- Politicamente correto = hoje é constrangedor ser considerado preconceituoso.
- Na escola = não há preconceitos.
- Na escola = é volei para as meninas e futebol para os meninos.
- Na escola = o espaço e o tempo de jogo são tomados pelos meninos.
- Na escola = o incentivo e as oportunidades são as mesmas, as meninas não jogam porque não querem.
- A escola = não trata temas relacionados a diversidade cultural e o respeito as diferenças como conteúdos de ensino.
- Os conteúdos ou temas não são planejados.
- Biologia = sexualidade.
- Filosofia e algumas outras disciplinas = religião.
- História = preconceito.

<b>Grupo</b>				
<b>GIV</b>				
<b>Processo de Objetivação</b>				
<b>Categorias Analíticas (variáveis inferidas)</b>	<b>Futebol</b>	<b>A Mulher e o futebol</b>	<b>Gênero, corpo e sexualidade e a prática do futebol</b>	<b>Sociedade, família e escola: posicionamentos sobre a prática do futebol por mulheres</b>
<b>Etapas da Objetivação</b>	<b>Categorias Empíricas (variáveis de inferência)</b>			
<b>Construção Seletiva</b>	<p>Homens que não praticam futebol = Sentimento de rejeição relacionado aos grupos que jogam futebol. Inferioridade.</p> <p>Violência e machismo muito presente.</p> <p>A mídia, a sociedade e a 'indústria do futebol' tratam diferente o futebol masculino do feminino o que influencia no desejo de permanência na prática e dos objetivos de homens e mulheres no futebol. Isso tudo influencia no reconhecimento e na valorização do futebol masculino. Fabrica-se ídolos. Busca-se a fama e ganha-se muito dinheiro.</p> <p>Na fala de alguns integrantes do GIV há indícios de desvalorização dos jogadores de futebol motivados pelo enaltecimento do estudo e de trabalhos mais 'nobres' do que</p>	<p>A mídia incentiva a diferença entre homens e mulheres na prática do futebol. Mulher no futebol ainda causa muito estranhamento.</p> <p>Relação direta e inversamente proporcional entre a sensibilidade e a fragilidade (capacidades psicoemocionais) em detrimento a força física (capacidades físcicomotoras).</p> <p>Reforço da falta de capacidade (força) e de habilidade suficiente para agir como os homens em no futebol. Mas as condições são iguais para todos.</p> <p>Para o GIV, o preconceito já é bem menor e citam outros aspectos da vida social como exemplo. Embora seja menor, alguns ainda afirmam que já presenciaram atitudes preconceituosas e discriminatórias .e que elas não se limitam às mulheres que jogam, mas também aos meninos que não gostam de futebol (aparece a denúncia</p>	<p>Mulher é vista como sexo frágil, delicada e por essa razão o futebol não é para mulher. As meninas que não jogam são mais 'frescas'. As mulheres que jogam são imaginadas como mais masculinizadas para que sejam aceitas no mundo masculino do futebol, por essa razão a relação com a homossexualidade.</p> <p>Os homens são mais fortes e as mulheres fisicamente mais frágeis, mais sensíveis e por isso tem menos habilidades.</p> <p>Natureza feminina e masculina são apresentadas como aquelas socialmente construídas (racionalidade e força x sensibilidade e fragilidade). Denunciam o reforço da naturalização da prática do futebol por homens e o estranhamento desta prática por mulheres. 'Coisas de meninos e coisas de meninas'. Futebol para eles e ballet para elas.</p> <p>Os homens tem um 'direito adquirido' histórica e culturalmente para a prática do futebol. Por</p>	<p>A sociedade em geral cobra a divisão de atividades direcionadas para homens e atividades para mulheres e em sua maioria o relato é de que o espaço de atividade feminina deve se limitar ao espaço privado.</p> <p>Os homens tem um 'direito adquirido' histórica e culturalmente para a prática do futebol. Por isso para eles essa prática é natural e esperada e para elas é uma prática estranhada pela sociedade, isso leva a falta de oportunidades, preconceitos e discriminação.</p> <p>O incentivo e as motivações não são as mesmas para meninas e meninos praticarem o futebol tanto na escola como fora dela. As escolinhas, clubes e equipes futebol destinadas as mulheres quando existem são em número ínfimo.</p> <p>Atualmente, o preconceito, de um modo geral, já é bem menor que há algum tempo atrás, mas</p>

	<p>'correr atrás de bola' e ganhar milhões.</p>	<p>de suas situações). O preconceito está associado a sexualidade e citam a família como a origem do pensamento e das atitudes preconceituosas.</p> <p>O volei como atividade determinada para as meninas e o futebol para os meninos e o preconceito que eles sofrem por não gostarem de futebol.</p>	<p>isso para eles essa prática é natural e esperada e para elas é uma prática estranhada pela sociedade, isso leva a falta de oportunidades, preconceitos e discriminação.</p> <p>Os homens são mais fortes e as mulheres fisicamente mais frágeis, mais sensíveis e por isso tem menos habilidades. Reforço da falta de capacidade (força) e de habilidade suficiente para agir como os homens em no futebol. Mas as condições são iguais para todos.</p> <p>A natureza feminina e a masculina são apresentadas como aquelas socialmente construída (racionalidade e força x sensibilidade e fragilidade), há, ainda, uma relação direta e inversamente proporcional entre a sensibilidade e a fragilidade (capacidades psicoemocionais) em detrimento a força física (capacidades físcomotoras).</p> <p>Embora a maioria diga que as mulheres que jogam são 'normais', fica evidenciado a prática do futebol e as marcações no corpo.</p> <p>Relação com as questões da vaidade. A individualidade e o gosto particular é que influencia nas roupas, cabelos e tudo que se relaciona a estética masculina e feminina. O homens que jogam futebol são mais vaidosos do que aqueles que não jogam e as mulheres que praticam futebol, são menos vaidosas do que aquelas que não jogam para ficarem com 'cara'</p>	<p>alguns ainda afirmam que já presenciaram atitudes preconceituosas e discriminatórias e que elas não se limitam às mulheres que jogam, mas também aos meninos que não gostam de futebol (aparece a denúncia de suas situações).</p> <p>Relação da prática do futebol por mulheres com a sexualidade. As mulheres que jogam são imaginadas como mais masculinizadas.</p> <p>A prática do futebol é natural e esperada para os homens e para elas é uma prática estranhada pela sociedade, isso leva a falta de oportunidades, preconceitos e discriminação.</p> <p>Na escola as mulheres que jogam são vistas como 'pessoas normais'. O espaço e o tempo de jogo são tomados pelos meninos, embora existam afirmações de que o incentivo e as oportunidades são as mesmas e as meninas não jogam porque não querem.</p> <p>A falta de incentivo começa na família. O principal motivo está relacionado ao estigma e ao estereotipo da homossexualidade associada ao futebol. Essa relação se torna um dos principais motivos para o preconceito e a discriminação.</p> <p>A mídia incentiva a diferença entre homens e mulheres na prática do futebol. Mulher no futebol ainda causa muito estranhamento.</p>
--	---	--	---	--

			<p>de quem joga. Isso fica evidente durante a descrição a descrição de mulheres que praticam futebol relacionada com a estética.</p> <p>Os meninos que não jogam também sofrem muito preconceito. Coisa de 'veado'. Há uma cobrança cultural para a prática do futebol e o desenvolvimento da masculinidade.</p> <p>Relação da prática do futebol por mulheres com a sexualidade. Sapatão, Maria-homem, etc Essa relação se torna um dos principais motivos para o preconceito e a discriminação.</p> <p>Não tem necessariamente uma relação direta da prática do futebol com a vivência da sexualidade, mas essa prática motiva ou influencia a homossexualidade feminina. A maioria das mulheres que jogam são homossexuais embora ainda existam poucas heterossexuais que jogam. As mulheres homo/bissexuais se aproximam do futebol por ser social e culturalmente (no Brasil) considerada uma atividade predominantemente masculina. As homossexuais acabam 'achando que são capazes' também. As meninas homossexuais quando jogam futebol são bem melhores que as heterossexuais jogando.</p> <p>O preconceito está associado a sexualidade e citam a família como a origem do pensamento e das atitudes</p>	<p>A mídia, a sociedade e a 'indústria do futebol' tratam diferente o futebol masculino do feminino o que influencia no desejo de permanência na prática e dos objetivos de homens e mulheres no futebol. Isso tudo influencia no reconhecimento e na valorização do futebol masculino. Fabrica-se ídolos. Busca-se a fama e ganha-se muito dinheiro.</p> <p>A maioria relata a necessidade e o desejo de que tais temas fossem apresentados como conteúdos de ensino na escola desde o início do ensino fundamental para que as crianças crescessem com menos preconceitos, principalmente o racismo. Os conteúdos ou temas não são planejados. Os estudantes demonstram carência de conhecimento sobre esses temas e necessidade de terem acesso a eles. Conteúdos relacionados a esses temas aparecem em aulas de Sociologia, Artes e Filosofia.</p>
--	--	--	--	---

			preconceituosas.  Relacionamento 'normal' e tranquilo com as meninas que jogam futebol. E não teria problema algum em ter um relacionamento com uma mulher que pratiquem futebol.	
<b>Constituição do Núcleo Figurativo (NF)</b>	<p>Homens que não praticam futebol = rejeição e sentimento inferioridade.</p> <p>Futebol = violência e machismo.</p> <p>A mídia, a sociedade e a 'indústria do futebol' = tratam diferente o futebol masculino do feminino.</p> <p>Diferenças na valorização, respeito e reconhecimento da prática do futebol por mulheres = influência no desejo de permanência na prática e dos objetivos de mulheres no futebol.</p> <p>Futebol masculino = Ídolos. Fama. Sucesso. Dinheiro.</p> <p>Enaltecimento social injusto dos jogadores de futebol no Brasil = desvalorização das pessoas que estudam e trabalham em comparação com aqueles que são muito valorizados para "correrem atrás de bola".</p>	<p>Mulher no futebol ainda causa muito estranhamento.</p> <p>Relação direta e inversamente proporcional entre a sensibilidade e a fragilidade (capacidades psicoemocionais) em detrimento a força física (capacidades fisicomotoras).</p> <p>A falta de capacidade (força) e de habilidade suficiente para agir como os homens em no futebol.</p> <p>As condições sociais para a prática do futebol são iguais para todos.</p> <p>Preconceito = menor atualmente e citam outros aspectos da vida social como exemplo.</p> <p>Atitudes preconceituosas e discriminatórias = mulheres que jogam futebol.</p> <p>Atitudes preconceituosas e discriminatórias = meninos que não gostam de futebol (aparece a denúncia de suas situações).</p> <p>O preconceito = associado a sexualidade.</p> <p>A família = origem do pensamento e das atitudes preconceituosas.</p>	<p>'Coisas de meninos e coisas de meninas'. Futebol para eles e ballet para elas.</p> <p>Na escola = volei para as meninas e futebol para os meninos.</p> <p>Homens = força, virilidade, agressividade, coragem e embate.</p> <p>Mulheres = delicadeza, fragilidade, sensibilidade, cuidado, sexo frágil.</p> <p>Futebol = capacidades, competência e habilidades relacionadas mais natureza masculina.</p> <p>As meninas que não jogam = mais 'frescas'.</p> <p>As mulheres que jogam = mais masculinizadas.</p> <p>Masculinização = aceitas no mundo masculino do futebol.</p> <p>Masculinização = relação com a homossexualidade no imaginário social.</p> <p>Os homens = 'direito adquirido' histórica e culturalmente para a prática do futebol.</p> <p>Mulheres no futebol = estranho para a sociedade.</p> <p>Estranheza da prática do futebol por mulheres = falta de oportunidades, preconceitos e discriminação.</p>	<p>Atividades direcionadas para homens e atividades para mulheres.</p> <p>Atividades femininas = espaço privado.</p> <p>A naturalização da relação do homem com o futebol na sociedade brasileira = mais oportunidades e visibilidade para os homens que praticam futebol quando comparados às mulheres.</p> <p>O preconceito existente = falta de oportunidade e motivação.</p> <p>Oportunidades, incentivo e reconhecimento = diferentes para os homens e para as mulheres na prática do futebol.</p> <p>A família é fundamental no incentivo e na motivação para a prática.</p> <p>Escola cumpre um importante papel no incentivo e na motivação para a prática ou não do futebol.</p> <p>A falta de incentivo começa na família = motivo está relacionado ao estigma e ao estereótipo da homossexualidade associada ao futebol feminino.</p> <p>A mídia incentiva a</p>

			<p>A prática do futebol = marcações no corpo.</p> <p>A individualidade e o gosto particular = influenciam no uso de roupas, cabelos e tudo relacionado a estética masculina e feminina.</p> <p>Jogadores de futebol = mais vaidosos do que aqueles que não jogam.</p> <p>As mulheres que praticam futebol = são menos vaidosas do que aquelas que não jogam para ficarem com 'cara' de quem joga.</p> <p>Os meninos que não jogam = sofrem muito preconceito.</p> <p>Meninos que não jogam futebol = Coisa de 'veado'.</p> <p>Cobrança cultural = prática do futebol e o desenvolvimento da masculinidade.</p> <p>Relação da prática do futebol por mulheres com a sexualidade. Sapatão, Maria-homem, etc Essa relação se torna um dos principais motivos para o preconceito e a discriminação.</p> <p>Não tem necessariamente uma relação direta da prática do futebol com a vivência da sexualidade, mas essa prática motiva ou influencia a homossexualidade feminina.</p> <p>A maioria das mulheres que jogam são homossexuais embora ainda existam heterossexuais que jogam.</p> <p>As mulheres homo/bissexuais se aproximam do futebol</p>	<p>diferença de valorização, reconhecimento e oportunidades de homens e mulheres na prática do futebol = influência sobre o futebol e a representatividade masculina nesse espaço.</p> <p>A escola = pouco ou nada colabora para a diminuição do preconceito, da discriminação e pela igualdade de direitos das minorias sociais.</p> <p>Conteúdos relacionados a esses temas aparecem em aulas de Sociologia, Artes e Filosofia.</p> <p>A maioria relata a necessidade e o desejo de que tais temas fossem apresentados como conteúdos de ensino desde o início do ensino fundamental para que as crianças crescessem com menos preconceitos.</p>
--	--	--	--	--

			<p>por ser social e culturalmente (no Brasil) considerada uma atividade predominantemente masculina.</p> <p>As homossexuais acabam 'achando que são capazes' também. As meninas homossexuais quando jogam futebol são bem melhores que as heterossexuais jogando.</p> <p>O preconceito está associado a sexualidade e citam a família como a origem do pensamento e das atitudes preconceituosas.</p> <p>Relacionamento com mulheres que jogam futebol = 'normal'.</p> <p>Relacionamento com mulheres que jogam futebol = namoraria uma mulher que joga futebol.</p>	
<b>Naturalização</b>	<p>Futebol = atividade masculina.</p> <p>Futebol = violência e machismo. Homens que não praticam futebol = rejeição e sentimento inferioridade.</p> <p>Diferenças na valorização, respeito e reconhecimento da prática do futebol por mulheres = influencia no desejo de permanência na prática e dos objetivos de mulheres no futebol.</p> <p>A mídia = mercado = 'indústria do futebol'.</p> <p>Futebol masculino = Ídolos = fama, sucesso, dinheiro.</p>	<p>Mulher no futebol = estranhamento.</p> <p>Mulher no futebol = relação direta e inversamente proporcional entre a sensibilidade e a fragilidade (capacidades psicoemocionais) em detrimento a força física (capacidades físcomotoras).</p> <p>Mulher no futebol = falta de capacidades e de habilidades para jogar futebol igual aos homens.</p> <p>As condições sociais para a prática do futebol = iguais para todos.</p> <p>Preconceito = menor atualmente = no futebol e em outros aspectos da vida social (atividades profissionais).</p>	<p>'Coisas de meninos e coisas de meninas'.</p> <p>Futebol = homens. Ballet = mulheres.</p> <p>Na escola = volei para as meninas e futebol para os meninos.</p> <p>Homens = força, virilidade, agressividade, coragem e embate.</p> <p>Mulheres = delicadeza, fragilidade, sensibilidade, cuidado, sexo frágil.</p> <p>Futebol = natureza masculina.</p> <p>As meninas que não jogam = mais 'frescas'.</p> <p>As mulheres que jogam = mais masculinizadas.</p> <p>Masculinização = para serem aceitas no mundo masculino do futebol.</p>	<p>Futebol = homens.</p> <p>Mulheres no futebol = estranho para a sociedade.</p> <p>Estranheza da prática do futebol por mulheres = falta de oportunidades, desvalorização preconceitos e discriminação.</p> <p>A família e a escola = fundamentais para o incentivo e a motivação para a prática do futebol pelas mulheres.</p> <p>A falta de incentivo começa na família = estigma e estereotipo da homossexualidade associada ao futebol feminino.</p> <p>A mídia = valorização, reconhecimento e oportunidades diferentes para os homens e mulheres</p>

	<p>Enaltecimento social = jogadores de futebol no Brasil = desvalorização social e falta de reconhecimento sobre as pessoas que estudam e trabalham em comparação com aqueles que são muito valorizados para "correrem atrás de bola".</p>	<p>Mulheres que jogam futebol = preconceitos e discriminações.</p> <p>Mulher no futebol = falta de incentivo da família = origem do pensamento e das atitudes preconceituosas.</p>	<p>Masculinização = relação com a homossexualidade no imaginário social.</p> <p>Os homens = 'direito adquirido' histórica e culturalmente para a prática do futebol.</p> <p>Vaidade = a individualidade influencia na estética masculina e feminina.</p> <p>Jogadores de futebol = mais vaidade.</p> <p>Mulheres que praticam futebol = menos vaidade.</p> <p>Vaidade = é mais marcante os meninos que jogam do que as meninas que jogam futebol.</p> <p>Os meninos que não jogam = sofrem muito preconceito = 'coisa de 'veado'.</p> <p>Cobrança cultural = prática do futebol e o desenvolvimento da masculinidade.</p> <p>Prática do futebol por mulheres com a sexualidade = um dos principais motivos para o preconceito e a discriminação.</p> <p>A prática do futebol por mulheres = não tem uma relação com a vivência da sexualidade, mas essa prática motiva ou influencia a homossexualidade feminina.</p> <p>A prática do futebol por mulheres = maioria das mulheres que jogam são homossexuais.</p> <p>A prática do futebol por mulheres = minoria é heterossexual.</p> <p>A prática do futebol por mulheres = = as mulheres</p>	<p>na prática do futebol.</p> <p>Mídia = influência a representatividade masculina no espaço do futebol.</p> <p>A escola = pouco ou nada colabora para a diminuição do preconceito, da discriminação e pela igualdade de direitos das minorias sociais.</p> <p>A escola = Sociologia, Artes e Filosofia.</p> <p>Necessidade e o desejo de ações mais efetivas da escola desde o início do ensino fundamental para que as crianças crescessem com menos preconceitos.</p>
--	--	--	--	--

			<p>homo/bissexuais se aproximam do futebol por ser social e culturalmente (no Brasil) considerada uma atividade predominantemente masculina.</p> <p>A prática do futebol por mulheres = as homossexuais acabam 'achando que são capazes' também.</p> <p>A prática do futebol por mulheres = as meninas homossexuais quando jogam futebol são bem melhores que as heterossexuais jogando.</p> <p>Relacionamento com mulheres que jogam futebol = 'normal'.</p> <p>Relacionamento com mulheres que jogam futebol = namoraria uma mulher que joga futebol.</p>	
<p><b>Processos de Ancoragem</b></p>	<p>Gênero, corpo e sexualidade e a prática do futebol por homens e por mulheres</p> <p>GIV – homens que não praticam futebol</p>			

	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Futebol = atividade masculina, 'direito adquirido' histórica e culturalmente no Brasil.</li> <li>• Futebol = violência e machismo.</li> <li>• Homens = força, virilidade, agressividade, coragem e embate.</li> <li>• Diferenças na valorização, respeito e reconhecimento da prática do futebol por mulheres = influencia no desejo de permanência na prática de mulheres no futebol.</li> <li>• A mídia = 'indústria do futebol'.</li> <li>• Futebol masculino = Ídolos = fama, sucesso, dinheiro.</li> <li>• Futebol Masculino = enaltecimento social</li> <li>• Mulher no futebol = estranhamento.</li> <li>• Mulher no futebol = falta de capacidades e de habilidades para jogar futebol igual aos homens.</li> <li>• As condições sociais para a prática do futebol = iguais para todos.</li> <li>• Mulher no futebol = menos preconceito atualmente .</li> <li>• Mulheres que jogam futebol = preconceitos e discriminações.</li> <li>• Mulher no futebol = falte de incentivo da família.</li> <li>• Preconceito da família = origem do pensamento e das atitudes preconceituosas das crianças e jovens.</li> <li>• Na escola = volei para as meninas e futebol para os meninos.</li> <li>• Ballet = mulheres.</li> <li>• Vaidade = a individualidade influencia na estética masculina e feminina.</li> <li>• Jogadores de futebol = mais vaidade.</li> <li>• Mulheres que praticam futebol = menos vaidade.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• A prática do futebol por mulheres = não tem uma relação com a vivência da sexualidade, mas essa prática motiva ou influencia a homossexualidade feminina.</li> <li>• A prática do futebol por mulheres = maioria das mulheres que jogam são homossexuais.</li> <li>• A prática do futebol por mulheres = minoria é heterossexual.</li> <li>• Mulheres = delicadeza, fragilidade, sensibilidade, cuidado,</li> <li>• sexo frágil.</li> <li>• As meninas que não jogam = mais 'frescas'.</li> <li>• As mulheres que jogam = mais masculinizadas.</li> <li>• Masculinização = para serem aceitas no mundo masculino do futebol.</li> <li>• Masculinização = relação com a homossexualidade no imaginário social.</li> <li>• A prática do futebol por mulheres = = as mulheres homo/bissexuais se aproximam do futebol por ser social e culturalmente (no Brasil) considerada uma atividade predominantemente masculina.</li> <li>• As meninas homossexuais quando jogam futebol são bem melhores que as heterossexuais jogando.</li> <li>• Relacionamento com mulheres que jogam futebol = 'normal', namoraria sem problemas.</li> <li>• Os meninos que não jogam = sofrem muito preconceito = 'coisa de 'veado'.</li> <li>• Cobrança cultural = prática do futebol e o desenvolvimento da masculinidade.</li> <li>• Homens que não praticam futebol = rejeição e sentimento inferioridade.</li> </ul>
--	---	--

**APÊNDICE H - Identificação e análise dos processos constituintes das representações sociais – GI, GII, GIII e GIV – entrevista projetiva: quadros I, II, III e IV**

<b>Grupo GI, GII, GIII e GIV</b>				
<b>Processo de Objetivação</b>				
<b>Categorias Analíticas (variáveis inferidas)</b>	<b>A Mulher e o futebol</b>			
	<b>Unidades de Registro GI</b>	<b>Unidades de Registro GII</b>	<b>Unidades de Registro GIII</b>	<b>Unidades de Registro GIV</b>
<b>Etapas da Objetivação</b>	<b>Categorias Empíricas (variáveis de inferência)</b>			
<b>Construção Seletiva</b>	<p><i>O porquê parece que joga?</i></p> <p>Guerreira. Cara de quem não deixa 'passar as coisas'. Busca de objetivos. Não tem jeito de 'menininha', não é tão delicada. Cara de macho. Jeito de quem joga. Jeito mais esportivo. Pelo jeito de vestir, pulseirinha no braço. Mais força. Por causa do físico. Pelo jeito de sorrir. Ta mais alegre. Pelo físico. Jeito da roupa. É a Marta. Pela roupa. Pelo físico.</p> <p><i>O por que aparenta que não joga?</i></p> <p>Muito meiga. 'Arzinho' mais</p>	<p><i>O porquê parece que joga?</i></p> <p>Se veste de um jeito mais espontâneo, mais esportivo, mais simples. Bem basiquinha. Por eliminação. Cabelo amarrado. Está com uma camisa do Brasil com as estrelinhas. Pelo modo de ser, de estar, pelo jeito dela na foto. Ela é bem conhecida não é? É a Marta. A unha dela é pintada, mas é curta.</p> <p><i>O por que aparenta que não joga?</i></p> <p>Parece modelo. Não tem condicionamento físico. Muito gordinha Jeito de estar, de ser e de se vestir. Gosta de trabalhar. Cara de atriz. Jeito de se vestir. Vestida para ir ao</p>	<p><i>O porquê parece que joga?</i></p> <p>Físico. Braço. Mais jeito. Tem mais jeito. Pelo jeito. Está de calça jeans e camiseta. Coisa de mulher. É a Marta. Está com a camiseta do Brasil.</p> <p><i>O por que aparenta que não joga?</i></p> <p>Mais delicada. Mais 'de idade'. Jeito dela. Cabelo. Tá usando salto. Parece que gosta de outro tipo de coisa. Mais cheinha. Porte físico. Mais delicada.</p>	<p><i>O porquê parece que joga?</i></p> <p>Modo de ser. Corpo mais definido. Porte físico mais preparado. Braço, pelo tríceps. Descabelada, suando e gritando. Resistência e porte físico. Muito sem enfeite, brinco, essas coisas. Jeito mais despojado. Porte físico. Pelo estilo. Pelo jeito e pose.</p> <p><i>O por que aparenta que não joga?</i></p> <p>'Patricinha'. Delicada. Menininha. Mais mocinha. Unha feita. Já passou da idade. Cara de escritora. Mais delicada. Estilo social. Trabalha em escritório.</p>

	<p>sofisticado. Delicadinha. Vestido. Jeito de ser nojentinha. Menininha. Toda feminina e geralmente as meninas femininas não gostam. Cara de modelo. Ligada à moda. Sofisticada. Bolsa e cabelo arrumadinho Cara de ser chique. Jeito de quem gosta de moda. Cara de 'Pati'. Mais feminina. Arzinho mais feminino. Pela delicadeza.</p>	<p>shopping. Cabelo solto e maquiagem. Cara de 'metidinha'. É vaidosa. Tem cara de mulher, feminina. Pela roupa.</p>	<p>Cara de ser mulher rica.</p>	<p>Cara de advogada. Fora de forma. Mais cheinha. Se ela emagrecer pode ser. Não tem corpo de quem joga futebol. Porte físico Parece atriz. Roupa mais estilosa. Cara de modelo.</p>
<p><b>Constituição do Núcleo Figurativo (NF)</b></p> <p><b>Estereótipos</b></p>	<p>Sobre as mulheres que aparentam jogar futebol:</p> <p>Jeito de quem joga futebol: guerreira, busca de objetivos, cara de quem não deixa 'passar as coisas', não tem jeito de 'menininha', não é tão delicada.</p> <p>Jeito de estar: cara de macho, braços fortes, força, físico, jeito de sorrir, mais alegre, jeito mais esportivo, jeito de vestir, pulseirinha.</p> <p>Sobre as mulheres que não aparentam jogar futebol:</p> <p>Jeito de quem não joga futebol: muito meiga, delicadinha, jeito de nojentinha, menininha, mais feminina e geralmente as meninas femininas não gostam de futebol.</p> <p>Jeito de estar: 'Arzinho' mais sofisticado, cara de modelo, ligada à moda, bolsa e</p>	<p>Sobre as mulheres que aparentam jogar futebol:</p> <p>Jeito de estar jeito mais esportivo: jeito mais espontâneo, mais simples, bem 'basiquinha', cabelo amarrado, unha pintada, mas é curta.</p> <p>Sobre as mulheres que não aparentam jogar futebol:</p> <p>Jeito de quem não joga futebol: não tem condicionamento físico, mais gordinha, tem cara de mulher, feminina.</p> <p>Jeito de estar: parece modelo, jeito de se vestir, gosta de trabalhar, cara de atriz, vestida para ir ao shopping, cabelo solto e maquiagem, cara de 'metidinha', é vaidosa, pela roupa.</p>	<p>Sobre as mulheres que aparentam jogar futebol:</p> <p>Jeito de quem joga futebol: físico, braço.</p> <p>Jeito de estar: pelas roupas: calça jeans e camiseta, camiseta do Brasil.</p> <p>Sobre as mulheres que não aparentam jogar futebol:</p> <p>Jeito de quem não joga futebol: mais delicada, mais 'de idade', parece que gosta de outro tipo de coisa, mais cheinha, porte físico, mais delicada.</p> <p>Jeito de estar: cabelo, tá usando salto, cara de ser mulher rica.</p>	<p>Sobre as mulheres que aparentam jogar futebol:</p> <p>Jeito de quem joga futebol: corpo mais definido, porte físico mais preparado, braço, pelos tríceps, resistência Jeito de estar: descabelada, suando, gritando, muito sem enfeite, brinco, jeito mais despojado, pelo estilo e pose.</p> <p>Sobre as mulheres que não aparentam jogar futebol:</p> <p>Jeito de quem não joga futebol: 'Patricinha', delicada, menininha, mais mocinha, á passou da idade, cara de escritora, mais delicada, se ela emagrecer pode ser, não tem corpo de quem joga futebol, porte físico</p> <p>Jeito de estar: unha feita, estilo social, parece atriz, roupa mais estilosa, cara de modelo.</p>

	cabelo arrumadinho, cara de ser chique, cara de 'Pati'.			
<b>Naturalização</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Diferenças na aparência entre as que praticam e não praticam futebol.</li> <li>Mulher = sexo frágil, mais emocional e delicada.</li> <li>Homens = força física, agressividade, virilidade, coragem, embate físico.</li> <li>Mulheres que jogam futebol = menos vaidade e mais próximas de características consideradas masculinas.</li> <li>Condições (competências e capacidades) físicas necessárias para a prática do futebol = fortes, musculosas, porte físico adequado.</li> <li>As mulheres que jogam = imaginadas como mais masculinizadas.</li> <li>As mulheres que não jogam futebol = imaginadas como mais femininas.</li> <li>Mulheres que jogam futebol = estereótipos relacionados a masculinidade; menos vaidosas.</li> <li>Mulheres que não jogam futebol = estereótipos relacionados a feminilidade; mais vaidosas.</li> </ul>			
<b>Processo de Acoragem</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Lógica binária de gênero: feminilidades e masculinidades socialmente normatizadas e marcadas (estereótipos de masculinidade e feminilidade)</li> <li>Preconceitos relacionados à prática do futebol: estereótipos que caracterizam a masculinidade na sociedade.</li> <li>Competências, habilidades e capacidades físicas e emocionais para a prática do futebol: força, imagem corporal adequada, coragem, determinação, agressividade.</li> <li>Tecnologias de gênero: a estética e a linguagem corporal relacionadas ao futebol (jeito de ser, estar: postura, roupas e acessórios)</li> <li>Atividades laborais mais intelectuais, artes ou mais ligadas à imagem corporal do 'mundo feminino': distanciamento da prática do futebol.</li> </ul>			
<b>Universos Consensuais</b>				
<b>Incorporação das representações à linguagem e à memória coletiva</b>				
<b>Objeto de Análise</b>	<b>A Mulher e o futebol</b>			
<b>Dimensões de Análise</b>	<b>I. Gênero, preconceito e discriminação na sociedade brasileira</b> <b>II. A prática do futebol, gênero, corpo, sexualidade</b>			
<b>Visão do conteúdo e Sentido das R.S.</b>				
<b>Informações</b> (circulação das informações sobre o objeto)	<ul style="list-style-type: none"> <li>Mulher = sexo frágil, mais emocional e delicada.</li> <li>Homens = força física, agressividade, virilidade, coragem, embate físico.</li> <li>Diferenças na aparência e cuidados com a estética entre as que praticam e não praticam futebol = Mulheres que jogam futebol são menos vaidosas, apresentam características físicas e emocionais mais próximas das consideradas masculinas, roupas e acessórios mais simples, ausentes ou sem importância, como a maquiagem, por exemplo).</li> <li>Condições (competências e capacidades) físicas necessárias para a prática do futebol são mais relacionados as características físicas e emocionais atribuídas socialmente aos homens = fortes, musculosas, porte físico adequado.</li> </ul>			
<b>Campo de Representação</b> (modelo social / imagem do objeto representado)	<ul style="list-style-type: none"> <li>As mulheres que jogam = imaginadas como mais masculinizadas: estereótipos relacionados a masculinidade (força, coragem, determinação, agressividade); menos vaidosas (jeito de ser, estar: postura, roupas e acessórios)</li> <li>As mulheres que não jogam futebol = imaginadas como mais femininas; estereótipos relacionados a feminilidade (sexo frágil, mais emocional e delicada); mais vaidosas (jeito de ser, estar: postura, roupas e acessórios).</li> <li>Atividades laborais ou de lazer mais intelectualizadas, artísticas ou mais ligadas à imagem corporal do 'mundo feminino' é mais distante da prática do futebol.</li> <li></li> </ul>			

<b>Atitude</b> (tomada de posição frente ao objeto categorizado na ancoragem)	<ul style="list-style-type: none"><li>• Preconceitos, estranhamento e atitudes discriminatórias</li></ul>
--	---

Fonte: a autora.



## ANEXO A

### UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

#### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Caro(a) Estudante

Você está sendo convidado(a) a participar em uma pesquisa de doutorado do Programa de Pós-Graduação em Educação da UEM (Universidade Estadual de Maringá). A participação é voluntária e antes de decidir se deseja participar você deverá ler o conteúdo deste termo e poderá tirar dúvidas a respeito do que julgar necessário. Ao final, caso decida participar, você será solicitado(a) a assinar o termo e receberá também uma cópia do mesmo.

#### INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA

**Título da Pesquisa:** As representações sociais de estudantes de ensino médio sobre a prática do futebol por mulheres: as relações de gênero e as marcações de corpo e sexualidades.

**Equipe responsável pela pesquisa:**

**Nome:** Geiva Carolina Calsa **RG:** 30.049.496-69 **CPF:** 293.031.760-49

**Endereço:** Rua Montevideu, 206, Maringá, PR

**E-mail:** gcalsa@uem.br **Tel.:** (44) 3011-4127

**Nome:** Karina de Toledo Araújo **RG:** 19.782.497 **CPF:** 121.065.498-90

**Endereço:** Rua Jácomo Piccinin, 142, Londrina, PR

**E-mail:** katoledo11@yahoo.com.br **Tel.:** (43)3338-9280

A pesquisa tem por objetivo geral analisar, no cenário escolar, os processos de origem, de construção e da estabilização dos conteúdos representacionais dos estudantes de ensino médio sobre as mulheres que praticam futebol a partir das relações de gênero e as marcações de corpo e sexualidades.

Espera-se que os resultados da pesquisa tragam benefícios no sentido de possibilitar uma maior compreensão da importância de se considerar as representações sociais nos espaços escolares, neste caso, as representações sociais de estudantes de ensino médio sobre a prática do futebol por mulheres em uma sociedade marcada por normas reguladoras das relações de gênero e, conseqüentemente, por relações de poder pautadas em valores que resultam na exclusão social e dificuldades do pleno exercício dos direitos e da educação para a valorização da dignidade humana.

A participação dos voluntários ocorrerá por meio de entrevistas e focalizadas, semi-estruturadas (roteiro de perguntas abertas) com a utilização de recursos visuais (figuras: fotos e imagens diversas), ou seja, entrevistas projetivas. Os estímulos visuais utilizados serão figuras/imagens provenientes de revistas grande circulação no Brasil. As entrevistas focalizadas são orientadas por roteiros de perguntas, mas com as características de um 'conversa' mais flexível com o pesquisador que ocorre conforme as respostas do entrevistado sobre o tema central de cada pergunta sem que o objetivo da entrevista se perca. Possíveis dúvidas sobre a metodologia usada poderão ser esclarecidas em qualquer momento. As entrevistas serão realizadas nas dependências do Colégio Estadual Vicente Rijo localizado na área central da cidade de Londrina - Pr, conforme autorização da Direção da referida instituição.

Não estão previstos riscos ou desconfortos inaceitáveis à participação no estudo, entretanto, conforme Resolução 466/2012-CNS, caso ocorram, está garantido a remissão de tais acontecimentos. Durante o compartilhamento de informações pessoais ou confidenciais o sujeito participante da pesquisa fica desobrigado de responder perguntas ou de dar continuidade em sua participação. Os responsáveis pela pesquisa garantem sigilo para assegurar a privacidade dos sujeitos quanto aos dados confidenciais envolvidos na pesquisa. As discussões serão gravadas e as informações obtidas serão usadas apenas para fins científicos (de acordo com as diretrizes éticas e normas regulamentadoras estabelecidas na Resolução CNS nº 196, de 10 de outubro de 1996). Todos os registros serão descartados após o uso e, uma vez que nenhum dos participantes da pesquisa será identificado pelos dados pessoais, sua participação não comporta danos. Como forma de prevenir possíveis desconfortos ou prejuízos, você terá a liberdade de esclarecer quaisquer dúvidas antes e durante o curso da pesquisa ou retirar seu consentimento em qualquer fase do trabalho, sem penalização alguma.

Não está prevista nenhuma forma de remuneração e os possíveis gastos necessários para a sua participação na pesquisa serão assumidos pelos pesquisadores (ressarcimento de despesas). Fica também garantida indenização em casos de danos, comprovadamente decorrentes da participação na pesquisa, conforme decisão judicial ou extra-judicial.

A equipe do projeto espera que a pesquisa proporcione subsídios para as discussões sobre educação e a necessidade da escola, enquanto espaço relacional, considerar as representações sociais ao lidar com as questões relacionadas a , corpo, sexualidade e relações de poder nos processos formativos com vistas à superação das desigualdades sociais e dos processos de violência que sofrem as minorias como, por exemplo, o preconceito, os estereótipos, enfim, diferentes formas de violências.

Eu, \_\_\_\_\_, abaixo assinado, depois de ter lido e entendido as informações e esclarecido todas as minhas dúvidas referentes a este estudo, **CONCORDO VOLUNTARIAMENTE** em participar da pesquisa “As representações sociais de estudantes de ensino médio sobre a prática do futebol por mulheres: as relações de gênero e as marcações de corpo e sexualidades” desenvolvida na Faculdade de Educação da UEM (Universidade Estadual de Maringá) pela pesquisadora Karina de Toledo Araújo, orientado pela Profa. Dra. Geiva Carolina Calsa, que podem ser contatados a qualquer momento pelos e-mails e telefones fornecidos no presente termo.

Local e data:

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
Assinatura

**Somente para participantes menores de 18 anos de idade:**

Eu, \_\_\_\_\_, abaixo assinado, depois de ter lido e entendido as informações e esclarecido todas as minhas dúvidas referentes a este estudo, **CONCORDO VOLUNTARIAMENTE** em conferir a participação do(a)

estudante \_\_\_\_\_ na pesquisa “As representações sociais de estudantes de ensino médio sobre a prática do futebol por mulheres: as relações de gênero e as marcações de corpo e sexualidades” desenvolvida na Faculdade de Educação da UEM (Universidade Estadual de Maringá) pela pesquisadora Karina de Toledo Araújo, orientada pela Profa. Dra. Geiva Carolina Calsa, que podem ser contatados a qualquer momento pelos e-mails e telefones fornecidos no presente termo.

Local e data:

---

---

Assinatura do(a) Responsável